

LINGUAGEM DISCURSO E CULTURA

Organizadores:

Lucélia de Sousa Almeida

Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro

Luís Henrique Serra

VOL.

5

Linguagem, discurso e cultura

Vol. 5



**Lucélia de Sousa Almeida
Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro
Luís Henrique Serra
(Organizadores)**

Linguagem, discurso e cultura

Vol. 5

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Lucélia de Sousa Almeida; Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro; Luís Henrique Serra [Orgs.]

Linguagem, discurso e cultura. Vol. 5. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 334p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0613-4 [Digital]

1. Texto. 2. Discurso. 3. Literatura. 4. Cultura. I. Título.

CDD – 370/410

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO | 9 |
| Luís Henrique Serra Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro Lucélia de Sousa Almeida | |
| TEXTOS DA LINHA 01 - TEXTO E DISCURSO | |
| A SUBJETIVIDADE NO FAZER CIENTÍFICO: ANÁLISE DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DA ÁREA DE LINGUÍSTICA E LITERATURA | 13 |
| Raina Kathleem Apoliano da Silva Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro | |
| ANÁLISE DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM EM PRODUÇÕES TEXTUAIS NO ENSINO MÉDIO | 31 |
| Antônia Luziane Silva de Castro Jaqueline de Sousa Macedo Paulo da Silva Lima | |
| A PRAÇA DA FAUSTINA E SEUS 11 TOPÔNIMOS REPRESENTATIVOS DO CENTRO HISTÓRICO DA QUATROCENTENÁRIA SÃO LUÍS | 53 |
| Heloísa Reis Curvelo Cleria Lourdes Moreira Pereira | |
| ASPECTOS TEXTUAIS DOS DISCURSOS ESPECIALIZADOS: OLHARES SOBRE CORPORA TERMINOLÓGICOS ORAIS E ESCRITOS | 75 |
| Luís Henrique Serra | |

| | |
|---|------------|
| DO NOMEADO AO (IN)VISÍVEL: SENTIDOS DE VIDA E MORTE NO QUILOMBO | 93 |
| Glória França Priscila Fernandes Gomes Araújo Lopes | |
| A SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA NO MARANHÃO | 113 |
| Wendel Santos João Vitor Cunha Lopes Laine Barros Forte Helen Pessoa de Sousa Miranda | |
| IDENTIFICANDO COMO ALUNOS INICIANTES ESCREVEM EM INGLÊS: UM ESTUDO COMPARATIVO COM A LÍNGUA PORTUGUESA | 133 |
| André Felipe Ribeiro Monica Fontenelle Carneiro | |
| A TOADA DO BOI DA MAIOBA E O DISCURSO DE TRADIÇÃO POPULAR DO MARANHÃO | 149 |
| Fagner Gomes do Nascimento José Antônio Vieira | |
| TEXTOS DA LINHA 02 - LITERATURA, CULTURA E FRONTEIRAS DO SABER | |
| TRANSFORMAÇÕES RECEPTIVAS NA ERA DIGITAL: O CONTO DA AIA (1985) TRINTA ANOS DEPOIS | 165 |
| Jayne Silva de Sousa Borges Naiara Sales Araújo | |
| FICÇÃO, HISTÓRIA E RESISTÊNCIA EM JULIÁN FUKS | 181 |
| Ednólia da Silva Farias Evany da Conceição do Nascimento Rubenil da Silva Oliveira | |

| | |
|--|------------|
| KAFKA SOMBRIO: REFLEXÕES ACERCA DA RELAÇÃO LITERATURA E VIDEOGAME NUMA PERSPECTIVA COMPARATISTA | 199 |
| Antonia Karine do Nascimento Rosendo Dílson César Devides | |
| VINTE PALAVRAS GIRANDO AO REDOR DO SOL: CONSIDERAÇÕES SOBRE GRACILIANO RAMOS E ALDEMIR MARTINS | 221 |
| Fábio José Santos de Oliveira | |
| AS RELAÇÕES ENTRE TEXTO E IMAGEM EM DUAS CRÔNICAS DE DOMÍCIO DA GAMA | 241 |
| Arley Beatriz Lopes Vieira Franco Baptista Sandanello | |
| O SUICÍDIO LITERÁRIO COMO LABORATÓRIO DE OBSERVAÇÃO SOCIAL: CONSTRUINDO AS BASES TEÓRICAS DE ANÁLISE DA OBRA CROCODILO DE JAVIER CONTRERAS. | 259 |
| Wheriston Silva Neris Mayara Aparecida Batista de Souza | |
| CORDÃO DE OURO, ARSÊNICO E UMA ESCRAVA: UMA LEITURA COMPARATIVISTA DE CONTOS MARANHENSES | 289 |
| Gardênia Sousa Silva Queiros Cristiane Navarrete Tolomei | |
| LEITURA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DO LEITOR | 309 |
| Lucélia de Sousa Almeida Francisca Joziane de Matos Silva | |
| SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES | 323 |

APRESENTAÇÃO

As pesquisas realizadas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências de Bacabal (PPGLB) são um conjunto de análises e investigações sobre aspectos variados da cultura, da identidade e da linguagem falada no Maranhão em suas mais diversas regiões e características. Os resultados das pesquisas realizadas abordam diversos temas que são relevantes e que são formas diversas de se entender uma realidade complexa e multifacetada, como é a realidade humana. A presente seleção de textos é uma parcela bastante ampla sobre os diferentes temas que estão em desenvolvimento no PPGLB nos últimos anos.

A presente coletânea é uma continuação de um projeto criado pelo colegiado do PPGLB que teve início em 2020, com a primeira publicação dessa coletânea, que visou reunir diferentes estudos linguísticos e literários em torno do título “Linguagem, discurso e cultura”. Desse modo, via publicação, a comunidade tem acesso às teorias, às metodologias e às práticas executadas no interior da universidade, especificamente do campus de Bacabal, no mestrado em Letras.

Os estudos publicados neste volume reúnem investigações e reflexões dos docentes, discentes do Programa, assim como convidados que têm em comum as diferentes temáticas que envolvem a área de concentração do PPGLB. Essas pesquisas retornam para a sociedade em forma de investigações científicas calcadas em bases teóricas e metodológicas reconhecidas pela área dos estudos da linguagem e das ciências humanas e sociais.

Este volume reúne 16 textos em dois grandes blocos, pensados a partir das linhas de pesquisa do PPGLB: Linha 01 - Texto e Discurso e Linha 02 - Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber. Cada linha apresenta oito textos.

Considerando que a interdisciplinaridade é uma característica marcante das obras conjuntas *Linguagem, Discurso e Cultura*,

esperamos que este volume da coletânea possa dialogar com a comunidade científica da área da linguagem, tanto do Brasil quanto de outros países e que as colaborações publicadas possam contribuir com o crescimento dos estudos em linguagem, assim como a ampliação das discussões realizadas nas duas linhas de pesquisa do PPGLB. Esperamos ainda que os textos possam contribuir para a criação e o fortalecimento da pesquisa no campo da Linguagem de um modo geral.

Por fim, é mister agradecer o financiamento e apoio dos trabalhos aqui relatados à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, à Fundação de Amparo ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA, assim como à Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Essas instituições têm possibilitado a realização de pesquisas no continente maranhense por meio de apoio e financiamento, sobretudo por meio de bolsas de pesquisas aos alunos que participam dos projetos de pesquisa, dos grupos de estudos e que, juntamente com o orientador, recebem subsídios para a publicação e participação de pesquisadores em eventos no Brasil e no exterior, fortalecendo, cada vez mais, as ligações entre pesquisadores do interior do Maranhão e de outros lugares do Brasil e do mundo.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

Luís Henrique Serra
Lucélia de Sousa Almeida
Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro
(organizadores)

**TEXTOS DA LINHA 01 - TEXTO E
DISCURSO**

A SUBJETIVIDADE NO FAZER CIENTÍFICO: ANÁLISE DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DA ÁREA DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

Raina Kathleem Apoliano da Silva¹
Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro²

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, iremos discutir a subjetividade em artigos acadêmicos publicados em revistas *qualis* A1 a B1 da área de Linguística e Literatura. Consideramos a subjetividade como a expressão de um sujeito na enunciação de um dado enunciado, seja ele marcado linguisticamente ou não. A discussão sobre subjetividade em textos acadêmicos, em específico na escrita de artigos científicos, permite ampliar a discussão sobre a produção científica de uma área de estudos, a área de Linguística e Literatura, tal como definida pela Capes, e romper com a visão bastante legitimada no senso comum e mesmo na universidade de que os textos que relatam os resultados de uma pesquisa, como é o caso do artigo, são textos que são essencialmente objetivos.

Para realizar essa pesquisa, fizemos um levantamento e análise de artigos que tomam a subjetividade como tema de pesquisa. Realizamos a busca por artigos publicados entre 2018 a 2022 em revistas brasileiras online na área de Linguística e

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: rka.silva@discente.ufma.br. O presente capítulo apresenta resultados parciais da pesquisa de mestrado realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Docente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Bacabal, Maranhão. E-mail: ribeiro.mariana@ufma.br

Literatura com *qualis* A1. Inicialmente, realizamos um levantamento na plataforma da CAPES das revistas avaliadas como A1 na área de Linguística e Literatura, de acordo com o qualis 2013-2016 disponível no Webqualis da Capes³. Dentre essas revistas, selecionamos apenas os artigos daquelas que são brasileiras e online.

Dessa forma, nesta pesquisa, trazemos os resultados iniciais do projeto cujo objetivo é analisar o discurso científico a partir da subjetividade/objetividade, levando em consideração o jogo de mobilização de sentidos instaurado pelo uso da primeira e da terceira pessoa em cada texto a partir das categorias de pessoa (BENVENISTE, 2005). Dessa forma, abordamos a subjetividade a partir da Teoria da Enunciação, ponto chave para nosso estudo.

2. O LUGAR DO SUJEITO: ÉMILE BENVENISTE

Uma das principais questões que Benveniste aborda está relacionada à subjetividade na linguagem. Em “O homem na língua”, de *Problemas de Linguística Geral I*, o autor concentra seu estudo nos aspectos linguísticos que evidenciam a presença do sujeito na linguagem, não apenas como um fator à parte e que pode ser visto *por fora* da língua.

Em “A estrutura das relações de pessoa no verbo”, Benveniste explica que verbo e pronome são palavras submetidas à categoria da pessoa, isso se pode ver no fato de que o verbo, por exemplo, é sempre conjugado conforme a referência à pessoa, pois “a categoria da pessoa pertence realmente às noções fundamentais e necessárias

³ Como avaliação da qualidade dos periódicos, a Capes adotou, desde 1998, o qualis periódicos. Esse sistema de avaliação classifica os periódicos como A1, A2, A3, A4, A5, B1, B2, B3, B4, B5 e C, sendo que A1 seriam os periódicos mais bem avaliados. Cada pesquisador pode consultar o qualis dos periódicos no Webqualis, disponível na Plataforma Sucupira, plataforma que gerencia as informações e relatórios dos programas de Pós-graduação existentes no país. Nesta pesquisa, o qualis utilizado era o qualis mais atual, disponível no Webqualis no momento de realização da pesquisa, o qualis do quadriênio 2013-2016.

do verbo” (BENVENISTE, 2005, p. 250). Benveniste (2005) afirma que só se sabe o que é cada pronome pessoal a partir daquilo que os diferencia, dado que eles não possuem um significado lexical e propõe discutir sobre as pessoas *eu*, *tu* e *ele* para perceber em que se funda sua oposição.

Na primeira e na segunda pessoa, tem-se “uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa” (BENVENISTE, 2005, p. 250), o que não acontece na terceira pessoa. Esta não comporta algo ou uma pessoa específica: exprime a “não-pessoa”, a ausência. Uma das características das pessoas *eu* e *tu*, de acordo com Benveniste (2005), é que elas possuem unicidade específica, ou seja, o eu (aquele que fala) se direciona a um tu específico (com quem se fala), sendo o eu e o tu pessoas existentes no *mundo*.

Além disso, o *eu* e *tu* podem ser intercambiáveis, isto é, aquele que diz *eu* poderá ser chamado *tu*, e vice-versa, no processo comunicativo. A terceira característica da pessoa verbal é que tudo o que está fora da relação *eu* e *tu* é terceira pessoa, sendo esse *ele* pessoa física ou não. A partir disso, o autor elenca duas oposições existentes entre as pessoas do verbo, são elas: a correlação de personalidade e a correlação de subjetividade. A primeira consiste em que o *eu-tu* marcam uma pessoa (quem ou com quem se fala), enquanto a pessoa *ele* não se refere, necessariamente, a uma pessoa, ele refere-se, de acordo com Benveniste a uma não pessoa, uma vez que pode ser do que se fala (o tema tratado, por exemplo). A segunda (correlação subjetividade) consiste em que o *eu* é interior ao enunciado e transcendente em relação a *tu*; o *eu*, portanto, trata-se de uma pessoa subjetiva e o *tu* de uma pessoa não-subjetiva.

O autor afirma que pronomes *eu*, *tu* e *ele* não se diferenciam apenas na forma, existem outros aspectos atrelados ao processo de enunciação que os diferenciam, como apresentamos anteriormente. “Cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único proposto como tal” (BENVENISTE, 2005, p. 278), assim o *eu* só tem valor na instância em que é produzido.

Em se tratando dos pronomes demonstrativos, “*aqui* e *agora* delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e

contemporânea da presente instância de discurso (BENVENISTE, 2005, p. 279), em outras palavras, eles se organizam juntamente com os indicadores de pessoa, pois tempo e espaço estão sempre relacionados ao *eu*. O indicador de tempo e espaço além de ter relação com a instância de discurso, refere-se também a objetos “reais”, a tempos e lugares “históricos”.

É em “Da subjetividade na linguagem” que a discussão sobre subjetividade é aprofundada. O autor inicia tal discussão questionando a linguagem como um instrumento de comunicação e afirma que “é na e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 2005, p. 286), a noção de instrumento separa o homem da linguagem, fazendo com que ela seja apenas *algo* de que o homem faz uso para se comunicar.

Tal abordagem sobre a subjetividade na linguagem mostra, ademais, que existe uma polaridade entre as pessoas *eu-tu*, estas não são iguais tampouco simétricas, porém complementares e reversíveis. A partir disso, o autor busca responder uma pergunta que concerne à primeira pessoa: a que se refere o *eu*? “Ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual” (BENVENISTE, 2005, p. 288).

Segundo Benveniste (2005), a subjetividade na linguagem cria a categoria da pessoa. Os índices de sujeito na língua só existem porque a linguagem possui essa natureza subjetiva. A natureza da “subjetividade” consiste em percebermos que a mudança das pessoas na conjugação do verbo, por exemplo, produz diferentes efeitos de sentido no discurso. Isto é, as expressões, os verbos, tomam um valor diferente a depender das pessoas que são empregadas, podendo conceber uma enunciação “subjetiva” ou uma enunciação “não-subjetiva”, acarretando em uma alteração nos sentidos produzidos em cada enunciado.

A partir desses aspectos, percebemos que Benveniste não reduziu seu pensamento apenas ao Estruturalismo em voga em sua época, ele construiu uma oposição às considerações sobre a linguagem por parte dos linguistas em geral, como podemos ver na sua crítica à linguagem como instrumento de comunicação, por exemplo.

Ao se falar em instrumento, separa-se homem e natureza, fazendo com que a linguagem seja considerada como uma “fabricação”. No entanto, a linguagem está na natureza do homem, não se pode conceber o “homem separado da linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 285). Nesse sentido, o sujeito é constituído *na e pela* linguagem. A subjetividade, conforme explica Benveniste (2005), está relacionada à capacidade do locutor se propor como *eu*, o que só é possível na existência de um *tu*.

Assim, o *eu* e o *outro*, o indivíduo e a sociedade, não podem ser concebidos separadamente, isso implica que estudar o sujeito pela perspectiva benvenistiana não é isolá-lo, mas pensá-lo em relação à sociedade, a esse *outro* que o constitui. Assim sendo, encontramos uma relação semiológica em que indivíduo e sociedade são construídos mutuamente na tessitura discursiva e para além das marcas linguísticas.

Tais aspectos são primordiais para o estudo do sujeito sob uma perspectiva benvenistiana, uma vez que é possível verificar que o sujeito, ele mesmo, constrói sua identidade, ainda que múltipla (o *eu* e o *outro*). Benveniste (1976) igualmente explicita que o locutor ao se propor como sujeito pode se marcar como sujeito da enunciação através de formas linguísticas. Nas palavras do autor, a subjetividade tem um fundamento linguístico que a marca: a categoria de pessoa. Apesar da subjetividade na linguagem se mostrar pelos pronomes pessoais e/ou indicadores da *dêixis*, ela não repousa somente sobre isso, sendo puro fator linguístico, mas a instância discursiva também é um fator de agenciamento do enunciado e da marcação da subjetividade. Tais índices também podem servir como meio de análise para os estudos da subjetividade.

3. O DISCURSO DA OBJETIVIDADE CIENTÍFICA

Ao se refletir sobre os aspectos anteriormente citados, levantam-se questões pertinentes dentro do campo das ciências e, principalmente, das ciências da linguagem, como: qual o lugar do sujeito no fazer científico? A partir disso poderemos discutir sobre o sujeito na produção do discurso científico e sobre os pilares que fundamentam a ideia de objetividade e ciência como sinônimos.

A objetividade científica ganhou relevância e se desenvolveu de forma progressiva por volta do século XIX, quando os cientistas consideravam a neutralidade e a imparcialidade como essenciais para a construção de um conhecimento. Ou em outras palavras: a ciência *deve(ria)* ser neutra e imparcial para que se tivesse a *garantia* de um conhecimento verdadeiro.

Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que há uma verdade na ciência que precisa ser encontrada. A noção de objetividade científica é composta por questões sociais, epistemológicas e éticas. A busca por tal objetividade, nas formas de representação da ciência, relaciona-se à separação constante do humano e do mundo. É um impulso insistente em reprimir o dizer do cientista, autor daquilo que produz, e substituí-lo por procedimentos e protocolos “neutros e diretos”.

Além disso, o discurso da objetividade científica afeta os diferentes campos do saber. A área das ciências naturais passa a ser considerada como a que realmente produz ciência, por ser *mais objetiva*, e as ciências humanas apenas como aquela área do conhecimento que produz teoria. Esse discurso é latente no senso comum e até mesmo dentro das paredes acadêmicas: cientistas são aqueles que estão inseridos em um laboratório manipulando substâncias químicas e/ou biológicas.

O discurso de objetividade perpassa tais ambientes e procura se impor no campo das ciências em geral para padronizar a produção de conhecimento: o *eu* não pode estar presente na ciência que produz. De tal discurso decorre o “estranhamento” de, por exemplo, textos escritos na primeira pessoa, tanto do plural como,

principalmente, do singular. Para o discurso de objetividade da ciência, o “ideal” é elaborar um texto na terceira pessoa somente.

É a partir de tais concepções que se constrói um efeito de objetividade nas produções científicas e que separa pesquisador e pesquisa, locutor e interlocutor, sujeito e conhecimento. Diante disso, refletimos que o discurso de objetividade no fazer científico anula a existência de um sujeito produtor de conhecimento, porém, como vimos no tópico anterior sobre a subjetividade para Benveniste (2005), o sujeito não se separa da linguagem.

Devido a essa não separação uma primeira premissa é fundamentada: o homem se constitui como sujeito *na e pela* linguagem. Esta relação intrínseca levanta a noção da subjetividade na linguagem: “a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (BENVENISTE, 1976, p. 286). A representação primordial da subjetividade linguística é a “pessoa”, o *eu* só se diz *eu* em virtude da existência de um *tu*.

A abordagem benvenistiana a respeito da subjetividade na linguagem aponta, principalmente, para a “pessoa” dentro da linguagem como aquela que designa a subjetividade. A subjetividade na linguagem se mostra pelos pronomes pessoais, pelos indicadores da dêixis e outras formas linguísticas que dependem do sujeito (*eu*). Não existe linguagem sem sujeito e da mesma forma não é possível conceber um enunciado sem a noção de pessoa.

Nesse sentido, a objetividade nas produções científicas gera efeitos de sentido de afastamento do sujeito autor, ainda que não haja como separar completamente o sujeito da sua produção de conhecimento. O *eu* está sempre naquilo que diz, espacial e temporalmente, conforme Benveniste (1976), podendo marcar-se linguisticamente ou não.

O impulso em desautorizar o dizer do pesquisador naquilo que ele próprio produz percorre o discurso acadêmico tanto da área das ciências naturais quanto das ciências humanas, fazendo com que o fazer acadêmico seja repleto de procedimentos e normas que invalidam qualquer que seja a posição do *cientista*. Além disso,

fomenta a produção de um conhecimento puramente neutro e imparcial, impondo padrões no campo das ciências, “convencendo” o pesquisador a não se colocar subjetivamente em seu próprio texto, o que causaria recusas e desaprovações.

4. DA SUBJETIVIDADE NO FAZER CIENTÍFICO

Para a análise inicial desta pesquisa fizemos um levantamento no Webqualis da CAPES de todas as revistas brasileiras e online avaliadas como A1 na área de Linguística e Literatura. Em nossa busca localizamos, primeiramente, o total de 107 revistas registradas na plataforma CAPES com *qualis* A1 na área de Linguística e Literatura. Dessas revistas, as 07 últimas foram descartadas tendo em vista que o site não permitia o acesso à última aba, na qual se acessava essas revistas. Das 100 revistas encontradas, localizamos o total de 20⁴ brasileiras, disponíveis online e de acesso livre aos possíveis leitores.

Após essa seleção, realizamos uma busca no site de cada revista pelo termo “subjetividade”, separamos os artigos que continham tal termo no título do trabalho, o que totalizou 14 artigos encontrados. De tais artigos, selecionamos os que continham o termo “subjetividade” também como palavra-chave após o resumo, o que resultou em 09 artigos. Para padronização, descartamos os trabalhos com mais de um autor e permaneceram 05, dos quais analisamos 03 neste capítulo. A escolha por esses três artigos a serem analisados se deve a artigos que tomaram, de fato,

⁴ São elas: ALEA: Estudos neolatinos; ALFA: Revista de linguística; ARS (São Paulo); Bakhtiniana: Revista de estudos do discurso; Cadernos de estudos linguísticos (UNICAMP); Boletim do museu paraense Emílio Goeldi; Cadernos de tradução (Florianópolis); DELTA: Documentação de Estudo em Linguística Teórica e Aplicada; DIACRÍTICA: Revista do centro de estudos humanísticos; Estudos avançados (USP); Estudos de literatura brasileira contemporânea; Revista estudos feministas; Galáxia (PUC-SP); Ilha do desterro; Linguagem em (dis)curso; Revista linguística; Machado de Assis em linha; Revista brasileira de linguística aplicada; Revista linguagem & ensino; Trabalhos em linguística aplicada (UNICAMP).

a subjetividade como tema de sua pesquisas, a partir de uma teoria (enunciativa e discursiva) que tivesse afinidade as teorias as quais nos filiamos neste trabalho.

Em primeiro lugar, para a análise, fizemos uma identificação do contexto de cada trabalho 1) analisando o funcionamento do texto; e 2) analisando o jogo de mobilização de sentidos instaurado pelo uso da primeira e da terceira pessoa em cada texto.

O primeiro trabalho foi publicado na Revista Estudos Feministas da cidade de Florianópolis, no ano de 2020 e tem como objetivo discutir a questão do aborto à luz da experiência militante de duas mulheres que se dedicam a movimentos sociais organizados de cunho feminista e que apresentam em suas agendas a questão do aborto como essencial. A autora fundamenta seu estudo a partir de pesquisas realizadas primeiramente pela Fundação Perseu Abramo e pela Pesquisa Nacional do Aborto, utilizando de dados estatísticos dessas fontes para abordar o aborto no Brasil e o que está havendo de mudança de perspectiva sobre tal assunto no país.

Nesse primeiro texto, podemos identificar tanto verbos conjugados na primeira pessoa quanto na terceira pessoa. Isso indica, respectivamente, uma mescla de aproximação e distanciamento do locutor com seu próprio texto. “O ‘eu’ que enuncia, o ‘tu’ ao qual ‘eu’ se dirige são cada vez únicos” (BENVENISTE, 2005, p. 253) e isso suscita uma relação de diálogo entre aqueles que de fato são pessoas no mundo, estando, ainda, numa correlação de subjetividade (BENVENISTE, 2005). O “ele”, por outro lado, “pode ser uma infinidade de sujeitos – ou nenhum” (*idem*), podendo exprimir a ausência e não comportando uma pessoa específica.

Quando nos referimos ao plural da pessoa verbal, identificamos outro aspecto: não existe no “nós” um “eu dilatado”, mas uma pessoa menos definida, *ilimitada*; é “eu” mais “alguém” (vós ou eles). No resumo do artigo vemos três jogos de mobilização da pessoa verbal que mostram: o que a *pesquisadora* pretende, o que

foi realizado *metodologicamente* e o que a análise da *pesquisa* busca abordar, como podemos ver a seguir:

Resumo: Neste artigo pretendemos discutir a temática do aborto a partir das narrativas de vida de duas militantes que se dedicam à luta pelos direitos das mulheres em diferentes movimentos sociais. Por meio dos aportes teóricos e metodológicos da história oral, foram realizadas entrevistas que posteriormente passaram por um processo de elaboração textual que resultou no material coletado, o qual foi a base para as reflexões apresentadas. A análise proposta busca abordar as relações entre a militância e a subjetividade e de que maneira viabilizam as discussões sobre o aborto para além dos números.

Palavras-chave: aborto; feminismo; história oral; militância; subjetividade.

Percebemos uma sequência que vai desde algo que remete à própria pesquisadora (“pretendemos discutir”, primeira pessoa) até algo que remete à pesquisa (“a análise proposta”, terceira pessoa). Não é mais a pesquisadora que fala, mas a pesquisa *por si só* diz o que foi feito. No primeiro destaque, vemos um “eu” que enuncia, sendo, pois, no plural, comporta um sujeito constituído por *outro(s)* para dizer o que diz; no segundo destaque vemos um distanciamento da ação da pesquisadora para uma ação da pesquisa, evidenciando uma objetividade recorrente no que concerne a elementos de uma pesquisa científica, por exemplo o método. É interessante notar que esse apagamento do sujeito se dá justamente quando a pesquisadora descreve, em seu resumo, a metodologia da sua pesquisa, momento em que descreveria, portanto, como se deu a realização da pesquisa e sua ação como pesquisadora neste contexto. Já no terceiro destaque vemos uma forma que se basta por si mesma, e “acrescenta em *aposição* uma precisão julgada necessária para a inteligência do conteúdo” (BENVENISTE, 2005, p. 253); e esses dois últimos aspectos se repetem em grande parte da pesquisa. A terceira pessoa predominante.

Dessa maneira, a locutora é um sujeito “eu”, mesmo usando os verbos na terceira pessoa ao longo da análise na pesquisa, mobiliza o texto de forma que o seu ponto de vista seja visto e defendido. Ainda que haja uma tendência à objetividade da construção do saber científico com o uso da terceira pessoa no

artigo, a subjetividade encontra-se enlaçada nos enunciados e isso podemos verificar pela instância discursiva do trabalho, pois a pesquisa não fala de um lugar do “eu” que se opõe ao aborto, mas que se insere num lugar em que essas questões são presentes e as defende. O texto evidencia uma objetividade científica, porém não deixa de ser atravessado pela subjetividade do locutor.

O segundo trabalho foi publicado na revista *Trabalhos em Linguística Aplicada* (UNICAMP) no ano de 2019 e tematiza a subjetividade/intersubjetividade no material didático do Ensino Médio da disciplina de Língua Portuguesa, tendo como objetivo geral discutir os modos de presença da subjetividade/intersubjetividade no discurso sobre a produção textual em Língua Portuguesa em material didático brasileiro direcionado ao Ensino Médio. Tal trabalho problematiza a perspectiva sobre escrita trazida no material didático do Ensino Médio, verificando se a subjetividade é levada em consideração tanto nesse material como nos documentos oficiais.

Nesse segundo texto, diferentemente do primeiro, percebemos uma maior presença de verbos conjugados na primeira pessoa do plural. De forma geral, “a pessoa verbal no plural exprime uma pessoa amplificada e difusa” (BENVENISTE, 2005, p. 258). Isso não significa que haja um distanciamento do “eu” no enunciado, esse “eu” se amplifica por meio de ‘nós’ numa pessoa mais maciça, mais solene e menos definida” (*idem*). Mostra-se, pois, como um sujeito que não fala sozinho, porém usa tal forma ou para não estabelecer um diálogo mais específico com o leitor a partir do uso direto da primeira do plural, ou para mostrar que seu dizer não foi originado nele mesmo apenas, ou o faz por ambos os pontos.

na coleção, bem como comentários das autoras, direcionados aos professores.

Enfim, é importante dizer que, no Capítulo 4 da Unidade 1, no Volume 1 da coleção, as autoras apresentam uma sumária exposição sobre a noção de gênero e utilizam a expressão *gênero textual* (e não *gênero discursivo*) (ALVES; MARTIN, 2016a, p. 73). Porque, neste artigo, não nos propomos uma discussão aprofundada das diferenças entre as diversas perspectivas sobre os gêneros, e porque as autoras assumem uma perspectiva diferente da que adotamos aqui, optamos por grafar somente “gênero(s)” em grande parte do trabalho, inclusive no título – com exceção de situações em que é importante distinguir as abordagens para a discussão que fazemos aqui. Destacamos que essa opção não deve ser compreendida como uma não consideração das importantes diferenças entre abordagens teóricas e suas consequentes adaptações para a esfera didático-pedagógica. Nas considerações finais, voltaremos a esta questão.

No que concerne à terceira pessoa do singular presente na pesquisa, o que pode ser visto no primeiro destaque do recorte acima, observamos que há um efeito de afastamento entre o *eu/nós* e o *ele*. Torna-se evidente a perspectiva que Benveniste (1976) aborda acerca do *status* de pessoa e não-pessoa. Os participantes da enunciação, *eu/nós*, apresentam um emprego diferente em relação ao *ele*, isto é, o *ele* não é *alguém* assim como o *eu*, mas aquilo sobre o qual o *eu* fala no seu texto.

Além disso, as quatro últimas expressões destacadas mostram que as marcações de pessoa, fundamento linguístico da subjetividade, deram mais destaque ao sujeito da enunciação. E, novamente, um sujeito constituído por *outros* e que se marca no enunciado para especificar o que *ele próprio* pretende na pesquisa, “uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa” (BENVENISTE, 2005, p. 250).

Vemos como nos trechos destacados, a primeira pessoa serve para marcar as escolhas feitas pelo pesquisador, sendo que algumas referem-se a descrição do que será feito ao longo do trabalho “nos propomos uma discussão aprofundada” e em outros momentos a primeira pessoa serve para marcar o posicionamento do pesquisador frente a sua pesquisa, justificando algumas escolhas teóricas. É o caso do uso dos verbos “adotamos” e “optamos” que inicialmente parecem funcionar como sinônimas. O uso desses dois verbos funciona como uma não coincidência do

dizer, tal como descreve Authier-Revuz (2004). As não coincidências do dizer exporiam a negociação de um enunciador com a heterogeneidade que é constitutiva do dizer, no caso teríamos a voz de dois enunciadores que negociam o termo (adotar/optar) que seria melhor empregado no contexto em questão. No caso, o uso de um termo ou outro expõe uma maior intencionalidade e presentificação do enunciador sobre seu texto e sobre a pesquisa realizada.

O terceiro trabalho tematiza a relação entre a subjetividade, sociabilidade e historicidade e foi publicado na Revista Linguagem e Ensino do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas no ano de 2020. Possui como objetivo explorar como se enlaçam as noções de subjetividade, socialidade e historicidade na Teoria da Linguagem de Émile Benveniste a partir da reflexão proposta por Gérard Dessons na obra *Émile Benveniste, l'invention du discours* (2006).

A respeito da presença de um sujeito no texto, verificamos que nesse, em comparação aos dois artigos analisados anteriormente, há uma presença maior, se consideramos o uso da primeira pessoa, tal qual especifica Benveniste (2005) na teoria da subjetividade. “*Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o ‘eu’: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim” (BENVENISTE, 2005, p. 205). Podemos identificar isso no excerto a seguir que se trata de um recorte da introdução:

Em 2007, ainda sem a leitura de Dessons (2006), usei, em minha pesquisa de doutorado, orientada pelo professor e colega Valdir do Nascimento Flores, conceber que a instauração da criança em sua língua materna está ligada à sua história de enunciações. Para explicar essa instauração, com base em minhas leituras de Benveniste, principalmente centrada nos capítulos iniciais das obras *Problemas de Linguística Geral I* (doravante, *PLG I*) e *Problemas de Linguística Geral II* (doravante, *PLG II*), bem como inspirada em Flores (1999) e Dufour (2000), integrei a cultura – um *ELE* grande – em um dispositivo enunciativo que a maioria dos benvenistianos daquele momento restringiam a um *eu-tu-ele-aqui-agora*, com a desconsideração de elementos sociais e culturais tão presentes na Teoria da Linguagem de Benveniste. Nesse sentido, derivo da reflexão apresentada por Benveniste um sujeito constituído *na* e *pela* linguagem, porque está imerso em sua língua-discurso, com os valores da cultura de uma sociedade impregnados nessa língua-discurso. O encontro com a obra de Dessons (2006) fortaleceu minhas posições, conduziu-me a revisitar Benveniste e a associar meus interesses de pesquisa – *aquisição e ensino-aprendizagem de língua materna* – à ideia da reinvenção constante da língua como relacionada à presença inventiva do humano na linguagem.

Na introdução, a subjetividade é bem mais evidente. A autora conta sua experiência na trajetória de pesquisa estabelecendo uma relação mais próxima com o “tu” a quem se dirige. Por outro lado, a escrita de um artigo acadêmico em primeira pessoa do singular ainda gera “desacordos”, pois não é considerado como elemento de objetividade dentro da ciência. Vemos, assim, que “aqui a diferença entre a enunciação ‘subjetiva’ e a enunciação ‘não subjetiva’ aparece em plena luz” por conta da:

natureza da oposição entre as “pessoas” do verbo. É preciso ter no espírito que a “terceira pessoa” é a forma do paradigma verbal (ou pronominal) que *não* remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação. Entretanto existe e só se caracteriza por oposição à pessoa *eu* do locutor que, enunciando-a, a situa seu valor como “não-pessoa”. Esse é o seu *status*. A forma *ele...* tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por “eu”. (BENVENISTE, 2005, p. 292).

O efeito subjetivo do texto é dado por conta desse sujeito encontrar-se interessado em falar sobre seu contexto e identidade destacando aquilo que faz parte de *eu*, como se pode ver nas partes destacadas no trecho anterior. Por esse ângulo, aferimos que tal

legitimidade, representatividade não se resume somente na auto-identificação, e sim pela relação estabelecida com o outro, a qual se forma por um conjunto de saberes que se alegam àquela *pessoa*. Identificamos um *eu* que não marca somente uma posição sobre a temática, como também marca a ideia de identidade e de pertencimento. O recurso do *eu* faz-se porque o leitor é um *ele* e tal recurso é uma forma de o sujeito marcar seu pertencimento ao campo teórico, reafirmando sempre o uso do *eu*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa analisamos a subjetividade a partir do jogo de mobilização de sentidos instaurado pelo uso da primeira e da terceira pessoa em três artigos publicados entre 2018 a 2022 em revistas A1 na área de Linguística e Literatura. Vimos que a natureza da subjetividade consiste em perceber que a mudança das pessoas na conjugação do verbo, por exemplo, produz diferentes efeitos de sentido no discurso. Isto é, as expressões, os verbos, tomam um valor diferente a depender das pessoas que são empregadas, podendo conceber uma enunciação “subjetiva” ou uma enunciação “não-subjetiva”, acarretando em uma alteração nos sentidos produzidos em cada enunciado (BENVENISTE, 2005).

Podemos perceber que a pesquisa acadêmica tenta marcar a subjetividade, embora a busca pelo ideal de ciência calcado na objetividade a reprima. O sujeito *mostra* seus indícios porque o seu dizer está localizado em uma determinada posição e não outra, defende uma ideia e não outra; tem um posicionamento para escolher o tema, para problematizá-lo e teorizá-lo sempre a partir do seu ponto de vista. Não existe linguagem sem sujeito e, da mesma forma, não é possível conceber um enunciado sem a noção de pessoa. Dessa maneira, ainda que não seja concebível separar o sujeito da produção de conhecimento, a busca *obrigatória* pela objetividade nas produções científicas gera efeitos de sentido de afastamento do sujeito-pesquisador.

Assim, ao abordamos a subjetividade proposta por Benveniste evidenciamos que o pensamento do autor envolve não somente as marcas linguísticas do sujeito, como também as relações entre língua, homem e sociedade. Nesse sentido, tais questões não se encerram nas marcas linguísticas do sujeito, mas em abordagens sobre a língua/linguagem, cultura, homem e sociedade, delineando considerações teórico-metodológicas a respeito da constituição do sujeito, produção de sentido e a perspectiva dominante da objetividade do fazer científico.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Edipucrs, 2004.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5 ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. v. 8. Série 5ª. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- EVANGELISTA, M. Aborto, militância e subjetividade. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2020, v. 28, n. 2 [Acessado 27 Julho 2022], e58758. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n258758> . Epub 31 Ago 2020.
- MENDONÇA, M. Produção de textos em material didático para o ensino médio: questões sobre subjetividade e gêneros. Este trabalho é resultado de pesquisa de Pós-doutorado desenvolvida no Programa de Pesquisador de Pós-Doutorado da Unicamp (2018-2019), sob supervisão do Prof. Dr. Sírio Possenti. **Trabalhos em Linguística Aplicada** [online]. 2019, v. 58, n. 3 [Acessado 27 Julho 2022], p. 1021-1050. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318135528615832019> . Epub 09 Dez 2019.
- SILVA, Carmem Luci da Costa. Subjetividade, socialidade e historicidade na arte do problema em Benveniste: prospecções de

Gérard Dessons. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 23, n. 3, p. 616-627, 2020. [Acessado 27 Julho 2022]. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/17793>>

ANÁLISE DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM EM PRODUÇÕES TEXTUAIS NO ENSINO MÉDIO

Antônia Luziane Silva de Castro¹

Jaqueline de Sousa Macedo²

Paulo da Silva Lima³

INTRODUÇÃO

Vivemos um período atípico em que professores e alunos tiveram que se reinventar devido à pandemia. Desde então, muitos foram os desafios a serem percorridos e vencidos. Principalmente em relação à educação básica que ao longo dos anos vem permeada de cobranças e tentativas de melhorias. Nessa conjuntura, percebemos dificuldades em todas as etapas de ensino, principalmente em relação às aulas remotas, modalidade que alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio nunca haviam vivenciado.

A sociedade não estava preparada para todas as mudanças que vieram com a pandemia, principalmente a comunidade escolar, pois não havia estrutura suficiente para que todos tivessem acesso à educação de maneira digna, especialmente os alunos de escolas públicas, tendo em vista que sua maioria não possuía aparelhos eletrônicos, internet ou condições de acompanhamento das aulas remotas. Dessa maneira, trabalhar com produções e estudo de gêneros textuais, tornou-se um desafio ainda maior, sobretudo para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita e o trabalho com a argumentação nas aulas de Língua Portuguesa.

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/BACABAL). E-mail: luzianecastro.ma@gmail.com

² Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/BACABAL). E-mail: Jaqueline.macedo@discente.ufma.br

³ Doutor em Linguística. Professor da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: paulo.sl@ufma.br

Nesse sentido, buscamos desenvolver um trabalho de acompanhamento de produções textuais de alunos do 3º ano do ensino médio do Centro de Ensino Aluísio de Azevedo, escola da rede pública estadual da cidade de Caxias – MA. As produções foram elaboradas seguindo o gênero textual Artigo de Opinião, sendo que a temática desenvolvida teve como ponto de partida as Olimpíadas de Língua Portuguesa (OLP) do ano de 2021. Devido à pandemia a OLP aconteceu nas unidades de ensino de forma remota, sendo seu tema “*O lugar onde vivo*”.

A Olimpíada de Língua Portuguesa, concurso de produção textual destinado a professores (as) e estudantes, foi criado em 2008 com o objetivo de contribuir para a melhoria da leitura e escrita de alunos das escolas públicas brasileiras, especificamente do 5º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Em relação aos gêneros textuais adotados na OLP, o concurso abrange cinco gêneros que variam conforme o ano ou série: Poema (5º ano do ensino fundamental); Memórias Literárias (6º e 7º ano do ensino fundamental); Crônica (8º e 9º ano do ensino fundamental); Documentário (1º e 2º ano do ensino médio); e Artigo de Opinião (3º ano do ensino médio).

Para trabalhar os gêneros textuais escolhidos, especificamente Artigo de Opinião, a Olimpíada de Língua Portuguesa, escrevendo o Futuro, adotou como ferramenta a metodologia⁵ da sequência didática (SD) proposta por Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz, pesquisadores pertencentes à escola de pensamento genebrina que têm influenciado muitas pesquisas, propostas de intervenção e políticas públicas de educação em vários países. A Sequência Didática, envolvida há muitos anos na elaboração de métodos para o ensinar e escrever, vem adaptando-se à complexa realidade das escolas brasileiras, sendo a sua principal finalidade trabalhar atividades escolares a partir de um gênero textual, facilitando a progressão da aprendizagem da escrita. Além disso, a metodologia da sequência didática permite que os educandos produzam textos orais e escritos com mais

adequação, em razão de poder ser utilizada em contextos variados de práticas de linguagem.

Do ponto de vista social, podemos compreender que o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã só ocorre através da escrita. Assim, mesmo que os alunos não pretendam ou não se tornem no futuro jornalistas, professores, advogados..., é crucial que saibam escrever diferentes gêneros textuais, adaptando-os às diversas exigências de cada esfera do trabalho.

Ainda, levando em consideração a importância da escrita, bem como do trabalho com gêneros textuais argumentativos, como por exemplo, debates, artigos de opinião, texto dissertativo-argumentativo (redação escolar), consideramos que estes devem ser enfatizados ainda mais nos anos finais do ensino médio, tendo em vista serem gêneros exigidos em vestibulares como o ENEM ou concursos públicos. Além disso, os gêneros discursivos permitem que o aluno/leitor construa o seu ponto de vista, fazendo uso da argumentação para sustentação de suas ideias.

Ao adotar a metodologia da sequência didática a Olimpíada de Língua Portuguesa, adotou uma coletânea de cadernos intitulados *Pontos de Vista*, que foram organizados em oficinas para o ensino da escrita de um gênero textual. Além de servir de material de apoio para planejamento e realização das aulas, o caderno compreendia ainda um glossário, cujo objetivo era o de fornecer definições para palavras e expressões cujos sentidos são cruciais para desenvolver as atividades em sala de aula. Outro ponto interessante dos cadernos da OLP, baseia-se na organização das atividades propostas, voltadas para o desenvolvimento de competências comunicativas, envolvendo leitura e análise de textos já publicados, linguagem oral, conceitos gramaticais, pesquisas, produção e aprimoramento de texto dos alunos. Em razão disso, foi a partir do desenvolvimento da sequência didática proposta no caderno da OLP, que ocorreu a coleta das produções textuais, elaboradas com base no gênero textual Artigo de Opinião, corpus de análise desse estudo.

GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO

Há uma tentativa de classificação e definição de gêneros textuais, baseada na multiplicidade de suas funções, na sua natureza interativa, nos seus meios de circulação, na sua organização, na dimensão sociocomunicativa, no seu agente-produtor, nos seus agentes receptores, nas atividades discursivas, dentre outros critérios. Entretanto, justamente por não seguir parâmetros rígidos, possui características que surgem conforme o contexto e a necessidade.

Nesse sentido, a função e organização dos gêneros permitem o surgimento recorrente de novos gêneros textuais, que se originam a partir do agir e da necessidade humana de interagir e praticar atividades. Assim, os gêneros vão se adaptando, se reinventando e surgindo em novas roupagens. Dessa maneira, temos os gêneros textuais multimodais, ferramenta de diversidade dos suportes textuais e de seus diferentes meios de circulação.

O trabalho com os gêneros textuais, segundo Nascimento (2019), deve ocorrer por duas vias: a primeira consiste em trabalhar um modelo de gênero de acordo com a intenção e situação da ação; e, a segunda é adaptar o modelo escolhido. Essas duas operações, permitem “a adoção de um pré-construído sócio-histórico, que se encontra no repertório de modelos textuais da comunidade discursiva; e, a adaptação diante da margem de liberdade do sujeito para atuar em diferentes planos” (NASCIMENTO, 2019, p. 83-84). Dessa forma, temos gêneros de textos funcionando como objeto de ensino e aprendizagem, além de objeto de comunicação, permitindo assim serem usados no ambiente escolar.

Já em relação a produção de gêneros textuais, pode-se dizer que estes surgem da necessidade de trocas comunicativas que fazem parte do cotidiano do indivíduo. Alguns gêneros existem e são engessados pela função que possui na sociedade, a exemplo de documentos que apresentam formas prontas e inalteradas. Entretanto, há outros tipos de gêneros que estão atrelados aos meios sociais, tais como resenhas, artigos, resumos, por exemplo.

Dessa forma, percebe-se que os gêneros textuais estão diretamente ligados às práticas sociais, às atividades discursivas, aos aspectos sociais e culturais, as intenções. Não são formas estanques, logo, para que seja alcançado um objetivo é necessária escolha.

Os gêneros textuais, ainda, podem ser reconhecidos pela sua relação com o contexto de produção e discussão de conteúdo. Nesse aspecto, torna-se um importante aliado ao ensino e desenvolvimento da escrita de língua materna nas escolas. Pois, é um articulador das práticas sociais, possibilitando que o aluno volte seu olhar para a função social do texto e não apenas para sua forma. Favorecendo, portanto, a mobilização de capacidades linguísticas e operações a serem desenvolvidas pelo o sujeito produtor do texto.

Em razão disso, a natureza dos gêneros textuais não pode ser limitada, já que são modelos dinâmicos que remetem a formas culturais e cognitivas de ação social, materializadas na linguagem. Entretanto, as escolhas textuais não são definidas por acaso, pois existem graus de formalidade necessários para o desenvolvimento da escrita. Assim, na visão de Marcuschi (2008), faz-se necessário duas distinções: a de tipo textual e gênero textual. A primeira, designa uma espécie de construção teórica, definida pela natureza linguística (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo...); já, a segunda, refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes (MARCUSCHI, 2008). Nesse sentido, podemos ainda dizer que:

O tipo textual caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias, conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência de aumentar. Já, os *gêneros textuais* são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e

estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p. 154 e 155).

Dessa forma, podemos considerar o estudo dos gêneros textuais uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial tanto para o funcionamento da língua, quanto para as atividades culturais sociais. Para Marcuschi (2008), as distinções entre um gênero e outro, não são predominantemente linguísticas e sim funcionais, tendo em vista serem designações sociorretóricas. Já os critérios para distinguir tipos textuais, são tanto linguísticos, quanto estruturais, em razão de serem designações teóricas. Ou seja, temos muito mais designações para os gêneros do que para tipos.

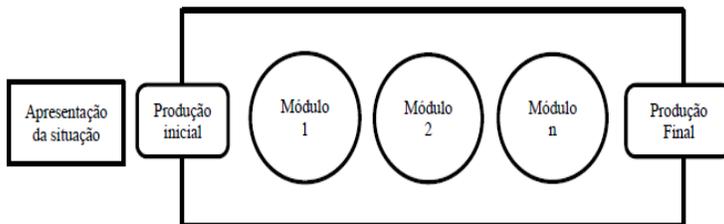
A METODOLOGIA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD)

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), a sequência didática configura-se como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Nesse sentido, para Lima e Sousa (2016), ela se apresenta, como um instrumento, por meio do qual, o professor poderá levar seus alunos a empregarem com mais eficiência os gêneros textuais a serem didatizados.

Para Lima e Sousa (2016, p. 174), por meio dessa ferramenta didática, “é possível articular e desenvolver um trabalho priorizando aqueles gêneros que os alunos têm mais dificuldades para dominar ou aqueles que são pouco escolarizados, mas que são importantes para desenvolver as capacidades de linguagem dos estudantes”.

Observemos, portanto, a estrutura básica de uma sequência didática, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83).

Figura 1: Esquema da SD



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83)

A parte inicial de uma sequência didática, denominada como apresentação da situação, é importantíssima, pois evidencia a importância do trabalho que será realizado; além de mostrar para os estudantes, como será desenvolvida a atividade comunicativa a ser concretizada, de forma real, na produção final. Para Lima (2014, p. 130), “é nessa fase que os alunos são preparados para a produção inicial, sendo esta considerada a primeira tentativa de escrita do gênero que será didatizado”. Assim, o primeiro texto é considerado o ponto de partida para que sejam trabalhados os problemas iniciais em forma de módulos.

Na segunda etapa da sequência didática, definida como *primeira produção*, é o momento em que os alunos produzem a primeira versão de seu texto. Para tanto, nessa etapa, o professor precisa ser visto como como um leitor mais experiente capaz de ajudar o aluno a melhorar sua produção que será veiculada ao final do projeto; não como alguém que irá apenas apontar os possíveis problemas e dar uma nota ou conceito.

Cabe destacar que a primeira produção textual pode apresentar uma série de inadequações em relação ao gênero didatizado. Por isso, é importante que durante a apresentação da situação, os objetivos propostos sejam claros e explícitos, possibilitando que os textos da primeira versão se tornem equivalentes aos objetivos visados, mesmo que alguns alunos não consigam respeitar todas as características do gênero modelado.

É com base nos resultados da primeira produção que é possível diagnosticar as capacidades de linguagem que os alunos

já dominam, bem como aquelas que ainda precisam melhorar em relação ao gênero. Diante disso, o professor poderá definir, precisamente, os pontos em que há mais necessidade de intervenção e como poderá ser feito. Além disso, de acordo com Lima (2014, p. 134), “tal diagnóstico também serve para o educando compreender que ainda precisa aperfeiçoar sua produção em determinados aspectos, servindo isso até de motivação para as produções futuras”.

Tomando como ponto de partida os pontos evidenciados na primeira produção, temos os parâmetros para articulação da terceira etapa da SD, denominada como *módulos*. Segundo Dolz (2004, p.87), nos módulos “trata-se de trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los”. Dessa forma, essa fase da SD auxilia na correção das inadequações apresentadas inicialmente nos textos escolares, para que sejam pontualmente trabalhadas.

Na última etapa da SD, temos a *produção final*, que se caracteriza como o momento em que o estudante colocará em prática tudo o que apreendeu durante a realização dos módulos. Nessa fase, espera-se que o aluno tenha controle do seu processo de aprendizagem, percebendo o que já aprendeu e o que ainda precisa aprender. É também na etapa final que, conforme Lima (2014, p. 137), “o professor poderá, de acordo com suas pretensões, realizar uma avaliação somativa, estabelecendo, numa escala, o desempenho do aluno ao longo do desenvolvimento da sequência didática”. Com isso, esse processo de avaliação pode torna-se um ato de comunicação e troca entre o aluno e o professor.

CONTEXTO DA PESQUISA

O estudo que favoreceu os dados desta pesquisa foi realizado no Centro de Ensino Aluísio de Azevedo, escola de tempo integral da rede pública estadual do Maranhão, localizada no bairro Ponte, cidade de Caxias –MA. Na referida escola, há alunos matriculados

que moram tanto na zona urbana, quanto na zona rural. A pesquisa ocorreu em 2021, durante a pandemia da covid-19, período em que as aulas estavam sendo realizadas de forma remota.

Apesar de ser uma escola da rede pública, com variadas dificuldades, tanto estruturais, quanto pedagógica, situamos que o Centro de Ensino Aluísio de Azevedo, conseguiu de maneira regular, ofertar o ensino na modalidade remota, com alguns ajustes no formato presencial, tendo em vista que foi necessário ofertar atividades e provas impressas aos alunos que não tinham acesso a nenhum aparelho eletrônico para o acompanhamento das aulas.

Como dito anteriormente, os sujeitos da pesquisa foram alunos do 3º ano do ensino médio, cuja faixa etária varia entre 16 e 18 anos. A turma era composta por 29 alunos que participaram, efetivamente, de todas as atividades realizadas, através da metodologia da sequência didática com base no gênero textual Artigo de Opinião. A partir do desenvolvimento da SD, tivemos a coleta de 29 produções iniciais e 29 produções finais. Entretanto, em razão do espaço deste estudo, iremos analisar apenas duas produções textuais, sendo uma inicial e outra final.

Cabe destacar que este estudo possui um caráter descritivo-exploratório, em que as observações são feitas por meio de uma análise textual de textos envolvidos nesse processo. Esse tipo de pesquisa, segundo Gil (1995), tem como objetivo proporcionar mais familiaridade com o fato, fenômeno ou processo, com vistas a torná-lo mais explícito e passível de aprimoramento.

Além disso, as atividades desenvolvidas na pesquisa, caracterizam-se em uma abordagem qualitativa, pois não buscamos atingir resultados numéricos, mas a comprovação de uma hipótese. De acordo com Silva e Menezes (2005, p. 20), na abordagem qualitativa, “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Sendo assim, o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Em razão disso, os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente,

considerando o processo e seu significado como focos principais de abordagem.

DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA E ANÁLISE DOS TEXTOS: ARTIGO DE OPINIÃO

Em suas definições, Brakling (2000, p. 226), considera o Artigo de Opinião “como um gênero discursivo no qual se busca convencer o outro sobre determinada ideia, influenciando-o e transformando seus valores por meio da argumentação a favor de uma posição e refutação de possíveis opiniões divergentes”. Ou seja, através desse gênero textual é possível que o autor possa expressa-se sobre determinados assuntos, fazendo com que seus leitores concordem ou discordem do que foi dito.

Nesse sentido, podemos considerar que no espaço da sala de aula, o Artigo de Opinião encontra um ambiente propício para a argumentação e principalmente a interação entre professores e alunos. Corroborando com esta afirmação, Boff, Koche e Marinello (2009, p. 01), dizem que:

Utilizar, portanto, esse gênero nas aulas de Língua Portuguesa pode ser um caminho para alcançar com maior eficácia os objetivos do ensino de língua materna. É com o uso do texto que se estabelece a comunicação, ampliam-se ideias e pontos de vista, garantindo-se um melhor entendimento da sociedade e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento das relações que nela se estabelecem.

Dessa maneira, ao utilizar o gênero textual artigo de opinião, tem-se a possibilidade de formar alunos seguros de si, autônomos e críticos, capazes de compreender discursos, concordando ou discordando deles. Além de serem ainda, capazes de refletir sobre os mais diversos assuntos, produzindo seus próprios textos e relacionando-os ao seu contexto social.

É importante mencionar que a organização da sequência didática com base no gênero textual Artigo de Opinião, ocorreu

tendo em vista a temática da Olimpíada de Língua Portuguesa (*O lugar onde eu vivo*), que na ocasião desse estudo foi aplicada a alunos do 3º ano do ensino médio. Como já mencionado, durante a OLP de 2021, devido à pandemia da covid-19, às aulas encontravam-se de forma remota.

O material utilizado para concretização das atividades, fazia parte da coletânea *Pontos de Vista: Orientação para produção de textos*⁴, disponibilizado aos professores da rede pública de ensino para desenvolvimento da Olimpíada de Língua Portuguesa. O ponto de partida do material, desenvolve-se a partir de entrevistas e conversas com a comunidade, experiências que proporcionam o sentimento de pertença e favorecem o reconhecimento dos saberes e problemas locais; além de leituras, pesquisas e estudos, que contribuem para a construção de um novo olhar acerca da realidade, abrindo perspectivas de transformação social.

Outro ponto interessante do material, diz respeito ao caderno *Pontos de Vista: Orientação para produção de textos*, propor uma metodologia de ensino para a produção de textos pela perspectiva de gênero. Assim, no caderno é organizado uma sequência didática que aborda os conteúdos de língua portuguesa previstos nos currículos escolares, favorecendo o desenvolvimento de competências de leitura e de escrita. Nesse sentido, as atividades propostas, “concretizam os princípios metodológicos e viabilizam o trabalho em sala de aula, para que alunos de vários cantos do Brasil produzam textos de qualidade” (BRASIL, 2021).

Além disso, o material disponibilizado pela Olimpíada de Língua Portuguesa, propõe uma série de situações comunicativas que antecipam o que irá ser trabalhado, sendo assim, o papel do professor indispensável nesse projeto. Em razão disso, antes de direcionar a produção dos textos da OLP, cabe ao docente considerar as condições essenciais para o êxito das atividades, sendo elas: “apresentação da situação de comunicação, a formulação clara das

⁴ O material encontra-se disponível em <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/8148/caderno-artigo.pdf>

instruções para a produção e a explicitação das tarefas escolares que terão de ser realizadas” (BRASIL, 2021, p. 13).

No entanto, outro ponto ainda mais importante para êxito das atividades da OLP, diz respeito a preparação para a produção textual, que ocorre na sequência didática por meio de uma série de oficinas e atividades escolares. Para que assim, ao participar delas, todos os alunos possam aperfeiçoar seu aprendizado e colocar em prática o que aprenderam.

Durante as oficinas e atividades escolares propostas no material da OLP, pudemos desenvolver situações de comunicação que nos permitiram concretizar as etapas necessárias para concretização da sequência Didática (*apresentação da situação, primeira produção, módulos e produção final*), proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Dessa forma, tivemos a coletas de 29 produções iniciais e 29 produções finais, desenvolvidas com base no gênero textual Artigo de Opinião, sendo ele, temática da OLP. Entretanto, em razão do espaço deste estudo, iremos analisar apenas duas produções textuais, sendo uma inicial e outra final.

Vale ressaltar que, para trabalhar gêneros textuais em sala de aula, o professor precisa conhecer bem o gênero a ser didatizado, tendo em vista que o docente não deve destacar apenas os aspectos estruturais ou superficiais do gênero, mas também os de ordem discursiva, que conforme destaca Bronckart (2007), contemplam três capacidades de linguagem: a capacidade de ação; a capacidade discursiva; e a capacidade linguístico-discursiva.

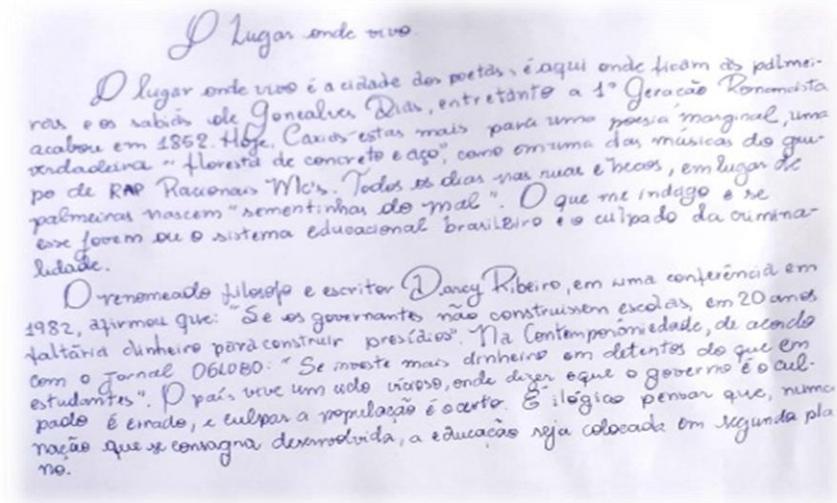
Ancorado nos pressupostos teóricos de Bronckart (2007), Lima (2014) situa que as três capacidades de linguagem (a capacidade de ação, a capacidade discursiva e a capacidade linguístico-discursiva), configuram a estrutura semiótica de um ato de comunicação. Assim, dentro das *capacidades de ação* discutimos sobre o contexto físico e sociosubjetivo de produção. Nas *capacidades discursivas*, fazemos considerações sobre o plano geral do texto e as sequências linguísticas que o compõem. Nas *capacidades linguístico-discursivas*, abordamos os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos (BRONCKART, 2007).

Cabe destacar que durante o processo de desenvolvimento da sequência didática, houve a necessidade de reescrita das produções textuais, tendo em vista que as operações que realizamos quando produzimos um determinado gênero textual, implica no desenvolvimento das habilidades e domínio da escrita. Assim, com a reescrita podemos escolher um vocabulário adequado, respeitar as estruturas sintáticas e morfológicas, realizar correções ortográficas, readequando o texto produzido. Além disso, conforme Brasil (2021, p. 12), “se tonarmos a produção escrita como um processo e não só como o produto final, temos de levar em consideração as atividades de revisão, de releitura e de reescrita, que são necessárias para chegarmos ao resultado final desejado”.

O processo de reescrita, ainda, conforme situa Gonçalves e Bazarim (2013, p. 10), “permite contemplar as atividades de mudança/reestruturação/adequação do texto, provocadas por um outro sujeito que não o produtor do texto”. Ou seja, a reescrita contempla toda mudança feita no texto a partir da intervenção de outrem.

Para este primeiro momento, apresentaremos um recorte de duas produções textuais, sendo uma inicial e outra final, produzida pelo aluno aqui denominado como A1. Cabe destacar que nossa análise se organiza principalmente, nas capacidades de linguagem conforme Bronckart (2007), sendo assim analisadas às capacidades de ação (contexto de produção), às capacidades discursivas (planificação do texto) e às capacidades linguístico-discursivas (mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos). Dessa forma, seguimos como nossas análises:

Texto 1: Produção inicial aluno A1



No que diz respeito a produção inicial do aluno A-1, observamos que na estrutura composicional, temos duas partes: introdução e desenvolvimento. Em razão disso, há uma discussão superficial do tema, tendo em vista que a sequência básica exigida para a construção do artigo de opinião não é elaborada.

Entretanto, observamos que apesar de não seguir a estruturação do gênero artigo de opinião (introdução, desenvolvimento e conclusão), o agente-produtor busca contextualizar sua tese a temática proposta (O lugar onde vivo). Em razão disso, observamos o uso das capacidades discursivas definidas por Bronckart (2007), ao verificamos que o aluno desenvolve seus argumentos situando-os no "mundo do expor autônomo". Assim, ao mesmo tempo que expõe sua tese através do discurso teórico, traz abordagens que justificam suas afirmações, como podemos observar nas referências a cidade de Caxias – MA e ao poeta Gonçalves Dias, quando oferece detalhes sobre o lugar em que vive: [...] cidade dos poetas, onde ficam as palmeiras e sabiás de Gonçalves Dias [...], linhas 02. Além disso, o aluno A1 dar continuidade a esses argumentos ao mencionar a música Negro

Drama, do grupo de RAP brasileiro Racionais Mc's, ao situar que o lugar em que vive não mais se compara aos tempos da primeira geração romancista, como podemos observar em: [...] *Caxias está mais para uma poesia marginal, uma verdadeira "floresta de concreto e aço"* [...], linhas 03 e 04.

Com relação às vozes enunciativas, identifica-se no texto a voz do educador Darcy Ribeiro, quando nas linhas 10 e 11 o aluno faz a seguinte referência: [...] *se os governantes não construírem escolas, em 20 anos faltará dinheiro para construir presídios* [...]. A citação faz alusão ao discurso proferido por Darcy Ribeiro em 1982, durante a campanha de Brizola para o governo do Rio de Janeiro. Além disso, observamos ainda vozes enunciativas, quando temos nas linhas 11 e 12, menção ao jornal Globo, como podemos observamos em: [...] *de acordo com o jornal Globo, se investe mais dinheiro em detentos do que em estudantes* [...]. A citação faz menção a reportagem publicada no jornal digital Extra/Globo em novembro de 2011, quando os gastos com a população carcerária, ultrapassaram um terço do valor destinado a educação superior e nove vezes mais o gasto por aluno no ensino médio por ano.

Assim, cabe destacar que às vozes enunciativas podem ser expressas tanto através do autor, quanto das vozes sociais. Para Bronckart (2007), a voz do autor é oriunda diretamente da pessoa que produz o texto e que intervém para comentar alguns aspectos do que é enunciado. Por outro lado, as vozes sociais são as vozes de outras pessoas ou de instituições humanas exteriores, mencionadas no texto para justificar o conteúdo temático. Essas vozes, podem ser ainda encontradas isoladas ou juntas, originando um caráter polifônico, definido por Ducrot (1987), como o encontro de várias vozes em um só texto.

Na produção escrita, analisando as capacidades linguístico-discursivas, verificamos o uso de verbos no tempo presente, apresentando-se de forma temporal, como observamos em: [...] *o lugar onde vivo é a cidade dos poetas* [...], linha 01. Assim, podemos dizer que este tipo de verbo (ser) estabelece uma relação entre argumentos e uma dada conclusão, conforme situa Souza (2007).

O texto, como um todo, apresenta algumas inadequações em relação à norma-padrão da língua, como ausência de vírgula, desvios de acentuação, grafia incorreta de palavras, colocação pronominal e pontuação. Inadequações que solucionadas, proporcionam melhorias significativas no texto.

Texto 2: Produção final aluno A1

O lugar onde vivo

O LUGAR ONDE VIVO É A CIDADE DOS POSTAS, É AQUI ONDE FICAM AS PALMEIRAS DOS SARIÁS DE GONÇALVES DIAS, ENTRETANTO A 1ª GERAÇÃO ROMANCISTA ACABOU EM 1852. HOJE, CARIAS É A MAIS PARADIMÁTICA POESIA MARGINAL, UMA VERDADEIRA "FLORESTA DE CONCRETO E AÇO", COMO EM UMA DAS MÚSICAS DO GRUPO RAP RACIONAIS MC'S. TODOS OS DIAS NAS DUAS É RECORRER, EM LUGAR DE PALMEIRAS NACEM "SEMENTINHAS DO MAL". O QUE ME INTERESSA É SESSO JOVEM OU O SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO É O CULPADO DA CRIMINALIDADE?

O RENOMADO FILÓSOFO E ESCRITOR Darcy Ribeiro, em uma conferência em 1982, afirmou que: "Se os governantes não construírem escolas, em 20 anos faltará dinheiro para construir presídios." Na contemporaneidade, de acordo com o jornal O GLOBO: "Se investe mais dinheiro em detentos do que em estudantes." A cidade vive um ciclo vicioso, onde dizer que o governo é o culpado é errado, e culpa a população é certo. É ILÓGICO PENSAR QUE, EM UM MUNICÍPIO QUE SE CONSIDERA DESENVOLVIDO, A EDUCAÇÃO SEJA COLOCADA EM SEGUNDO PLANO.

OUTROSSIM, PERCEBE-SE COMO A OMISSÃO GOVERNAMENTAL CRISTALIZA A ESCASSEZ DE RECURSOS PARA COMBATER A CRIMINALIDADE NA PRICESINHA DO SERTÃO. ISSO ACONTECE PORQUE A CARENÇA DE INVESTIMENTO NO SISTEMA EDUCACIONAL É ESCASSO E SE ALICERÇA A PARTIR DAS CONDUTAS DE REPRESENTANTES POLÍTICOS, QUE SÃO MOVIDOS POR UMA CULTURA IMEDIATISTA, FOCADA NO RESULTADO RÁPIDO E INDIVIDUAL. COMO RESULTADO DESTA SITUAÇÃO, TEM-SE A INERÊNCIA DO GOVERNO AO NÃO SE POSICIONAR FRENTE AO SURTIAMENTO EM MARCHAS DE INDIVÍDUOS CADA VEZ MAIS JOVENS NO CRIME, SE TORNANDO ALGO BANAL, FRENTE A UMA SOCIEDADE DIVERGENTE E RADICAL, QUE ALIMENTA UM ESTADO TENEPROSO, ONDE OS RICOS DENTRO DE SEUS CONDOMÍNIOS FECHADOS TEMEM O CRIME E OS POBRES SOBREVIVEM A ELE.

SENDO ASSIM, É FUNDAMENTAL DESTACAR QUE OS ALTOS ÍNDICES DE CRIMINALIDADE EM CARIAS AVENENAM AS FALHAS NA EDUCAÇÃO. PORTANTO, AFIM DE SOLUCIONAR O PROBLEMA É NECESSÁRIO QUE O GOVERNO DO MARANHÃO JUNTAMENTE A PREFEITURA DA CIDADE ATUE POR MEIO DE UMA REFORMA NA REDE DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO, CRIANDO CENTROS DE LAZER INFANTOJUVENIL, IMPLANTAÇÃO DA REDE INTEGRADA EM TODAS AS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO, E CRIAÇÃO DE LIGAS ESPORTIVAS ESCOLARES, AFIM DE VIABILIZAR VIABILIZAR O ACESSO A EDUCAÇÃO E AO ESPORTE, DE MODO A DISTANCIAR ESSES JOVENS DA VULNERABILIDADE SOCIAL. PORTANTO, A PARTIR DESSAS MEDIDAS, TORNAR ESSA "FLORESTA DE CONCRETO E AÇO" O LAR DE PROMISSORES INDIVÍDUOS ATIVANTES DA SOCIEDADE CARIENSE.

Na versão final, podemos observar que o aluno A-1 mantém o contexto de produção da primeira versão do texto, trazendo informações sobre o lugar em que vive, caracterizando-o principalmente, como "a terra do poeta Gonçalves Dias". Observamos que o texto apresenta uma composição mais elaborada, pois possui a estrutura exigida para produção de um artigo de opinião. Assim, torna-se bem mais articulado que a produção textual anterior, com ideias mais consistentes, repertório

cultural bem mais desenvolvido e defesa de sua tese pautada em uma boa argumentação.

Na primeira parte da produção textual (introdução), o agente-produtor mantém a contextualização sobre o lugar em que vive, trazendo para o texto informações como: “O lugar onde vivo é a cidade dos poetas”, “aqui ficam as palmeiras e sabiás de Gonçalves Dias”. Ancorados nos pressupostos de Bronckart (2007), consideramos que essas contextualizações servem para justificar os discursos teóricos, através de afirmações.

Em relação a estrutura organizacional do texto, temos a composição exigida para o gênero artigo de opinião (introdução, desenvolvimento e conclusão). Diferente da versão anterior, dispomos da inclusão de mais dois parágrafos: um de desenvolvimento e outro de conclusão. Neles, há o trabalho de reafirmação das ideias defendidas no texto, além das análises fundamentais para promover a argumentação na produção. O uso da argumentação, promove a sustentação dos argumentos expostos, através de evidências e elementos que forneçam suporte à ideia defendida (UBER, 2008, p. 9).

Quanto a finalidade do texto, observamos que o aluno A1 cumpre o papel social do gênero textual abordado. Além disso, nota-se que a produção textual acontece de maneira sociointerativa, pois o aluno consegue discutir um problema social do lugar em que vive, estabelecendo problemas e soluções, como podemos observar em: [...] *escassez de medidas para combater a criminalidade [...]*, linha 12; [...] *carência de investimento no sistema educacional [...]*, linha 15; [...] *altos índices de criminalidade em Caxias advém de falhas na educação [...]*, linhas 19 e 20; [...] *reforma da rede municipal de ensino [...]*, linhas 22 e 23; [...] *criação de centros de lazer infanto-juvenil [...]*, linha 23; [...] *criação de ligas esportivas escolares, de modo a distanciar os jovens da vulnerabilidade social [...]*, linhas 24 e 25. Para isso, fez-se necessário por parte do agente-produtor acionar conhecimentos de natureza linguística e não linguística, definidas por Lima (2014), como formas de conhecimento que operam às relações sociais e concretizam às formas de linguagem.

Em relação às capacidades discursivas, observamos que o aluno A-02 produz um texto com organização textual, que traz um conteúdo temático e mecanismos enunciativos que esclarecem o posicionamento do autor no texto, bem como a utilização de mecanismos de textualização que permitem a progressão do tema. Isso, pode ser confirmado à medida que o falante/produtor faz uso de diferentes discursos a fim de realizar uma ação de linguagem BRONCKART (2007).

Com relação às capacidades linguístico-discursivas, no que diz respeito aos mecanismos de conexão, observa-se que o aluno desenvolve em seu texto os operadores lógico-discursivos de forma mais organizada, diferente de sua primeira produção, estabelecendo, assim, a relação entre frases e parágrafos e guiando a constituição do texto, como podemos observar em: [...] *outrossim* [...], linha 11; [...] *sendo assim* [...], linha 19; [...] *portanto* [...], linha 20.

As observações destacadas nas duas análises servem para mostrar que a produção inicial e final do aluno A-1 apresentam melhorias significativas em relação a organização e estruturação do gênero trabalhado na sequência didática. Além disso, o desenvolvimento da SD contribuiu para que o aluno A-1 tivesse mais clareza e assim pudesse compreender às capacidades de linguagem relacionadas ao gênero textual trabalhado.

Observamos ainda que houve progressos significativos em relação à produção textual reescrita, tendo em vista constatamos uma escrita mais proficiente do gênero trabalhado. Em razão disso, consideramos que às oficinas e atividades elaboradas no caderno da Olimpíada de Língua Portuguesa, favoreceram, além do desenvolvimento das habilidades de escrita o aprimoramento das capacidades de linguagem necessárias para produção de um texto coeso e coerente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os objetivos deste trabalho, que foram trabalhar o gênero textual artigo de opinião com base na metodologia

da sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2004), observamos que houve a possibilidade não só de interação e participação dos alunos nas oficinas e atividades da Olimpíada de Língua Portuguesa, como também o desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita, aliando teoria e prática.

Nesse sentido, podemos dizer que ao alinhar as atividades da Olimpíada de Língua Portuguesa com trabalho da sequência didática, foi possível proporcionar potencialidades para o ensino de produção textual numa perspectiva crítica de promover a interação na sala de aula. Assim, é possível dizer que a metodologia da SD é um recurso bastante eficaz para o ensino de gênero textuais, como por exemplo o artigo de opinião, uma vez que proporciona aos alunos o desenvolvimento de suas capacidades de produção e reflexão, agindo de forma crítica e autônoma.

Por fim, podemos considerar ainda, que o trabalho com a sequência didática, principal ferramenta utilizada durante a Olimpíada de Língua Portuguesa, favoreceu o desenvolvimento de um processo de ensino de leitura e escrita muito mais amplo, tendo em vista que a escrita é um instrumento indispensável para todas as aprendizagens. Assim, as situações de produção e temas tratados na SD, mostram como há a possibilidade de aproximação aos gêneros textuais, ampliando as capacidades de linguagem necessárias para termos textos coesos e coerentes.

REFERÊNCIAS

- BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re) significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN*. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 221-247.
- BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. *ReVEL*, vol. 7, n. 13, 2009.

BRASIL. Ponto de vista: Caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo – SP, Cenpec (Coleção da Olimpíada), 2021.

BRONCKART, J-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sóciodiscursivo*. São Paulo, EDUC, 2007.

DOLZ, J. Sequências didáticas para o oral e escrito: apresentação de um procedimento. In: SCHENEUWLY, B; DOLZ, J. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas - SP: Mercado das Letras, 2004.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

GONÇALVES, A. V.; BAZARIM, M. (org.). *Interação, gêneros e letramento: a (re)escrita em foco*. 2.ed. Campinas-SP: Pontes, 2013.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas, 1995

LIMA, Paulo da Silva. *A reescrita de textos na escola: trabalhando com gêneros e sequências didáticas*. 2014. 289 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

LIMA, Paulo da Silva; SOUSA, Ivan Vale. Produção de artigo de opinião em sequência didática. In: SILVA, W.R; LIMA, P.S; MOREIRA, M.T (Org.). *Gêneros na prática pedagógica: diálogos entre escola e universidades*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016, páginas: 268.

MARCUSCHI, A. L. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

NASCIMENTO, Lopes Elvira. *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. 3ª Edição – Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. rev. atual. Florianópolis, SC: UFSC, 2005.

SOUZA, E. G. Dissertação: gênero ou tipo textual? In: DIONISIO, A. P. & BESERRA, N. S. (org.). *Tecendo textos, construindo experiências*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

UBER, Terezinha de Jesus Bauer. *Sequência didática: Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE da Secretaria de Estado da Educação do Paraná*. Santa Isabel do Ivaí, Paraná – PR, 2007/2008.

Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br>

A PRAÇA DA FAUSTINA E SEUS 11 TOPÔNIMOS REPRESENTATIVOS DO CENTRO HISTÓRICO DA QUATROCENTENÁRIA SÃO LUÍS

Heloísa Reis Curvelo
Cleria Lourdes Moreira Pereira

E NAQUELE CHÃO DE PARALELEPÍPEDOS

Quando passeamos pelas ruas, praças, travessas, escadarias, avenidas, becos e guetos do Centro Histórico lá na Praia Grande, muitas vezes não percebemos quantas estórias passeiam conosco, quantas narrativas acabam sendo nossas companhias, quantas vivas ilustres já trilharam esses caminhos, quantas festanças já foram desfrutadas ali, o quanto da vida ludovicense está gravada naquele chão de paralelepípedo, naquelas casas de porta-e-janelas, nas meias-moradas, na morada-inteira, nas $\frac{3}{4}$ de oradas, no sobrado, na varanda do sobrado, no sobrado com 2 pavimentos, na azulejaria do sobrado, no acervo arquitetônico, tudo ali guarda memória, nossas memórias ancestrais, resgatáveis pelos topônimos.

Com o intuito de trazer à superfície algumas das estórias que estão guardadas em uma das praças da Praia Grande, a da Faustina, estamos propondo com este artigo uma imersão no passado e uma volta dele ao presente, ao investigarmos o que há testamentado nos outros topônimos que já teve a Praça da Faustina, importante lugar onde transita e já transitaram acontecimentos que teceram a história da Quatrocentenária São Luís. Neste caso, com o topônimo em voga, podemos conhecer e fazer conhecer fatores, históricos, socioculturais, geográficos, econômicos e tantos outros que o topônimo pode presenciar, gravar, imortalizou ao longo do tempo em que foi usado, mesmo que haja alteração no/no nome do lugar (Alteração toponímica), essas histórias não são renegadas/apagadas.

No que tange às Alteração toponímicas – ATs, ressaltamos que a Toponímia ludovicense e, em especial, a do Centro Histórico, veio se ajustando àquilo que foi sendo mais importante para o denominador a cada espaço de tempo que foi se processando, a cada fato e/ou marco histórico que influenciaram/aconteceram no Centro de São Luís, por isso houve tantas ATs em Praça da Faustina (Rua da Alfândega, Rua Marcelino de Almeida, Travessa Marcelino de Almeida, Praça do Seresteiro, Praça da Seresta, Praça da Faustina, Praça do Tambor de Crioula). Esse é um processo normal, natural, uma vez que nada é estático, imutável, inalterável, isso se aplica, perfeitamente aos topônimos, de modo geral, se levarmos em consideração seu valor de testemunha dos fatos e acontecimentos históricos, sociais, geográficos, culturais, econômicos de um povo.

Os topônimos tendem e são passíveis de ATs por que não estão imunes às demandas sociais, aos interesses locais e/ou comunitários, ele vai sendo moldado, remoldado, ajustado e reajustado como uma roupa do espaço geográfico e do tempo em que vigora. Assim, como há a remodelagem do espaço físico, há a redefinição do nome dele, a substituição do topônimo, para que represente esse *novo*, essa *novidade* do lugar nomeado e, conseqüentemente, os objetivos de nomeação de quem o alterou, nesse caso, as ATs não são infundadas ou arbitrárias, mas motivadas e representativas dos motivos ali impostos, isto é, o resgate, valorização, homenagem de uma manifestação cultural ou dos agentes envolvidos nesse feito (Praça do Seresteiro, Praça da Seresta, Praça da Faustina, Praça do Tambor de Crioula), as transações comerciais, os comerciantes e, conseqüentemente suas empresas (Rua da Alfândega, Beco da Alfândega, Rua Marcelino de Almeida, Travessa Marcelino de Almeida) e, assim, as memórias vão sendo tecidas, costuradas no chão de paralelepípedo e nas paredes dos casarões.

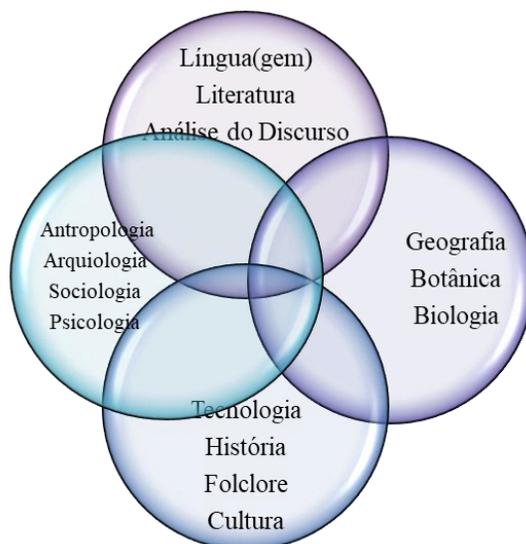
Nossos objetivos com este artigo são basicamente: (i) fazer um estudo diacrônico de cada um dos topônimos que referenciam o atual Praça da Faustina, que são: Rua da Alfândega, Beco da

Alfândega, Rua Marcelino de Almeida, Travessa Marcelino de Almeida, Praça do Seresteiro, Praça da Seresta, Praça da Faustina e Praça do Tambor de Crioula, com o intuito de resgatar traços da História de São Luís, guardados nos outros topônimos que já teve a Praça da Faustina. Além disso, descreveremos cada uma das ATs que teve o atual Praça da Faustina, uma vez que, no momento, ano, século em que foram empregados, deixaram transparecer o processo de expansão comercial e mudanças econômico-sociais da Quatrocentenária São Luís, representaram elementos importantes para o nomeador do lugar.

A TOPONÍMIA DESSE ESPAÇO

A Toponímia é uma parte da Linguística, mas especificamente, da Lexicologia, que trata dos nomes próprios de lugares, independentemente da natureza dos topônimos, se de procedência física, relacionados à natureza (Rua do Alecrim, Rua Afogabugio, Rua das Cajazeiras), de origem antropocultural (Rua da Alegria, Rua dos Barbeiros), relacionados diretamente ao Homem (Rua Artur Azevedo, Rua Aldenora Belo) ou mesmo de origem mista, tanto de características físicas quanto antropoculturais (Rua da Estrada Real/Rua Afonso Pena).

Nos estudos toponímicos lançamos mão de conhecimentos de várias áreas científicas, de distintas disciplinas, que se correlacionam nos auxiliando na descrição dos topônimos, como História, Geografia, Antropologia, Psicologia Social, Biologia, Arqueologia, a Tecnologia ou mesmo a própria Linguística com suas subdivisões e interfaces disciplinares, transdisciplinares, metalinguísticos.



O nome de lugar, isto é, o topônimo, não pode ser visto apenas como um identificador de características de uma localidade ou como um delimitador geo-espacial, como o endereço de alguém, isso acontece porque há uma relação estreita entre os fatores linguísticos, intrínsecos à estrutura da língua/léxico e os socioculturais, relacionados a acontecimentos e aspectos históricos, geográficos, culturais.

Nesse sentido do estudo transdisciplinar, metalinguístico, os topônimos, como parte da língua de um povo, de sua documentação lexical, espelham seus interesses, seus valores, sua realidade, estabelecendo, assim, uma relação fundamental entre a língua e a cultura dessa comunidade, imaginemos, por exemplo, a atual praça da Faustina que, ao longo de sua existência toponímica, foi nomeada onze vezes para atender aos acontecimentos sociais operados no centro Histórico do século. XIX (1857) ao XXI (2023): Base do Macaco, Base da Gorda, Base da Faustina, Praça da Faustina, Praça do Tambor de Crioula, Praça do Seresteiro, Praça da Seresta, Beco da Alfândega, Rua da Alfândega, Travessa Marcelino de Almeida, Rua Marcelino de Almeida.

(DES)OCUPANDO O BECO

Situar historicamente, cada uma das sete ATs processadas no atual topônimo Praça da Faustina, faremos um estudo diacrônico e bibliográfico, ressaltando a importância dos topônimos nos contextos em que foram usados popularmente e/ou oficialmente, assim a revitalização do Centro Histórico de São Luís, a partir do Projeto Reviver em 2001, que serviu para valorizar a área no âmbito comercial e também do entretenimento.

No que tange à pesquisa bibliográfica, a coleta dos dados de análise se dará em obras da Toponímia ludovicense, como as de Melo (1990) e Zago Filho (2018), referências que descrevem logradouros como ruas, praças, becos, pontes, travessas do Centro Histórico de São Luís, como as de Vieira Filho (1971) e Oliveira (2018), assim como obras de resgate histórico-social das coisas do Maranhão, como as de Marques (2008), Lacroix (2012) e matérias jornalísticas do Jornal Pequeno.

Além desses estudos relacionados à área de linguagem, propriamente dita, ou daqueles que dão suporte à pesquisa toponomástica, atendendo a seu caráter multidisciplinar, faremos pesquisa em sites informativos e também assistiremos vídeos/documentários sobre os topônimos em estudo, afim de mostrarmos como a mídia tem trazido à tona as várias histórias guardadas nos topônimos aqui em estudo.

E NAQUELE CHÃO DE PARALELEPÍEDOS, A PRAÇA DA FAUSTINA

Dentre os estudiosos dos logradouros do Centro Histórico de São Luís, Oliveira (2018) é o único que se refere à Praça da Faustina como tendo sido Praça do Seresteiro (profissional das noites de entretenimento), e conseqüentemente, por extensão de sentido

metonímico, Praça da Seresta¹. Esse pesquisador nos oferece importante informação sobre a localização espacial/geográfica do lugar, para que possamos entender o porquê de, além da Praça da Faustina ter esses dois outros topônimos já citados, ela passou a ser chamada como Beco da Alfândega,² quando afirma que ela é uma “pequena praça localizada entre a rua do Giz, ou a rua Vinte e oito de Julho e Beco ou Travessa João Gualberto, com escadarias da rua Humberto de Campos e Beco da Alfândega” (Oliveira, 2018, p. 809).

A pesar de Oliveira (2018) não especificar as motivações toponímicas de Praça do Seresteiro e Praça do Seresta, ele lança mão de seu registro particular histórico-fotográfico para explicar que, como parte do Projeto Reviver, a Praça da Faustina/Praça do Seresteiro/Praça do Seresta, começou a ser construída a partir da Revitalização do Centro Histórico ludovicense, em 1987, uma vez que esse lugar de manifestação sociocultural, começou a ser repensado na segunda metade da década de 80, num lugar onde teve um sobrado onde funcionava uma gráfica que destruída por um incêndio, assim, o sobrado

(...) desmoronou 10 anos antes. Convém salientar que o sobrado aguentou firme todo o período do ápice do bairro da Praia Grande, quando ocorreu um incêndio do galpão da Chames Aboud, pegando fogo também o sobrado onde funcionava uma Gráfica (Praça da Faustina). Antes era usada como estacionamento³ e oficina da então Secretaria de Planejamento do Estado (Oliveira, 2018, p. 809-810).

¹ Em Zago Filho (2018, p. 101) encontramos apenas a seguinte menção a esse topônimo: “Praça da Faustina. Memorial descritivo: delimitada pelas Ruas da Alfândega, do Giz e João Gualberto. Outras denominações: Praça da Seresta. Bairro do Centro”.

² Indo na contramão de Melo (1990), Oliveira (2018), Marques (2008) e Vieira Filho (1971), Zago Filho (2018, p. 38-39) adota o topônimo Rua e não Beco da Alfândega.

³A respeito dos logradouros públicos de São Luís serem usados como estacionamentos, Burnett (2012, p. 26) afirma que “os cidadãos ganham muito dinheiro explorando, como estacionamento, as ruínas de imóveis tombados e até mesmo inscritos na lista de Patrimônio da Humanidade”, uma verdadeira lástima!

Os dicionários gerais da Língua Portuguesa registram como sinônimos *seresta/serenata* que, por sua vez, fazem menção à composição musical, de caráter simples e melodiosa, feita para ser executada à noite, ao ar livre pelo *seresteiro* (que ou aquele que canta *serestas*) e seus *comparsas* executando a cantoria com acompanhamento de violões, flautas, cavaquinho. Em São Luís, ao longo da década de 80 e 90, época em que os bairros do Centro Histórico ainda eram referência no comércio e lazer local, as *serestas* eram muito populares, principalmente quando aconteciam nas praças, coretos, bares, bases, choperias do Centro da Cidade, berço cultural dos jovens e intelectuais ludovicenses boêmios profissionais⁴. Desse costume de frequentar e promover *serestas* pode ter surgido a adoção dos topônimos *Praça do Seresteiro/Praça do Seresta*, atribuídos à atual *Praça da Faustina*, isso é atestado em matéria do tradicional *Jornal Pequeno*, cuja manchete estampa: *Praça da Faustina, em São Luís, passa por obras de manutenção e reforma (02/02/2023)*.

Localizada em uma das áreas de maior movimento turístico da capital, a *Praça da Faustina* foi erguida em 1986 como parte do Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico, popularmente conhecido como *Projeto Reviver*, denominada naquela época, de *Praça da Seresta*, pois ali era palco de artistas e poetas.

Em Zago Filho (2018, p. 101), por exemplo, encontramos apenas a seguinte menção a esse topônimo: “*Praça da Faustina*. Memorial descritivo: delimitada pelas Ruas da Alfândega, do Giz e João Gualberto. Outras denominações: *Praça da Seresta*. Bairro do Centro”. Igualmente ao que observamos em Oliveira (2018), neste *Historiador*, também não encontramos a motivação toponímica de

⁴ Sobre o costume ludovicense de curtir *serestas* ou mesmo de promove-las, Oliveira (2018, p. 810) o ilustra com foto de um *seresteiro*, em cujo versão consta a seguinte informação “*João Pedro Borges, o grande nome do violão clássico brasileiro, se apresentará no dia 08 no Teatro Praia Grande, às 21 horas*”.

Praça da Seresta, apenas a situação geográfico-espacial, da qual acrescentamos que faz parte do bairro Praia Grande, um dos bairros que integra o Centro Histórico da Capital ludovicense⁵.

No que compete à Praça da Faustina ter sido conhecida, não como praça, mas como beco (Beco da Alfândega), Melo (1990), Oliveira (2018) e Marques (2008) descrevem quais fatores são intrínsecos à essa motivação toponímica, uma vez que esse tipo de via pública faz referência a rua estreita, curta, pequena, por vezes sem saída, isto é, uma rua sem muita estrutura básica e prestígio, em detrimento do termo rua, propriamente dito. Assim, Melo (1990, p. 19) situa fisicamente, o Beco da Alfândega ou Travessa Marcelino de Almeida, praticamente, da mesma forma que Oliveira (2018, p. 809), quando aquela afirma que: “começa na Rua 28 de Julho e termina no cais da extinta Companhia Fluvial Maranhense, hoje Anel Viário. Beco da Alfândega é o seu nome original e se deve ao fato de que existiam nessa área os primitivos armazéns da aduana maranhense”.

O que subjaz à Quatrocentenária São Luís quando investigamos a adoção dos topônimos Beco da Alfândega e Travessa Marcelino de Almeida é o fator econômico memorizado na palavra alfândega, uma vez que o topônimo Beco da Alfândega remete à repartição pública onde eram inspecionadas as mercadorias que transitavam na Praia Grande e, conseqüentemente, o órgão que cobrava os impostos/taxas de saída e entrada de bens de consumo na Capital.

Ressaltamos ainda sobre a referenciação toponímica, uma vez que muitos topônimos tem sua gênese em elementos de suma importância local, que acabam sendo usados como ponto de referência para localizarem tal endereço, assim, temos a alfândega como sendo o órgão em que todos os mercadores deveriam conhecer, dessa forma, se tornou referência para a adoção

⁵ Centro Histórico de São Luís é formado por aproximadamente 14 bairros (Apicum, Vila Passos, Madre Deus, Diamante, Lira, Belira, Goiabal, Fabril, Desterro, Camboa, Coréia de Cima, Coréia de Baixo, Macaúba, Centro (Curvelo-Matos, 2014, p. 103).

toponímica que situa o beco onde tinha a aduana da Cidade; a menção à rua que cortava transversalmente (travessa) o Beco da Alfândega, via de fundamental importância local, uma vez que fazia menção ao primeiro comerciante exportador de amêndoas e óleo do coco babaçu, (Travessa) Marcelino de Almeida, daqui da capital do Maranhão, a partir de sua empresa, a Marcelino Gomes & Cia.

Caro leitor, antes que nos traia a memória seletiva, devemos chamar sua atenção para duas informações sobre o uso dos topônimos Beco da Alfândega, Travessa e Rua Marcelino de Almeida: (i) quando Melo (1990, p 19) afirma “o povo o consagrou de Beco da Alfandega até os dias de hoje”, devemos entender que havia a institucionalização oficial/legal do topônimos que, popularmente não era usado e que, por volta de 1990⁶ (“até os dias de hoje”) o lugar era conhecido por esse Topônimo. No que se refere à adoção legal do topônimo Rua Marcelino de Almeida, em detrimento de Beco da Alfandega, isto é, a categorização de *beco* > *rua*, Vieira Filho (1971, p. 132), assevera que, “o Beco da Alfandega passou a chamar-se de rua Marcelino de Almeida pela lei municipal nº 345, de 14 de maio de 1924”⁷.

No Beco histórico, reúnem-se, religiosamente muitos universitários, funcionários públicos, pessoas simples, boêmios, remanescentes de saudosismo, intelectuais, numa variedade incontável, sempre às sextas-feiras para o bate papo e discutir de política a filosofia, passando por amenidades veiculadas na televisão, entre um gole e outro de cerveja e outras bebidas. No beco, nossa cultura maranhense reina e é bastante presente (OLIVEIRA, 2018, p. 45).

⁶ Ano em que a pesquisadora publicou a obra *Índice toponímico do centro histórico de São Luís*. Melo foi uma das pioneiras locais na pesquisa e publicação de materiais propriamente ditos toponímicos. Muito daquilo que lemos em sua obra nos remete ao renomado Vieira Filho (1971), sendo que este não classifica sua obra como sendo toponímica e não podemos ver alguns topônimos que sofreram ATs da década de 70 à de 90, como em Melo (1990).

⁷. Além de Vieira Filho (1971), Melo (1990), Lacroix (2012, p. 572) também ressalta a AT de Beco da Alfandega para Rua Marcelino de Almeida, destacando a lei municipal e a data.

Para não perdemos o rumo da prosa sobre o beco, o Beco da Alfândega e de sua importância comercial e social para os ludovicenses tanto do século XX, época em que houve as ATs para homenagear um ilustre comerciante local que projetava os produtos da *Terrinha* para fora da *Terrinha*, o comerciante Marcelino de Almeida, lançamos mão de uma nota enciclopédica sobre o Beco da Alfandega, que resgata os usos medicinais de sanguessugas na Senhora São Luís da segunda metade do século XIX:

No bêco da Alfândega havia em 1857 um famoso deitador de bichas hamburguesas que anunciava sua especialidade com certo estardalhaço. As bichas ou sanguessugas tinham por então seu valimento na cura de inúmeros males. E em São Luís alguns barbeiros aliavam às atividades de figaro as de deitadores e sangradores (Vieira Filho, 1971, p. 132).

Nas pesquisas toponímicas é algo muito raro encontrarmos o registo histórico de nascimento de um Topônimo, principalmente no que tange ao fator legislativo/jurídico/legal, assim, quando ressaltamos o uso oficializado do topônimo Rua Marcelino de Almeida em detrimento de Beco da Alfandega, estamos enfocando, também, a gênese do nome do lugar, o topônimo em si e aquilo que foi importante popularmente, mas também legalmente para o povo memorizar, homenagear e imortalizar no topônimo, neste caso, a aduana e sua função reguladora dos impostos sobre bens e produtos de consumo, assim como as transações comerciais desenvolvidas na Praia Grande, como a exportação de um dos principais produtos do Estado (o babaçu com seus subprodutos).

Além da firma de negócios Marcelino Gomes & Cia, a Rua Marcelino de Almeida ou Beco da Alfandega agregava comércios, empórios como: Praça do Comércio dos Armazéns Novos; Secos & molhados; Filho & Companhia; Comissões, consignações, conta própria; J. Cardoso & Cia, fundada em 1937, armazém de estivas e miudezas; Wladimir Franklin da Costa; Cutrim & Cia, negociação de babaçu, gergelim, mamona; Andrade Souza & Cia,

Ducanges & Cia, indústria e comércio de óleos vegetais, a sede da Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, Pensão de Raimundo, destinada a viajantes temporários ou semipermanentes (estudantes, universitários, comerciantes, enfermos, desempregados) além desses estabelecimentos, Oliveira, (2018, p. 45) assegura que

tivemos inúmeras casas de cômodos, tolerância, e bares, haja vista, que a boemia sempre reinou na Praia Grande; base da Faustina ou Base da Gorda, nº 180, esquina da travessa Marcelino Almeida com a rua do Giz, a base da Faustina era um bar remanescente de uma época cada vez mais remota da boêmia da cidade (<https://jornalpequeno.com.br/2023/02/02/praca-da-faustina-em-sao-luis-passa-por-obras-de-manutencao-e-reforma>).

A outrora Companhia de Navegação e Comércio maranhense foi substituída pela Alfândega, esta, por sua vez, foi criada em 1751, pela Provisão Régia, de 22 de maio, com a função de recolher impostos sobre bens de consumo que transitassem nos portos marítimos do Estado, assim, entre as “mercadorias” que eram negociadas no Maranhão e que passavam pela Alfândega em 1797, Marques (2008, p. 105) afirma que tivemos a exportação de algodão, arroz e courama. Sobre a localização no espaço físico da Praia Grande, o Historiador informa basicamente o que já sabemos sobre o beco onde ficava a Alfândega, melhor descrição fotográfica, não encontramos até o momento:

Já disse que a Alfândega do maranhão funcionava em um velho pardieiro, que, além de ser acanhado para o movimento comercial da praça do Maranhão, fica situado em uma rua estreita, sem espaço suficiente para a pronta entrada e saída das mercadorias, e, o que mais é, situado a uma certa distância da ponte de descarga (Marques, 2008, p. 108).

Se formos fazer um apanhado bem a calhar até aqui, podemos ver variados elementos da nossa cultura nos topônimos já

descritos, assim, no topônimo: (i) a *rua* da Alfândega, o *beco* da Alfândega, sobressai esse órgão público encarregado de recolher impostos sobre a transitarão de mercadorias no Maranhão imperial do século XVIII-XIX, mas também o uso indiscriminado tanto do termo rua quanto de beco, sendo que este último tinha valor depreciativo; (ii) Rua Marcelino de Almeida/Travessa Marcelino de Almeida o destaque é para o dono de expressa situada na Praia Grande, assim como a importância dela, que servia para venda interna e externa do babaçu com seus subprodutos (óleo, amêndoas); (iii) Praça do Seresteiro e Praça da Seresta o foco é no burburinho das atividades de entretenimento dos frequentadores do lugar, os boêmios de carteirinha.

O que todos esses topônimos têm em comum com Faustina? Quem foi Faustina nesse contexto histórico/social/cultural do Centro Histórico da Quatrocentenária São Luís? Porque, uma mulher foi tão importante para o nomeador da praça que serviu para nomear esse espaço público na atualidade? São inquietações que o percurso histórico, a partir dos topônimos já detalhados, nos ajuda a responder/esclarecer/mostrar e comprovar.

Todos os topônimos estudados aqui têm uma relação íntima, direta e indissociável com o atual Praça da Faustina porque foram denominações que esse lugar teve ao longo dos séculos XIX e XXI, assim, nos resta então, evidenciar quem foi Faustina, no contexto Centro Histórico da Quatrocentenária São Luís, para que tenha motivado o topônimo desse importante palco de manifestações artísticas que é a praça que a homenageia e immortaliza na Toponímia local.

Faustina Matilde Pereira nasceu no município de Alcântara (04/02/1946), morou praticamente, meia década no Centro Histórico ludovicense (OLIVEIRA, 2018), é considerada como uma figura feminina avante no seu tempo, uma vez que, na condição de mulher, empreendeu e manteve, durante muito tempo uma empresa sua, na Praia Grande, a Base da Faustina ou Base da Gorda, ambos topônimos transparentes tanto do nome próprio da ilustre Senhora comerciante (Faustina Matilde Pereira) quanto do

nome fantasia de sua empresa (bar/restaurante/base) e de uma característica física da Senhora (Base da Gorda).

Tivemos inúmeras casas de cômodos, tolerância, e bares, haja vista, que a boemia sempre reinou na Praia Grande; base da Faustina ou Base da Gorda, nº 180, esquina da travessa Marcelino Almeida com a rua do Giz, a base da Faustina era um bar remanescente de uma época cada vez mais remota da boêmia da cidade. Roberto Miro Pereira, filho da comerciante, explicou que dona Faustina Pereira nasceu em Alcântara, no dia 4 de fevereiro de 1946 e, há 48 anos morava no Centro Histórico de São Luís. Ocupa um casarão de dois pavimentos, encravado num dos pontos mais pitorescos da área histórica, frequentado por um grande número de artistas, intelectuais e populares (OLIVEIRA, 2018, p. 45).

A partir dessas afirmações de Oliveira⁸, podemos evidenciar: (i) as casas de pensão, que serviam de hospedaria e também de motéis/prostíbulos, daí serem denominadas de *casas de cômodos, tolerância*; (ii) o uso da palavra base (*base da Faustina era um bar remanescente*) para se referir a bares onde reinava o entretenimento dos boêmios que se encontravam para desfrutar de músicas, como a seresta, beber, namorar, se divertir; (iii) a ocupação do centro histórico por comerciantes abastados, mas também por pessoas simples, que vinha de outros municípios para tentar a vida na Capital, isso era um pouco mais dificultoso para mulheres, fato que não intimidou ou tirou o protagonismo da Dona Faustina Matilde; (iv) o casarão onde funcionava a Base da Faustina ou Base da Gorda serviu como referência toponímica para a praça Homônima, havendo, dessa forma, um alargamento do topônimo para designar não mais um estabelecimento particular (da Faustina), mas do povo ludovicense (Praça da Faustina); (v) o casarão de Dona Faustina era

⁸ Após essa explicação, Oliveira (2018, p. 44) coloca como fonte de pesquisa o *Jornal Pequeno*, de 09/06/2008, fonte de informação impressa que ainda circula livremente pela Nossa Ilha, uma vez que ainda há quem o privilegie esse Imortal e tradicional *Jornal Pequeno*.

de 2 pavimentos, o que significa afirmar que seguiu o padrão: piso térreo, usado para o comércio/base/bar e o 1º andar, o dos cômodos.

Esse ba da Faustina aqui, pra começo, era apenas um restaurante, primeiramente teve a Base do Macaco, eu tinha um macaco bem aqui, nessa janela bem aqui, aí, da Base do Macaco, ficou Base da Gorda, a história de contador, aí botaram Base da Faustina. Ela morreu, ficou com esse nome Ba da Faustina, até hoje é esse nome. Eu que ajudei ela a construir, fazer esse ponto, funciona, com responsabilidade muito grande e, até hoje, nunca teve bagunça, nunca teve briga (Seu Luiz, comerciante, DAQUI, 1'17"- 2'49")⁹.

O bar/base da Faustina serviu de referência toponímica à praça, houve um alargamento toponímico antropocultural porque tanto no bar quanto na praça, a referência é o nome da Senhora Faustina Matilde e as atividades culturais memorizadas a partir do estabelecimento comercial que ela chefiava, assim, quando pensamos em praça pública, a referência toponímica/cultural, remete a local onde há uma vasta programação de manifestações da nossa cultura, como é o caso das serestas (passado) e das rodas de Tambor de Crioula (atual), Patrimônio imaterial nacional desde 2007, daí termos outra motivação toponímica para a Praça da Faustina.

Notemos que, a Praça da Faustina/Praça do Tambor do Crioula, por estar dentro do bairro da Praia Grande e este por ter passado pelo processo de revitalização, não só dos casarões, mas das ruas, dos becos, das praças, escadarias, cumpre o que determinam os critérios destacados para a concessão do título de Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, conferido a São Luís pelo Bureau do Comitê do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO:

Testemunho excepcional de tradição cultural;
Exemplo destacado de conjunto arquitetônico e paisagem urbana
que ilustra um momento significativo da história da Humanidade;

⁹ Versão completa do documentário, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EWCAAsK-GZb0>.

Exemplo importante de um assentamento humano tradicional que é também representativo de uma cultura e de uma época (O ESTADO DO MARANHÃO, 2012, p. 47).

Até aqui nos cabe outro, entre muitos questionamentos: O que subjaz à Quatrocentenária São Luís a adoção dos topônimos que referenciam uma mulher preta/negra/mulata, que não é nome de vulto na política, na economia, na calçada das personalidades famosas daqui? O que está por trás da adoção do nome de uma pessoa popular, simples e do povo, real representante das camadas trabalhadoras é que abrilhanta e dá importância ao uso desse topônimo Praça da Faustina. Em uma Cidade em que a maior parte dos lugares públicos são nomeados em homenagem às personalidades importantes, importa dizer que, Faustina também é importante, a tal ponto de ser homenageada e, a partir dela, todos os outros, as outras maranhenses/ludovicenses que ela, metonimicamente, representa.

O Topônimo Praça do Tambor do Crioula, espelha exatamente o que nomeia, as apresentações culturais que acontecem periodicamente nesse espaço, as rodas de Tambor de Crioula, que se tornaram mais notórias tendo um lugar destinado a elas, a esse respeito, temos uma notícia animadora aos amantes dessa festança, de matriz afro, no Jornal Pequena (02/02/2023) que enfatiza a reforma e entrega da Praça.

A obra de manutenção e reforma da Praça da Faustina, localizada na Rua do Giz, no Centro Histórico de São Luís, foi entregue pelo prefeito Eduardo Braide. Para celebrar o momento, um grupo de tambor de crioula se apresentou no local. Com investimento de mais de R\$ 210 mil, a obra contemplou a conservação do traçado existente e materiais já empregados, conforme a gestão municipal. O piso foi substituído e alguns bancos foram colocados para aproveitar a sombra das árvores existentes. Foram feitas manutenções nas lixeiras e na iluminação, além da implantação de novo paisagismo, ressaltou a Prefeitura. Também foram executados serviços de pintura das paredes e demais elementos, assim como a reforma da capela,

substituindo seu telhado, bancada e revestimento interno. A capela recebeu, ainda, nova iluminação, grade de proteção e o portão foi substituído por uma porta em madeira.

Uma das motivações toponímicas pelos quais a Praça da Faustina também é conhecida e nomeada como Praça do Tambor de Crioula é o fato desse lugar abrigar uma pequena e significativa capela de São Benedito, protetor dos negros, assim, tudo se encaixa, como numa engrenagem que funciona em perfeita Harmonia: o trânsito das pessoas pelo lugar, as festas, as danças, as músicas, o entretenimento, a vida alegre e fluida que é vivida ali, principalmente a tarde, a noite, em dias de festas comemorativas, em feriados ou não, os guetos da praia Grande respiram, pulsam nossas memórias, resgatáveis pelos topônimos dali.

No que tange à Capela de São Benedito, sua relação com a roda do Tambor de Crioula e Dona Faustina, em entrevista ao programa televisivo DAQUI, a Produtora Cultural Carla Coreira, explica, o que funcionava no lugar da igreja (uma lixeira) e como, tanto a Praça quanto a capela são importantes espaços de resgate, preservação e memória Negra, enraizados que são com a Ilustre Senhora, uma vez que ela promovia atividades culturais como pagode, samba e o Tambor de Crioula:

Essa capelinha a gente construiu pra voltar a resgatar o Tambor de Crioula que a gente tinha aqui antigamente. Aui era uma lixeira, e ai, eu fui e abri, limpei e fiz uma capela pra São Binidito, há sete anos já. (...). Na época que Faustina era viva, eu estudava ainda, eu lembro que eu saía da escola, vinha prá cá, dançava Tambor na fera e da fera a gente vinha prá cá que tinha um samba e um pagode. Ela fiava sentada na porta do ba dela olhando nós, com um vestidinho vermelho coladinho, e ai, depois que acabava o samba, a gente fazia o Tambor de Crioula (Carla Coreira, Produtora Cultural, DAQUI, 3'49" - 5'23")¹⁰.

¹⁰ Versão completa do documentário, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EWCAsk-GZb0>.

Carla Raquel Mota Belfort, a Carla Coreira, mora no Centro Histórico a mais de 10 anos, do alto do seu lugar de fala, essa Autoridade explica ainda, que, quando Dona Faustina morreu, todas as manietações culturais que aconteciam ali (pagode, samba, roda de tambor), morreram juntas, deixaram de ser ofertadas, o lugar ficou abandonado e somente anos depois é que a Praça foi reformada, a capela estruturada e o topônimo mantido para resgatar a alma de lá, uma vez que, “na Praça da Faustina a gente realiza atividades culturais e todos os dias eu venho aqui e abro a casa para os tambores pegá sol, faço roda, (...) a Capela já tem 8 anos de resistência”. E há de resistir mais ainda às intempéries sociais. (<https://www.youtube.com/watch?v=Ky73jGC5iJY>)¹¹.

Essa fala de Carla Coreira nos evidencia dos fatores de extrema importância para que possamos tentar ver o espaço físico da Praia Grande sob duas óticas, conforme atesta Burnett (2012, p. 16), quando afirma que “Os centros históricos sofrem em essência de dois problemas; ou ficam congelados, no tempo e no espaço, a partir do esgotamento das atividades econômicas que lhes deram origem e grandeza”, o que nos faz refletir que, se hoje temos uma praça onde originalmente foi um casarão, depois um estacionamento, até (chegar ao local público de entretenimento) agora praça, é porque, pelo menos, com o projeto de revitalização, o espaço pode quebrar esse ciclo vicioso do descaso das políticas públicas com o que é público. Continuando com Burnett (op. cit.), temos o segundo fator, quando o Historiador assegura que, [os centros históricos] “são diariamente eletrocutados por funções que lhes negam qualquer possibilidade de dignidade e permanência” para poderem continuar a resistir às intempéries do descaso.

E VAMOS SINGRANDO MEMÓRIAS

A partir do estudo descritivo de cada uma das ATs destacamos a importância histórico/cultural/econômica/social de cada um dos

¹¹ Versão completa do documentário, disponível em: <https://youtu.be/Ky73jGC5iJY>.

topônimos e, em cada momento em que eles vigoraram, assim, temos as ATs: Rua da Alfândega > Beco da Alfândega > Rua Marcelino de Almeida > Travessa Marcelino de Almeida > Praça do Seresteiro > Praça da Seresta > Base do Macaco > Base da Gorda > Base da Faustina > Praça da Faustina > Praça do Tambor de Crioula. O que nos chama a atenção em cada uma desses 11 topônimos da atual Praça da Faustina, é a AT tanto do substantivo de delimitação espacial (rua, praça, beco, travessa) quanto a dos substantivos antropoculturais referentes: à repartição pública comercial (alfândega,), a nome de pessoas (Marcelino de Almeida, Faustina), a funções profissionais relacionadas à arte musical (seresteiro), festividades (seresta, Tambor de Crioula), o estabelecimento comercial de entretenimento (bar, base/restaurante).

| TOPÔNIMO | QUANDO | O QUE/QUEM |
|---|------------------|---|
| Base do Macaco Base da Gorda Base da Faustina | Séc. XX/1987 | mulher, negra, empreendedora, vanguardista, produtora cultural |
| Praça da Faustina | Séc. XX/1987 | mulher, negra, empreendedora, vanguardista, produtora cultural |
| Praça do Tambor de Crioula | Séc. XXI/2023 | manifestações culturais afro |
| Praça do Seresteiro | Séc. XX/1987 | profissional das noites de entretenimento |
| Praça da Seresta | Séc. XX/1987 | manifestações culturais boemias |
| Beco da Alfândega | Séc. XIX/1857 | aduana maranhense e suas transações comerciais na Praia Grande |
| Rua da Alfândega | Séc. XIX/1857 | aduana maranhense e suas transações comerciais na Praia Grande |

| | | |
|-------------------------------|-----------------|---|
| Travessa Marcelino de Almeida | Séc. XX/1990 | Empresa/empresário do ramo alimentício de exportação/babaçu |
| Rua Marcelino de Almeida | Séc. XX/1924 | Empresa/empresário do ramo alimentício de exportação/babaçu |

O que podemos afirmar sobre a AT: Beco da Alfândega > Rua da Alfândega, processada no século XIX? Da segunda metade do século XIX à primeira metade do século XXI, os topônimos que serviram para representar a atual Praça da Faustina, foram sendo alterados tendo em vista os elementos culturais de mais relevância social para o ludovicense dessas épocas, dessa forma, em 1857, com as transações comerciais que eram gerenciadas pela aduana maranhense, foi importante destinar uma parte do espaço físico da Praia grande para sediar a coletoria de impostos, isso está adequadamente presente nos topônimos Beco da Alfândega e Rua da Alfândega, sendo aquele topônimo referenciado por uma rua/*pardieiro* sem nenhuma estrutura para abrigar órgão público de tamanha importância para o Estado oitocentista, por isso, o espaço foi pavimentado, dando origem à rua que sediava a alfândega, assim, o beco deixa de ser referência toponímica para a alfândega.

Com o desenvolvimento político e comercial de São Luís, houve implantação de empresas de variados tipos, dentre elas, destacamos os estabelecimentos do gênero alimentício, aqueles intitulados com sendo os dos secos e molhados, isso é perfeitamente resgatável tanto do topônimo Travessa Marcelino de Almeida quanto da Rua Marcelino de Almeida, empresário que exportava os subprodutos do coco babaçu para fora do estado/país, servindo para movimentar ainda mais a economia local, digo, da Capital e do Estado.

O que servia para movimentar a economia local do Centro histórico da Praia Grande não eram somente essas empresas de abastados comerciantes, mas também as outras atividades igualmente desenvolvidas ali, cujo foco era a venda de comida

(Base do Macaco/Base da Gorda/Base da Faustina), o entretenimento acompanhado de bebidas, petiscos, música boa, boas companhias (Praça do Seresteiro, Praça da Seresta, Base do Macaco/Base da Gorda/Base da Faustina), evidenciando dessa forma que os topônimos foram mudados em atendimento aos anseios culturais, políticos, econômicos que foram sendo processados ao longo de 2 séculos, comprovando, dessa maneira, o caráter documental, testemunhal, de resgate e preservação que é o topônimo para o lugar.

Entender esta contradição entre discurso e realidade, entre intenção e efeito, exige situar historicamente nosso patrimônio na dinâmica urbana de toda a cidade, pois até a década de sessenta, o centro histórico de São Luís era apenas o centro de uma cidade que mal ensaiava a ocupação das áreas além dos rios Anil e Bacanga. Todos que aí vivíamos não tratávamos o centro como patrimônio cultural, apesar de alguns tombamentos federais já existirem desde os anos cinquenta. tampouco havia qualquer produção intelectual – livros, poesias, canções, hinos – que indicasse por parte dos produtores culturais um tratamento diferenciado para aquela região da cidade (BURNETT, 2012, p. 19).

O nome do lugar, isto é, o topônimo, pode até ser mudado, sofrer alteração de ordem lexical (base, bar, praça, rua, travessa, beco), de ordem legal (da Alfandega, do Marcelino, da Faustina), de ordem religiosa (da Capela de São Benedito), de ordem popular de resistência (do Tambor de Crioula), mas vai sempre servir de testamento/testemunha *ocular* de tudo isso que não está (mais) tão evidente na carne que cobre o chão, nas paredes imponente da azulejaria ou nos mirantes das histórias ali vividas, sofridas, incrustadas, encravadas, enraizadas. Podemos afirmar, com todas as evidências aqui postas que, depois de 411 anos temos como conhecer São Luís a partir de seus topônimos, a Praça da Faustina é exemplo vivo dessa preservação da memória coletiva/ludovicense.

Um lugar, 11 topônimos: Base do Macaco, Base da Gorda, Base da Faustina, Praça da Faustina, Praça do Tambor de Crioula, Praça do Seresteiro, Praça da Seresta, Beco da Alfândega, Rua da Alfândega, Travessa Marcelino de Almeida, Rua Marcelino de Almeida. E assim, a rua e o beco que eram da Alfândega, que eram da rua e da travessa do Marcelino de Almeida, que eram da praça do Seresteiro e da Seresta, que eram da base do Macaco de Seu Luíz, da base e do bar da Senhora Faustina Matilde Pereira, que são da praça da Faustina, do Tambor de Crioula, da Capela de São Benedito, vão tecendo histórias que ora se pôde resgatar aqui e dali daquele chão de paralelepípedo, daquelas paredes de azulejos, daquele mirantes dos casarões, daquela Praça toponímica que é o Centro Histórico (da Praia Grande) da Quatrocentenária São Luís... e assim, vamos buscando os motivos dos nomes, pisando neste e naquele chão de paralelepípedo, ocupando nosso beco, pausando nossa roda de conversa, singrando nossas memórias, fazendo nossas histórias pelos guetos toponímicos.

REFERÊNCIAS

BURNETT, Frederico Lago. *São Luís por um triz: escritos urbanos e regionais*. São Luís: UEMA, 2012 (estudo p. 15-31).

IMIRANTE.COM. Daqui conta a história por trás do nome da praça da Faustina em São Luís. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/ma/tvmirante/noticia/daqui-counta-a-historia-por-tras-do-nome-da-praca-da-faustina-em-sao-luis.ghtml>. Acesso em: 13/06/2022.

JORNAL PEQUENO. Praça da Faustina em São Luís passa por obras de manutenção e reforma. Disponível em: <https://jornalpequeno.com.br/2023/02/02/praca-da-faustina-em-sao-luis-passa-por-obras-de-manutencao-e-reforma/>. Acesso em 27/02/2023

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. *São Luís do Maranhão: corpo e alma*. São Luís: Gráfica Santa Marta, 2012.

MARQUES, César Augusto. *Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 2008. (fac-símile da 1ª ed. Maranhão Typogravura do Frias, 1870).

MELO, Magnólia Sousa Bandeira. *Índice toponímico de Centro histórico de São Luís*. São Luís: EDUFMA, 1990.

O ESTADO DO MARANHÃO. Edição especial, 400 anos de São Luís. Patrimônio Histórico da humanidade. São Luís: O Estado, 2012, p. 45-47.

Paixão Devoção e Amor Praça da Faustina São Luís do Maranhão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ky73jGC5iJY>. Acesso em 27/02/2023.

OLIVEIRA, Antonio Guimarães de. *Becos & Telhados*. São Luís: Dakotas Editoras Ltda, 2018.

VIEIRA FILHO, Domingos. *Breve história das ruas e praças de São Luís*. São Luís: Olímpica, 1971.

ZAGO FILHO, José Fortunato (Org.). *São Luís-Centro Antigo: guia toponímico*. São Luís, 2018.

ASPECTOS TEXTUAIS DOS DISCURSOS ESPECIALIZADOS: OLHARES SOBRE CORPORA TERMINOLÓGICOS ORAIS E ESCRITOS

Luís Henrique Serra¹

INTRODUÇÃO

A Terminologia é uma área dos estudos da Linguística Aplicada e tem como principal objeto de investigações e análise o léxico e o discurso especializado (o texto e a comunicação que ocorre no universo científico, profissional e demais tipos de conhecimento humano). As primeiras reflexões na Terminologia se ocupavam com o nível lexical, e isso, talvez, tenha feito com que as pesquisas terminológicas tenham, nesse nível de análise, um olhar preferencial. O interesse pelos aspectos textuais e discursivos das linguagens especializadas é recente e ainda carece da aderência de pesquisadores.

A Terminologia é um campo de estudos ainda muito recente, sobretudo porque as reflexões sistemáticas dessa disciplina iniciam-se na década de 70 do século passado e foram motivados pela antigo desejo do homem em ter uma linguagem universal que auxiliasse a superar a diversidade de formas que as diferentes culturas humanas denominam as mesmas coisas. Os primeiros estudos buscavam a normatização da comunicação e viam, na diversidade linguística, um atrapalho que deveria ser combatido. Um discurso preocupado com aspectos linguísticos e descritivista é mais recente ainda, e retoma os primeiros anos da década de 90, após um movimento de intelectuais de diferentes áreas do saber contra práticas e políticas de extermínio e dominação de idiomas

¹ Programa de Pós-Graduação em Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão. luis.henrique@ufma.br

nativos impetrados por nações economicamente relevantes no cenário mundial.

A Política Linguística e a Tradução são dois campos que colaboraram para o surgimento de abordagens linguísticas dentro da Terminologia, porque essas áreas se depararam com problemas reais relacionados ao domínio de línguas majoritárias e ao extermínio de idiomas nativos. A tradução, em línguas minoritárias, de termos técnicos foi um outro desafio para a luta pela preservação de línguas autóctones e sua valorização enquanto idioma de cultura e conhecimento.

Após a assunção de uma mentalidade linguística, a Terminologia desenvolveu uma identidade em que os aspectos linguísticos passaram a ser relevantes para o planejamento e para a descrição das linguagens técnicas. É importante destacar que, antes de linguistas assumirem a preocupação com a comunicação especializada, a dimensão linguística da comunicação técnica era negligenciada, porque havia um interesse destacado pelo aspecto conceitual e lógico da linguagem.

Muito embora algumas dessas ideias não linguísticas permaneçam firmes nos estudos do discurso especializado ainda hoje, é importante destacar que a Linguística passou a assumir a Terminologia como uma disciplina de seu arcabouço teórico e o contato com as discussões e ideias dos estudos da linguagem regular tem ampliado o alcance e as reflexões e trouxeram novas contribuições para a Terminologia. Em discussões mais recentes, tem sido possível pensar na comunicação especializada em sua integralidade, considerando, para além do léxico (que agora é visto em múltiplas perspectivas), o texto, a definição, a fraseologia especializada, a interação e a comunicação face a face entre muitos outros aspectos da comunicação no âmbito dos universos especializados.

Outro ponto de mudança observado é a ampliação das concepções e das áreas dos estudos terminológicos. Abordagens como Socioterminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia e a Terminologia Textual, entre outras propostas de análise da

comunicação em ambientes técnicos e científicos surgem da mudança de perspectiva. Nessa direção, Hoffmann (2015, p 107) afirma que

Apenas recentemente considerou-se que o encadeamento de elementos de diferentes níveis linguísticos no âmbito da frase complexa merecia uma pesquisa mais aprofundada. Contribuíram para essa mudança a crescente influência da Linguística Textual sobre a Linguística moderna e a necessidade natural da pesquisa de linguagens especializadas.

A partir de um interesse pelos estudos do texto pela Terminologia, o presente reflexão foca em uma abordagem dos estudos terminológicos que ficou conhecida como Terminologia Textual, que tem origem na virada epistemológica que a Terminologia vem apresentando nos últimos decênios. Nessa abordagem, o foco recai sobre a análise da unidade lexical no texto especializado, sobretudo, para observar o funcionamento da linguagem a partir dos textos que circulam nas diferentes áreas do saber humano. Com forte influência dos estudos da Linguística do Texto, o campo da Terminologia Textual tem contribuído e muito para a compreensão dos fenômenos terminológicos de um modo geral.

O presente capítulo tem como objetivo geral apresentar algumas discussões do campo da Terminologia Textual e mostrar como a Terminologia tem evoluído enquanto disciplina de análise dos estudos da comunicação em ambiente especializado após assumir um olhar para o texto terminológico. Nessa perspectiva, não deixaremos de apresentar o diálogo que a disciplina faz com a Linguística de *Corpus* e como esse diálogo impacta na forma como o terminólogo faz pesquisas atualmente. Por fim, apresentaremos alguns exemplos de pesquisas feitas pelo Grupo de Estudos em Terminologia, Texto e Discurso - GETTED e como as discussões assumidas pelo grupo têm norteado as investigações produzidas pelos integrantes do grupo.

A TERMINOLOGIA E AS ABORDAGENS DO TEXTO TERMINOLÓGICO

Entendendo que o discurso especializado se materializa também por textos, a Terminologia Textual é um campo dos estudos terminológicos que se desenvolve a partir de um conjunto de reflexões criadas no interior da Linguística e que se caracterizam pela compreensão da estrutura e do funcionamento do texto nas interações reais. No campo da Terminologia, o campo recebe forte inspiração na Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 2003). Essa teoria fundamenta as discussões sobre o aspecto linguístico dos discursos especializados e sobre a circulação do texto no universo da ciência e da técnica.

Na perspectiva da Teoria Comunicativa da Terminologia, os fenômenos que ocorrem no discurso regular e comum são os mesmos que ocorrem no discurso especializado, mas, assim como na linguagem regular, esses fenômenos têm um significado próprio e atrelado à forma como a comunicação ocorre nesses espaços. Desse modo, fenômenos semânticos, morfológicos e sociolinguísticos também podem ocorrer no discurso científico, o que instaura uma visão completamente diferente de uma visão cuja base é que a ciência é um discurso neutro e livre de aspectos sociais.

A visão mais descritivista da Terminologia criou inúmeras abordagens dentro dos estudos sobre o discurso científico, dentre elas, a abordagem dos estudos do texto terminológicos. O campo de estudos tem forte inspiração da Linguística do Texto, mas não só dela. A seguir, apresentamos algumas propostas que nasceram na Terminologia Textual e como os teóricos mais conceituados dessa área têm olhado para o fenômeno do texto no universo especializado.

Muito embora não seja recente o interesse dos estudiosos da Terminologia pelo texto especializado, pesquisas sistemáticas sobre o tema ainda são recentes. Uma das primeiras visadas do campo da Terminologia para o texto está atrelado ao fato de que o status de um termo, ou uma unidade terminológica, está atrelado a

seu uso em um texto especializado. Nessa perspectiva, qualquer unidade terminológica pode ser um termo, no entanto, é necessário que ela esteja sendo utilizada em contexto de termo, ou seja, no contexto de um texto especializado. Em outras palavras, o que valida se uma unidade lexical é um termo é o texto especializado.

Bourigaut e Slodzian (2004) comentam que todo trabalho terminológico deve ter como base o estudo dos textos terminológicos, porque é nos textos, nos usos especializado que um lexema vira uma unidade do sistema terminológico. Os autores comentam que “É nos textos produzidos por uma comunidade de especialistas que estão expressos e, portanto, disponíveis uma boa parte dos conhecimentos compartilhados por essa comunidade; é por aí que se deve começar uma análise” (BOURIGAUT; SLODZIAN, 2004, p. 103).

Candomines (2018) explica que os anos 90 do século passado trouxeram novas possibilidades de pesquisa, o que levou às reflexões sobre o texto e aponta essa década como a década em que é possível observar um número maior de trabalhos terminológicos que se ocupam do texto. Nesse sentido, ela aponta essa década como um marco do início da Terminologia Textual. Para ela, a abordagem da Terminologia Textual nasce da necessidade de reconhecimento do uso real dos termos como uma unidade linguística e da popularização de softwares que permitam o processamento de textos. A autora aponta quatro fatos levaram a necessidade dos estudos dos textos em ambientes especializados:

- A necessidade das empresas pela tradução, extração, organização e produção de textos, o que demandou o uso de recursos terminológicos que processassem textos em grandes quantidades;

- Passou-se a observar o descompasso entre os termos que eram referências institucionais e a realidade utilizada pelos especialistas em sua prática cotidiana;

- A criação de ferramentas que possibilitaram o processamento de textos e de suas unidades. Desse modo, ferramentas de marcadores morfossintáticos, extratores de termos,

concordanciadores foram ferramentas fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas terminológicas com textos;

- A reflexão sobre o uso de corpora na linguística de um modo geral.

Na esteira do que apresenta Condomaine, Auger e L'Homme (2004) também apontam para o fato do desenvolvimento da informática e das reflexões sobre o funcionamento do texto como acontecimentos cruciais para o desenvolvimento de uma mentalidade textual na Terminologia. Os autores comentam, nesse sentido, que “ Nessa nova abordagem, a palavra (o termo), longe de ser tratada como uma unidade isolada, é indissociável do texto que a encerra e lhe dá seu sentido (conteúdo cognitivo)” (AUGER; L'HOMME, 2004, p 109).

Krieger (2004, p.329), por seu turno, comenta que

A aproximação entre Terminologia e texto pode ser situada em três eixos básicos: o redimensionamento da natureza e dos fundamentos epistemológicos da disciplina terminológica; o aprofundamento da compreensão sobre a gênese do comportamento discursivo dos objetos terminológicos; o impulso das investigações centradas no reconhecimento das características e propriedades específicas dos textos especializados.

Para além de um fenômeno social mais amplo - como o crescente uso e disponibilidade de textos criados por ser-humano na internet e a criação de programas computacionais gratuito de processamento de muitos textos -, sobre essa mudança de visão na Terminologia, é necessário olhar para um fenômeno de natureza ontológica, que é a mudanças na própria episteme do campo, ou seja, uma mudança na própria concepção de objeto de estudos: agora o léxico não é o único objeto dos estudos terminológicos, mas também o texto. Essas mudanças de perspectivas do objeto fizeram com que o pensamento sobre o que analisar em terminologia se ampliasse e construísse um campo de estudos que ficou conhecido como Terminologia Textual.

Finatto (2004) identifica, no movimento que a Terminologia faz em direção a uma reflexão sobre o texto, três formas de entendimento sobre esse objeto: o primeiro o texto como forma e sua estrutura; o texto como fonte dos termos é um momento da compreensão do texto como o lugar da enunciação, da prática linguística.

Para Krieger (2004), as pesquisas no campo da Terminologia Textual elegeram como foco a identificação das propriedades do texto especializado, as tipologias e os gêneros textuais produzidos nas comunicações especializadas e o texto como fonte de terminologias técnicas como prioridades de pesquisa e isso tem dado o tom nas investigações dessa área. Ainda de acordo com Krieger (2004, p. 321),

Os estudos da comunicação especializada, materializada numa ampla diversidade de textos - desde artigos científicos, teses entre outros - cada vez mais, mostram que não se trata de entender esse tipologia textual apenas como um lugar de projeção das terminologias, mas de muitas outras propriedade de natureza sintática e da ordem do gênero e do estilo.

Para além da informação sobre como surge uma ideia e quais foram as circunstâncias da formação de uma epistemologia textual no campo da Terminologia, cumpre comentar de que modo a Terminologia entende o objeto texto. Como essa disciplina pensa no objeto texto e quais as suas características.

Kocourek (1991, p. 02) define que “Os textos especializados capturam e expressam o conteúdo especializado, cujas unidades semânticas dominantes são os termos.”. Hoffmann (2015) orienta que o conjunto de estudos sobre o texto especializado deve ser chamado de Linguística do Texto Especializado. Nesse sentido, ele afirma que esse campo de pesquisa tem algumas questões como tarefa de análise:

Como a Linguística Textual, a Linguística do Texto Especializado atua em três níveis: 1) pragmático, 2) semântico e 3) sintático. O

primeiro nível é descrito no âmbito comunicativo do texto (autor, receptor, situação, referência etc.). (...) No que diz respeito às categorias gramaticais e lexicais elementares mencionadas anteriormente, a matriz contém informações sobre os elementos que promovem evidentemente o estabelecimento da coerência textual. São elas: 1) repetição de palavras, sinonímia, metáforas, paráfrases; 2) proformas; 3) progressão temática. Além disso, a isotopia é alcançada nos campos semânticos. Uma preocupação especial é atingir a macroestrutura de textos especializados em classes regularmente recorrentes de partes dos textos ou microtextos, assim como nos limites e nas transições entre eles

Muito embora, nas discussões sobre a descrição do discurso especializado em língua portuguesa, a proposta de Hoffmann da criação de um campo de estudos linguísticos do texto especializado tenha ganhado outros nomes, como Terminologia Textual ou Linguística das Línguas para fins específicos, é possível observar na descrição do autor de que os estudos do texto especializado têm forte influência da Linguística do Texto e, no caso de Hoffmann, também é possível notar uma postura ou uma concepção de texto enquanto materialidade de um dos sistemas complexos da língua, visão que, na Alemanha da década de 60, era uma ideia que ainda imperava entre os estudos do texto (FÁVERO, 2019). Finatto (2004) atribui o nascimento de uma vertente textual na Terminologia aos estudiosos alemães porque foi na Alemanha que, desde cedo, já haviam sido feitas reflexões sobre o funcionamento da linguagem especializada e sobre o texto.

Dentro dos estudos do texto terminológico, não se pode negar a importância do nome de Guiomar Ciapuscio, outra destacada estudiosa do texto que busca as características e a compreensão do termo no texto especializado. A autora parte de uma perspectiva multinível e entende o texto a partir de diferentes perspectivas e dimensões. Para ela (CIAPUSCIO, 1998, p. 2), “Los textos son objetos lingüístico-comunicativos complejos, que incluyen distintos niveles de análisis: básicamente, el nivel funcional, el nivel situacional, el nivel temático, el nivel de estructuración lingüística y el nivel de

formulación.”. Tendo como ponto de partida esse modelo, a autora entende os textos terminológicos “(...) como productos predominantemente verbales de registros comunicativos específicos, que se refieren a temáticas propias de un dominio de especialidad, y que responden a convenciones y tradiciones retóricas específicas.” (CIAPUSCIO; KUGUEL, 2002, p. 5). O texto terminológico, nesse sentido, é um texto que atende as demandas do campo em que ele circula e apresenta um conjunto de elementos culturais e característico de cada campo do saber que utiliza.

É necessário ainda pensar acerca da materialização do texto especializado e os gêneros textuais especializados, visto que os gêneros são modelos relativamente instáveis em que o texto se materializa (BAKHTIN, 2016). Conforme Marcuschi (2008), muitas são as formas de organização dos gêneros textuais, sobretudo porque muitas são as práticas linguísticas na sociedade. Nessa direção, ele explica que “(...) os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas.” (MARCUSCHI, 2008, p. 193).

Partindo de uma perspectiva Bakhtiniana de gênero - que entende o gênero não como uma forma linguística simplesmente, mas como uma ação social relativamente estável - o autor defende a ideia de que o número de gêneros textuais e a organização deles estão atrelados quase que diretamente às diferentes práticas sociais existentes. Desse modo, os gêneros podem ser classificados a partir de sua materialidade, função, cultura, significação social entre outras formas da organização.

Quanto à materialidade, os gêneros podem ser classificados em gêneros orais escritos, sobretudo porque as práticas linguísticas da sociedade organizam-se nesses dois eixos: a escrituralidade e a oralidade (MARCUSCHI, 2008). O autor explica que “(...) os domínios discursivos operam como enquadres globais de superordenação comunicativa, subordinando práticas sociodiscursivas orais e escritas que resultam nos gêneros”. (MARCUSCHI, 2008, p. 194)

Entendendo desse modo, o universo do discurso especializado também se organiza a partir dos gêneros textuais especializados, ou seja, práticas linguísticas relativamente estáveis que se baseiam no uso oral ou escrito da língua. Assim como os gêneros textuais do discurso comum, os gêneros textuais do discurso especializado também se organizam quanto à materialidade em gêneros orais e escritos, sobretudo porque a comunicação científica ocorre tanto em textos orais quanto em textos escritos. Portanto, a pesquisa terminológica, que é feita a partir de textos de diferentes materialidades, pode e deve ser feita considerando essa materialização ou concretização do discurso especializado, que pode ocorrer tanto em contextos de predomínio do discurso oral ou escrito.

Nessa direção, é natural pensar que o discurso especializado é constituído por um conjunto de práticas comunicativas que se organizam em contextos de predomínio tanto da oralidade quanto da escrita. Dessa forma, podemos entender que os gêneros textuais especializados palestras, comunicações orais, defesas públicas, teses, dissertações, relatórios técnicos etc são formas relativamente estáveis de enunciação ou práticas sócio profissionais em um campo do saber humano que se materializam de formas diferentes, em outros termos, essas são práticas linguísticas que são gêneros orais e escritos especializados.

Essas conclusões permitem dizer que os estudos terminológicos, no seu aprofundamento sobre o texto especializado, caminha em direção do encontro dos gêneros textuais especializados, sobretudo porque os gêneros são a materialização real de um texto e isso, sem dúvidas, deve ser considerado nas análises e investigações dos estudos do texto especializado pela Terminologia.

A partir dessa breve e sucinta investigação sobre as diferentes epistemologias dos estudos do texto em Terminologia, é necessário entender que o campo ainda está desenvolvendo as suas reflexões sobre o texto. A boa notícia é que já se anda em direção a uma concepção de texto terminológica próximo do que temos de mais

atual nos estudos do texto em Linguística, agora, o desafio é transformar essa concepção em pesquisas e em um campo concreto de análise, principalmente em língua portuguesa, mas não só.

A partir disso, buscamos apresentar, nas linhas que seguem, alguns exemplos de pesquisas feitas pelo Grupo de Estudos em Terminologia, Texto e Discurso - GETTED, grupo de investigações no campo da Terminologia, da Universidade Federal do Maranhão e que têm como fundamento as ideias aqui apresentadas, que têm como ponto de partida a tarefa de análise dos dos fenômenos terminológicos no e do texto especializado.

EXEMPLOS DE INVESTIGAÇÕES SOBRE/EM TEXTOS ESPECIALIZADOS

O diálogo entre a Linguística de Corpus e a Terminologia é quase inevitável nas pesquisas sobre o discurso especializado. É amplamente aceita a ideia de que toda e qualquer pesquisa terminológica deve ter como ponto de partida um corpus especializado, ou seja, um conjunto de textos especializados. Nesse sentido, é preciso, no entanto, pensar na própria definição de Corpus, que mesmo na Linguística de Corpus ainda não escapa às discussões. Por exemplo, Person (1998) comenta que são muitas as definições de corpus e que alguns definem corpus a partir de sua natureza formal (seja bibliográfico/impreso ou virtual) ou não, outras são feitas a partir da sua extensão ou representatividade em um conjunto de materializações linguísticas. Para a autora, em meio a discussão no campo da Linguística de Corpus, existem alguns consensos: (1) o *corpus* é um artefato criado a partir de critérios específicos e que é um recorte do uso real da língua por falantes.

Almeida e Vale (2010) comentam que, por causa da relativa facilidade de extração de textos na internet, a pesquisa terminológica passou a ter um diálogo mais próximo com a Linguística de Corpus. Além de se orientar na seleção e extração de textos que podem servir para a produção de corpora terminológicos, a Terminologia tem usufruído de *softwares* livres

que colaboram com as atividades de seleção, extração e análise dos termos nos textos. Dessa forma, a Terminologia tem podido ampliar seu escopo de análise e reflexão sobre os termos enquanto entidades linguísticas e pragmáticas.

Na esteira dessas ideias, o GETTED buscou produzir um banco de dados para a organização e disponibilização de textos científicos para pesquisas terminológicas. O *CorporaTerm*², o banco de dados com textos orais e escritos de diferentes áreas do saber humano serve para facilitar o alcance dos textos especializados para pesquisas terminológicas e de outras áreas dos estudos da linguagem. Dada a dificuldade em alcançar textos especializados em língua portuguesa para algumas áreas, foi possível, a partir desse projeto, projetar um banco de dados aberto que ajude a pesquisa terminológica no acesso a textos reais em língua portuguesa.

Uma grande contribuição desse projeto, além da disposição de textos especializados escritos, é o oferecimento de textos orais, tendo em vista que a pesquisa com textos orais especializados, sobretudo as feitas com especialistas com alta formação ainda são escassas, conforme já mencionamos em outros momentos (SERRA, 2019). É importante que a Terminologia busque a análise e descrição não apenas de textos escritos, mas orais também, buscando sempre disponibilizar dados para a análise e descrição do funcionamento das linguagens especializadas tanto em âmbito altamente especializado, didático e de divulgação. Como vimos em Marcuschi (2008), a comunicação humana não ocorre apenas em textos escritos.

A proposta é disponibilizar, no *CorporaTerm*, transcrições de textos produzidos em contextos altamente especializados, textos didáticos e textos de divulgação. O projeto busca disponibilizar dados para a descrição do discurso especializado de diferentes áreas do saber e fazer humano. Quando disponibiliza em sua

² Projeto financiado pela Fundação de Amparo ao Desenvolvimento científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA no EDITAL 02/2022 - APOIO À PROJETO DE PESQUISA - UNIVERSAL

plataforma as transcrições de especialistas em gêneros textuais como palestras, programas de TV ou reportagens, assim como em aulas gravadas e disponíveis na internet, a ideia da equipe do *CorporaTerm* é contribuir para o crescimento ainda maior de pesquisa com a oralidade especializada, não só de especialistas não escolarizados, mas o que está nas empresas e nas universidades também. Uma outra problemática central que o projeto busca responder é a questão do alcance de textos em língua portuguesa, tendo em vista que é comum, em outras áreas, a escrita exclusiva em língua inglesa, o que dificulta ainda mais o trabalho de descrição terminológica.

O site está em construção e os textos do *CorporaTerm* estão sendo selecionados, tratados e organizados pelos pesquisadores do GETTED. A ideia é fazer um banco de dados que tenha como base os gêneros textuais especializados, considerando as diferentes dimensões da comunicação no ambiente especializado. Nesse sentido, o modelo e a organização dos corpora considerará uma organização baseada em gêneros textuais especializados, ou seja, os dados serão apresentados em gêneros especializados, gêneros didáticos e em gêneros de divulgação, tanto orais quanto escritos.

Um outro projeto produzido pela equipe do GETTED é a análise da variação denominativa em Terminologia. O projeto “Variação denominativa no discurso especializado e comum – investigando motivações em corpora orais e escritos” tem como ponto de partida que a variação terminológica é motivada por aspectos pragmáticos e linguísticos. Essas pesquisas partem do pressuposto de que a variação, tanto denominativa quanto conceitual, não é aleatória, resultante de um emaranhado de fatores que estão atrelados ao uso e ao funcionamento do discurso especializado.

Um dos primeiros fundamentos dessa linha de pesquisa é a ideia da Comunidade Discursiva, desenvolvida por Swales (1990). Swales entendia que uma comunidade discursiva é um grupo de indivíduos que compartilha práticas, culturas, léxico, comportamentos e gêneros textuais, e esses elementos constroem a

identidade de uma área. Entendemos, desse modo, que todo universo especializado é, na verdade, uma comunidade discursiva e, por isso, o léxico, os gêneros e as interações complexas que ocorrem na comunicação especializadas das diferentes áreas do saber e do fazer humano fundamentam a identidade dessas comunidades discursivas.

Além do conceito de comunidade discursiva, também é fundamental para os estudos do projeto o modelo de causas de variação denominativa de Freixa (2002, 2013). Nesse modelo, a autora entende que existem dois grandes eixos de variação (a autovariação e a heterovariação) que organizam 6 grandes motivações da variação denominativa. Essas causas são responsáveis pela diversidade de formas para uma unidade de conhecimento ou conceito e mostram que essas causas organizam o discurso especializado.

Tendo em conta essas ideias, o projeto tem buscado coletar corpora orais e escritos organizados em categorias de gêneros que se identificam no continuum de discurso especializado: os gêneros especializados, didáticos e de divulgação. Dessa forma, textos têm sido coletados na internet, tanto orais quanto escritos, e armazenados e analisados pelos pesquisadores do projeto para discussões dos fatores linguísticos e extralinguísticos da variação encontrada nesses textos. No projeto, estão sendo analisadas as áreas da engenharia agrônoma e da saúde, com textos especializados e da imprensa.

Os resultados nos mostram que a variação terminológica tem motivações que são próprias das culturas de cada área, ou seja, por conta da organização de uma comunidade discursiva, a variação denominativa ocorre. A depender com que tipo de público o especialista se comunica, a variação vai ocorrer de diferentes modos. Dessa forma, nos textos especializados, tem sido possível observar um número maior de formas sinônimas, enquanto que nos textos destinados ao público leigo, é possível notar um número menor de variantes e isso, na hipótese que partimos, ocorre porque o especialista busca controlar o uso dos sinônimos a fim de que o

discurso fique adequado ao público-leigo, por exemplo. No caso de a variação denominativa ocorrer com maior frequência na interlocução com o público mais especializado, a hipótese que partimos é que esse público tem maior conhecimento sobre o tema e sobre a área, o que provoca a liberdade do especialista em utilizar, sem medo de ser mal interpretado, as diferentes denominações para um conceito.

Esses e outros resultados encorajam para a criação de projetos de pesquisa e de investigações do discurso especializado que tenho como ponto de partida o texto oral e especializado. As pesquisas continuam e, à medida que as investigações vão ocorrendo, é possível pensar mais e mais sobre o uso dos textos especializados pelas diferentes comunidades discursivas falantes de língua portuguesa. Esse diálogo que a Terminologia tem feito com os estudos do texto e do discurso ampliam as possibilidades de análise e reflexão do campo da Terminologia, o que traz novas identidades e possibilidades de investigações e aproximações da Terminologia com a Linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, buscamos observar os fatores que levaram a Terminologia a abraçar uma identidade textual e pragmática. Nesse sentido, os autores apontam que a ampliação das possibilidades de alcance de textos em diferentes fontes digitais, a ampliação e criação de softwares livres que permitiam o processamento de corpora de tamanhos entre médio e grande, o diálogo com a Linguística do Texto e com a Linguística de Corpus e transformações epistemológicas na própria Terminologia foram responsáveis pela criação das pesquisas em textos terminológicos. Pesquisas nessa área têm se avolumado, tanto que o texto tem um lugar importantíssimo na própria identificação do termo. O crescimento desse tipo de pesquisa e reflexão aproxima a Terminologia da Linguística e potencializa muito mais as explicações dos fenômenos terminológicos.

Também mostramos alguns resultados que temos alcançado por meio de pesquisas feitas com textos especializados. Essas investigações nos mostram que o trabalho com a Linguística de Corpus, a criação de corpora terminológicos e os aportes teóricos da Terminologia Textual tem colaborado para alcançarmos alguns resultados, principalmente observar o funcionamento da variação terminológica em textos especializados. O aporte teórico criado em torno do aspecto textual na Terminologia é rico e está em amplo crescimento no Brasil.

Espera-se que, no futuro, possamos observar um equilíbrio entre as pesquisas que focalizam apenas o léxico e as pesquisas que focalizam o texto. Terminologia é, a nosso ver, uma disciplina que estuda a comunicação nos universos especializados e que, por isso, deve considerar as inúmeras circunstâncias de produção do texto, seja ele oral ou escrito. Assumir esse ponto de vista amplia as possibilidades de investigações no campo e dá novos ares e reflexões aos estudos sobre o termo, o texto e o contexto especializados.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do Discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CABRÉ, M.T. Theories of terminology: their descriptions, prescriptions and explanation. **Terminology**, n. 9, v. 2, 163-199, 2003.
- CIAPUSCIO, G. E. La Terminología desde el punto de vista textual: selección, tratamiento y variación. **Organon**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, 2012.. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29558>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- CIAPUSCIO, G.; KUGUEL, J. Hacia una tipolización del discurso especializado: aspectos teóricos y aplicados. In: García Palacios, J.;

Fuentes Morán, M. T. (org.). **Texto, Terminología y Traducción**. Salamanca: Almar, pp.37-7, 2002.

CIAPUSCIO, G. E. **Textos especializados y terminología**. Barcelona: IULA, 2003.

CONDAMINES, Anne. Nouvelle perspectives pour la terminologie textuelle. In. ALTMANOVA, J; CENTELLA, M; RUSSO, K. E. **Terminology and Discourse**. Lausanne: Peter Land Editors, 2018, p. 1-18.

BOURIGAULT; Didier; SLODIZIAN, Monique. Por uma Terminologia Textual. **Cadernos de tradução**. N. 17, 2004, p. 101-108.

FÁVERO, Leonor. Linguística Textual - história, delimitação e perspectivas. **Revista (Con)textos linguísticos**. v 13, n.25, p.13-25, 2019.

FINATTO, Maria José Bocorny. Termo, texto e textos como termo: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In. ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (orgs). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. v.02. Campo Grande: EDUFMS, 2004, p. 341-357.

FREIXA, Judith. **La variació terminològica**. Anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient. 397f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Pompeu Fabra, Instituto di Lingüística Aplicatta, 2002.

FREIXA, Judith. Otra vez sobre las causas de la variación denominativa. **Revista Debate Terminológico**. n.01, v, 13, P. 11-37, 2013.

HOFFMAN, Lothar. **Textos e Termos por Lothar Hoffmann: um convite para os estudos das linguagens técnico-científicas**. Porto Alegre: Palotti, 2015. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppglettras/pdf/Hoffmann-web2a.pdf>

KOCOUREK, Rostislav. Textes et termes. *Meta* 36, no 1, 1991, 71-76.

KRIEGER, M. G. Do reconhecimento de Terminologias: entre o linguístico e o textual. In. ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (orgs). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. v.02. Campo Grande: EDUFMS, 2004, p. 341-357.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PERSON, Jennifer. **Term in Context**. Amesterdam/Philadelphia: John Benjamin Publish, 1998.

SERRA, Luís Henrique. **A variação denominativa no discurso especializado da cana-de-açúcar no Brasil**: uma pesquisa sobre a variação funcional. Tese (Doutoramento em Letras – Filologia e Língua Portuguesa). 2019. 150 fls. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, 2019.

WALEs, John. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DO NOMEADO AO (IN)VISÍVEL: SENTIDOS DE VIDA E MORTE NO QUILOMBO

Glória França¹

Priscila Fernandes Gomes Araújo Lopes²

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo se desenvolve como um gesto inicial de análise a partir da pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-graduação em Letras Bacabal na Universidade Federal do Maranhão – PPGLB/UFMA e do projeto de pesquisa atualmente desenvolvido no Grupo de Estudo e Pesquisa em Discursos, Interseccionalidades e Subjetivações GEPEDIS/UFMA/CNPQ³. Buscamos pensar *vida e morte* enquanto efeitos de sentido que se constituem numa relação com a memória discursiva dos moradores do Quilombo Santa Rosa dos Pretos, no município de Itapecuru-Mirim, no Maranhão.

Trata-se de uma investigação sobre o Quilombo Santa Rosa dos Pretos, feita a partir do dispositivo teórico-analítico situado na análise de discurso de vertente materialista, cujo corpus se constitui

¹ Professora Adjunta do Departamento de Letras e membro permanente do PPGLB/Universidade Federal do Maranhão / Coordenadora-líder do Grupo de estudos e pesquisas em Discursos, Interseccionalidades e Subjetivações-GEPEDIS-CNPq / Membro do Grupo Mulheres em Discurso-UNICAMP / Membro do Laboratoire Pléiade- Université Sorbonne Paris Nord; email: gloria.franca@ufma.br

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Bacabal (PPGLB), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

³ Projeto de Pesquisa em andamento 2023/2025: CULTURA, MEMÓRIA E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: leituras materialistas, interseccionais e decoloniais.

a partir de depoimentos dos quilombolas⁴ apresentados no documentário *O mundo preto tem mais vida*⁵.

No ano de 2017, na Comunidade Santa Rosa dos Pretos no município de Itapecuru-Mirim⁶, o governo federal juntamente com o DNIT, iniciou as obras de duplicação da rodovia BR 135. As obras foram iniciadas sem nenhuma consulta prévia aos quilombolas como obriga a Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho). O DNIT começou as obras nos quilombos em 2017, destruindo igarapés, matando árvores centenárias, danificando casas, ameaçando os quilombolas deste território. As obras foram suspensas em 2018, depois que lideranças do quilombo Santa Rosa dos Pretos denunciaram à Defensoria Pública da União (DPU) e ao Ministério Público Federal (MPF) as ilegalidades cometidas pelo DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Trânsito) em territórios tradicionais. Em abril de 2020, segundo o documentário, os quilombolas da Comunidade Santa Rosa dos Pretos receberam a notícia de que o governo federal pretendia retomar as obras de

⁴ O documentário conta com a participação de diversos sujeitos quilombolas, porém para este estudo, analisamos os discursos dos indivíduos em negrito: **Anaclea Pires da Silva**, José de Ribamar Ferreira Leite, José do Carmo Costa, Josiane do Espírito Santo Pires da Silva, **Josicléa Pires da Silva (Zica)**, **Libânio Pires**, **Mãe Severina Silva**, **Maria Dalva Pires Belfort**, Maria José da Conceição Fonseca, Paulo Leonel Silva

⁵ O documentário publicado no dia 06 de novembro de 2018, dirigido pela jornalista Sabrina Duran, apresenta-se em 4 episódios, com duração de 40 minutos cada, e conta com o apoio do Fundo Brasil de Direitos Humanos. Disponível em: [https://www.youtube.com/user/sabrinaduran/featured./](https://www.youtube.com/user/sabrinaduran/featured/) Acesso em 12/04/2022.

⁶ O quilombo Santa Rosa dos Pretos, situado no município maranhense de Itapecuru-Mirim, é composto pelas Comunidades: Santa Rosa dos Pretos, Barreira Funda, Sítio Velho, Curva de Santana, Alto São João, Picos I, Picos II, Pindaíba, Fazenda Nova, Colégio, Centro de Aguidá, Matão Velho, Boa Vista, Barreira, Pirinã, Kelru, Conceição, Fugido, Leiro e Tingidor do Campo), e foi certificado pela Fundação Palmares como remanescente quilombola. <https://www.ipatrimonio.org/itapecuru-mirim-quilombo-santa-rosa-dos-pretos/#!/map=38329>

duplicação⁷ da rodovia BR 135 em maio, em meio à pandemia do novo coronavírus⁸.

Observando as formulações produzidas nos episódios do documentário em análise, destaca-se o modo como as falas dos moradores do Quilombo Santa Rosa dos Pretos, se constituem em denúncias dos acontecimentos em torno dessas violações cometidas, pelo DNIT, na obra de duplicação da Estrada BR135, e pela Vale S.A., por meio da Estrada de Ferro Carajás, contra esses moradores. Partindo da regularidade de se pensar a denúncia na fala desses moradores, delimitamos um recorte mais específico em torno do objetivo de compreender os efeitos de sentido de vida e morte, produzidos e reproduzidos nos discursos de representantes do Quilombo Santa Rosa dos Pretos.

Optamos por esse recorte, por termos observado a regularidade em torno dos diferentes sentidos de morte, ao mesmo tempo em que estes sentidos vão deslizando, e apontando, para uma relação com o Estado, que se constitui em uma tomada de posição em relação aos conflitos enfrentados pela comunidade frente aos ataques do Estado e da iniciativa privada. Para tal, partiremos dos seguintes questionamentos: Quais efeitos de sentido se (re)produzem nos discursos sobre vida e morte projetados pelos quilombolas? Quais regiões da memória sustentam esses dizeres? Percebemos durante a análise das seqüências a menção à dimensão da morte que se textualiza em formulações dos quilombolas, e que se faz, ao mesmo tempo, presente por não-ditos ecoando nos enunciados. Buscamos aqui identificar alguns desses não-ditos, para perceber em que regiões da memória se sustentam esses dizeres, que põem em uma mesma encruzilhada existências de quilombolas e a construção de uma

⁷ A este respeito ver: “QUANDO A BALANÇA PENDE: um corredor para exportações e o território Santa Rosa dos Pretos”, in: Revista de Políticas Públicas, vol. 22, pp. 1365-1386, 2018.

⁸ Aqui encontra-se um levantamento de alguns outros trabalhos de diferentes campos que têm estudado os conflitos em torno do Quilombo: <https://cpisp.org.br/santa-rosa-dos-pretos/>

estrada como a BR 135 ou a ampliação de uma ferrovia da companhia Vale.

Trouxemos enunciados que nos permitiram analisar de que modo os efeitos de sentido se deslizam da denúncia para sentidos de vida e de morte. Como essa morte é vista e representada? Analisamos os efeitos de sentido que se (re)produzem nos discursos sobre vida e morte a partir de enunciados produzidos pelos sujeitos quilombolas, buscando, dentre outros, compreender quais regiões da memória sustentam esses dizeres. Consideramos que os sentidos produzidos projetam sentidos de vida enquanto uma continuidade no tempo (morre o corpo físico e a vida continua como outra forma de (re)existir), e, por outro lado, pensam morte como uma dualidade, uma “morte branca” onde não existe vida (como um projeto do capitalismo contra seu modo de vida e sua existência que resiste nas terras do Quilombo e que mata a natureza que o sustenta) e uma “morte preta” como passagem para outra forma de existência.

VIDA QUILOMBOLA E SUAS MEMÓRIAS

Destacamos a memória discursiva como noção central mobilizada em nossa análise, buscando pensar o sujeito quilombola discursivamente, e os modos como estes projetam sentidos de vida e morte, ao mesmo tempo em que vão se constituindo enquanto sujeitos nas brechas contraditórias que se projetam em seus discursos. Pêcheux (1999, p. 48) nos diz que a memória deve ser entendida “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e de memória construída do historiador”. A violência cotidiana sofrida pela comunidade, parece-nos estar o tempo todo marcada por essas *práticas* nas quais a *memória social* se inscreve e que atravessa a vida destes sujeitos históricos, materializando-se, dentre outros, no cortar do território, refazendo ou retomando o caminho da escravidão, da morte no sentido destrutivo, a qual fere em princípio a concepção de vida e morte dessa comunidade. Ainda sobre a memória, Pêcheux aponta

para uma verdadeira tensão existente nos modos pelos quais os acontecimentos se inscrevem, não se inscrevem ou são absorvidos pela memória:

Para tratar do memorizável é preciso entender o acontecimento inscrito no espaço da memória sob dupla forma-limite: (1) o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever; (2) o acontecimento que é absorvido na memória como se não tivesse acontecido. (PÊCHEUX, 1999, p.50)

A esse respeito destacamos no documentário uma narrativa que se constitui, dentre outros, em torno da memória da origem do Quilombo, que, numa primeira leitura, se aproximaria daquilo que Pêcheux chama de "memória construída do historiador". Segundo essa narrativa Lourenço Belfort invadiu as terras e construiu nelas suas fazendas. Há, ainda segundo Pêcheux o cruzamento, com outras memórias, e é essa encruzilhada de tensões e narrativas que nos interessa enquanto analistas: Lourenço Belfort utilizou-se de mão-de-obra escrava, originalmente de sete famílias sequestradas na Guiné-Bissau e enviadas de Cabo Verde para o Maranhão, em navios negreiros com péssimas condições de sobrevivência. Santa Rosa dos Pretos, em Itapecuru-Mirim - MA, era um lugar onde moradores de outras comunidades eram torturados e executados, como informou Anacleto Pires da Silva. Acompanhando essa narrativa, conforme o documentário: "Em 1898, Joaquim Raimundo Nunes Belfort, da família dos invasores, doou em testamento aos escravizados e seus descendentes as terras que ele e seus antepassados irlandeses roubaram em Itapecuru-Mirim (MA)" (O MUNDO, 2018). É nessa tensão entre memória mítica e memória do historiador em que se constitui a Comunidade Quilombola Santa Rosa dos Pretos, temos a narrativa que retoma essa ideia da doação de terras, e, ao mesmo tempo, tem-se a reivindicação por parte dos moradores de serem descendentes do povo da tabanca denominada de Caiou, na região de Caséu, na Guiné-Bissau, trazidos para aquelas terras há mais de 300 anos. Percebemos aqui um dos pontos de tensão, a origem do

quilombo enquanto fazenda fundada pelo escravagista Lourenço Belfort e enquanto filiada a memórias de descendentes de povos da Guiné-Bissau.

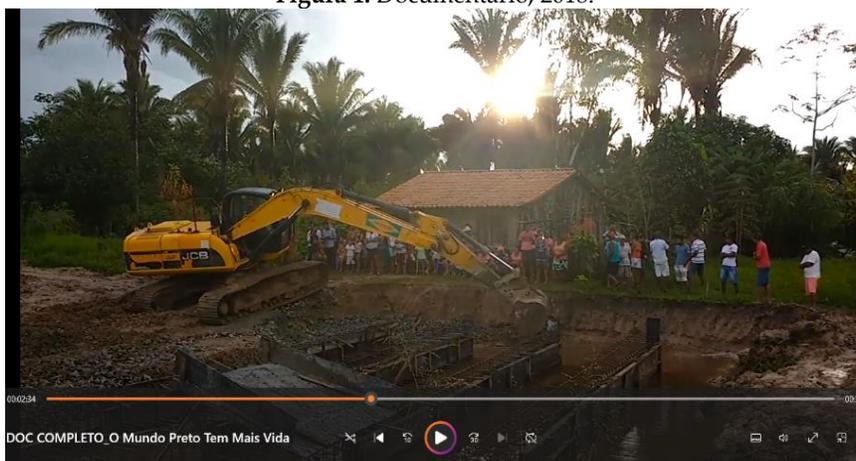
Da abertura das estradas da ferrovia às condições que originaram a construção e ampliação da Estrada de Ferro Carajás, da BR 135, ocorreu um longo processo de escravização da força de trabalho. Essa memória se formula e se atualiza em uma das falas do senhor Libânio Pires, um dos representantes do Quilombo, em relação ao modo como se constituía a mão de obra: “branco não tinha”, “os brancos era pra mandar fazer” (O MUNDO, 2018). Os sujeitos aos quais os *brancos* mandavam fazer parecem se formular nesse enunciado em seu próprio apagamento. Se não havia brancos, havia quem? Que memória é essa que insiste em se inscrever pela sua não-formulação?

Parece-nos oportuno trazer aqui a leitura que fazemos do texto de Mbembe (2016, p. 119), segundo o qual a captura e comercialização de pessoas, a colonização e a escravização de africanos foi um dos passos dados pelo imperialismo europeu para colocar em movimento aquilo que este autor conceituou como “projeto de morte” ou “industrialização da morte”. Mbembe denuncia o desenvolvimento predatório e avassalador do capitalismo ao expor uma “tendencial universalização da condição negra”. No atual momento do desenvolvimento capitalista – financeirização da economia, neoliberalismo e a “fusão do capitalismo e do animismo” (MBEMBE, 2014, p. 15). Ainda em torno dessa questão, a Constituição de 1988 possui um artigo dedicado aos quilombos, na tentativa de reparar uma injustiça histórica cometida pela sociedade escravocrata brasileira contra o povo negro. Diz o artigo: “Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988, s/p). Fica expresso, no artigo constitucional acima citado, o reconhecimento dos direitos das comunidades de descendentes dos antigos escravizados, possibilitando-lhes, finalmente, o acesso à propriedade de suas

terras. A comunidade quilombola faz o uso das terras com sabedoria, utilizando a riqueza disposta pela floresta, preservando-a diferentemente de outras perspectivas, como o modo de vida ocidental dominante, filiado ao modo de produção neoliberal, que, viciado no lucro e poder, não possui sensibilidade alguma perante a própria natureza.

Santa Rosa dos Pretos não se construiu em torno da estrada de ferro ou da BR, mas, ao contrário, a dita “modernização” é que, em passo largos, vem destruindo a sua forma de subsistência material, como também tem afetado a existência espiritual e ideológica de um povo, que resistiu à escravidão colonial e que hoje resiste à moderna. A exemplo da escravidão moderna temos o discurso da moradora dona Maria de Lurdes, que aponta: “uma obra hidráulica foi realizada no curso de um igarapé”, deixando sua casa “a apenas três metros de ser engolida pelo buraco” de “240m² e 5m de profundidade” (O MUNDO, 2018).

Figura 1: Documentário, 2018.



Materializa-se no documentário, dentre outros, a agressão ao meio-ambiente, que provocou uma situação de alteração da capacidade produtiva da terra e promoveu a escassez das condições naturais básicas para manutenção da subsistência das famílias moradoras. Os quilombolas viviam da prática coletiva do

cultivo da terra, da caça e da pesca e, nesse sentido, tiveram suas condições básicas de reprodução arrancadas e destruídas pela ânsia da modernização, ou seja, pela necessidade do sistema capitalista em se reproduzir destruindo tudo, vivendo da exploração e da tentativa de expulsar as pessoas do seu território, tocando no que há de mais profundo nos sujeitos pertencentes a uma comunidade que é a batalha pela sobrevivência há séculos nesta região, é nesse ponto que nos deparamos com a regularidade de, ao se tratar desses acontecimentos, se dizer de vida e de morte nos discursos dos sujeitos quilombolas. Sabemos não haver um fora da ideologia capitalista, não existe um possível fora desse sistema, vale se destacar que esse sistema tudo tende a triturar dentro de sua própria estrutura, por um lado levando destruição e projetando-se como defensor das diversidades dos povos e culturas.

Diante da discussão teórica e de um desdobramento analítico, compreendemos como os sentidos de morte presentes nas narrativas quilombolas estão escritos sobre o funcionamento da língua, da história e da memória. Consequentemente compreendemos, desse modo, que a temática da morte é um ponto de (re)encontro possível entre os domínios da AD. Dessa forma apresentamos no próximo tópico a luta travada pelos quilombolas em prol da manutenção por suas vidas e por seu território, assim como implicações trazidas pela duplicação da BR 135, que questiona, por um lado, como a modernidade é vista diante de perdas inadmissíveis aos quilombolas e, por outro, como as nossas relações com a morte são marcadas pela historicidade.

Questionamos se os efeitos de sentidos sobre vida e morte apresentados no documentário constituem-se numa relação com uma memória discursiva da colonização, escravização e resistência negra no Brasil, bem como pela racialização do mundo efetivada na modernidade atravessam esses discursos, onde “os mundos euro-americanos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada” (MBEMBE, 2014, p. 11). Além disso, por meio das brechas e deslizes, os

sentidos de morte, e de vida, apontam para memórias e vivências outras, às quais buscamos igualmente descrever.

DENÚNCIA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE NO QUILOMBO

O documentário a partir do qual constituímos nossa análise inicia-se, conforme dissemos, com uma denúncia feita pela comunidade em relação à duplicação da BR 135.

Figura 2: Captura de tela inicial do documentário em análise.



Deste modo, situamos o que entendemos por denúncia, conforme definido por MODESTO, 2008, p.11):

Proponho o conceito de formas da denúncia para dar visibilidade a um funcionamento discursivo que não se restringe ao domínio do discurso jurídico (domínio em que a denúncia é um instituto do direito penal, uma formalidade processual), mas que acontece em diferentes formas materiais.

A vida no Quilombo se constitui na/pela contradição com os sentidos de morte que se formulam na denúncia dos órgãos atentando contra essa vida, denúncias estas que se formulam nas

diferentes materialidades e formas materiais postas em circulação no documentário. Os sentidos de *vida* nesses discursos já se constituem no batimento contraditório e constitutivo com os sentidos do luto, de morte, e de luta.

Compreendemos a textualização da denúncia na materialidade fílmica que se formula na apresentação do título do documentário, em letras brancas, sobre uma tela inteiramente preta, nos remetendo ao luto e às políticas de morte denunciadas. Além disso, somos apresentados a *formas da denúncia* que trazemos em nossa análise por meio de quatro sequências discursivas. Estas constituem-se enquanto um recorte em torno dos sentidos de morte e dos sentidos de vida, tomados na contraditória relação com as instituições econômicas que atravessam o território do Quilombo e com as memórias outras que igualmente não deixam de não se inscrever:

SD1: O **mundo preto** tem mais vida, a ideia de modernidade é uma ideia de morte. (Jociléa Pires).

SD2: Mas a **morte branca** é ruim, porque a morte preta é diferente, na **morte preta** a gente consegue entender essas outras relações, consegue entender *o contato com outros mundos*. (Anaclea Pires)

SD3: Mas a **morte branca** é só morte. Então se é um moderno que só mata e não tem vida, não vale. (Jociléa Pires)

SD4: A gente precisa *reexistir*...mostrar a todo instante que estamos vivos e que eles não vão nos matar. Vamos continuar reexistindo. Se não for nessa carne matéria podre, a gente vai *reexistir em outros espaços, em outros mundos não visíveis*" (Zica Pires)⁹.

Visando historicizar os sentidos que se projetam no discurso de/sobre vida e morte, tomamos a SD1 pensando-a na relação com as formas de denúncia, visto que vinculam os efeitos de sentido formulando uma versão de morte enquanto gesto político e social materializando-se em um documentário. A denúncia se materializa, na língua, pelo próprio jogo trazido na SD4 entre o "a

⁹ Os destaques são nossos.

gente" e o "eles", nessa discursividade que estamos descrevendo e analisando esse "eles" tem seu sentido atualizado em morte branca, em modernidade, chegando-se, assim entendemos, até as próprias instituições envolvidas diretamente com a duplicação da estrada. Destacamos também como uma regularidade, o jogo de retomada, jogo de forças e de sentidos que (re)escreve o dizer sobre morte e vida presente nas sequências discursivas. Em uma primeira leitura, parece haver um contraponto, uma oposição simples entre morte branca e morte preta, mas a cada enunciado vai se constituindo um deslize e um desdobramento de sentido que ultrapassa a oposição, funcionando enquanto denúncia de contradições.

Nas sequências denunciam-se graves violações à vida dos quilombos cometidas por um Estado que traz em suas mãos um crescimento à base de assassinatos, saques, crueldades. É nesse sentido que a relação que se estabelece entre morte branca e morte preta textualiza-se na contradição social de que certas mortes são vistas pelo Estado como mais naturalizadas.

Na SD1, o *mundo preto* está em uma relação direta de regularidades com o sujeito que se identifica com processos de luta, com formas de (re)existir, com processos de identificação com a memória da ancestralidade e da encantaria, com o valor dado ao território para além da terra enquanto posse, com um mundo que não se limita ao que é terreno e fugaz, como se formula na SD4. Da *vida* presente no *mundo preto* (SD1) temos um deslizamento para os sentidos de *morte preta* (SD2) que se estabelece para além da *morte branca* (SD3), esta se estabelece em relação de sinonímia/metafórica com a modernidade, que nesses enunciados se textualiza na própria obra da duplicação da BR. Há uma tensão necessária em se denunciar os sentidos de morte vinculados à memória do progresso e do avanço econômico, ao mesmo tempo em que se parece anunciar que há muita vida para além desse discurso de e dessas políticas de morte.

Diante da SD2, que nos fala da *morte branca* na relação não somente de oposição, mas contraditória com a *morte preta*, temos que aquela é *ruim*, mas que esta é *diferente*. Num primeiro

movimento de análise, apontamos que seria possível pensar discursivamente a noção de morte vinculada à (im)permanência da vida. Ao mesmo tempo que nos indagamos, existe uma morte boa? O que faz uma morte ser considerada ruim? Poderemos mensurar o valor da vida a partir da morte branca? Se existe uma morte que é diferente, em que sentidos as outras mortes são iguais? Uma vez que temos sentidos que deslizam para a compreensão de uma morte finita do ser, que em nenhuma esfera possui continuidade, e uma morte que desemboca em um infinito de possibilidades de (re)existir ainda que em outros mundos, essa continuidade da existência da morte preta se dá também no sentido de resistência à modernidade branca que destrói árvores, bichos, igarapés, que mutila corpos vivos, que separa núcleos familiares para despejar sobre eles inúmeros quilômetros de asfalto e ferro inertes. Vemos se projetar um sistema em que a vida branca, a vida do consumo e do lucro, se iguala à própria morte, recusa-se no discurso Quilombola esse sentido de vida, e aponta-se para outros sentidos de morte, já que a morte preta é diferente, é outra.

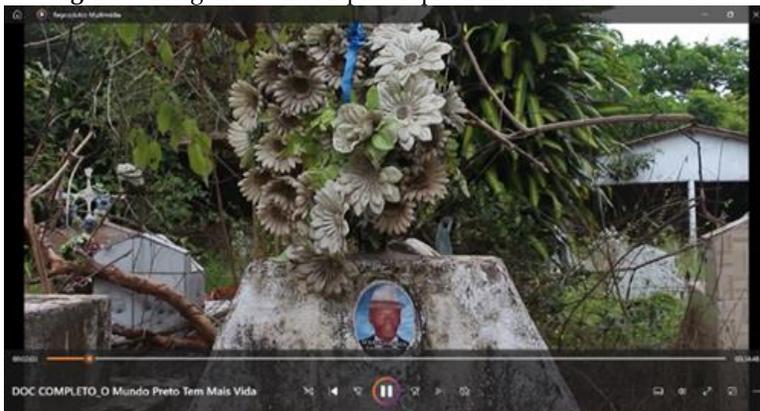
Somos a todo instante apresentados a dois mundos, que não cessam de se dividir em outros, no que diz respeito a uma luta simbólica, um mundo que é apresentado linguisticamente, a partir do substantivo *mundo*, acompanhado da adjetivação *preto*. Nesta sequência temos o verbo *ter* flexionado de acordo com a flexão de número, neste caso no singular e conjugado no presente do indicativo. Analisando o termo *mais vida* tendo neste caso, o advérbio de intensidade acompanhando o substantivo *vida*, o mundo preto, é apresentado como um mundo capaz de romper com este processo de industrialização que não visa incluir os remanescentes de quilombos dentro de um projeto que valorize sua cultura, respeite seu território e sua história.

Conforme consta nas SD1, “*o mundo preto tem mais vida*” e na SD2 ao analisarmos os sentidos vivenciados e sentidos pelos sujeitos quilombolas, afirma-se que a “*morte branca é ruim, mas a morte preta é diferente*”, pois os efeitos de sentido que são projetados apontam para contradições e para diferentes discursividades, a

partir do que se textualiza a respeito do pós-morte em que se entra em contato com outras esferas, com “outros mundos”. É neste sentido que percebemos que os discursos são sustentados por uma memória e que neste movimento conhecemos o dizer que não é dito, que silencia através do não dito, mas que pela maneira como marca os dizeres, conhecemos seus sentidos. Portanto, compreendemos com esse discurso, como o objeto simbólico e histórico produz sentido, os não ditos que estão sustentados na memória do terreiro, do Tambor de Mina, nos mostrando a relação entre encantados¹⁰ e o território, a força e a ancestralidade.

É essa ancestralidade que analisamos estar presente em movimentos de sentidos que são apresentados na SD1 quando o sentido de “*tem mais vida*” dialoga diretamente com a possibilidade de “*reexistir em outros espaços*”, conforme apresentado na SD4 e “*entender o contato com outros mundos*” apresentado na SD2. Falar das relações com outros mundos está fortemente expresso na lápide do senhor Sebastião Pires, pelo enunciado:

Figura 3: Imagem de uma lápide reproduzida no documentário.



Fui para o céu, mas não esquecerei aqueles que amei na terra.

¹⁰ Lembramos aqui a vasta cosmologia que envolve de maneira diferentes o povo quilombola e indígena. Sobretudo nessa ideia de espaço e tempo. A esse respeito pretendemos investir, em um próximo estudo, numa leitura que envolva Mbembe (no final quando fala de mística e transe) e Luiz Antônio Simas, e Luiz Rufino.

No silêncio da sepultura, entre ditos e não ditos, o valor da vida e da morte é trazido pelo interdiscurso. O espaço simbólico aqui representado (o falar, o reencontro) coloca o morto em lugar de linguagem, estes discursos são atravessados por uma história de luta, por história de um povo que vê o efeito da morte e sua relação com a vida. Como afirma Orlandi (2007, p. 23):

Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É o silêncio significante. [...] Significa que o silêncio é garantia do movimento de sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio.

A materialidade discursiva e o valor simbólico textualizados na lápide do senhor Sebastião Pires, o marco deixado pela memória, estando essa memória fincada em uma recorrência de dizeres a uma rede discursiva que como um laço é mantido pelas muitas formas de historicizar os discursos em seus territórios. Tanto a lápide, quanto os dizeres nela inseridos, se inscrevem enquanto forma material, ou seja, uma *forma linguístico-histórica, significativa* (ORLANDI 2020, p. 53), que se filia a muitos outros dizeres em torno de, no Quilombo, se ser instado a falar de vida, para denunciar a morte, e ao mesmo tempo de se falar de outros mundos e outros sentidos de morte possíveis.

A concepção de vida e morte projetada nos dizeres dos quilombolas entrevistados pelo documentário, parte de uma cosmovisão apresentada em uma posição diversa ao cristianismo. Faz parte da comunidade Quilombola Santa Rosa dos Pretos um terreiro intitulado Terreiro de Mina “Tenda Nossa Senhora dos Navegantes”, de onde se projeta um sentido de vida enquanto um completo envolvimento com a natureza e que na passagem para a morte, faz-se contato com outros mundos.

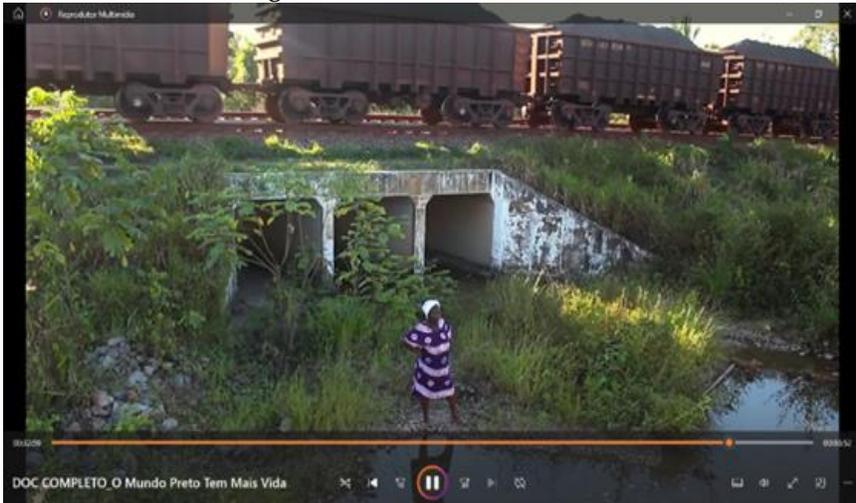
A encantaria faz a viração no que é sério, faz movimentar as fronteiras: entre trabalho e brincadeira, entre o individual e o coletivo, entre a disciplina e a despossessão, entre o sagrado e o profano. Pensar a colonialidade em suas múltiplas faces é, de certo

modo, tomar as relações de um povo com a morte, relações, diga-se de passagem, atravessadas por outros sentidos que não apenas os ocidentais. (FRANÇA & VERIATO CHAVES, 2022, P.162)

O que nos trazem França e Veriato Chaves nos toca na medida em que muito dialogam com os sentidos projetados nos dizeres dos moradores do quilombo a respeito dos modos como os sentidos de morte é que vão demarcando e movimentando os sentidos de vida que vão sendo negociados e disputados. A valorização da memória de quem antes deles ali viveu e construiu aquele espaço é uma constante nas falas dos moradores de Santa Rosa dos Pretos, durante as cenas do documentário, a todo instante se convoca e evoca a memória dos ancestrais, que vieram de terras longínquas e estão “vivendo” ali, através dos que continuam vivos, como analisamos da SD2 *“na morte preta a gente consegue entender essas outras relações, consegue entender o contato com outros mundos”*. O espaço simbólico de um cemitério, sepulturas, lápides e todo valor de significação que eles carregam, desliza para um sentido mais de vida do que de morte, como é possível identificar nas SD2 e SD4. Diante de gestos de leitura que levam em conta as materialidades, a reflexão sobre o destino dos mortos em uma comunidade quilombola não está caracterizada em uma sepultura, mas na verdade a leitura destes túmulos permite o vislumbre da multiplicidade do sentido de vida ainda que diante da morte.

Por fim, trazemos a cena em que uma das matriarcas da comunidade assevera que a “mãe natureza” se foi com a construção da estrada de ferro, e assim, a “mãe d’água secou” (O MUNDO, 2018).

Figura 4: Dalva, moradora do Quilombo.



Para a análise de discurso, a resistência aparece exatamente nos pontos onde a dominação política e ideológica falham. Contra a política silenciadora do Estado, se encontram os quilombos, que buscam novas formas de viver e significar a morte e a vida diante de um cenário tão brutal. Percebemos esse furo na memória da modernidade e da *morte branca*, no atravessamento dos mundos que se dá na fala da Dona Dalva que não afirma que foi a fonte que secou, foi algo de *outra ordem*, com a construção da estrada, foi *a mãe d'água que secou*. Uma memória outra vem se presentificar nos buracos e brechas deixados pela memória da modernidade *branca*. É possível identificar essa relação com a memória *outra* nos enunciados sobre vida e morte. Assim se constitui a memória discursiva que atravessa o real-sócio-histórico da formação do sujeito quilombola, no cruzamento de diferentes memórias. Da denúncia de mortes e violações chega-se a discursos que se sustentam em muitas outras memórias pelas quais parece haver algum processo de re-existência. Aproximamos essa memória outra do papel da memória mítica, que aqui nos parece funcionar como um saber outro trazido numa forma de questionar e

confrontar o saber científico, e recusar a própria ideia de modernidade na qual esse saber está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa análise trouxemos um debate acerca dos sentidos de vida e morte nas/para as comunidades quilombolas. Estas comunidades parecem fazer parte de um grupo social que não pode deixar de falar de morte, e de vida, ao dizer de si. Desenvolvemos nossa análise a partir dessa regularidade percebida na produção discursiva que projeta efeitos de sentido em torno de morte e de vida no Quilombo.

No lugar de pertencimento, no território geográfico, e em tudo que nele cresce e se desenvolve, existe uma ligação dos quilombolas com sua história e memória, com os seus ancestrais, o que permite ultrapassar os limites do território como propriedade, como espaço geográfico, para se chegar no território como um terreiro, com suas memórias e saberes outros. O documentário é uma profunda denúncia do capitalismo e do genocídio de povos e comunidades tradicionais que ocorre no Brasil, ao mesmo tempo em que expressa os efeitos de sentido dos quilombolas ao falarem sobre vida e morte, para além dessa relação com o Estado. Os moradores do Quilombo Santa Rosa dos Pretos se colocam como defensores das áreas do território em que vivem há mais de trezentos anos. O território do Quilombo é um lugar de memória, que guarda a memória viva dos seus antepassados, cujo espírito continua presente.

Na vida, como na morte, a relação indivíduo-natureza é fundante. Se na vida, são os seres Encantados ou de Luz, que vivem nas matas, os responsáveis pela força e condições de reprodução das pessoas que por ali vivem, na morte, há uma ideia de continuidade, de seguimento para um mundo não visível, mas que está em conexão com o mundo material.

Recorremos primeiramente na descrição da regularidade discursiva formulada enquanto denúncia, para, em seguida, concentrarmos nosso olhar na identificação das diferentes regiões

da memória nas quais esses dizeres se sustentam. Esse movimento teórico-analítico nos permitiu perceber que há algo para além de uma relação que traga contrários, ou seja, que se limite à oposição entre morte e vida, entre morte preta e morte branca. Através da percepção da memória enquanto jogo de tensões e de forças, chegamos à identificação dos mundos invisíveis, atualizando sentidos vinculados à religião de matriz africana de influência dos povos Jejês: para estes, a ideia de morte está vinculada a uma ideia de passagem. Sendo assim, pela teoria conseguimos identificar um deslizamento de sentidos que se dá, pela *denúncia* no nível da formulação para a *memória* de uma ancestralidade, no batimento com o interdiscurso, constituindo-se numa verdadeira passagem do nomeado ao in-visível, e para outros mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004**. Promulga a Convenção n.º 169 da Organização Internacional do Trabalho-OIT sobre Povos Indígenas e Tribais.

BRASIL. **Decreto n.º 10.088, de 5 de novembro de 2019**. Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo Federal.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988.

CHAVES, Tyara Veriato; FRANÇA, Glória da R. A. **Brasilidade, encantaria e resistência: o silêncio e essa “coisa de outra ordem”**. Línguas e Instrumentos Linguísticos, Campinas, São Paulo, 2022.

FRANÇA, Glória. **O braço, o abraço e outros afetos: discursos de/sobre o quilombo urbano da Liberdade (SLZ-MA)**, ABRALIN AO VIVO - mesa-redonda mulheres e(m) discursos - 18 de junho 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. (Tradução: Marta Lança). Lisboa: Antígona, 2014.

_____. **Necropolítica**. Revista Arte e Ensaio, Rio de Janeiro, n. 32, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em aberto, v. 14, n. 61, 1994.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Editora da UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PIMENTEL, Mercia Sylvianne Rodrigues et al. **Morte-mercadoria na sociedade contemporânea: análise dos discursos de negatização e positização da morte no capitalismo**. Repositório UFAL: 2015.

MODESTO, R. **“Você matou meu filho” e outros gritos: um estudo das formas da denúncia**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018

O MUNDO. **O mundo preto tem mais vida**. Direção e produção de: Sabrina Duran. Roteiro: Andressa Zumpano, Ingrid Barros, Sabrina Duran. Fotografia e Som: Andressa Zumpano. Cidade: Itapecuru-Mirim (MA), 2018. Documentário (37 min). Link de acesso on-line: DOC COMPLETO_O Mundo Preto Tem Mais Vida - Bing video. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

A SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA NO MARANHÃO

Wendel Santos¹

João Vitor Cunha Lopes²

Laine Barros Forte³

Helen Pessoa de Sousa Miranda⁴

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho traz informações acerca dos estudos que vêm sendo desenvolvidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística do Maranhão da UFMA (daqui em diante, GEPeS/UFMA). Especificamente dá a conhecer as pesquisas realizadas no âmbito do Projeto de Pesquisa *Sociolinguística Histórica do Português Maranhense: análise de dados linguísticos a partir de textos publicados entre os séculos XIX e XX*.

De uma perspectiva geral, a sociolinguística é um campo de estudos sólido no Brasil. Nesse país, a área de estudos inaugurada por William Labov (LABOV, 1966; 1972) encontrou campo fértil de atuação. Muitos são os projetos que se ocupam em analisar, pelo

¹ Professor do Departamento de Letras (DELER) e do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PGLB), do Centro de Ciências de Bacabal (CCBa/UFMA). Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística do Maranhão - GEPeS-MA. Email: wendel.silva@ufma.br.

² Aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB/CCBa/UFMA). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística do Maranhão - GEPeS-MA. Atualmente, é professor substituto na Universidade Estadual do Maranhão (Campus Lago da Pedra/ Campus Pedreiras). Email: jvc.lopes@discente.ufma.br.

³ Aluna do Curso de Letras (CCBa/UFMA); Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-UFMA/PVCEL2747-2021). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística do Maranhão - GEPeS-MA. Email: laine.fortes@discente.ufma.br.

⁴ Aluna do Curso de Letras (CCBa/UFMA); Bolsista de Iniciação Científica ((PIBIC-UFMA/PVCEL2747-2021). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística do Maranhão - GEPeS-MA. Email: : pessoa.helen@discente.ufma.br.

método quantitativo, processos de variação e mudança linguística (vejam-se, por exemplo, as pesquisas desenvolvidas no âmbito dos Projetos SP2010⁵, PEUL⁶, Iboruna⁷, NURC⁸, VALPB⁹, entre outros). Nesses casos, variedades linguísticas do Brasil vêm sendo descritas de maneira sistemática.

No âmbito de sua perspectiva histórica, a sociolinguística também é considerada uma área consolidada no Brasil. O expoente, nesse sentido, é Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), que objetiva, de modo geral, reconstituir o percurso histórico da língua falada no Brasil, por meio da catalogação de textos escritos no país, em suas diversas regiões.

Pode-se afirmar, no entanto, que no contexto maranhense, pesquisas sociolinguísticas que se especializem em analisar, historicamente, fenômenos de variação e mudança linguísticas, são menos numerosas. Dentre as que podem ser aqui elencadas estão aquelas desenvolvidas com base em dados do Projeto nacional Tesouro do léxico patrimonial galego e português, que objetivou integrar materiais lexicográficos de referência geográfica de diferentes regiões do país. Há também trabalhos mais específicos, no âmbito da Onomástica, a exemplo de Lemos (2022), com o estudo acerca dos nomes próprios indígenas que nomeiam a hidronímia maranhense, e da Toponímia (CASTRO; CARDEIRA, 2020), sobre a origem do topônimo *Maranhão*. Essas pesquisas se concentram, assim, na análise léxico-terminológica. A análise de variáveis morfossintáticas, no entanto, é ainda menos recorrente. Contribuições de outras naturezas estão inseridas no âmbito dos estudos de crítica literária e história. Do ponto de vista literário, Tolomei (2016) analisou publicações do chamado "Grupo Maranhense" do Romantismo Brasileiro, em especial, João Lisboa (1812-1863), Sotero dos Reis (1800-1871), Gonçalves Dias (1823-

⁵ Projeto Sp2010 – Amostra da Fala Paulistana.

⁶ Programa de Estudos sobre o uso da Língua/UFRJ.

⁷ Projeto Iboruna - Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP).

⁸ Projeto Norma Urbana Culta/UFRJ.

⁹ Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba/UFPB.

1864), Sousândrade (1833-1902) e Gentil Braga (1834-1876), na *Imprensa Periódica do Maranhão do Século XIX*¹⁰. A abordagem histórica realizada por Ferretti (2015) objetivou analisar, por meio de documentos e textos jornalísticos antigos, a repressão policial a terreiros de umbanda estabelecidos na capital maranhense.

Diante desse cenário, pode-se afirmar que o português maranhense carece de pesquisas que o analisem por uma abordagem diacrônica. Baseado nessa constatação é que o trabalho que aqui se projeta se insere: traz notícia acerca da execução de tal projeto de pesquisa (suas bases teórico-metodológicas, seus objetivos principais, desafios e encaminhamentos futuros), bem como reporta pesquisas que vêm sendo desenvolvidas já com os dados coletados nos documentos.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 2, a seguir, trata do Projeto Sociolinguística Histórica do Português Maranhense: análise de dados linguísticos a partir textos publicados entre os séculos XIX e XX, a partir dos objetivos do Projeto e do relato de experiências na leitura, extração e codificação de dados sociolinguísticos, além de elencar fenômenos linguísticos em variação; logo depois, na seção 3, apresenta resultados gerais das pesquisas efetivamente realizadas por membros do GEPeS/UFMA; finalmente, apresenta as considerações finais e as referências que são aqui utilizadas.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DA EXECUÇÃO DO PROJETO SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS MARANHENSE

A análise sociolinguística de documentos históricos é bastante realizada na linguística brasileira (vide, por exemplo, GUEDES & BERLINCK, 2000; FARACO, 2005; MATTOS E SILVA, 2008), que,

¹⁰ Destacam-se os periódicos *O Conciliador do Maranhão*, *O Semanário Maranhense*, *O Ramallete*, *O Investigador Maranhense*, *Museo Maranhense*, *O Constitucional*, *O Sorriso*, *Jornal de Instrução e Correio*, *O Archivo*, *Chronica Maranhense* e *Revista*.

no geral, tem se interessado em explicar mudanças linguísticas em todos os níveis de análises linguísticas (WEEDWOOD, 2002), a saber mudanças fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais.

Pesquisas inseridas na área do conhecimento denominada sociolinguística histórica partem do princípio de que as línguas, sistemas complexos de comunicação que estão em constante processo de variação e mudança, podem ser devidamente descritas a partir de dados linguísticos historicamente estabelecidos. No geral, a Sociolinguística Histórica, subárea da denominada Linguística Histórica, objetiva analisar fenômenos de variação e mudança linguística com base em seu contexto social, cultural e histórico (HOPPER, 1977).

Entre os anos de 2020 e 2022, o GEPeS/UFMA dedicou-se à leitura de documentos históricos disponíveis no site da Biblioteca Pública Benedito Leite e do Arquivo Público de São Luís. A escolha pelo acesso aos documentos digitalizados e disponibilizados em site se deu pelo fato de que o período apresentado foi aquele considerado crítico, devido à crise sanitária causada pela pandemia de Coronavírus. Essa crise sanitária, na verdade, revelou possibilidades de estudos em variação potencialmente profícuas, para além da gravação de entrevistas sociolinguísticas, tarefa que requeria, até então, a obrigatoriedade do encontro físico entre o pesquisador e o participante.

De um modo geral, tal projeto objetivou, de maneira mais ampla, formar pesquisadores, em nível de graduação e pós-graduação, no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista e da Sociolinguística Histórica. Especificamente, se interessou em construir uma amostra com textos extraídos de documentos (jornais, revistas e textos literários) escritos no Maranhão, entre os séculos XIX e XX. Além disso, pretendeu descrever e explicar fenômenos de variação e mudança linguística, especialmente no nível morfossintático, com base no contexto social, cultural e histórico em que os textos foram escritos. Santos, Lopes e Fortes (2022) afirmam que tal projeto insere o Maranhão no conjunto de localidades que analisam, do ponto de vista sócio-

histórico, processos de variação e mudança linguística. Acrescenta-se o que Berlinck e Brandão (2021, p. 234) afirmam sobre a contribuição que a análise de dados históricos traz à pesquisa linguística:

do ponto de vista do estudo histórico das línguas, esse destaque vem determinado pelo recurso inevitável a fontes escritas e à consequente importância da fiabilidade de tais fontes, com uma revalorização do trabalho filológico.

O interesse por fontes escritas fez com que, desde 2020, houvesse a dedicação à análise de documentos que datam dos séculos XVIII, XIX e XX, na disciplina de Filologia, ofertada a alunos de graduação do curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal do Maranhão, no Centro de Ciências de Bacabal. Foi a partir dessa experiência prévia que surgiu o interesse pela análise de fenômenos linguísticos em variação no âmbito de um projeto de pesquisa mais amplo, dentre os quais destacam-se:

- variação entre formas do pretérito imperfeito e futuro do pretérito do indicativo, para expressão de hipótese (figura 1):

Figura 1: Variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo

Sem força alguma moral pelos vícios de sua origem, anarchica em sua essencia, essa camara cujos membros forão, em grande parte, eleitos pela influencia do punhal e do cacete, não podia de certo concorrer para a prosperidade da patria, e preencher a nobre missão a que são chamados os verdadeiros representantes da nação; a sua existencia, pelo contrario, seria um mal gravissimo para o paiz, um mal donde podia resultar a total desorganisação da sociedade brasileira, alterada a verdade do principio electivo, e falseado por esta forma todo o systema representativo; o monarcha

Fonte: Periódico *A Revista*. Disponível em: http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20160201102003.pdf. Último acesso em: 29 abril. 2023.

Na imagem 1, acima, extraída do jornal *A Revista*, datado do ano de 1842, observa-se que, tanto as formas de pretérito imperfeito do indicativo (podia) quanto as de futuro do pretérito do indicativo (seria) foram utilizadas no período em que as duas formas podem coocorrer.

Variação no uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo

Além desse fenômeno de variação, também se verificaram dados em que a morfologia do indicativo foi usada em contextos em que a forma possível, senão prescrita, é a do modo subjuntivo.

Figura 2: Variação entre a morfologia do indicativo e do subjuntivo

O inspector leigo, enviado por uma authoridade leiga, visita uma escola como estabelecimento leigo; nós não temos a ver aqui o que ella ahi pode fazer em virtude d'este titulo; mas o que temos a dizer é, que um Sacerdote catholico é obrigado, em consciencia e em virtude de seu officio, a visitar, velar, dirigir as escolas catholicas, que fazem parte do seu rebanho: que elle só pode e deve dirigil-as como taes, e que não haveria mais d'este lado segurança alguma para as familias catholicas, se elle as não vigiasse e as dirigisse.

Fonte: Periódico *O Ecclesiastico*. Disponível em: http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20210203145432.pdf. Último acesso em: 29 abril. 2023.

A despeito do que prescrevem gramáticas normativas do Português acerca dos usos previstos para o modo indicativo e o modo subjuntivo, o contexto destacado na figura 2, acima, evidencia um fato bastante corrente, sobretudo na variedade falada do Português brasileiro (CARVALHO, 2007; PIMPÃO, 2012; SANTOS, 2015): o de que formas indicativas coocorrem com formas subjuntivas em períodos em que, senão passíveis de aparecer as duas morfologias, sem prejuízo da compreensão do conteúdo, a forma prescrita é a do modo subjuntivo.

O início da execução desse projeto se deu com a proposta de análise dessas duas variáveis sociolinguísticas. No entanto, quando já estava em plena atividade, especialmente quando o grupo de estudos se debruçava sobre os documentos para realização de leitura dos textos antigos, observou-se a recorrência de, pelo menos, mais três variáveis, quais sejam:

- a variação na realização de dupla negação (figura 3):

Figura 3: Realização de dupla negação

A namorada do Vitruvio é, porém, quanto a recitativos e a vexame, um verdadeiro Vitruvio do avesso: sabe a Judia toda de cór e não fica nunca sem dar resposta a quem quer que seja.

Fonte: Periódico *A Avenida*. Disponível em: http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20150625110145.pdf.
Último acesso em: 30 abril. 2023.

- posição de advérbios terminados em -mente (figura 4)

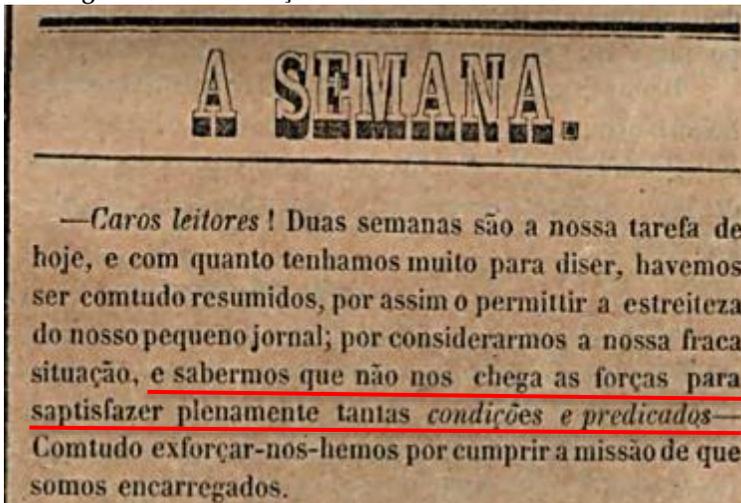
Figura 4: Posição pré-verbal de advérbios finalizados em -mente

Uma onda de luz alvissima escorrendo do céu, uma onda de luz azulada jorrando dos fôcos incandecentes, uma onda de sorrisos avermelhando nas bôcas e fuljindo nos olhos, eis o passeio de domingo. Porque o passeio do domingo proximoamente ido, foi o mais alegre de todos.

Fonte: Periódico *A Avenida*. Disponível em: http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20150625110145.pdf. Último acesso em: 30 abril. 2023.

- e não realização de concordância verbal (figura 5).

Figura 5: Não realização de concordância verbal redundante



Fonte: Periódico *A Sentinella – Jornal Semanario*. Disponível em: http://casas.cultura.ma.gov.br/porta1/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_a_d/20160517160735.pdf. Último acesso em: 30 abril. 2023.

Para que sejam analisados, o GEPeS-UFMA distribuiu entre seus membros os diversos periódicos selecionados para a pesquisa, que levou em consideração o período de publicação do documento (década e ano), além da inteligibilidade dos textos, a fim de que fosse possível extrair os dados que interessassem às pesquisas em foco. Todos os integrantes foram orientados a extrair dados dos fenômenos linguísticos elencados, que foram, em seguida, inseridos em planilhas do Excel, próprias para cada variável linguística. Ressalte-se o fato de que, paralelamente à extração de dados, o grupo realizou reuniões de leituras de textos de outros pesquisadores que se ocuparam em analisar os mesmos fenômenos aqui elencados (MARTELOTTA & VLECK, 2006; RUMEU, 2011; PIMPÃO, 2012; BERLINCK, 2019, entre outros). Isso possibilitou o estudo de variáveis linguísticas a partir dos documentos escritos disponibilizados nos sites das duas repartições citadas.

3. O ESTUDO DO PORTUGUÊS MARANHENSE À LUZ DA SOCIOLINGÜÍSTICA HISTÓRICA

Romaine (1982) foi quem estabeleceu o campo de estudos da Sociolinguística Histórica (ROSA, 2015) ao verificar a viabilidade da aplicação do aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista na análise de dados históricos, especificamente no estudo da sintaxe da variedade sociolinguística do escocês médio, ao estudar a variação entre as formas *-wh*, como *quhilk* e *which*, *-th*, como em *that* e a não realização (\emptyset) do pronome relativo, em casos como em *I that hear that this is loyal troop* e *I \emptyset hear that this is a loyal troop*.

Em linhas gerais, essa autora observou que não apenas o modelo variacionista instaurado por Labov (1972) poderia ser aplicado ao estudo de dados linguísticos históricos, como também verificou que as formas linguísticas analisadas haviam sofrido mudança ao longo do tempo, e que a variação estilística comprovava variação nos dados, mas não indicava, necessariamente, mudança linguística.

Para essa autora, estava mais do que comprovado que a Sociolinguística podia se ocupar em analisar dados linguísticos coletados em textos históricos, sobretudo porque, segundo ela, outras áreas do conhecimento linguístico, como a Dialetologia e a própria Linguística Histórica, já realizavam tal tarefa, ainda que não amparadas pelo interesse estatístico da variação, uma das contribuições trazidas pela Sociolinguística.

Faraco (2005) acrescenta que, embora os estudos sociolinguísticos tenham trazido importante contribuição para o delineamento da investigação histórica de dados linguísticos, está-se longe de generalizações que elucidem os fatores de variação e mudança que atravessaram a história das línguas, e que mais pesquisas nessas áreas precisam ser realizadas, como as que aqui se propõe.

Além disso, Romaine (2009[1982]) explica que os dados de língua escrita devem ser igualmente valorizados pelo escopo de atuação da Sociolinguística Variacionista, uma vez que ambas

possibilitam que sejam observados fenômenos de variação linguística, além do fato de que, a fim de buscar explicações acerca do passado das línguas, não há amostras de fala que possibilitem tal análise, tendo-se “apenas” o conjunto de textos escritos como fonte de dados. Para Halliday (2006, p. 5), é também função da “[...] linguística descrever textos; todos os textos, incluindo aqueles, prosa e versos, que se enquadram em qualquer definição de “literatura”, são acessíveis para análise pelos métodos existentes de linguística”¹¹.

Embora os trabalhos de Romaine (2009[1982]) tenham sido pioneiros no que se tem compreendido como Sociolinguística Histórica, somente na década de 90 que pesquisas mais sistemáticas foram realizadas nessa área. A partir daí, muitos pesquisadores (brasileiros, inclusive) vêm se interessando por mais estudos nesse perfil, a exemplo de Duarte (1993), que estudou o preenchimento da posição de sujeito no português brasileiro; Mattos & Silva (2004), que propõe bases para o estudo de documentos antigos pela via da Sociolinguística Histórica; Machado (2006), que analisa a implementação do pronome você no português brasileiro, por meio da análise de textos do século XIX; Naro e Scherre (2007), que analisam a concordância verbo-nominal para explicar a formação do português brasileiro; Cavalcante & Marcotúlio (2012), que apresentam uma descrição da realização de sentenças condicionais introduzidas pela conjunção subordinativa “se”, a partir da análise de peças teatrais escritas entre os séculos XVIII e XIX.

Com base nesse entendimento, e conforme já se indicou anteriormente, alguns trabalhos foram e vêm sendo desenvolvidos já com os dados extraídos de documentos escritos no Maranhão, ao longo do século XIX. Destacam-se, aqui, os trabalhos de Santos (2020), Fortes (ms. 2021) e Miranda (ms. 2021).

¹¹ Tradução proposta para o trecho original “it is part of the task of linguistics to describe texts; all the texts, including those, prose and verse, which fall within any definition of “literature”, are accessible to analysis by the existing methods of linguistics” (HALIDAY, 2006, p. 5).

Com uma proposta interdisciplinar entre linguística e literatura, Santos (2020) analisou o uso de formas do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito, com base em jornais da imprensa maranhense publicados no século XIX, a saber O Semanário Maranhense (1867-1868), O Archivo (1845-1846), A Revista (1889-1920) e O Constitucional (1798-1840), em casos como “seria um mal gravíssimo para o paiz, um mal donde podia resultar a total desorganização da sociedade brasileira (...)” [A Revista], em que a forma própria do futuro do pretérito do indicativo, na expressão de hipótese, coocorre com a forma do pretérito imperfeito do indicativo. Parte da compreensão de que

“formas do pretérito imperfeito no lugar de formas do futuro do pretérito do indicativo, em contextos em que o esperado é essa última forma verbal, mostrando como aquela forma tem se sobressaído sobre esta (Pontes, 1990), e que esse fenômeno não é recente no português brasileiro” (SANTOS, 2020, p. 248).

Foram analisados, neste estudo, a documentação dos textos publicados nos periódicos O Semanário Maranhense (1867-1868), O País (1863-1889), A Revista (1889-1920) e O Constitucional (1798-1840) acerca das ocorrências da expressão de hipótese do português brasileiro. As ocorrências foram lidas, destacadas e codificadas em planilha do Excel. Os dados, codificados, foram analisados estatisticamente pelo programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005).

Tabela 1: Ocorrências de Futuro do Pretérito e Pretérito Imperfeito do Indicativo de acordo com os periódicos analisados

| Periódico | N/Pretérito Imperfeito | % | N/Futuro do Pretérito | % | Total |
|---------------|------------------------|-------------|-----------------------|-------------|------------|
| A Revista | 84 | 50.9 | 81 | 49.1 | 165 |
| O Conciliador | 49 | 89.1 | 06 | 10.9 | 55 |
| O Semanário | 109 | 55.9 | 86 | 44.1 | 195 |
| O Archivo | 25 | 62.5 | 15 | 37.5 | 40 |
| Total | 267 | 58.7 | 188 | 41.3 | 455 |

Fonte: Santos (2020, p. 254)

Os dados da tabela 1 revelam que, no geral, as formas do pretérito imperfeito foram mais recorrentes, com um total de 58,7% do total de dados, contra 41,3% do total de dados na forma do futuro do pretérito. O autor explicou que a análise feita revela informações importantes acerca do uso de duas formas verbais bastante estudadas no português brasileiro, além de abrir espaço para um amplo debate quanto ao seu uso desde sincronias pretéritas.

Por sua vez, Fortes (2021) realizou a pesquisa de iniciação científica intitulada “Variação no uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo em textos escritos no Maranhão entre os séculos XIX¹²”. O objetivo era o de analisar formas indicativas em contextos em que o esperado, senão o prescrito, são as formas do subjuntivo, a partir de documentos no século XIX, e que estão disponibilizadas no site da Biblioteca Pública Benedito Leite e do Arquivo Público de São Luís.

De um modo geral, a autora observou que formas indicativas foram mais recorrentes na amostra analisada comparativamente a formas subjuntivas, e que “os resultados refletem, em alguma medida, aqueles encontrados em pesquisas constituídas sob o plano da sociolinguística histórica” (SANTOS; LOPES; FORTES, 2022, p. 123), com o tempo verbal pretérito se correlacionando à morfologia do subjuntivo, bem como verbos com carga semântica volitiva, a exemplo de *querer* e *desejar*. Por outro lado, não houve diferenças significativas entre os periódicos analisados, no sentido de que nem o indicativo e nem o subjuntivo foram favorecidos, a depender do documento analisado.

Além desse trabalho, Miranda (2021) estudou, também em nível de iniciação científica¹³ a variação na posição sentencial de

¹² PIBICUFMA/ PVCEL2747-2021. Agradece-se à Universidade Federal do Maranhão, por meio de sua Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós-Graduação e Internacionalização (AGEUFMA) e seu programa de bolsas de iniciação científica.

¹³ (PIBIC-UFMA/PVCEL2747-2021. Agradece-se à Universidade Federal do Maranhão, por meio de sua Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa,

advérbios qualitativos em *-mente* em textos escritos no Maranhão no século XIX. A pesquisadora partiu do amplo entendimento de que a estrutura do Português Brasileiro apresenta importante propensão para que advérbios qualitativos, do tipo “verdadeiramente” e “sabiamente”, ocorram em posição pós-verbal (cf. MORAES PINTO, 2002; MARTELOTTA et al, 2002 entre outros), a exemplo do trecho “Lamentamos profundamente deixem assim progredir, impunemente, uma enfermidade que causa asco e horror”, extraído do documento intitulado A Lepra entre nós, datado do ano de 1897, no Maranhão pelo médico Dr. Lobão Junior, que se ocupou em fazer, em tal escrito, uma revisão detalhada da epidemia de lepra que assolava o estado na época descrita, ainda que diversos estudos apontem para o fato de que, em fases arcaicas do Português, havia certa preferência para que esse tipo de advérbio aparecesse, na sentença, em posição pré-verbal (cf. MARTELOTTA; VLČEK, 2006; CEZARIO, 2015). Especificamente, Miranda averiguou a tendência, a partir da passagem do século XIX para o século XX, desses advérbios se posicionarem em posição pré-verbal, fenômeno já detectado em sincronias anteriores do Português. Para tanto, foram coletadas ocorrências de advérbios qualitativos encerrados em *-mente* e codificados em planilhas de Excel, a fim de que fossem, posteriormente, analisados estatisticamente. As transcrições das ocorrências foram feitas no Elan (HELLWIG; GEERTS, 2022), programa computacional próprio para anotação de arquivos de áudio e vídeo, de acordo com Oushiro (2015). As análises estatísticas foram realizadas no R (R CORE TEAM, 2023).

Como resultados gerais, Miranda (2021) observou que há uma tendência por advérbios terminados em *-mente* em posição pós-verbal, independentemente da característica semântica dos advérbios, modalizadores ou qualitativo. Do total de ocorrências analisadas, 92,9% (13 ocorrências) de advérbios modalizadores, e

Pós-Graduação e Internacionalização (AGEUFMA) e seu programa de bolsas de iniciação científica.

90% dos dados de advérbios qualitativos (90 ocorrências), estavam em posição pós-verbal.

Além dessas pesquisas, o GEPeS/UFMA vem se dedicando também à análise de concordância verbal, variação tu/você para referência à segunda pessoa do discurso, análise do paradigma do sujeito nulo e realização de dupla negação. As análises desses fenômenos, associados às que já vêm sendo feitas, possibilitarão inferir se os fenômenos linguísticos analisados nos documentos revelam processos de variação e mudança linguísticas e, de acordo com o princípio da uniformidade (LABOV 2008[1972], p. 317), se “as forças que operam para produzir a mudança linguística hoje são do mesmo tipo e ordem de grandeza das que operaram no passado”. Nesse sentido, a compreensão do funcionamento da história das línguas contribui diretamente para a compreensão do funcionamento atual desse complexo sistema de comunicação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou um panorama dos estudos que vêm sendo realizados pelo GEPeS/UFMA, com base no aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 2009[1982]). Analisar variáveis sociolinguísticas de um ponto de vista diacrônico interessa para que se tenha um retrato melhor definido do que se tem denominado variedade do português maranhense, uma vez que a análise desses dados históricos pode subsidiar comparações com trabalhos que analisem os mesmos fenômenos na sincronia atual dessa variedade linguística.

REFERÊNCIAS

BERLINCK, Rosane. Subjuntivo *vs* indicativo em orações completivas: percurso diacrônico no português brasileiro. In: CARRILHO, Ernestina et al (orgs). Estudos Linguísticos e

Filológicos oferecidos a Ivo Castro. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, p. 217-244, 2019.

BERLINCK, Rosane de Andrade; BRANDÃO, Silvia Maria. Por uma sociolinguística histórica: análise multidimensional de cartas pessoais e peças teatrais brasileiras. In: BIAZOLLI, Caroline Carnielli; BERLINCK, Rosane de Andrade (orgs.). *Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 233-270, 2021.

CARVALHO, Hebe M. de. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri*. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CASTRO, Maria Célia Dias de; CARDEIRA, Esperança. Um Nome em Movimento: percurso linguístico-histórico do topônimo Maranhão. *Papeis* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens/UFMS. Vol. 24, Campo Grande, 2020.

CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. Novo olhar sobre as construções com se: para além da questão da concordância. In: DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

CEZARIO, Maria Maura. A expressão adverbial de tempo e de aspecto no português escrito. *Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno11-01.html>, 2015. Último acesso em: 30 de abril de 2023.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 107-128, 1993.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

- FERRETTI, Mundicarmo (organizadora). *Um caso de Polícia!: pajelança e religiões afro-brasileiras no Maranhão (1876-1977)*. São Luís: EDUFMA, 2015.
- FORTES, Laine Barros. *Variação no uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo em textos escritos no Maranhão entre os séculos XIX e XX*. Projeto de Iniciação Científica. Curso de Letras, Centro de Ciências de Bacabal, Universidade Federal do Maranhão, 2021 (ms.).
- GUEDES, Marymarcia; BERLINCK, Rosane de Andrade (orgs). *E os preços eram commodos...: anúncios de jornais brasileiros - século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.
- HALIDAY, M. A. K. *Linguistic studies of text and discourse*. v. 2. London/New York: A & C Black, 2006.
- HELLWIG, B.; GEERTS, J. ELAN – Linguistic Annotator. Versão 6.4. Disponível em: <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>, 2022. Acesso em: 16 de abril de 2023.
- HOPPER, Paul J. *Studies in Descriptive and Historical Linguistics*. Binghamton, New York: Amsterdam/John Benjamins B.V, 1977.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns Philadelphia*: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MACHADO, Ana Carolina Morito. *A implementação de "você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. 108f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) /UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.
- MARTELOTTA, Mário E.; BARBOSA, Afrânio; LEITÃO, Márcio M. 'Ordenação de advérbios intensificadores e qualitativos em -mente em cartas de jornais do séc. XIX: bases para uma análise diacrônica'. In: DUARTE, Maria Eugênia L.; CALLOU, Dinah. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. V. IV: notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras de UFRJ: FAPERJ, 2002.
- MARTELOTTA, Mário E.; VLČEK, Nathalie. Advérbios qualitativos em -mente em cartas de jornais do século XIX. *Lingüística*: revista do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português são dois...: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MIRANDA, Helen Pessoa de. *A variação na posição sentencial de advérbios qualitativos em -mente em textos escritos no Maranhão entre os séculos XIX e XX*. Projeto de Iniciação Científica. Curso de Letras, Centro de Ciências de Bacabal, Universidade Federal do Maranhão, 2021 (ms.).
- MORAES PINTO, Deise Cristina de. *Os advérbios qualitativos e modalizadores em -mente e sua ordenação: uma abordagem diacrônica*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- PEREIRA, Edson Lemos. *Contribuição indígena à hidronímia maranhense*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos/UFMG, Belo Horizonte, 2022.
- PIMPÃO, Tatiana. *Uso variável do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. Florianópolis. 350 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- R Team, Development Core. *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL: <https://cran.r-project.org/bin/windows/base/>, 2023.
- ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009[1982].
- ROSA, Eliane da. Sociolinguística Histórica. *Revista de Letras*. v.17, n. 21, jul./dez. 2015. Curitiba, 2015.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. As relações de poder e de solidariedade na sociedade carioca dos séculos XVIII e XIX. *Todas as Letras/Língua*. (MACKENZIE. Online), v. 13, p. 115-126, 2011.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, Wendel Silva dos. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Wendel Silva dos. Uso de formas do pretérito imperfeito e futuro do pretérito do indicativo em jornais maranhenses do século XIX. In: RIBEIRO, Mariana Aparecida de Oliveira; ALMEIDA, Lucélia de Sousa (orgs.). *Linguagem, discurso e cultura*. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 243-258, 2020.

SANTOS, Wendel Silva dos.; LOPES, João Vitor Cunha; FORTES, Laine Barros. Variação indicativo/subjuntivo em documentos históricos do século XIX no Maranhão. In: VIEIRA, José Antonio; TOLOMEI, Cristiane Navarrete (orgs.). *Linguagem, discurso e cultura*. Vol. 2. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 109-128, 2022.

TOLOMEI, Cristiane Navarrete. *Contexto de Produção e de Publicação, Inovações Literárias e Linguísticas e Questões Identitárias do "Grupo Maranhense", na Imprensa Periódica do Maranhão Oitocentista*. Projeto de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências, Educação e Linguagens da Universidade Federal do Maranhão, Campus III/Bacabal. Período de execução: 2016-2018. Bacabal, 2016.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

IDENTIFICANDO COMO ALUNOS INICIANTEES ESCRIVEM EM INGLÊS: UM ESTUDO COMPARATIVO COM A LINGUA PORTUGUESA

André Felipe Ribeiro¹
Monica Fontenelle Carneiro²

1. INTRODUÇÃO: BREVE HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA APLICADA

Desde a publicação da revista *Language Learning: A Quarterly Journal of Applied Linguistics* em 1948, os estudos em Linguística Aplicada (doravante LA) vêm crescendo e contribuindo para outras perspectivas no inesgotável estudo sobre a Linguagem. Inicialmente, a necessidade desses estudos aparece em um cenário político-social conturbador: a segunda guerra mundial. Era necessário que soldados americanos aprendessem a língua dos locais para onde eram enviados. Foi devido a essa necessidade que alguns estudiosos da Linguagem como Charles Fries e Leonard Bloomfield tomaram para si a incumbência de pensar sobre o ensino e aprendizagem de Língua estrangeira. As iniciativas de estudos aplicados que surgiram em ambos os lados do Pacífico foram o ponto de partida para os estudos em LA.

Inicialmente, a LA era compreendida como parte da Linguística textual que se preocupava com o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Ao final dos anos 80, no entanto, teóricos começaram a debater a autenticidade da LA, pois seus estudos eram inter e transdisciplinares, ultrapassando a área

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (letras.andrefelipe@gmail.com)

² Doutora em Letras Linguística pela Universidade Federal do Ceará (monicafcarneiro@gmail.com)

da Linguística Textual e dialogando com diferentes áreas do conhecimento como a Psicologia, a História, a Sociolinguística, etc.

Hoje, com status da LA como ciência e não mais como uma sub-área da Linguística Textual, os estudos em LA têm, cada vez mais, tomado corpo próprio, abrangendo não somente estudos em ensino e aprendizagem de língua estrangeira, mas também, em língua materna, promovendo reflexões sobre como pensar a própria língua, bem como pensar a língua do outro através da sua língua materna.

Este trabalho objetivará uma análise nos moldes dos estudos em LA: uma análise de como é possível pensar no ensino de Inglês, levando em conta a relação inevitável e, por vezes, inconsciente que o aprendiz faz com a sua língua materna e que não pode ser, simplesmente, ignorada e tratada como “erro” pelo professor.

2. TEORIAS DE AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE UMA SEGUNDA LÍNGUA

Diferentes teorias sobre a aquisição de uma segunda língua (doravante L2) foram discutidas ao longo da história. Elas se referem ao modo mais adequado ou mais possível de como falantes nativos de uma língua materna (doravante L1) aprendiam outra língua. Ao longo do tempo, diferentes perspectivas fizeram parte da mesma observação. Abaixo seguem duas dessas teorias: a behaviorista e a inatista/cognitista.

a) A perspectiva behaviorista

Com o lançamento da obra *Verbal Behavior* de Frederic Skinner, nasce a perspectiva behaviorista cujo aprendizado se dava através de repetição de certos comportamentos, em um processo de imitação, repetição e esforço (feedback).

Nesta teoria, acredita-se que a criança tenta imitar a língua de quem está ao seu redor e pode receber feedback positivo ou negativo. O feedback positivo seria o entendimento e a continuação

da comunicação, enquanto que o negativo, a falha ou desentendimento na comunicação.

b) As perspectivas inatista e cognitiva

A teoria behaviorista foi perdendo forças quando, em 1959, Chomsky observa que, para além de terem hábito linguístico, as crianças internalizavam e criavam sentenças que jamais haviam escutado. Estava posta a observação que levaria a perspectiva inatista: o ser humano, para Chomsky, já nascia com uma pré-disposição ao aprendizado de uma língua materna.

Para embasar sua teoria, Chomsky apresentou o conceito de Gramática Universal para explicar essa pré-disposição cognitiva com que a criança nasce para aprender uma L1, que chamou de competência linguística.

Com o avanço dos estudos na área cognitiva e na relação de Linguagem e mente, observou-se que poderiam ser analisadas as relações que estavam para além de princípios e parâmetros específicos, como defendia Chomsky. As relações entre as estruturas linguísticas e mecanismos cognitivos não-específicos da língua foram contempladas e tinham como características: a investigação da mente por meio de teorias computacionais e representacionais; a maior parte das abordagens behavioristas eram rejeitadas; diversas poderiam ser as fontes de evidências empíricas para a pesquisa e o significado linguístico era atribuído a padrões mentais e não às coisas do mundo ou aos usos comuns da língua (ELLIS, 1997).

3. INFLUÊNCIA DE L1 EM L2: OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E AQUISIÇÃO

É inegável que, no processo de aprendizagem de uma L2, o aluno iniciante (e, até mesmo, o avançado) apoie-se na estrutura de sua L1 para tentar comunicar-se.

Esse recurso que o aluno utiliza é quase que inevitável e, por vezes, de uso inconsciente, pois, para se expressar com “naturalidade” o aluno usa estruturas frasais, formas semântico-lexicais, entre outros recursos dos quais domina plenamente enquanto falante de L1 para, assim, poder produzir a L2.

Segundo Stern (1970), “a presença da primeira língua no indivíduo aprendendo uma segunda língua é um fator que não pode e não deve ser ignorado” (STERN, 1970). Com efeito, as produções escritas e orais feitas por alunos de L2 no processo de aprendizagem são, especialmente em aprendizes iniciantes, apoiadas em estruturas de sua L1, produzindo “um sistema linguístico separado” (SELINKER, 1972) chamado interlíngua.

Outrossim, faz-se importante diferenciar o processo de aquisição e de aprendizagem de uma L2. Embora autores como Ellis (1987) e Gass (1989) usem ambos os termos de forma sinônima, autores como Krashen (1981) e McLaughlin (1978) diferenciam esses dois conceitos. A fim de fazer essa distinção, os últimos dois autores utilizam aspectos como consciente/inconsciente e formal/informal, respectivamente, sobre os quais abordaremos aqui, com maior exploração da teoria Krashiana.

Para Krashen (1985), a diferença entre aprendizagem e aquisição é fundamental. Segundo ele:

- **Aquisição (Acquisition):** É o processo pelo qual o indivíduo adquire uma língua de forma natural e espontânea. Assemelha-se à aquisição de LM. É um processo subconsciente e acontece no ambiente informal, resultante da interação natural em um contexto de comunicação significativa.

- **Aprendizagem (Learning):** É o processo pelo qual o aprendiz estuda a língua e a aprende de maneira consciente. É, no geral, resultado da experiência de sala de aula e o aprendiz precisa, muitas vezes, praticar regras gramaticais. Esse processo ocorre em ambientes formais como escola de idiomas ou escolas regulares.

Krashen também afirma que a aprendizagem nunca será melhor que a aquisição, ou seja, um falante que adquiriu uma LAd

estará mais preparado para a comunicação e mais próximo de um nativo do que um falante que aprende essa mesma LAd.

Ambos os processos de aquisição e aprendizagem representam sistemas de internalização de LAd e acontecem de acordo com o contexto em que o indivíduo está inserido. Para fins desse estudo, será adotado o termo aprendizagem para o processo de internalização de Inglês como LAd dos colaboradores dessa pesquisa uma vez que são estudantes de um curso de Inglês e aprendem a língua em ambiente formal onde são levados a correção de seus erros e prática de LAd de forma consciente.

A seguir, abordaremos sobre o que versam as demais hipóteses de Krashen sobre aprendizagem e aquisição de uma nova língua, destacando os conceitos de Aprendizagem formal e Aprendizagem informal que são importantes para focalizarmos que os participantes desta pesquisa estão submetidos à primeira – Aprendizagem formal.

3.1 As hipóteses de Krashen sobre Aquisição e Aprendizagem de LAd.

Além da hipótese da distinção entre aprendizagem e aquisição, Krashen (1985) teorizou outras hipóteses que revolucionaram a área de LA: a hipótese da ordem natural, do input, do monitor e do filtro afetivo.

A hipótese de ordem natural refere-se, mais especificamente, à aquisição. Segundo Krashen (1985), algumas estruturas de LAd são adquiridas mais rapidamente que outras em uma ordem previsível que não é, necessariamente, a mesma ordem na aquisição de LM. Essa ordem de aquisição, portanto, não é, necessariamente, a mesma que o aluno é exposto nas aulas de LAd. Dessa forma, dependendo do quanto LM e LAd são próximas, um aluno pode levar mais ou menos tempo para adquirir certas estruturas linguísticas.

A hipótese do input postula que o aprendiz deve ser submetido a um insumo (input) dessa língua que seja um pouco

além do seu nível atual de sua competência linguística. Krashen define a fórmula $i + 1$, como sendo o insumo ao qual cada aprendiz deve ser exposto. Dessa forma, as novas estruturas gramaticais, o novo vocabulário, entre outras informações linguísticas devem ser apresentadas ao aluno de forma gradual a fim de que o insumo possa ser compreensível.

Uma vez que o input é compreensível, a gramática necessária é automaticamente fornecida e a fala "emerge" de forma natural como resultado da competência construída por essa exposição ao insumo de LAd. Essa hipótese também afirma que adquirimos primeiro o significado e, como consequência, a estrutura e que o indivíduo não deve preocupar-se em "como dizer" algo na língua, mas sim no uso, ou seja, "o que" dizer nesta língua.

Outra hipótese é a do monitor que pressupõe que aquisição e aprendizagem são processos distintos e que a aprendizagem formal não tem efeito sobre a aquisição, exceto para servir como fiscal, um monitor da produção linguística do indivíduo. Quando aprendizes autocorrigem ao falar ou escrever é o monitor, proveniente da educação formal, que é acionado para tal.

Segundo Krashen (1985), o monitor é posto em prática se o aprendiz tiver tempo para pensar sobre as regras linguísticas (o que, geralmente, não é possível em uma conversa, mas seria mais adequado para a produção escrita) e foco na estrutura da língua, ou seja, o aprendiz está mais focado no que dizer para dizê-lo da forma mais correta, além de precisar ter conhecimento das regras para poder realizar a autocorreção. O autor também afirma que alguns aprendizes usam o monitor de forma muito ou pouco frequente e que o ideal seria um uso moderado, suplementando a aquisição da língua e não interrompendo a comunicação.

Já a hipótese do filtro afetivo refere-se, de forma mais específica, ao processo de aprendizagem de LAd. O filtro afetivo é "um bloqueio mental que impede os indivíduos de utilizarem totalmente o input compreensível que eles recebem para a aquisição da língua" (KRASHEN, 1985, p. 3). Os fatores afetivos estão envolvidos e influenciam positiva e negativamente na aprendizagem de LAd. Ou

seja, um input compreensível não é o suficiente para que a aprendizagem aconteça. O aprendiz deve estar com um filtro afetivo baixo ou fraco para que o input de língua seja adquirido. Um aprendiz desmotivado e ansioso, portanto, não teria sucesso na aprendizagem da nova língua. Esta hipótese será relevante para a análise proposta neste estudo visto que ela está diretamente ligada aos níveis de motivação de um aprendiz.

No tópico seguinte, abordaremos sobre dois tipos de aprendizagem importantes que se referem ao grau de formalidade das relações do aprendiz com o espaço e as pessoas. Será importante diferenciar um aprendiz que está em contato direto com o meio social onde se fala a LAd do aprendiz que estuda a LAd no ambiente social de sua LM, que é o caso dos participantes desta pesquisa.

3.2 A aprendizagem formal e informal.

É relevante explicar que, na literatura da área de LA, podemos encontrar o termo aprendizagem com duas subdivisões: aprendizagem formal e aprendizagem informal. Esta última modalidade é própria do processo de aquisição de LAd, pois ocorre de maneira mais natural e em ambientes menos formais. Já a aprendizagem formal, refere-se ao conceito de Krashen (1985) sobre a aprendizagem de forma generalizada, como já mencionada anteriormente.

O processo formal, como explica o linguista Francisco Figueiredo (2002) refere-se à sala de aula, que é um ambiente artificial criado para se estudar sobre a língua-alvo, sem contato com nativos. É um ambiente de instrução onde o foco está, muitas vezes, na estrutura da língua, na correção de erros e na simulação de situação de situações linguísticas.

O quadro abaixo resume, de forma mais objetiva, os conceitos relativos à aprendizagem discutidos até então segundo Figueiredo (2002):

| Aprendizagem formal | Aprendizagem Informal (processo de aquisição) |
|---|---|
| Ocorre em ambiente formal (sala de aula) | Ocorre em ambiente informal onde se fala a língua-alvo em questão |
| Há foco na estrutura linguística e na correção de erros | O foco está na comunicação natural na qual o aprendiz constrói hipóteses na elaboração de sentenças para estabelecer a comunicação. |
| Refere-se ao processo de educação formal | É parecido com a aquisição da primeira língua. |
| Processo consciente de internalização das regras gramaticais da língua. | Processo inconsciente de internalização das regras naturais da língua |

A partir desse quadro, poderíamos entender, por exemplo, que a autocorreção seria uma forma comum de correção, baseada na intuição de gramaticalidade dos falantes (KRASHEN, 1981). Entretanto, para a aprendizagem de L2, é necessário um conhecimento consciente de regras da língua-alvo e que pode, por meio da correção, faz com que o aprendiz de L2 crie “uma representação mental correta da generalização linguística” (KRASHEN, 1981).

Além dessa distinção entre aquisição e aprendizagem de L2, autores como McLaughlin (1978) e Grosjean (1982) ainda propõem duas categorias quanto à aquisição de L2. Eles utilizam o critério idade para diferenciar a aquisição simultânea e sucessiva de duas línguas.

Para McLaughlin (1978), uma criança aprende duas línguas de forma simultânea até os três anos de idade. Depois disso, ela pode aprender uma L2 de forma sucessiva. A aquisição simultânea de duas línguas é como em crianças com pais falantes de línguas diferentes e a aquisição sucessiva acontece em casos que a família precisa mudar-se para outro país em que a criança terá contato com uma L2 na escola, ou no caso de línguas minoritárias que são faladas pelos familiares e comunidade, mas, em ambientes políticos e formais, são substituídas por uma língua oficial, como é o caso de grande parte de países africanos.

McLaughlin (1978 apud Figueiredo 1995, p.44) usa o aspecto formal/informal para diferenciar aquisição e aprendizagem de uma L2, sendo a aquisição concebida de forma natural, sem instrução formal. Ou seja, as pessoas que aprendem uma língua por estarem inseridas na comunidade falante desta língua, passaram por um processo de aquisição de L2. Já a aprendizagem de L2, para McLaughlin, dar-se-ia por meio de uma instituição formal (a escola) onde a pessoa pratica a língua em um ambiente artificial (a sala de aula) sem ter contato com o ambiente real onde a língua é falada ou mesmo com nativos daquela língua.

4. A PESQUISA

A pesquisa foi realizada com alunos do básico I ao III que tinham entre 15 e 20 anos e cursavam Inglês no Centro de Línguas e Cultura do Maranhão (doravante CLC). O CLC é um curso de extensão oferecido pela Universidade Federal do Maranhão e coordenado pela professora doutora Naiara Sales Araújo, docente integrante do departamento de Letras da universidade. O curso foi criado em 2013 com o objetivo de ensinar as Línguas inglesa e espanhola para alunos oriundos de escola pública da cidade de São Luís.

Foram selecionados 20 testes em que os alunos teriam que responder perguntas discursivas sobre temas gerais como rotina, família, coisas que fizeram no último fim de semana e planos para as próximas férias, dependendo do nível em que eles estavam (do básico I (doravante B1), que são iniciantes; básico II (doravante B2), que já estudam no curso há 1 semestre no curso e básico III (doravante B3), que já estudam há 1 ano).

A produção textual era uma das questões da avaliação que incluía, também, questões de perguntas e respostas, de interpretação textual, de elaboração de perguntas para respostas e questões de múltipla escolha.

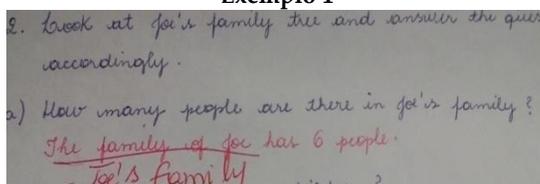
4.1 ANÁLISE DO MATERIAL

Notaram-se, ao observar os textos, várias associações que os alunos faziam com a Língua Portuguesa na tentativa de se expressarem em Inglês através da escrita. No entanto, percebe-se que as ocorrências de associações foram mais frequentes em alunos de nível B1 e menos recorrentes em nível B3, o que indica que quanto maior o tempo de estudo, menor a incidência de associações com a L1 e, conseqüentemente, maior o nível de imersão e aprendizado de L2. Seguem as associações encontradas:

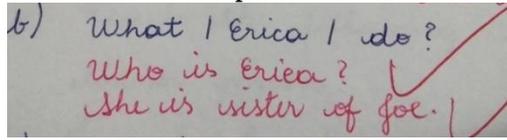
a) Uso excessivo da preposição *of* com o artigo *the* na elaboração de casos genitivos:

O caso genitivo em Inglês é feito de uma forma bastante particular: há inversão entre o “ser” que possuidor e a “coisa” que ele possui, seguido do acréscimo de 's no substantivo que possui algo. Essa forma é de difícil assimilação, pois, em Português, não temos estrutura frasal equivalente para esse mesmo caso. Em Português, forma-se o caso genitivo com o uso da preposição “de” e, muitas vezes, com um artigo definido que antecede o substantivo possuidor de algo. Por haver uma possibilidade equivalente à portuguesa em Inglês com o uso da preposição *of* e o artigo definido *the*, os alunos tendem a usá-la em todos os casos, por similaridade, como no exemplo:

Exemplo 1



Exemplo 2



Como visto no exemplo 1, mesmo com a ocorrência da estrutura frasal do genitivo com 's na pergunta, o aluno, ainda assim, responde com base na estrutura frasal portuguesa, realizando o genitivo com *of* e *the* que são as traduções equivalentes à “de” e os artigos “o(s)” e “a(s)” em Inglês.

b) Uso do *your* referindo-se a todas as pessoas do discurso

O uso do adjetivo possessivo *your* por estudantes iniciantes de Inglês nativos de Português tem sido confuso. Isso porque a tradução do adjetivo possessivo *your* tem sido feita pelo pronome seu(s), sua(s) em Português que, em geral, conferem certa ambiguidade as construções frasais. Assim, encontramos traduções como:

A menina tem uma irmã. **Sua** irmã é bonita → The girl has a daughter. **Your** daughter is beautiful.

No exemplo acima, é transferida para o adjetivo possessivo *your* a ambiguidade que se tem nos pronomes seu(s) e sua(s) em Português.

c) Uso de qualificadores em posição posterior ao substantivo

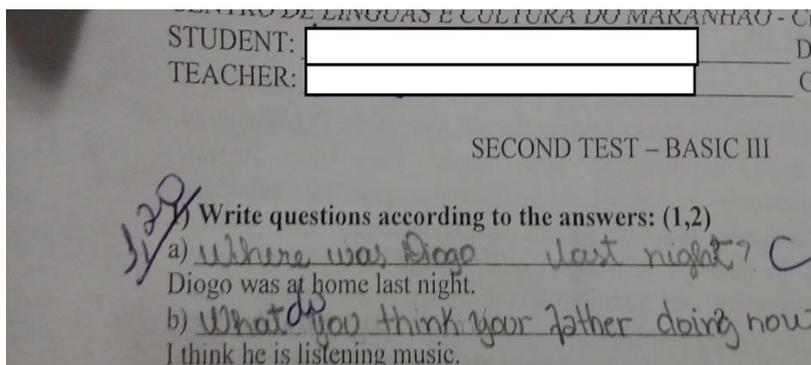
Os qualificadores, em Português, podem ocorrer em posição posterior ou anterior ao substantivo, com diferença de semântica, muitas vezes, de uma posição para a outra. No entanto, de forma geral, qualificamos em posição posterior aos substantivos quando a intenção é, simplesmente, conferi-lo uma característica inerente a ele. Em Inglês, essa ordem é, normalmente, contrária e, portanto, é comum encontrarmos casos em que a posição do qualificador ainda obedece à sequência frasal do Português, como no exemplo:

This **girl beautiful** is dancing with me. (beautiful girl ? girl beautiful)

d) Ausência de verbos auxiliares para formação de sentenças negativas e interrogativas

Como se sabe, a língua inglesa possui uma forma peculiar de formação de sentenças negativas e interrogativas: usa-se um verbo auxiliar para marcar a negação seguido ou contraído com o adverbio *not* e, nas perguntas, esses verbos aparecem em posição anterior ao sujeito da sentença.

Em Português, não há marcador para perguntas, exceto o sinal de interrogação, o que faz uma tarefa árdua assimilar a forma da língua inglesa. Por isso, é comum ver na escrita de aprendizes de Inglês como L2 sentenças sem verbos auxiliares. Estes verbos são, simplesmente, esquecidos, pois os aprendizes não veem correlação entre eles e uma estrutura equivalente em Português, agravado pelo fato de tais verbos não terem tradução nas sentenças. Abaixo vemos o exemplo de associação destacada:



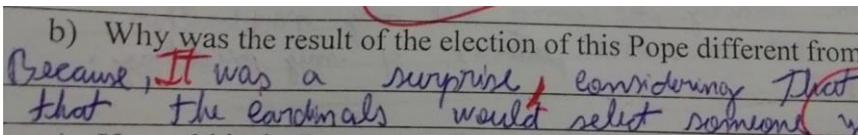
*O aprendiz não utiliza o auxiliar do para a formação da sentença interrogativa

e) Ausência de sujeito das sentenças

Em Português, fazemos construções com sentenças de sujeito oculto ou mesmo sem sujeito, como é o caso de verbos que

expressam fenômenos da natureza, quando usados em seu sentido denotativo. Enquanto que o Inglês, por ser uma língua de sujeito pleno, não possui morfemas para indicar informações de número e pessoa do sujeito nas sentenças.

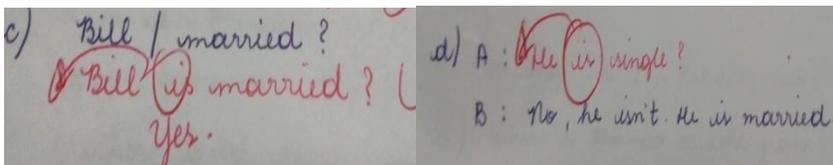
Aprendizes de Inglês, geralmente, deixam bem marcada, em suas composições escritas, essa característica do Português. Especialmente quando, na frase, o sujeito é nulo que, em inglês, é representado pelo sujeito nulo *it*. Segue, abaixo, um exemplo de associação com a forma disposta dos sujeitos em Português:



f) Não deslocamento do verbo *to be* em sentenças interrogativas

Em Inglês, o verbo ser e estar faz suas próprias formas negativa e interrogativa. Para a forma negativa, é necessário, apenas, o acréscimo do advérbio *not*, o que não aparenta problemas para aprendizes da língua, pois o mesmo ocorre em Português. O único problema, no entanto, seria a posição do advérbio que é posto depois do verbo *e*, em Português, antes.

Problema maior ocorre com a formação de sentenças interrogativas com o verbo ser e estar do Inglês, pois este muda de posição, deslocando para frente do sujeito, o que, para um aprendiz, configura-se uma estrutura bastante incomum. Logo, é usual vê-los usando o verbo ser e estar em Inglês na forma interrogativa sem deslocar o verbo para frente do sujeito. Alguns exemplos são:



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

São de grande interesse da LA as pesquisas e estudos referentes ao ensino, aprendizagem e aquisição de uma L2. Didaticamente, saber quais são as associações que os alunos fazem com sua língua materna é, sem dúvida, para o professor de línguas, uma fonte de aprimoramento de seu trabalho em sala de aula. Tais observações inferem, diretamente, nas escolhas didáticas que o professor pode fazer para melhorar o ensino de uma L2.

Assim, percebe-se, ao analisar as produções escritas dos alunos participantes do CLC, que a forma pela qual eles se comunicam no meio escrito em Inglês está fortemente apoiada na estrutura frasal do Português e, por serem alunos iniciantes, precisam desse suporte da língua materna para se comunicarem em L2 através da escrita. Portanto, o professor, ciente dessas associações, poderá, certamente, enriquecer sua aula e descobrir caminhos para o melhor aprendizado da língua-alvo, usando a língua materna do aluno a seu favor.

REFERÊNCIAS

- ELLIS, Rod. **Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- ELLIS, Rod. *Understanding second language acquisition*. Hong Kong: Oxford University Press, 1987.
- FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. **Aquisição e aprendizagem de segunda língua**. *Signótica* 7:39-57, 1995.
- GASS, S. M. Universal Language and second-language acquisition. *Language Learning*, n. 39, p. 497-534, 1989.
- GROSJEAN, François. **Life with two languages. An introduction to bilingualism**. Harvard University Press, Estados Unidos da América: 1982.
- KRASHEN, S. D. Second language acquisition and second language learning. Oxford: Pergamon, 1981. **Principies and**

Practice in second language acquisition. New York: Pergamon, 1982. The input hypothesis: issues and implications. Harlow: Longman, 1985.

KRASHEN, S. D. *et al.* Adult performance on the SLOPE Test: more evidence for a natural sequence in Adult second language acquisition. *Language Learning*, n. 26, p. 145-51, 1976.

McLaughlin, B. **Second language acquisition in childhood.** Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1978.

SELINKER, L. **Interlanguage.** *IRAL*, v. 10, p. 209-31, 1972.

STERN, H. H. *Perspectives on 2nd language teaching.* Toronto: Ontario Institute for Studies in Education, 1970.

A TOADA DO BOI DA MAIOBA E O DISCURSO DE TRADIÇÃO POPULAR DO MARANHÃO

Fagner Gomes do Nascimento¹

José Antônio Vieira²

INTRODUÇÃO

O Bumba meu boi é uma manifestação cultural que aparece em diferentes regiões do país. No entanto, é no estado do Maranhão que sua configuração ganha traços diferentes graças a diferentes formas de colonização pelas quais passou o estado. Nesse sentido, o Bumba-meu-boi, a exemplo de outras manifestações culturais, toma feições distintas.

Matracas, zabumbas e orquestras são instrumentos musicais que pelo seu uso predominante são geralmente usados como referência para designar o estilo das batidas feitas pelos brincantes dessa manifestação cultural. É, pois, assim que utilizamos os nomes desses instrumentos para dar nome a este trabalho. No entanto, as análises aqui apresentadas voltam-se ao campo linguístico-discursivo.

As letras das todas revelam seus produtores como apaixonantes compositores. Essas letras já foram muitas vezes analisadas pelo viés sociológico ou mesmo pelas lentes da Antropologia Cultural. Muitas dessas análises revelam um potencial cultural híbrido (Canclini, 2000; Latour, 2002) e muito rico, entrelaçados por diferentes modos de ver e viver o mundo.

¹ Mestrando em Letras – Programa de Pós-graduação em Letras – UFMA/PGLB, e-mail: fagner.nascimento@discente.ufma.br

² Professor Adjunto I da Universidade Estadual do Maranhão/UEMA, Campus Pedreiras, e Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, Centro de Ciências de Bacabal/CCELB, e-mail: já.vieira@fma.br

Culturalmente falando, o bumba-meu-boi é uma manifestação cultural popular que apresenta signos, tendo em sua linguagem a capacidade de representar, criar e transformar, logo o motivo histórico se reflete no que diz respeito ao homem, como este concebe a realidade. Tendo em vista que o bumba-meu-boi se mostra capaz de produzir significações, ele produz de maneira significativa a realidade da memória popular, passando de geração a geração, e, além disso, reifica as mais variadas temporalidades transformando-se em uma prática discursiva.

Todavia, o bumba-meu-boi representa as festas, enquanto momentos de comemoração e conagração popular. Possui o seu perfil cultural enraizado e organizado no interior de determinadas comunidades, de fato que suas apresentações são de caráter dinâmico, tendo em seu trabalho e lazer, a diversão e a devoção, o sagrado e o profano, que refletem mecanismos de sociabilidade e reciprocidade culturais que dão sentido a uma determinada cultura popular.

As letras das toadas do bumba-meu-boi, portanto, revelam-nos a devoção aos santos católicos, vista em momentos específicos da brincadeira. Como exemplificação o batismo do boi sendo que tudo gira em torno do boi personagem protagonista da manifestação. As toadas reverenciam a natureza, a poesia, a fé, a devoção. A simplicidade é um traço desses escritos, tendo em vista que seus compositores em muitos casos apresentam baixa escolaridade, tornando as toadas mais próximas das comunidades rurais, representando de forma oral e escrita suas alegrias e anseios representados nas letras das toadas do bumba-meu-boi.

CONTRIBUIÇÃO DO CONHECIMENTO LINGÜÍSTICO PARA AD

Para podermos caminhar e entender a posição da análise do discurso de dentro do pensamento linguístico, é interessante partirmos do surgimento da linguística antes de ser vista como ciência e seus objetivos teóricos, a um direcionamento para a

valorização da linguagem, no que se refere a estrutura, vocabulário, e conceito técnico, pois os estudos antecedentes, partiam de uma linguagem clássica.

Logo, o interesse pelo fenômeno linguístico, visto como ciência, pode ser direcionado para a forma de compreensão dos atos comuns como lendas, a própria origem do homem, sobre conhecimento e pensamento popular, no que refere-se ao fenômeno linguístico.

Cabe entendermos também que a linguística não se apresenta como uma ciência isolada, tornando e relacionando com outras áreas de conhecimento humano, tomando como base teorias e estudos da linguagem, e assim, subdividindo em outros conceitos, a qual podem encontrar em uma delas a Análise do Discurso, utilizada nesta pesquisa, para o entendimento do sujeito, em sua formação discursos metadiscursiva, posicionamento do sujeito e sobre os efeitos de sentido a qual o sujeito produz e reproduz com sua estrutura de conhecimento e por sua vez materializa em seu discurso.

Nesse sentido, podemos nos direcionar para o surgimento da disciplina da Análise do Discurso, na década de 1960, oriundo de pensamentos científico e social, assim, nos faz nos reportar ao campo do discurso e teorias dos pensamentos linguísticos fundamentados pelos pressupostos de Pêcheux (1969), e da crítica de Orlandi (2000)

Assim, com o surgimento da Análise do Discurso, temos um direcionamento para o campo interdisciplinar a respeito do funcionamento do pensamento e comunicação humana, considerando fatores externos à linguagem em relação ao sentido. Os estudos de Pêcheux, permite um novo olhar para relação entre sujeito e sentido. O autor acredita que o universo se constitui por diferentes discursos. Para o estudioso ao se relacionarem, essas manifestações discursivas estruturam a produção do sujeito histórico social e ideológico, que posteriormente se materializam na língua. Segundo Pêcheux,

A partir do que precede, diremos que o gesto que consiste em inscrever tal discurso dado em tal série, a incorporá-lo a um “corpus”, corre sempre o risco de absorver o acontecimento desse discurso na estrutura da série na medida em que esta tende a funcionar como transcendental histórico, grade de leitura ou memória antecipadora do discurso em questão. A noção de “formação discursiva” emprestada a Foucault pela análise de discurso derivou muitas vezes para a idéia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobre-interpretação antecipadora (PÊCHEUX, 1983a, p. 56).

Assim, Pêcheux contribuiu para ADF, nos conceitos de amplitude do saber linguístico que uma sociedade produz no processo discursivo, levando em consideração a produção discursiva de uma determinada sociedade, num relacionamento entre linguagem e discurso.

Nesse sentido, a contribuição da Análise do Discurso e sua relação com o conhecimento linguístico, nos da base para analisar os dados em estudo, na obtenção dos objetivos da pesquisa, apresentado no seu discurso, a materialidade discursiva, o sentido do sujeito na formação discursiva e seu posicionamento dentro do discurso.

Pois é na devoção e fé, que o sujeito do discurso, transpassa de geração a geração e um novo mérito de tradição cultural popular, em tradução materializada com ideológica, o social, o histórico e o nutra, de uma comunidade, e por sua vez personificadas em representações no discurso.

BUMBA-MEU- BOI DA MAIOBA

O bumba-meu-boi é uma manifestação folclórica, sempre vista nos meses de junho e julho no Estado do Maranhão, uma tradição que se mantém desde o século XVIII, arrastando milhares de pessoas, maranhenses e visitantes. Caracteriza-se como uma festa

para todas as faixas etárias, partindo desde as periferias até as localidades nobres da sociedade.

Seu enredo parte de um resgate e uma história típica das grandes relações sociais e econômicas da região, durante o período colonial, marcadas pela monocultura do arroz, criação extensa de gato e escravidão.

A história acontece em uma fazenda, gira em torno de personagens que no caso são: **Dono da Fazenda**: homem rico, que coordena a brincadeira do bumba-meu-boi e muitas vezes é o cantador das toadas; **Pai Francisco**, vaqueiro da fazenda e homem simples; **Mãe Catirina**, esposa da personagem Pai Francisco; **Índias**, sempre cobertas por penas no peito, mãos e pernas; **Miolo**, personagem responsável pela coreografia na hora da manifestação do boi; **Vaqueiros**, empregados da fazenda, sempre caracterizados com chapéus de fitas coloridas; **Mutucas**, responsáveis pela distribuição de cachaça aos demais brincantes, para que não cansem em suas apresentações de pernoite; **Caboclos de fita**, brincantes que usam chapéus de fitas e se misturam com os vaqueiros durante a brincadeira; e **Caboclo de pena** - brincantes cobertos por penas e com um grande chapéu ou cocá, representando os homens da tribo nos rituais.

Tudo acontece quando Mãe Catirina encontra-se grávida, e deseja comer a língua do boi mais estimado pelo Senhor da Fazenda. Pai Francisco, muito atencioso sede ao desejo de sua amada mesmo correndo o risco de seu patrão o castigar. Pai Francisco, então, mata o boi e leva a língua para sua amada. Quando o Senhor da Fazenda descobre o sumiço do boi, fica furioso, e articula uma investigação entre os escravos e índios da fazenda e, logo descobri quem foi o autor do crime e obriga Pai Francisco trazer o boi de volta.

Pai Francisco convoca vários participantes para uma cerimônia, no intuito de ressuscitar o boi, convocando índios, vaqueiros, escravos e curandeiros. Pai Francisco com ajuda de curandeiros consegue então ressuscitar o boi, fazendo-o levantar e

urrar. Como desfecho da história, todos festejam o milagre acontecido criando assim o bumba-meu-boi.

No Estado do Maranhão, existem vários tipos de grupos de bumba-meu-boi, caracterizados por suas toadas e sotaques, obtendo aspectos característicos que se manifestam nas roupas, na escolha dos instrumentos, no tipo de cadência da música e nas coreografias.

OS ESTUDOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Segundo Marcuschi (2001), a oralidade é definida como uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas fundadas na realidade sonora. Ela vai desde sua realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.

Logo, para o autor, a fala é uma forma de produção textual discursiva para fins comunicativos na modalidade oral. Sua configuração se dá no plano da oralidade, sem a ajuda de nenhuma tecnologia, além do dispositivo, disponível pelo próprio ser humano. Ainda assim, temos uma língua articulada e completamente eficiente no processo comunicativo.

Ainda para o pesquisador, a língua falada é um resultado da atividade interacional. E partindo dessa linha, é possível elencar quatro elementos responsáveis pelo texto falado, quais sejam: turno conversacional, tópico discursivo, marcadores conversacionais e pares adjacentes.

Para as análises que serão feitas no âmbito deste trabalho, estamos utilizando a noção de “Tópico Conversacional ou discursivo” para caracterizar os objetos do discurso apresentados nas toadas. Sobre Tópico Discursivo, Ataliba (1998) apresenta alguns traços definidores. Para o autor,

acentração abrange os seguintes traços: a) concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados – implicativas, associativas, exemplificativas, ou de outra ordem – pela qual se dá

sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis; b) relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos; c) pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem". A organicidade é manifestada por relações de interdependência que se estabelecem simultaneamente em dois planos: no plano hierárquico, conforme as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto; o plano sequencial, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacências ou interposições na linha discursiva. (pp. 360–363)

Em outro estudo, Marcuschi (1986) nos mostra que uma das principais características da conversação é o fato que os interlocutores alternam-se nos papéis de falante e ouvinte, caracterizando uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma determinada tarefa comum.

Sugere o autor que o falante e o ouvinte são igualmente ativos, mas a participação de ambos irá ocorrer de maneira diferenciada, classificando-os na seguinte ordem: O falante é aquele que num dado momento assume o papel de condutor principal do diálogo e o ouvinte, por sua vez, não é um simples espectador, mas confere ao falante um papel ativo na conversação, pois o falante não pode deixar de levá-lo em conta na produção do diálogo e do sentido.

Nessa linha de pensamento, a conversação é sempre uma atividade social, de natureza linguística, construída por interlocutores em interação, na medida em que alternam os papéis de falante e ouvinte. No caso das toadas aqui apresentadas, o locutor forja uma interação com o interlocutor de diferentes formas. As toadas em geral representam sempre uma forma de diálogo entre o narrador e a natureza, o narrador e uma divindade ou entre o narrador e uma comunidade.

SIMETRIA E ASSIMETRIA DISCURSIVA E OS EFEITOS DE SENTIDOS

Outra noção importante para a compreensão das todas de Bumba-meu-boi como discursos é a de simetria discursiva. Estamos compreendendo simetria discursiva como as posturas assumidas pelos sujeitos reificados nos discursos (Marcuschi, 1986). Para o autor, na conversação simétrica, os interlocutores (falante e ouvinte) contribuem efetivamente para o desenvolvimento do tópico conversacional, se revezando constantemente nas posições de falante e ouvinte, assumindo ambos posturas de igualdade ou similaridade de papéis na negociação dos tópicos conversacionais ou discursivos; já na perspectiva do diálogo assimétrico, apenas um dos interlocutores, desenvolve o assunto, por meio de turnos nucleares, mantendo o controle dos tópicos discursivos. Já do ponto de vista linguístico, o turno está ligado às várias situações em que os membros de um grupo se alternam ou se sucedem na consecução de um objetivo comum.

Os estudos conversacionais propostos por Bakhtin (2006) perseguem a discussão de conceito que envolve o processo interativo, como os de enunciação e interação, pois “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”, completando o circuito comunicativo.

Em relação à função ideológica, a palavra preenche qualquer dos seus tipos, como a ideológica, a estética, a científica, a moral e a religiosa. Certo de que haverá uma dependência entre o sujeito que fala e aquele que escuta, pois os sujeitos da conversação podem trocar de turno, e o discurso mesmo estando sem interlocutores, não pode ser classificado como texto desconexo, pois o discurso é carregado de ideologia de outro discurso para interagir ou dialogar.

Na teoria de bakhtiniana, a enunciação é defendida como uma resposta de um discurso, isto é, qualquer enunciado é compreendido como uma resposta, seja no plano da conversação ou não, seja na ação discursiva imediata ou não; toda enunciação

se constitui em uma resposta a um determinado discurso. Segundo Bakhtin (2006, p. 99),

toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as.

A palavra, assim, só assume completude em contexto real de uso social, certo de que o sentido da palavra é completo na negociação e renegociação e/ou nas relações entre os sujeitos do discurso. Bakhtin nos revela que

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. Bakhtin (2006, p.125)

Esse sentido é, portanto, tido no contexto em que a palavra é usada, assim, quanto mais forem os contextos da palavra, mais significações ou valor ideológico essa palavra pode assumir.

Nessa mesma linha de Pensamento, Eni Orlandi (2001), remete-nos a uma reflexão sobre a linguagem, o sujeito, a história e a ideologia. Para a pesquisadora

a Análise do Discurso, como o próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessam. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2001, P. 15)

Dessa maneira, os estudos da Análise do Discurso nos convida a dar início a uma discussão sobre a noção de ideologia, trazendo então para os estudos as ciências humana e sociais.

No caso das ideologias presentes nas toadas de Bumba-meu-boi, não há ocultação de sentido. Pelo contrário, os sujeitos assumem, como veremos mais adiante, posições que permitem a incursão de suas ideologias nos discursos produzidos para compor a manifestação cultural popular. Assim, a Análise do Discurso será marcada pela distinção teórica incluindo as noções de linguagem e de ideologia. Orlandi (Op.cit.) alerta-nos para

a noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise do Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. (ORLANDI, 2001, p. 43).

É, pois, partindo dos princípios da Análise do Discurso, apresentados acima, referentes ao sujeito, associados aos estudos da Conversação, que procuramos, neste trabalho, analisar as posições enunciativo-discursivas e sobre os efeitos de sentidos dos sujeitos ancorados nas letras das toadas de bumba-meu-boi.

A TOADA DO BOI DO BOI DA MAIOBA (SOTAQUE DE MATRACA)

Na toada “Se não existisse o Sol”, podemos constatar o sujeito do discurso, na posição assimétrica, pois o sujeito se faz (posiciona na escala discursiva) numa posição inferior ao mesmo tempo em que se exclui do discurso. No texto, o sujeito se posiciona fora do contexto da toada logo na primeira estrofe exalta a natureza, enaltece o sol, a força de da natureza para a sobrevivência do homem, mostra o homem do Maranhão, sendo que além de mostrar sua fé envolvida a brincadeira cultural maranhense, a toada envolve característica de acessórios da manifestação cultural

no intuito de mostrar fidelidade e submissão a natureza, personificado e materializado seus efeitos de sentidos, na representação fé e força do homem, de suas origens, modo de viver e contemplar tudo aquilo que fortalece na vida.

Se não **existisse** o Sol / Compositor: Chagas da Maioba
 Se não **existisse** o Sol
 Como **seria** pra Terra se **aquecer**
 E se não existisse o mar
 Como seria pra natureza **sobreviver**
 Se não **existisse** o luar

Na segunda estrofe o texto envolve personagem homem, tal ser, que se personaliza como sujeito da toada, homem do campo, ao demarcar o sentido de terra natureza e luar, guerreiro, retoma uma memória de sobrevivência ligadas a ideia de vida difícil, de batalhas e lutas sociais, pela sobrevivência, pela arte de viver, da fé que alimenta sua caminhada, posicionado sua fé e devoção a natureza, que é apresentada como santidade.

O **homem viveria** na escuridão
 Mas como existe tudo isso **meu povo**
Eu vou guarnecer **meu batalhão** de novo

Na estrofe seguinte o texto envolve o personagem principal do bumba-meu-boi, que se personaliza como o boi e o sujeito da toada pede à personagem que favorece o encanto e devoção da manifestação do homem sujeito.

É boi, rapaziada
 Se não **existisse** o Sol

A assimetria discursiva também se materializa no plano da organização textual. O discurso na toada “Se não **existisse** o Sol” se constitui como assimétrico corroborado pela organização textual. As estrofes que compõem a toada são compostas por tipologias

textuais da ordem do narrar e do expor. As sequências em negrito na toada são exemplos ilustrativos, ainda que no campo discursivo o sujeito se permita presentificar no texto.

Dessa forma, predomina na toada a assimetria discursiva, ratificada no plano da materialidade discursiva pelas estrofes compostas por tipologias textuais do narrar e do expor. Assim, o sujeito se posiciona de maneira inferior excluindo-se do discurso no texto. Materializando os efeitos de sentido no discurso, assim, presentes no campo linguísticos e discursivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro dos estudos linguístico-discursivos, a língua é vista como um fato social e sua existência funda-se na necessidade de comunicação. E neste artigo podemos perceber de fato, os sentidos do texto analisado (a toadas de bumba-meu-boi da Maioba) compreendidas como discurso, materializados em suas manifestações linguísticas, tendo como ponto de articulação os processos ideológicos e os fenômenos linguísticos.

Dessa forma, a toada considerada como uma manifestação popular do povo do Estado do Maranhão, tendo em vista que através dela, podemos perceber não apenas as relações travadas entre os sujeitos sociais, mas também fortes expressões culturais afro ameríndias e/ou da hibridização europeias, configuradas na materialização dos significados discursivos, referentes aos fenômenos linguísticos em que o discurso se realiza. É nesse sentido que concordamos com Brandão (2001) ao afirmar que “o entrelaçamento das formações discursivas na materialidade da *“langue”* permite compreender por meio de pistas comportamentos e relações construídas socialmente”. Dessa maneira, entendemos que nos estudos linguístico-discursivos deste trabalho, as toadas de bumba-meu-boi entrelaçam em seu discurso o ideológico e o linguístico, no sentido de que as toadas apresentam em sua formação no interior da língua os efeitos das contradições ideológicas.

Dessa forma, o universo de múltiplos constituintes de linguagem presentes na toada, no que se refere ao campo discursivo, materializa-se ora na sua estrutura composicional, ora no discurso como um todo.

Todavia, os resultados desta análise apontam para além da materialidade linguística. Apontam, sobretudo, para os sujeitos reificados e presentificados nas toadas, que em vários momentos do discurso assumem posição assimétrica, via narrador e/ou suas apreciações valorativas, alinhando-se desigualmente em relação ao interlocutor. E em outros momentos é visto na posição simétrica, em que assume uma posição enunciativa de igualdade ao interlocutor que se presentifica textualmente. E apresenta sentidos do sujeito, presentificados, em suas escolhas lexicais, ao ato de valorização do ser (homem) natureza e fé religiosa

Assim, o bumba-meu-boi, além de ser uma forte manifestação cultural do Estado do Maranhão, pode ser encarada como diferentes configurações dos dizeres dos que compõem a sociedade maranhense, evidenciando suas relações construídas ao longo da história.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
- BRANDÃO, Helena. Nagamine, **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas - SP: Ed. da UNICAMP, 2002.
- CHARANDEAU, M. **Enunciação discursiva**. Grenoble, Papyrus, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Estruturalismo e teoria da linguagem**. Petrópolis – RJ. Vozes, 2001.
- ORLANDI, E. **Instâncias da enunciação**. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

- ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas – SP, Pontes, 2001.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso; COSTA, Nonalíssia Silva da. **Alternância e participação a distribuição de termos na interação simétrica**. In; CELLI – Colóquio estudos linguísticos e literários. 3, 2007, Maringá Anais. Maringá, 2009, p. 1937 – 1944.
- LINS, Neilton Farias, **Estudos Conversacionais e a relação de poder em sala de aula**. Revista de divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 09 – n. 16 – 1º semestre de 2013.
- PÊCHEUX, Michel. [1969] **Análise automática do discurso**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- ROSA, Douglas Correa da; FRIGERI, Elis Marina; SOARES, Tarissa Corrêa Stern; BAUMBARTNER, Carmen. **A análise do discurso na tirinha da personagem “Mafalda”**. Identidade Científica, Presidente – SP, 2012.
- GONDIM, Ludmila Portela; CYNTRÃO, Silvia Helena. **Identidade autorrepresentação em toadas de bumba-meu-boi**. Revista Litter, Brasília –DF, 2013.
- JERONYMO, Celina. **Análise do discurso: as marcas do sujeito**. Núcleo de Produção Científica e Cultural da CNEC, Capivari, 2004.
- SINGORINI, Inês. **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 1998.

**TEXTOS DA LINHA 02 - LITERATURA,
CULTURA E FRONTEIRAS DO SABER**

TRANSFORMAÇÕES RECEPTIVAS NA ERA DIGITAL: O CONTO DA AIA (1985) TRINTA ANOS DEPOIS

Jaynne Silva de Sousa Borges¹

Naiara Sales Araújo ²

INTRODUÇÃO

As práticas cotidianas estão permeadas pelos aparatos digitais – smartphones, smartTVs, smartwatches, smart homes. Esses e outros objetos e tecnologias, sejam as consideradas “inteligentes” ou não, se tornaram parte da vida em sociedade, imersos na rotina dos sujeitos a ponto de serem considerados inevitáveis para a comunicação, interação e sobrevivência. Consequentemente, o meio digital/virtual agora atua, também, sobre as produções artísticas, seus efeitos e a forma como são consumidas.

Isto posto, o objetivo deste estudo é analisar a recepção contemporânea da obra literária *O conto da aia* (1985), de Margaret Atwood, através das movimentações e contribuições do público no meio virtual (redes sociais, blogs, fóruns, sites que permitem o compartilhamento de informações e a interação do público consumidor). Dão base a esta pesquisa os conceitos de Estética da Recepção de Hans Robert Jauss (2011), bem como outras discussões da mesma linha; os apontamentos de Wolfgang Iser (2011) sobre os processos de recepção envolvendo leitor-texto-autor; e, devido ao

¹ Mestranda em Letras do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal (PPGLB); Bolsista do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação da CAPES. E-mail: jaynneborges96@gmail.com.

² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Metropolitana de Londres; Professora dos programas de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão; Professora de Línguas e Literatura do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: naiara.sas@ufma.br.

presente trabalho estar em construção e as discussões sobre a recepção em tempos digitais serem recentes, busca-se construir um consistente embasamento teórico com os estudos sobre as atuais formas de recepção, aqui chamadas Estética da Recepção Virtual, ou seja, as práticas receptivas relacionadas ao meio digital.

O estudo é realizado através de um mapeamento das principais temáticas apresentadas na trama de *O conto da avó* (1985), seguido de uma pesquisa dos conteúdos produzidos e discutidos pelos consumidores e fãs na internet e em ambientes relacionados, com uma análise de tais pontos em conjunto.

ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: IDEIAS GERAIS

Por volta de 1960, alguns pesquisadores começaram a questionar as práticas de análise da literatura, as quais eram majoritariamente baseadas num estudo da obra e/ou do autor. Motivados por ideais fenomenológicos, os quais apontam os sujeitos como significadores dos objetos e da realidade, esses críticos e pensadores já vinham discutindo sobre esse assunto desde décadas anteriores, mas foi só no final dos anos 60 que ele se concretizou em algo que aos poucos se tornaria uma nova teoria de análise literária.

Assim, a Estética da Recepção ou Teoria da Recepção é iniciada através do grupo de estudiosos da Escola de Constança, do qual se destaca Hans Robert Jauss, seguido de Wolfgang Iser e outros. A partir desse momento, a teoria passou a gerar contribuições diversas de críticos também de outros países, o que resultou tanto no estabelecimento da Estética da Recepção como também permitiu o surgimento de linhas e tendências diferentes no mesmo campo.

Mirian Zappone (2009) apresenta pelo menos três abordagens gerais – uma alemã, a Estética da Recepção que inaugurou a teoria; uma norte-americana, que traduziu a *Rezeptionästhetik* de Jauss em *Reader-Response Criticism*, realizando também algumas adaptações e mudanças; e a Sociologia da Leitura, uma tendência que se volta para mais detalhes do leitor, do texto e da leitura. Atualmente,

pode-se dizer que a teoria se encaminha para uma quarta linha, aqui referida como Estética da Recepção Virtual.

Não muito diferente das outras, em se tratando de não fugir do que os estudos primordiais propõem, a Teoria da Recepção Virtual considera os novos e diferentes tipos de arte clássica e contemporânea, estudando a perspectiva e o consumo do público que hoje utiliza meios de comunicação e acesso à arte que são modernos e tecnológicos, como a internet, os aparelhos digitais e virtuais. Essa tendência será explorada na seção seguinte, e nesta continuaremos a tratar das ideias gerais da teoria de Jauss e também de alguns apontamentos de Iser.

Com a Estética da Recepção, Hans Robert Jauss (2011), de certa forma, reinventa os trabalhos sobre literatura e outras produções artísticas ao captar o movimento de criação e recepção destes. Isso atribui mais valor à arte como produto não somente contemplativo, mas também útil e importante na vida de todos, tal qual outros itens e situações essenciais na existência humana (água, comida, socializar, descansar).

Nesta perspectiva, a experiência estética é a sintonia entre leitor e texto, permitindo uma significação da arte de maneira prazerosa, não como obrigação ou busca pela interpretação “correta”, ou mesmo uma tentativa de diálogo com o autor. Essas coisas não são extinguidas, ainda ocorrem e são contempladas pela análise, mas a prioridade é produzir discussões que ilustrem processos diferentes e também o motivem, para assim tornar a relação entre arte e público mais intensa, subjetiva, imersiva.

Além disso, Jauss (2011) diz que a relação entre texto e leitor é um ato comunicativo, no qual o texto condiciona o efeito e o leitor condiciona a recepção, logo, o sentido é formado por um horizonte duplo que implica o que é interno à obra e o que é interno (e externo) ao leitor. Considera-se os dois aspectos da parte do receptor porque sua leitura é significada a partir de suas vivências, da internalização das relações estabelecidas com outras pessoas e de contextos artísticos e não artísticos.

Diante de tais circunstâncias, defende-se que mesmo com influências de diversos tipos colaborando no desenvolvimento e resultado da experiência estética, esta permanece sendo de caráter particular, pode ser aprovada ou recusada, agradável ou desinteressante, livre e não previsível, além de ser singular. Sobre a versatilidade da experiência estética, Jauss (2011) argumenta que esta resiste através da reinvenção e imprevisibilidade, superando proibições, reinterpretando cânones, descobrindo novos meios de expressão e apresentando-se de maneiras novas mediante a tentativa de padronização dos produtos artísticos.

Essa rebeldia básica da experiência estética evidencia-se [...] por sua permissão, muitas vezes reivindicada e dificilmente reprimível, de colocar perguntas indiscretas ou de sugerir veladamente pela ficção, onde um sistema de respostas obrigatórias e de indagações apenas toleradas consolidava e legitimava o predomínio de uma visão de mundo. (JAUSS, 2011, p. 82).

Através da citação acima, pode-se afirmar que a Estética da Recepção implica a produção artística como meio de provocação à zona de conforto do público, instigando-o a participar e imergir na existência e utilização da obra. Jauss discute também o quão inovador é o estudo da Estética da Recepção dada a liberdade criativa e produtiva do autor, e também a autonomia receptiva do leitor/espectador/receptor. Isso porque, segundo ele, abrange-se julgamentos sem obrigatoriedade, ou seja, desinteressados, além de não haver regras ou conceitos determinantes do que e de como se deve consumir o produto artístico.

Para outro grande nome da Teoria da Recepção, o alemão Wolfgang Iser, a interação leitor-texto é como um “modo de criação do mundo”, em que o texto deixa de ser a única origem do conteúdo para dividir essa função com o receptor, produzindo desde a materialidade até a subjetividade através desse conjunto. Interessado mais pelo sistema que levava à recepção do que para o resultado em si, Iser (2011) argumenta justamente sobre as

influências e processos de entrelaçamento entre realidade, texto, leitor, no que se refere às interpretações, intenções e interferências contidas e resultantes em tal relação.

No geral, pode-se inferir que as ideias de Iser posicionam a recepção estética como sinônimo de criação, a qual se manifesta num movimento constante de invenção e significação que se iniciam antes mesmo da materialização do texto. Isso porque, segundo o autor citado logo acima, que categoriza mundo real e mundo inventado, mundo externo e mundo interno, tudo o que já ocorreu e ocorre aos agentes (autor-leitor) influencia nas ideias, desejos e ações destes sobre o produto (texto), e este último também provoca essas influências e outras voltadas para produtos futuros (ISER, 2011).

Portanto, nota-se que nesse jogo do texto, conforme é proposto por Wolfgang Iser, há um contínuo de combinações, um processo constante que se inicia ainda na criação do autor e sua obra, e que é sempre renovado conforme cada leitura e recepção. Esses raciocínios dão conta, de certo modo, da gama de procedimentos envolvidos na receptividade de um texto. Vale ressaltar que as discussões iniciais dos autores aqui apresentados se voltam para a literatura, contudo, suas contribuições podem ser aplicadas a outras formas de arte, tendo em vista que o foco dessa teoria é o efeito estético, a recepção e o receptor.

Diante de tais levantamentos, a seção a seguir apresenta maiores discussões a respeito da vertente mais atual da Estética da Recepção, que recebe a qualificação de virtual, posto que se enfoca nas manifestações contemporâneas da recepção de diversos tipos de textos artísticos, principalmente as advindas de espaços digitais e virtuais. Também se apresenta a análise da obra *O conto da aia*, nesse contexto.

ESTÉTICA DA RECEPÇÃO VIRTUAL E O CONTO DA AIA

Na era atual, de acesso livre e desenfreado da informação, a maneira de se produzir e consumir arte muda e é atualizada em períodos mais curtos se comparada ao século XX e anteriores. O

computador tem se tornado cada vez mais compacto e acessível, e nos últimos 20 anos foi da mesa para a bolsa, da bolsa para o bolso da calça. É claro que os antigos computadores e notebooks não deixaram de existir (ainda), mas foram aperfeiçoados, e hoje quase todos podem ter acesso a um.

Falando em telas, as televisões parecem seguir um duplo caminho – estão dentro do celular, mas podem ocupar uma parede inteira e ao mesmo tempo serem bem finas e com uma qualidade de imagem que salta aos olhos. Mas qual a relação entre esses aparelhos e a literatura? Hoje, os livros também são acessíveis pelas telas, seja do computador, do celular ou de e-readers, que são produzidos com tecnologias que não prejudicam a visão e simulam a experiência de se ler numa folha de papel. Há também os audiolivros, para aqueles que não têm tempo ou paciência para a leitura visual. Ademais, os livros são falados, divulgados e analisados (por críticos especializados ou não) em vídeo-resenhas, comerciais, podcasts, palestras virtuais, aplicativos e sites, blogs, posts diversos de redes sociais.

Nota-se, assim, que autores e público estão, no geral, mais engajados na arte por razão das possibilidades que a internet proporciona. É bastante cômodo fazer uma compra online se na mesma página há várias avaliações sobre a qualidade do livro, ou se é possível olhar uma sinopse ou resenha em aplicativos de busca de texto ou vídeo. Nem é preciso ansiar pela entrega de uma nova leitura pelo correio, com o advento dos e-books, que são disponibilizados para consumo imediatamente. Conseqüentemente, um curto texto, opinião ou vídeo pode ser compartilhado em qualquer rede social para dar opinião sobre uma leitura que acabara de ser finalizada.

Portanto, percebe-se que diante de tais mudanças na produção, oferecimento e consumo da arte, seja ela contemporânea ou clássica, a adaptação das discussões sobre a recepção estética é necessária para contemplar da melhor maneira possível a análise desses objetos. Assim, a partir de diversas leituras de trabalhos recentes que se voltam para esse objetivo, reconhecemos uma

tendência que pode ser nomeada por Estética da Recepção Virtual ou Teoria da Recepção Virtual.

Essa teoria, formada ao longo de vários anos e por diversos estudos sobre a experiência estética, compreende as discussões em torno das atividades realizadas pelos receptores e fãs de uma produção artística no meio virtual, tais como comentários, avaliações e postagens em redes sociais, em sites de crítica, em blogs pessoais e em jornais ou plataformas profissionais, e também de críticos especializados. Além disso, a Estética da Recepção Virtual considera páginas virtuais criadas por fãs, comunidades da internet e o que mais envolver o trabalho dos receptores para divulgação, transformação e atuação das obras artísticas.

O estudo de Ana Paula Brandileone e Lucas Magalhães (2020) sobre a recepção crítica de uma coletânea de produções de literatura marginal na internet dá certo vislumbre quanto à atuação de leitores no meio virtual. Os autores afirmam em suas análises que as plataformas informativas e interativas na internet permitem conhecer uma gama de leitores com diferentes apontamentos críticos, diferentes opiniões sobre as obras literárias, os quais promovem debates profundos e complexos sobre os conteúdos consumidos (BRANDILEONE; MAGALHÃES, 2020).

Apesar de o artigo mencionado acima tratar da recepção crítica, com enfoque nas discussões e posicionamentos de especialistas, acadêmicos e do público em geral, utiliza-se suas contribuições neste texto especialmente por conta dos comentários e conclusões a que os autores chegam, os quais podem se aplicar a formas de recepção que fogem aos tradicionais textos com opiniões. Assim, Brandileone e Magalhães (2020, p. 156) apontam que

[...] o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, uma vez que o processo de criação literária se tornou um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor.

Isto posto, nota-se que tais autores destacam a participação do leitor na produção literária atual, na continuidade desta, na manutenção da literatura já publicada e na possível constância produtiva de novos materiais, sequências, adaptações etc. Brandileone e Magalhães (2020) chegam a citar o Youtube, especificamente o nicho voltado para assuntos literários – *booktube*, junção de *book* (livro, em inglês) com o nome da plataforma – como os *outdoors* da atualidade. Isso porque, no presente momento, os vídeos são os conteúdos de mais fácil acesso e de consumo mais prático, se comparados aos textos escritos, e por isso são os principais veículos de divulgação de produtos culturais.

Com a diferença de dois anos de tal pesquisa para o presente texto, é necessário destacar uma mudança na produção, divulgação e consumo da arte, nesse caso, da literatura. Pode-se dizer que ao longo dos últimos dois anos a plataforma de vídeos curtos *TikTok* tem dominado o dia a dia de adolescentes e jovens adultos, em sua maioria de usuários, mas não se restringe a essa faixa etária. De acordo com um estudo de universitários do curso de Publicidade e Propaganda da PUCRS, publicado no blog da instituição, desde a pandemia de Covid-19 o *TikTok* ultrapassa dois bilhões de downloads nas lojas de aplicativo de aparelhos eletrônicos.

Diante disso, os pesquisadores destacam que essa rede social se popularizou num momento em que as pessoas buscavam por distrações rápidas e prazerosas, mas mesmo com o término do período pandêmico o *TikTok* continua oferecendo diversos conteúdos sobre diferentes temáticas e interesses, e permanece como a plataforma mais popular de vídeos curtos, apesar de o *Instagram* continuar tentando se sobressair com a ferramenta concorrente chamada *Reels*, que funciona da mesma maneira que o aplicativo de origem chinesa.

Através desses dados, salienta-se que o *booktube*, mencionado por Brandileone e Magalhães (2020) anteriormente, ainda existe e tem bastante relevância no meio da recepção literária audiovisual, mas mediante as mudanças mais recentes das relações do público com a internet, o *TikTok* tem ganhado destaque também na

produção de conteúdos sobre literatura, com o *booktok*. Semelhante ao *booktube*, mas ainda mais acessível e possivelmente mais consumido por causa do tempo curto dos vídeos, a influência do *booktok* é tamanha que a editora Arqueiro, por exemplo, relançou o livro *Uma farsa de amor na Espanha*, da autora Elena Armas, com o selo “Sensação do TikTok”.

Aproximando-se do objeto de análise do presente trabalho, percebe-se que as pesquisas, as buscas, os comentários e resenhas sobre *O conto da aia* (1985) crescem após o lançamento da série homônima de Bruce Miller (2017-). Exemplo disso é a criação do site *The Handmaid’s Tale Brasil*, por Marcus Snigura. A descrição diz que a plataforma é voltada para o seriado televisivo, mas o menu tem uma seção que fala brevemente sobre o livro. Considerando-se que a história da série aproveita uma boa parte da história da obra de Atwood, pode-se dizer que as informações contidas no *The Handmaid’s Tale Brasil* sobre o universo fictício, bem como outras notícias e dados sobre o livro e a autora, contribuem para observar que a recepção literária de *O conto da aia* tem maior atividade, com o advento da série.

A respeito disso, o artigo de Fellip A. T. Andrade que fala sobre a recepção literária de *O conto da aia* na era digital aponta a série homônima adaptada como principal motivo para o retorno da popularidade do livro, popularidade essa que aparentemente é maior que na época do lançamento deste, há mais de 30 anos. Andrade (2020) defende ainda que o que dita o sucesso dessa obra são os contextos aos quais ela é relacionada: em 2017, era o governo do ex-presidente Donald Trump. Alguns críticos chegam a afirmar que *O conto da aia* vendeu muito no Brasil em 2019, após a eleição do presidente Jair Bolsonaro. Esses dois chefes de estado são conhecidos por posicionamentos polêmicos e conservadores, falas preconceituosas e ideias extremas, por isso o público retoma a história de Atwood como texto reflexivo para se pensar não somente situações políticas, mas também diversas outras pautas sociais.

A nível internacional, há o site *The Handmaid’s Tale Wiki*, uma enciclopédia virtual sobre o livro e a série que faz parte de uma

plataforma maior (chamada *Fandom*) e que abrange outras produções e outras comunidades. Esse ambiente virtual é bastante parecido com o criado por Marcus Snigura, mas aparentemente tem uma rede de colaboradores bem maior e de certa forma é mais aberto aos fãs, no sentido de que estes podem contribuir com mais facilidade na construção da página. Por essa razão, não há registro de um criador ou administrador do site, e ele parece ser focado no livro e na série, e não somente em um ou no outro. A página é introduzida da seguinte maneira:

The Handmaid's Tale Wiki é uma enciclopédia colaborativa de The Handmaid's Tale, o romance best-seller de Margaret Atwood e a série dramática do Hulu The Handmaid's Tale (série de TV), baseada no romance. A Gileadpédia tem Olhos editando atualmente mais de 549 artigos e 1.404 arquivos, e você pode ajudar!. (THE HANDMAID'S TALE WIKI, 2022, tradução nossa)

Quando pesquisados os termos “O conto da aia Margaret Atwood” na plataforma de busca mais popular entre os usuários de internet – o Google –, os resultados dão um vislumbre sobre a maneira como a obra tem sido recebida, consumida e utilizada no meio virtual. Os primeiros sites são de venda do livro, e aí já se destaca a venda do e-book, na Amazon, logo abaixo do link de venda do livro físico. Isso demonstra que essa obra é popular entre os leitores de e-book, especificamente os que utilizam o aparelho de leitura Kindle, o qual não é tão acessível financeiramente. Contudo, os e-books da Amazon são também acessáveis por aplicativos gratuitos de celular ou tablet, então isso pode explicar a procura por tal leitura.

Ademais, o fato de os links de venda do livro *O conto da aia*, na Amazon, estarem no topo dos resultados de pesquisa pode representar a busca por avaliações e comentários sobre tal obra, além de informações como sinopse. É uma alternativa prática e rápida de se pesquisar dados básicos sobre o livro, sem que seja

necessário ler resenhas aprofundadas e profissionais ou vídeos longos e mais difíceis de serem encontrados sobre isso.

A página de pesquisa do Google para *O conto da aia* oferece opções variadas de conteúdo relacionado, como sites de venda do produto, obras relacionadas, resenhas em texto escrito, resenhas em forma de vídeo do Youtube, entrevistas sobre o livro e com a autora Margaret Atwood, além de sugestões de pesquisa semelhante. Há uma coluna separada com as principais informações da obra, dois botões de avaliação sobre esta (“Gostei” ou “Não gostei”), e ao lado destes apresenta que 87% dos usuários do Google gostaram do livro.

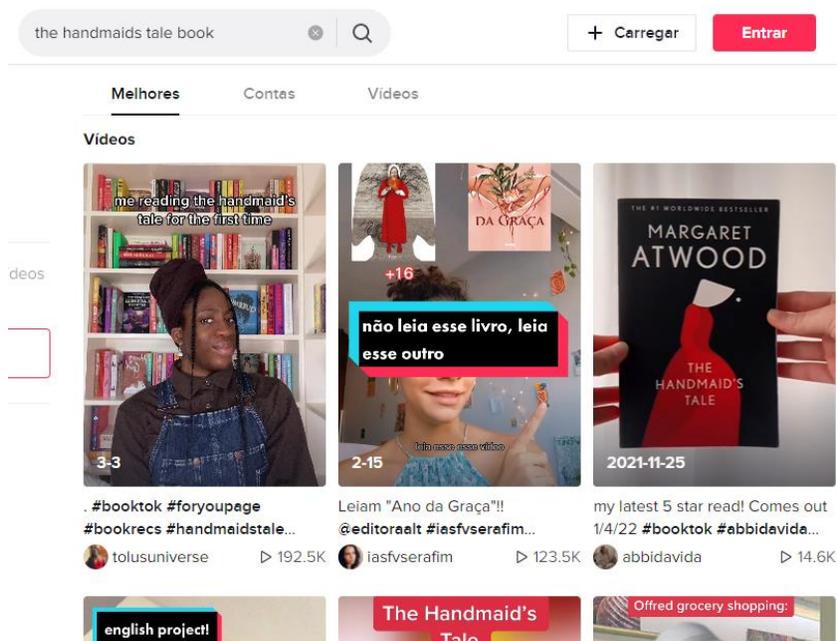
É notável a massiva produção de conteúdos sobre *O conto da aia* nas plataformas de vídeo, especialmente no Youtube, que foi por onde a primeira autora deste artigo tomou conhecimento da obra, por volta de 2017. O ano, marcado pelo lançamento da primeira temporada da série homônima derivada do livro aqui analisado, foi um período de grande procura deste, provavelmente por causa do anúncio da adaptação audiovisual. No meio literário, as adaptações sempre causam movimentações entre o público leitor, motivando a buscar à obra original (livro) antes de assistir o filme ou a série derivados, ou o processo oposto, quando o público assiste a adaptação antes de buscar a fonte. Em alguns casos, os leitores aguardam a adaptação esperançosos por uma tradução “fiel” da história, e por diversos fatores, acabam decepcionados.

Essa recepção coletiva está em concordância com o que é defendido pelo pesquisador Baihui Chen (2021) em seu trabalho sobre artes interativas. Chen (2021) diferencia a contemplação individual como uma experiência incompleta de utilização da arte, apresentando a contemplação interpessoal como alternativa aos modelos obsoletos de se consumir e entender as produções artísticas (os quais só consideram o que o autor, a obra e o leitor representam, de forma não tão subjetiva).

No Booktok, meio literário do *Tiktok*, o livro *O conto da aia* está presente em vídeos de formatos diferentes, visto que a rede social tem objetivos distintos do Youtube, e um tempo limite pra produção

de conteúdo. Nesses casos, os vídeos do *Tiktok* a respeito de *O conto da aia* geralmente são listas de indicações de obras clássicas, ou do gênero distópico, ou da temática feminista. Nota-se também que há algumas críticas negativas, comentários de que o livro é cansativo e sua história é parada, além de pessoas dizendo não ter interesse no livro por ser muito famoso ou por outras razões aleatórias. Aliás, vídeos do *Tiktok* sobre tal obra só são encontrados quando se pesquisam os termos “O conto da aia livro” ou “The handmaid’s tale book”, do contrário, aparecem mais vídeos sobre a série.

Figura 2: Resultado da pesquisa “The handmaid’s tale book” na plataforma *Tiktok*.



Fonte: Captura das autoras.

É possível relacionar essas práticas de fãs e a incorporação das temáticas da obra ao que Jauss (2011) discute quanto à experiência estética ser algo particular que pode ser aprovado ou recusado, gerando múltiplas opiniões, positivas ou negativas, sobre a produção artística. Afinal, o crítico alemão acredita na recepção

como o ato de reinventar a arte, reinterpretar clássicos, adaptar o que é antigo aos novos meios, e principalmente a reação imprevisível dos receptores. A fruição estética da arte se desdobra mais profundamente ao ultrapassar a zona de conforto.

Para além dessas manifestações receptivas, há ainda outros trabalhos realizados pelos fãs sobre a obra, como fanfics (histórias baseadas no texto original, mas com mudanças de cenas, de finais, enfoque em outros personagens ou novos enredos que satisfaçam as vontades dos fãs). Além disso, existem as fanpages, páginas em redes sociais variadas que servem para postar notícias sobre a obra, citações, trechos, memes e outros conteúdos, e também os fanproducts, como camisetas, canecas, pôsteres e tantos outros materiais em homenagem ao universo fictício da história.

Necessário destacar ainda as produções derivadas, como adaptações e sequências. Com o sucesso recente, *O conto da aia* ganhou uma adaptação em quadrinhos no ano de 2019, a qual foi publicada sob a autoria de Margaret Atwood e da ilustradora Renee Nault. Também em 2019 a autora canadense publicou a sequência *Os testamentos*. Sobre esses acontecimentos, Andrade (2020) comenta que além de os livros projetarem adaptações, também as adaptações projetam mais livros.

Em suma, a recepção que se vê na atualidade é formada principalmente da apropriação e utilização de referências à obra literária na cultura pop por grupos sociais e políticos (como movimentos de luta pelos direitos dos grupos minoritários), o que tem alavancado o sucesso do livro de Margaret Atwood, e mesmo para quem não leu a obra na íntegra, a incorporação do conteúdo nela apresentado não foi prejudicada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em maio de 2022, a editora norteamericana Penguin Random House publicou um vídeo no Youtube para anunciar o lançamento de uma edição à prova de fogo de *O conto da aia*, como protesto à censura de livros com temáticas raciais e LGBTQIA+ nas escolas e

bibliotecas estadunidenses. De acordo com o jornal Publish News, o exemplar foi leiloado e arrematado por 130 mil dólares (cerca de R\$ 630 mil), e o dinheiro foi destinado à Pen America, organização que defende a liberdade de escrita.

Tal ação permite analisar as possibilidades de recepção da literatura, que conforme demonstrado ao longo deste trabalho, não se restringe somente a estudos acadêmicos ou a críticas especializadas, e tem se tornado cada vez mais acessível, popular, adaptável às mudanças na tecnologia, e cujo público jovem tem pelo menos se mostrado mais presente e engajado no meio virtual. É necessário destacar que esse cenário tem se desenvolvido ao longo de muitos anos e acompanha as mudanças no campo literário, ou seja, não foi somente a pandemia ou o *TikTok* que tornaram os conteúdos de literatura mais constantes. Contudo, foram alguns dos fatores que têm contribuído para tais resultados.

Pode-se afirmar, afinal, que a literatura hoje ocupa um lugar no processo contínuo de criação da arte. O público leitor, cada vez mais envolvido, assim como os autores, performam uma relação dialógica e comunicativa mais intensa, de certo modo. Os vídeos, comentários, resenhas, posts, sites e blogs auxiliam nas vendas e na utilização dos livros para além de uma leitura tradicional. Voltando ao exemplo do exemplar inqueimável de *O conto da aia*, identifica-se que a história se tornou símbolo de lutas por direitos femininos, sociais, biológicos e econômicos.

Assim, a recepção de *O conto da aia* é notável em resenhas, textos acadêmicos, textos jornalísticos, mas se estende também às produções do público que é fã dessa narrativa. Tais produções são demonstradas através de cores, vestimentas, imagens e outros símbolos para representar um posicionamento mediante as pautas da atualidade. Observa-se, enfim, que os livros projetam adaptações que por sua vez projetam livros e muitos outros produtos, num processo constante de criação e reinvenção.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fellip Agner Trindade. Recepção literária e mídias: uma breve análise de *The Handmaid's Tale*. **Estação Literária**, v. 24, n. 1, p. 88-98, 2020.

ARMAS, Elena. **Uma farsa de amor na Espanha**. E-pub: Editora Arqueiro, 2022.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; MAGALHÃES, Lucas Breda. @Literatura_periférica: a recepção crítica das edições da Caros Amigos “Literatura marginal – a cultura da periferia” - na internet. **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 3, p. 154–169, 2020. DOI: 10.48075/rt.v14i3.25512. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/25512>.

Acesso em: 20 set. 2022.

CHEN, Baihui. Research on the Experience of Interactive Art From the Perspective of Reception Aesthetics. In: **The 6th International Conference on Arts, Design and Contemporary Education (ICADCE 2020)**. Atlantis Press, 2021. p. 39-42.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, L. C. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. SP: Paz e Terra, 2011, p. 105-118.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. SP: Paz e Terra, 2011, p. 67-84.

“O conto da aia” à prova de fogo arrecada R\$ 630 mil. **Publish News**, São Paulo, 09 de junho de 2022. Atualidades. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2022/06/09/o-conto-da-aia-a-prova-de-fogo-arrecada-r-630-mil>. Acesso em 20 set 22.

Pandemia e redes sociais: entenda o sucesso do TikTok. Portal da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 22 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.pucrs.br/blog/entenda-o-sucesso-do-tiktok/>. Acesso em 20 set 22.

The Handmaid's Tale Brasil. Disponível em: <https://www.handmaidsbrasil.com/>. Acesso em 20 set 22.

The Handmaid's Tale Wiki – Fandom TV. Disponível em:
https://the-handmaids-tale.fandom.com/wiki/The_Handmaid%27s_Tale_Wiki. Acesso em 20 set 22.

FICÇÃO, HISTÓRIA E RESISTÊNCIA EM JULIÁN FUKS

Ednólia da Silva Farias¹

Evany da Conceição do Nascimento²

Rubenil da Silva Oliveira³

INTRODUÇÃO

O capítulo ora apresentado buscou verificar a interrelação entre ficção, história e resistência presente na obra literária **A Resistência** (2015) de Julián Fuks. Neste sentido, trabalhar a história a partir de textos literários, é uma atividade que requer cuidado, conhecimento e segurança sobre os fatos, uma vez que esses acontecimentos históricos tendem a se unir aos elementos de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal (PPGLB), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Membro do Grupo de Pesquisa Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão; Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela UFMA; Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual do Maranhão (2002). Tem desenvolvido estudos sobre negritude, maternidade e ensino de Sociologia em escolas públicas. E-mail: ednoliad@gmail.com

² Graduada em Letras – habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e respectivas literaturas (UEMA); Integrante do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND); Especialista em Literatura brasileira pela Faculdade de Educação São Luís. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal (PPGLB), da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: evannyno@gmail.com.

³ Doutor em Letras – área de concentração em Estudos Literários (UFPA). Professor Adjunto I de Literaturas de Língua Portuguesa (UFMA). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB). Líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, enunciação e cultura (LECULT). E-mail: rubenil.oliveira@ufma.br

composição estéticas tanto do autor, quanto do *campus* como definido por Bourdieu (2008).

Ao abordar aspectos históricos, utilizando-se principalmente da memória, como é o caso da obra-objeto dessa pesquisa, o narrador permite ao leitor se orientar por dois caminhos. No primeiro, ele pode vir a compreender que todos os acontecimentos são verdadeiros. No outro, a descrença no real traduz-se em fatos ficcionais, uma vez que se trata de relatos memorialísticos e que ao tentar estabelecer esse elo entre o passado e o presente, o autor pode ter sido traído por sua própria memória. Por essa razão, os elementos históricos e ficcionais são importantes para a construção do enredo da narrativa.

Outro tema a ser trabalhado é resistência, como ela ultrapassa as barreiras históricas, e como a ficção se torna suporte para as diferentes maneiras de resistir. Nesta perspectiva, essa ideia vai além das lutas dos homens e mulheres “e resistir é ainda acreditar – nos homens e na própria literatura como instrumento de ação” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 65), é esse acreditar que sustenta as bases de uma vida envolta por medos e traumas e que são narrados com o intento de que algo seja transformado.

A Resistência (2015) é uma das obras de Julián Fuks que se constrói por meio de uma elaborada mistura entre os aspectos ficcionais e históricos. Para o autor, “romance e testemunho se fundem ou se confundem como poucas outras vezes. O romance se faz um gênero híbrido, se aproxima do ensaio, da reportagem, da autobiografia, do relato historiográficos” (FUKS, 2017, p. 82). Inclusive traz elementos de uma sobreposição da ficção em detrimento da história, isso acontece devido a sua condição literária, que lhe permite se ater aos fatos através de suas experiências vividas no passado. Para tanto, o autor se vale muito mais da criação do que da realidade que se encontra fora do texto.

O texto traz relatos de acontecimentos que envolve um dos grandes conflitos da família, a relação entre os dois irmãos a partir da adoção de um dos filhos do casal. Por isso, o interesse sobre as questões familiares, o desejo da maternidade, seja ela natural ou

adquirida, a orfandade, passam a formar o plano central da narrativa. Também se acrescenta que trata de situações delineadas por uma conjuntura que envolve um momento de grande relevância histórica, compreendido entre os anos de 1976 e 1983, correspondente ao período da ditadura militar na Argentina, cenário marcado por violências e fortes traumas.

Ao escrever sobre a vida do irmão possível, o autor evidencia ao mesmo tempo uma escrita de si, pensada em abordagens de temas profundos como é o caso do silêncio e da resistência vivida por seu irmão. Dessa forma, Fuks distribui toda narrativa em quanta e sete micro capítulos, dentro de uma estrutura não linear e consegue prender o leitor por meio de uma elaboração estética em que se imprime as bases do discurso histórico e do artístico.

No início da obra, o narrador transmite toda sua inquietação, o fato de não saber como expor a adoção do seu irmão sem que assim o reduza à condição de algo, sobretudo, pela possibilidade de esse fato ter alguma relação com as crianças desaparecidas no período da ditadura militar. Isso parece repercutir no seu ponto central, no capítulo quarenta e dois, quando finalmente se ouve a voz do irmão e finaliza com os questionamentos de Sebastian sobre ser ou ser, ouvir ou não ouvir tudo que se passou (FUKS, 2015).

Desta forma, a verificação aqui proposta, se fundamenta por meio de estudos voltados para a compreensão das relações existentes entre Literatura e História e que se estende para os limites da ficção e da resistência, através de dois tópicos. O primeiro traz uma abordagem sobre ficção e história na obra **A Resistência** (2015), de Julián Fuks, apoiado principalmente nos estudos de Roger Chartier, como visto em **A força das representações: história e ficção** em que o autor discorre sobre o “método que supõe o desenvolvimento de uma relação complexa entre discursos diversos” (CHARTIER, 2011, p. 10). São vozes que completam e se distanciam, fazendo com que o leitor perceba que há uma relação de integração entre o que criação e o que é história real.

O segundo tópico “Literatura e resistência” o eixo central é, os dias difíceis enfrentado pelos argentinos, um contexto de dor, mas

também de aprender a resistir contido na obra de Julián Fuks. Inclusive aborda as diversas formas de resistências apresentadas na obra e sua relação com os horrores da violência expressa no período da ditadura militar. Para tal construção, tem-se Bosi (1996) como um dos teóricos fundamentais para de discutir sobre resistência.

Por último, atesta-se que a revisão feita por meio dos textos literários de forma crítica sobre os traços históricos constrói novas narrativas e o ato de resistir diz respeito não apenas às concepções éticas do indivíduo, mas as condições estéticas literárias também falam sobre esse ser que se move dentro das obras.

FICÇÃO E HISTÓRIA EM A RESISTÊNCIA DE JULIÁN FUKS

A Resistência (2015), obra produzida por Fuks busca dispor ao leitor meios de se conectar com elementos históricos compreendidos entre os anos de 1976 a 1983, período em que se deflagrou um golpe de Estado contra o governo de Isabel Perón. A então presidente da Argentina, conduzida por uma junta militar composta por representantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, imbuídos por um discurso de proteção dos valores ocidentais contra a subversão, definindo-se como o período da ditadura militar.

Toda essa contextualização se faz necessária para que o leitor possa assimilar com mais profundidade a leitura da obra de Fuks e assim desvelar, no discurso do narrador, o que traz a história do seu irmão adotivo, tema central da narrativa e proposta significativa para a produção do seu livro. No entanto, o leitor é levado a trilhar dois caminhos que se distanciam, mas que na literatura tornam-se paralelos ao ponto de em alguns textos, não ser possível o público separar o que é história real e o que é ficção.

A história e a ficção na escrita de **A Resistência** (2015) transitam em todo percurso da narrativa de forma que se observa quando o narrador em suas primeiras palavras deixa claro sua dificuldade em apresentar seu irmão para o leitor. Entende-se que isso ocorre porque o termo adoção tende a reduzir a uma condição categórica,

“meu irmão não é algo, e esse algo é o que todos tentam enxergar nele, esse algo são marcas que insistimos em procurar, contra a vontade, em seus traços, em seus gestos, em seus atos” (FUKS, 2015, p. 09). Por sua vez, ao dizer que é adotado, é possível que toda carga semântica dessa palavra mostre a existência dos estigmas e abra feridas nunca cicatrizadas, pois mesmo na sociedade contemporânea, a estranheza da situação ainda é visível. Também se ressalta que essas inquietações são marcas do que se considera ser uma obra de testemunho, pois acerca dessa literatura se diz:

A literatura do testemunho apresenta um modo totalmente diverso de se relacionar com o passado. A sua tese central afirma a necessidade de se partir de um determinado “presente” para a elaboração do testemunho. A concepção linear do tempo é substituída por uma concepção topográfica: a memória é concebida como um local de construção de uma cartografia, sendo que nesse modelo, diversos pontos no mapa mnemônico entrecruzam-se, como em um campo arqueológico, ou em um hipertexto. (SELIGMANN-SILVA, 2016, p. 150).

Em conformidade com o excerto acima a chamada literatura de testemunho carrega a força da relação com a vida, lugar em que parece haver consonância entre o vivido pela voz da autoria e da narração como se estas tivessem presenciado o fato agora narrado. A constância entre presente e passado é um método adotado pelo autor para expor todo o enredo, fazendo esse jogo de idas e voltas, de testemunho dos acontecimentos através de construções memorialistas, situa o leitor dos fatos vividos na Argentina, ora experienciados no Brasil, onde sua família teve que buscar exílio. Para Lahire (2018) essa experiência do narrar-se é definida como biografia sociológica, uma vez que somente ela é capaz de retrair as inúmeras possibilidades em que o autor consegue socializar o observado e as inúmeras experiências que teve com o objeto. Por sua vez, ressalta-se que não somente a observação dos fatos é necessária para que se construa uma visão da realidade em **A Resistência** (2015), pois convém reforçar que:

[...] alternar o ponto de observação e relacionar às diferentes imagens da realidade, reconstruídas a cada etapa, suponha também inserir tempos curtos (como o de uma trajetória individual breve), ou muito curtos (um período de escrita ou um tempo muito condensado de um ato de escrita, em temporalidades mais longas e em quadros coletivos mais ou menos amplos. (LAHIRE, 2018, p.53).

De acordo com o exposto, evidencia-se que Fuks ao escrever sua obra parte da perspectiva de uma proposta elaborada nos eixos da observação e do confronto entre as visões absorvidas por ele e pelos seus familiares. Assim, encontramos discursos ora feito pelo narrador em que afirma que seus pais guardavam armas debaixo da cama, “armas debaixo da cama de meu pai [...] não entendo o fascínio que exercem quando assim imagino na casa do meu, sob sua cama de solteiro” (FUKS, 2015, p. 38). Por outro lado, sentimos o desabafo do pai soar com tom de decepção ao concluir que, “nunca tivemos armas em baixo da cama; guardei armas em casa sim, mas nunca as guardaria em baixo da cama, num lugar tão óbvio” (FUKS, 2015, p. 136). É possível identificar nessa situação, que por mais que se busque retratar aspectos da realidade, mais ainda podemos recair sobre visões fictícias.

Outro aspecto que vale ressaltar sobre a estrutura da obra corpus dessa pesquisa é a construção dos capítulos empregados pelo autor, são capítulos muito curtos distribuídos entre, no mínimo duas e no máximo quatro páginas, e fazendo uso de componentes históricos, mostra a existência de uma consciência tanto individual quanto coletiva, parte do particular para o social. De tal modo que podemos entender “a dupla necessidade de pensar ao mesmo tempo a singularidade da obra literária e sua natureza profundamente social” (LAHIRE, 2018, p. 59).

A obra de Fuks deixa uma inconsistência quanto à definição precisa de sua estrutura, em alguns momentos podemos dizer de uma literatura de testemunho. Em outros, aparecem os traços biográficos ou narrativa de filiação, recurso bastante utilizado na produção contemporânea, por se construir através de uma escrita

de si, os traumas, as intercorrências do passado e que acima tudo busca fortalecer o rompimento com as interdições do passado. Neste sentido, reitera-se que:

Quando uma pessoa fala de si mesma pensa sempre que é absolutamente singular e livre. Mas nós, historiadores, ou sociólogos, sabemos que esta singularidade é muito relativa e que a compartilhamos com outros que têm as mesmas propriedades sociais. Cada um de nós não atua da mesma maneira, mas em nível de uma série de determinações fundamentais essa realidade sociológica funciona. Desta maneira, uma entrevista ideal é a que, por um lado, propõe o discurso da pessoa entrevistada como a projeção da representação de si mesma por meio de uma apresentação para os outros e, além disso, oferece igualmente um estudo de tipo sociológico sobre as distintas comunidades onde ela mesma esteve situada ao longo de sua trajetória vital. Seria uma lição de modéstia considerável porque se veria que o que é pensado como uma atuação intensamente consciente, finalmente repete as condições objetivas de outros na mesma situação. O que fica é o toque pessoal que cada um de nós pode acrescentar a essas determinações ou a estas trajetórias compartilhadas, mas não mais. (CHARTIER, 2011, p.183-184).

Conforme descrito acima, é válido ressaltar a ausência de liberdade do autor ao escrever seus textos, as interpretações dadas pelos leitores nos mostram a existências de inúmeras realidades. Isso porque cada indivíduo está inserido em um contexto histórico distinto, ou ainda que sejam contextos iguais, existe sobre cada sujeito atributos que lhes determinados por diversos fatores.

Além disso, as características que os individualizam se somam a essas determinações e se manifestam por meios de objetos que passam a ser identificados pelos receptores, pois “o sujeito que escreve deposita todos os signos de sua individualidade particular: a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência” (FOUCAULT, 2009, p. 269). Essa presença do sujeito como depositário da sua experiência particular no texto pode ser

vista em **A Resistência** (2015), à medida em que o autor desenvolve sua narrativa, independentemente de a obra abordar a história de sua família, o que ficam são apenas algumas peculiaridades de sua vida associadas aos inúmeros acontecimentos reconstruídos por intermédio da memória.

Nota-se também que a tensão existente entre as estruturas da obra literária aqui investigada é determinada pela receptividade do leitor, tem por função primordial tentar delimitar espaços entre o que pode ser considerado realidade e o que se compreende por criação ficcional. De tal forma, que ao suscitar os traumas vividos por seus pais no período da ditadura militar argentina, envolvendo constantemente a condução de sua família, a mãe do narrador faz florescer uma dúvida sobre até que ponto o dito no texto é real ou ficção.

De sorte que ao perceber o comportamento intrigante dos pais ao fazer a leitura da obra, revelada em suas palavras, diz que “[...] durante toda a leitura sentiram uma insólita duplicidade, sentiram-se partidos entre leitores e personagens, oscilaram ao infinito entre história e história” (FUKS, 2015, p. 134-135). Essa duplicidade de sentimentos se torna mais intensa por se tratar de personagens e leitores ao mesmo tempo, para os demais leitores cabe tomar um caminho, se confia no autor então é real, se acredita na mãe então é ficção. Essa indeterminação se torna mais intensa, quando os pais de Sebastian se enchendo de coragem, analisam a narrativa de seu filho e passam a discordar de algumas descrições, conforme se lê em:

[...] você não mente como costumam mentir os escritores, e, no entanto, a mentira se constrói de qualquer forma; não sei, talvez eu queira apenas me defender com este comentário, mas suspeito que não fomos assim, acho que fomos pais melhores [...] você é fiel a sequência dos fatos, fiel como se pode ser fiel às instabilidades da memória, [...] e o jantar que você descreve para depois insinuar a tortura, eram tempos duros, cancelavam-se jantares. O que quero dizer é que sinto ingênuo esse militante que você evoca, e não quero reconhecer nessa ingenuidade. (FUKS, 2015, p. 135-136).

Neste ponto, a narrativa toma uma direção contrária ao que vem sendo relatado apenas pelo narrador, são novos olhares, diferentes formas de interpretar os acontecimentos, inclusive possibilita ao leitor a ativa participação. Para Bourdieu (2008) cada escritor constrói seu próprio projeto criador em função de sua percepção e apreciação das possibilidades disponíveis em seu *habitus*, usa daquilo que mais lhe é viável, sem esquecer que todo ponto de vista é visto de um determinado ponto, o que lhe confere diferentes leituras de uma mesma obra. Por essa razão, convém asseverar que:

Desta forma, compreende-se que a constituição do romance, que trabalha com a temática e elementos históricos e ficcionais, está a serviço de um objetivo que vai além da discussão do que é história e do que é ficção, mas se centra na ideia da escassa relação que os sujeitos têm com a história da nação, e que, por não a compreender, essa relação acaba por esvaziar toda a tradição histórica que fomenta não apenas uma questão geográfica-espacial, como também a formação de identidade. (SANTOS, 2022, p. 44).

Segundo o autor acima, no momento em que o escritor faz opção por uma abordagem temática em que são inseridos elementos históricos e ficcionais, ele passa a assumir uma posição estética que se baseia na relação em que o sujeito tem com a história. Isso fica evidenciado em **A resistência** (2015), no trecho citado acima, que cria uma discordância entre as personagens, os pais trazem o olhar de quem viveu, mas ao viver pode não conseguir perceber tudo o que fora percebido pelo narrador.

É possível que os traços históricos estejam mais ligados com a formação da identidade e que como tal, possa retomar feridas doravante não cicatrizadas. Desse modo, “acaba por salientar de que o elemento ficcional torna muito mais interessante e instiga a imaginação do leitor em uma narrativa histórica, do que o próprio fato histórico” (SANTOS, 2022, p. 43). De acordo com o excerto, a capacidade de aguçar com o imaginário, tornando as obras mais envolventes e acessíveis. Seria, pois, a ficção a estrutura superior?

Ora, não é difícil compreender a origem do mal-entendido. Segundo a definição de Wolfgang Iser, tanto a narrativa do historiador quanto a do ficcionista empregam os dois procedimentos centrais dos atos de fingir, isto é, os atos de seleção de elementos do real e de combinação desses elementos num relato determinado. Portanto, nenhuma narrativa se confunde com a realidade, constituindo-se somente numa imagem parcial dela. Vale dizer, no tocante aos dois primeiros atos de construção de mundo, isto é, de escrita de um texto, o discurso do historiador e do romancista coincidem mais do que se diferenciam. (CHARTIER, 2011. p. 12-13).

De acordo com as visões do autor, não é compreensível tampouco aceitável a ideia de que um elemento seja superior ou mais ou menos interessante. Ambos têm procedimentos diferentes que se combinam, e por mais próximo que essas narrativas estejam da realidade, ainda assim, não há como se falar em confusão ao ser usada apenas parte dela. O que Fuks nos oferece são interpretações feitas através de fotos, como possibilidade de apresentar um passado histórico, pautado em ações memorialistas para nos explicar um presente contido em formas significativas de resistir.

LITERATURA, UM CAMINHO DE RESISTÊNCIA EM JULIÁN FUKS

A literatura de resistência tem como sustentáculo as lutas contra a negação, a violência, o silenciamento, o manter-se firme diante das intempéries ocasionadas por múltiplos fatores. Nesta perspectiva, “a resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico” (BOSI, 2002, p. 123). Desse modo, ao usar esse espaço, os escritores dão voz a esses grupos para que eles possam tanto fixar denúncias quanto a colaborar com as transformações sociais.

Em **A Resistência** (2015), o narrador conduz os leitores aos horrores da ditadura civil militar da Argentina, passando pelo interior da história do seu irmão, então adotivo, e todos os conflitos

familiares ocasionados por essas duas situações. Para tanto, o projeto literário de Fuks é elaborado por meio de questionamentos e análises feita pelo narrador, não colocando em primeiro plano a história, mas as consequências dessa para muitos. Mesmo em face dessa organização, os fatos históricos assumem papel fundamental no texto. O conflito entre ser ou não história é observável quando o narrador coloca sua imprecisão, como visto no trecho seguinte:

Isto não é uma história. Isto é história.

Isto é história e, no entanto, quase tudo o que tenho ao meu dispor é a memória, noções fugazes de dias tão remotos, impressões anteriores à consciência e à linguagem, resquícios indigentes que eu insisto em malversar em palavras. [...] não consigo decidir se isso é uma história. (FUKS, 2015, p. 23-25).

Para o autor, a dificuldade em decidir se está diante de um fato histórico ou não está centrada na imprecisão dos fatos, porque “uma história ou um relato autobiográfico, nunca poderá ser completamente conclusiva, por mais testemunho que seja seu caráter de verdade” (ARFUCH, 2010, p. 186). De sorte que não se trata de um retorno aos acontecimentos experimentos no passado, mas conseguir fazer com que os leitores experimentem esse mesmo passado em sua realidade presente, utilizando-se do que Arfuch (2010) chama de flutuação da mesma identidade, tensão entre o mesmo e o outro.

Essa tensão revela o algoz que foi a ditadura militar sobre os que se consideravam de esquerda e que de alguma forma não eram coniventes com as ideologias militares. Isso ocasionou os mais extremos castigos como a morte e outros de menor potencial, como o exílio, situação acometida pela família de Sebastian e muitas outras famílias, “você têm que ir, foi o que ele disse com voz peremptória [...] você têm que sair, você são os próximos” (FUKS, 2015, p. 81). No excerto, entende-se que a súplica de Valentín Barembliitt, psiquiatra que estivera face a face com o terror, preso sem nenhum motivo aparente, mas que de alguma forma conseguira resistir, faz

com que a família de Sebastian busque exílio no Brasil. Desse modo, entende-se que a narrativa busca no passado relatar uma sucessão de atos de violência, que foram vivenciados ou testemunhados pelas personagens como no excerto seguinte:

Marta Brea, vítima do terrorismo, enfiada em caro sem placa e desaparecida há sessenta dias; “foi na manhã de outubro que meu pai encontrou o terror, ou o rastro de terror, instaurado em seu consultório. [...]aquele consultório não fora apenas invadido e vasculhado, mas destruído com o rigor militar, ou minunciosamente torturado para que denunciasse seu comparsa” [...] seu tornozelo direito estava inchado, vermelho, deformado: Está vendo meu tornozelo?, ele indagou à minha mãe. Fizeram isso enquanto perguntaram sobre você. (FUKS, 2015, p. 53-84).

Evidencia-se no relato do narrador a institucionalização dos desaparecimentos de pessoas na Argentina, das perseguições violentas por suspeitos de participar de grupos sociais e político de esquerda. Mesmo em face de tantas alternativas em manter o controle sobre toda a população, ainda assim, “todo esse modelo repressivo não foi capaz de acabar com a resistência: as pessoas decidiam sobreviver às sessões de tortura, à má alimentação, a dormir em locais pequenos; e alguns conseguiram fugir, outros que foram soltos” (RIBEIRO, 2021, p. 105). E esses que voltaram acabaram por se tornar em grande maioria, os principais responsáveis pela organização dos movimentos sociais, voltados para resistência da ditadura militar.

Outro ponto destacado na narrativa diz respeito à condução das mulheres e mães. Ribeiro (2021) relata que de todos que eram presos nesse período, as mulheres grávidas eram as únicas que eram destinadas aos locais menos grotescos. No entanto, a permanência das mesmas nesses ambientes era somente até o nascimento dos seus filhos, em seguida essas crianças eram levadas para o sistema de adoção. Não que os opressores tivessem certas preocupações com as crianças, mas toda adoção era acompanhada para certificar-se de que

as mesmas seriam criadas por famílias que eram a favor da ditadura ou que não possuíam inclinações subversivas.

Quanto ao destino das mães após o parto, é dito que “os assassinatos, por sua vez, se davam por tortura, fuzilamento ou até mesmo jogando pessoas ainda vivas de aviões; os corpos eram enterrados em vala comum nos cemitérios públicos como indigentes” (RIBEIRO, 2021, p. 105). Como reflexo de toda essa situação surgiram As Mães-Avós da Praça de Maio e o clamor pelo retorno de seus filhos-netos desaparecidos no auge da ditadura argentina.

Esse é um dos acontecimentos que mais inquieta o narrador, associando esse movimento ao fato de seu irmão ser adotado, o narrador não deixa de suscitar no leitor o receio de ser esse irmão, uma das crianças desaparecidas as quais essas avós tanto sonham em encontrar. Conforme narrado no capítulo 30, um breve comunicado assinado pelo grupo das Avós argentinas com netos desaparecidos:

Terão lido em voz alta esse apelo tão sentido? Terão percebido um calor a inundar-lhes os rostos, deixando em suas colunas rastros fugazes de calafrio? [...] Terão argumentado um para o outro que aquilo era muito improvável, que não havia nenhum indício, que os militares não sequestrariam um bebê para entrega-lo nas mãos de um casal que julgassem subversivo? Terão consultado algum livro jurídico, confirmando que, ainda estando fora da lei, poderiam ter a lei ao seu lado, garantindo que “o adotado deixa de pertencer à família de origem e se extingue seu parentesco com todos os seus membros, de modo que em diante ninguém pode reconhecer esse menino como próprio nem levantar juízo algum sobre sua filiação, sua criação, seu patrimônio? (FUKS, 2015, p. 92).

São questionamentos que revolvem na cabeça tanto do narrador quanto na do leitor, além de suscitar desconfiança acerca da integridade dos pais quanto ao processo de adoção. Isso os torna cúmplices de uma pátria que persegue, maltrata, violenta e mata seus filhos em nome de um poder totalitário, de uma ideologia opressora.

Mães ou avós que não paralisaram diante da dor, mas que encontraram formas de resistir, foram “tachadas de loucas, “las loucas de Plaza de Mayo” como forma de desacreditá-las” (ROCHA, 2006. p. 94-95) e de vítimas, tornaram-se alvo do mesmo terror que estavam denunciando. O desaparecimento de três mães e líderes do então grupo, só veio a fortalecer ainda mais a luta em busca de seus filhos e netos, a partir de então, esse enfrentamento passa a tomar proporções internacionais.

Todas essas ações desenvolvidas no decurso da narrativa atuam como aparato fortalecedor da ideia de resistência presente no texto de Julián Fuks. Podem também ser consideradas como literatura de enfrentamento social, uma vez que as lutas pelo direito de ir e vir, de moradia, de liberdade de expressão, são frequentes na obra, até mesmo o direito à maternidade é uma forma de lutar contra todo sistema opressor.

Em meio a todo caos social característico da ditadura militar, encontramos na obra em questão, um pai que resiste à ideia de ter filhos, seria por convicções pessoais ou por pressões sociais não se sabe ao certo. Porém, a convicção da mãe se mostrou superior, “talvez ter um filho naquele instante o que lhe restava de vida, fosse outra forma de luta, de recusa à aniquilação proposta pelo regime” (FUKS, 2015, p. 41). Além disso, sustenta a necessidade existente de poder construir uma nova sociedade, a mãe acrescenta “ter um filho há de ser, sempre, um ato de resistência. Talvez a afirmação da continuidade da vida fosse apenas mais um imperativo ético a ser seguido, mais um modo de se opor à brutalidade do mundo”. (FUKS, 2015. p. 42). A maternidade é considerada também uma forma de enfrentar, de denunciar e de resistir aos mais terríveis modelos de estruturas sociais, como por exemplo a expressa na obra literária aqui estudada. Ainda consoante Fuks (2015), a ideia de resistência abre portas para uma série de questionamentos, como visto em:

Resistir: quanto em resistir é aceitar impávido a desgraça, transigir com a destruição cotidiana, tolerar a ruína dos próximos? Resistir

será aguentar em pé a queda dos outros, e até quando, até que as pernas próprias desabem? Resistir será lutar apesar da óbvia derrota, gritar apesar da rouquidão da voz, agir apesar da rouquidão da vontade? É preciso aprender a resistir, mas resistir nunca será se entregar a uma sorte já lançada, nunca será se curvar a um futuro inevitável. Quanto do aprender a resistir não será aprender a perguntar-se? (FUKS, 2015, p. 79).

Para o autor, resistir significa muito mais que um gesto, que uma tomada de decisão, que um grito em face do silêncio, que permanecer forte diante das destruições, dá a entender que é algo que precisa ser aprendido. Esse conceito complementa o pensamento de Bosi (1996) ao conceituar o termo resistência, “o sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a uma outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia” (BOSI, 1996, p. 11). Dessa forma, o resistir acontece diante de acontecimentos que são externos, devendo, pois, o sujeito usar de sua própria força para que não ceda às pressões de seus algozes, embora não tenha nenhuma segurança sobre o que vai acontecer será bom ou ruim.

Também o crítico reitera que “Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético” (BOSI, 1996, p. 11), por estar relacionado muito mais com os valores, os princípios que regem os comportamentos dos indivíduos pertencentes a determinados grupos sociais, de tal forma que devemos aprender a resistir. No entanto, admite-se que “a translação de sentido da esfera ética para a estética é possível, e já deu resultados notáveis, quando o narrador se põe a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores” (BOSI, 1996, p. 13). Por último, menciona-se que os conceitos de resistência transcritos podem ser encontrados na obra **A Resistência** (2015) de Julián Fuks, uma vez que a obra trata do testemunho de acontecimentos históricos, ocorridos no período da ditadura militar e relembra-los transformando-os em literatura é um ato de resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto, podemos concluir que a narrativa construída por Julián Fuks, está firmada sobre um projeto literário que se define pela tensão existente entre ficção e história, desenvolvido numa perspectiva contemporânea que passa a fazer uso de uma estrutura não linear e utilizando-se de capítulos curtíssimos. Sendo, pois, compreendido como literatura de testemunho ou literatura de filiação, o autor se apropria das hipóteses, dos questionamentos sobre o ser real ou imaginário usando do caráter memorialista para narrar os acontecimentos.

A preocupação com as questões sociais abarca toda narrativa, ao iniciar pela situação-problema da obra, ao escrever sobre o irmão possível, o irmão adotado. Não podemos considerar apenas o fato da adoção, mas o contexto em que ela acontece. O autor contextualiza toda narrativa dentro de um dos períodos mais difíceis vividos pelos argentinos, a ditadura civil militar. Em face de tantas crianças desaparecidas, poderia ser seu irmão uma dessas, que levaram à criação de um dos grupos de resistências mais conhecidos, as mães avós da praça de maio.

Aprender a resistir, resistir a tudo e de diversas formas. No tocante ao texto literário, Bosi (1996, p. 26) afirma que “A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico”. Assim, depreende-se que não há como separar esse sujeito narrador, de sua realidade de sua história, são elementos que se cruzam e se complementam. Portanto, vale ressaltar que não é possível definir essa obra como sendo verdadeira, pois traz elementos históricos significativos, ou como sendo apenas criação, podendo ter sido traído por sua memória, o que realmente está em jogo é o fazer literatura, utilizando-se tanto da história quanto da ficção, inquietando e envolvendo o leitor. Eis aí **A Resistência** de Julián Fuks.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. **O espaço bibliográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. 9. ed. Campinas-São Paulo: Papirus, 2008.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. Itinerários. **Araraquara**, n. 10, 1996, p. 11-27. Disponível em: <<https://bit.ly/3aV4Nvu>>. Acesso em: 17 jan. 2023.
- CHARTIER, Roger. **A força das representações**: história e ficção. Chapecó-SC: Argos, 2011.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: Conversas de Reger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- DALCASTAGNÈ, Regina Nas tripas do cão: a escrita como espaço de resistência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. núm. 29, 2007, pp. 55-66 Universidade de Brasília Brasília. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3231/323127092003.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Estética**: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FUKS, Julián. **A Resistência**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FUKS, Julián. A era da pós-ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo. In: DUNKER, Christian et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.
- LAHIRE, Bernard. Elementos para uma teoria da criação literária: o caso de Franz Kafka. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, no 47, jan/abr. de 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/75433>>. Acesso em 05 jan. 2023.

MOVIMENTO DAS MÃES DE MAIO. **Do luto à luta** – mães de maio. São Paulo. Giramundo Artes gráficas, 2006.

RIBEIRO, Heloísa Cristina. A ditadura militar na Argentina (1976-1983): O aparato repressivo e a justiça de transição. **Humanidades em diálogo**, v. 10 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2021.159255>>. Acesso em: 08 jan. 2023.

SANTOS, Iago Nunes dos. Entre ficção e história: a organização estética no romance de José Saramago. José Saramago: Aqui, além, agora (dossiê). **Revista Desassossego**. Vol. 14, número 28, jul/dez de 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/195343>>. Acesso em: 08 jan. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Literatura e Trauma. **Pro-posições**. Vol. 13, n. 3, (39), set./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643943>>. Acesso em: 1 janeiro de 2023.

KAFKA SOMBRIO: REFLEXÕES ACERCA DA RELAÇÃO LITERATURA E VIDEOGAME NUMA PERSPECTIVA COMPARATISTA

Antonia Karine do Nascimento Rosendo¹
Dílson César Devides²

INTRODUÇÃO

Para uma parcela da sociedade, os *videogames* ainda são tidos como mero entretenimento vulgar, que fomenta males como o vício e a violência, contudo, a indústria de *games* gera desenvolvimento tecnológico em vários segmentos a ele relacionados. “Sua produção lidera o uso da pesquisa tecnológica avançada e ela é a primeira a disponibilizar esses avanços para o público” (SANTAELLA, 2009 p.51)

O presente texto objetiva gerar uma análise comparatista entre o livro *Kafka e a boneca viajante* de Jordi Sierra i Frabra e a *DLC Little Miss*, do jogo *Resident Evil Revelations 2*. Ressaltando as semelhanças e diferenças entre as duas obras e evidenciando a relação de proximidade entre literatura e *videogame* refletindo acerca a obra de Jordi Sierra, e sua relação com Franz Kafka numa perspectiva metalinguística, e por fim, incentivando o fomento da pesquisa que relaciona literatura e videogame

Como aporte teórico metodológico fez-se necessária uma pesquisa embasada nas obras de Carvalhal (2006) e suas reflexões acerca da Literatura Comparada, tendo como embasamento as ideias da escola americana sobre a literatura comparada, e na obra

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal (PPGLB). E-mail: antoniaknrosendo@hotmail.com

² Doutor em Letras. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal (PPGLB) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Cultura Contemporânea (ECCO), da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: dilson.devides@ufmt.br

de Santaella e Feitoza (2009) em que tratam dos estudos e impactos dos videogames para a sociedade atual.

O trabalho está disposto em três partes essenciais. A primeira promove uma análise da obra de Jordi Sierra, **Kafka e a Boneca Viajante**, buscando realizar uma breve análise sobre as quatro partes que dividem o livro, arguindo sobre os princípios abordados na obra e sobre a relevância dos personagens Franz Kafka, Elsi e a boneca Brígida, adotando para tanto uma perspectiva psicanalítica fundamentada Buttelheim (1980).

A segunda parte faz uma análise da DLC³ **Little Miss do jogo Residente Evil: Revelations 2**, compreendendo a dinâmica das personagens da DLC e sua atmosfera de horror de sobrevivência.

Na terceira parte do presente capítulo busca-se de forma efetiva realizar uma análise, tomando como método o comparativismo, entre o *videogame* e a obra literária supracitados. Para tanto foi necessária leitura do livro de Jordi Sierra e posteriores marcações dos recortes escolhidos, em outro momento, diversas sessões de *gameplay* da DLC buscando extrair *printscreens* dos cartões postais selecionados e transcrições destes e de falas das personagens que serviriam de base para o comparativismo com o livro. Após isto um quadro ressaltando as semelhanças e diferenças e entre as obras analisadas.

ELSI, BRÍGIDA E O CARTEIRO DE BONECAS: A RELAÇÃO ENTRE UMA CRIANÇA E SEU BRINQUEDO.

Enquanto repousava no parque Steglitz, Franz Kafka foi interrompido pelo choro de uma menina, Elsi, devido à perda de sua boneca Brígida. Para aliviar o desconforto causado pela separação, Kafka assumiu o papel de carteiro de bonecas, entregando diariamente cartas de Brígida para Elsi durante três

³ downloadable content, ou seja, conteúdo 'baixável'. Nada mais são do que arquivos extras, add-ons, que os usuários podem baixar para seus jogos. Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2014/01/o-que-e-dlc-veja-a-historia-dos-conteudos-extras-para-jogos.ghtml>

semanas. Nas cartas, Brígida relatava suas aventuras por vários países, ajudando Elsi a compreender e a aceitar que algumas separações são inevitáveis.

O livro é dividido em quatro partes sendo: **Primeiro sonho: a boneca perdida**, que narra a perda da boneca e o encontro entre Elsi e Kafka, situação em que desperta no autor compaixão ao ouvir o choro copioso de Elsi. **Segunda fantasia: as cartas de Brígida**. Nesta parte Kafka assume seu papel de carteiro de bonecas e sua amizade com Elsi é construída. **Terceira ilusão: o longo percurso da boneca viajante**. A longa viagem de Brígida continua, entretanto ocorre aqui um amadurecimento da boneca, que passa a ser apresentada de forma amadurecida, ela encontra um companheiro, que em seguida torna-se noivo e por fim esposo, Elsi passa a compreender que a separação de Brígida é inevitável e permanente, porém entende que isto será melhor para a boneca amiga. Por fim, na última parte intitulada, **quarto sorriso: o presente**, enfim, Elsi e Brígida se despedem por meio da última carta, a menina finalmente supera a ausência de Brígida e é agraciada com uma nova companheira, que não funcionará como uma substituta da primeira amiga, mas uma parceira para o início de um novo ciclo.

É importante destacar que crianças são naturalmente animistas, ou seja, possuem inclinação a tratar objetos inanimados como tratariam seres vivos, assim, é perfeitamente aceitável que Elsi sofra a perda de Brígida como sofreria por qualquer ente querido, como consta no livro de Fabra (2006, p.21): “A situação era real. A relação de uma menina com sua boneca é das mais fortes do universo. Uma força descomunal movida por uma tremenda energia”. Sobre esta colocação Bruno Buttelheim (1980) traz, em sua *Psicanálise dos Contos de Fadas*, “para crianças não existe uma linha clara separando os objetos das coisas vivas; e o que quer que tenha vida, tem vida muito parecida com a nossa. ” (p. 60) Assim, Elsi, embora com certa resistência a priori, passa a confiar nas cartas enviadas por Brígida e entregues por Kafka.

Faz-se importante reconhecer que há diferentes maneiras de entender o mundo, especialmente para as crianças. É o caso do pensamento animista, que é a capacidade das crianças de atribuírem vida ou animação a objetos inanimados, algo corriqueiro a elas. Vale salientar que o pensamento das crianças é muito diferente do nosso e é fundamental ter isto em mente ao lidar com elas. Butterlheim argumenta que é preciso reconhecer a diferença de pensamento entre adultos e crianças e lembrar que as crianças têm suas próprias maneiras de compreender o mundo.

Sobre isso Butterlheim explica ainda que:

Qualquer que seja nossa idade, apenas uma estória que esteja conforme aos princípios subjacentes a nossos processos de pensamento nos convence. Se é assim com os adultos, que aprenderam a aceitar que há mais de um esquema de referências para compreender o mundo – embora achemos difícil, senão impossível pensar verdadeiramente segundo outro que não o nosso – é exclusivamente verdadeiro para a criança. Seu pensamento é animista. (1980, p. 59)

Os seres humanos precisam de histórias que estejam de acordo com seus princípios de seus processos de pensamento, isso é necessário para que essas histórias lhe sejam críveis. Se os adultos costumam ter dificuldades em pensar segundo outros padrões que não o seu próprio, isso é ainda mais verdadeiro para as crianças. Seu pensamento é animista, ou seja, eles acreditam que todas as coisas possuem alma e, sendo Elsi uma criança, é propensa pensar em Brígida como um ser animado.

Dessa forma, as cartas escritas por Kafka em nome da boneca Brígida, fazem com que Elsi, consiga, gradativamente, compreender e aceitar certas situações inerentes da condição humana, como a partida de um ente querido, Franz Kafka usa seu potencial criativo de escritor para amortizar o sofrimento da menina, apresentando-se sempre benigno e paciente, buscando sanar cada dúvida que a menina possa ter sobre o destino de Brígida.

Assim, *Kafka e a boneca viajante* é uma ode à inocência infantil, é uma obra que trata da psique infantil com cuidado e respeito, o que se reflete na preocupação de Kafka ao escrever as cartas de Brígida, não com intenção de ludibriar Elsi, mas de fazê-la superar a ruptura causada pela perda da sua boneca.

A segunda edição de *Kafka e a Boneca Viajante*, traz um posfácio intitulado *Como Surgiu Esta História*. Nele, Jordi Sierra i Fabra traz informações acerca do fato vivido por Franz Kafka que originou o livro, segundo Fabra (2009) o nome real da menina cuja boneca fora perdida – e para quem Franz Kafka escreveu cartas em nome de uma boneca viajante – nunca foi sabido, tais cartas também jamais foram encontradas tendo em vista o falecimento precoce do autor, a única testemunha do ocorrido no parque Steglitz fora Dora Dymant, a companheira do escritor.

As cartas originais jamais foram encontradas, apesar dos muitos esforços por parte do estudioso da obra de Kafka Klaus Wagenbach, as tais cartas permaneceram como uma obra exclusiva para a menina no parque Steglitz, nas quais as aventuras de uma boneca eram contadas na intenção de amortizar o sofrimento de uma criança pela perda de sua inanimada companheira.

No final do posfácio, Fabra pondera que se permitiu a transgressão de inventar as cartas e terminar a história “pode ter sido este ou outro qualquer, não acho que seja importante” (2009, p.125). Assim, Franz Kafka torna-se o personagem protagonista da prosa, uma história originalmente contada por sua esposa e transformada em romance, cujas lacunas da versão original são devidamente preenchidas por elementos de ficção.

DLC LITTLE MISS: DINÂMICA DAS PERSONAGENS E HORROR DE SOBREVIVÊNCIA

Uma DLC é um capítulo extra de um game, que se relaciona diretamente com o enredo principal ampliando seu enredo. A DLC está para um jogo, como o prólogo ou o epílogo está para um livro. No que se refere ao presente capítulo, far-se-á uma análise da DCL

intitulada *Little Miss*, traduzida para o português como Mocinha, do Jogo *Resident Evil: Revelations 2*.

Assim como a narrativa segue etapas até chegar ao desfecho, um videogame, compreende atos. “O material introdutório, com frequência apresentado pelo que chamamos de *cutscenes*⁴ é o primeiro ato, o segundo é a experiência do núcleo do jogo; e o terceiro é o clímax frequentemente introduzido por *cutscenes* mais uma vez” (HUTCHEON apud LINDLEY 2002, p. 206).

Nota-se então uma semelhança entre as estruturas do jogo e da narração, dado este que, corrobora com a possibilidade de desenvolvimento de uma comparação entre as duas mídias, assim, faz-se necessária resumo da DLC, seguida de análise.

O cenário do *game* é o subconsciente da protagonista, Natália Korda, que se encontra em coma induzido. Nesta situação, a personagem descobre que perdeu sua ursinha de pelúcia, chamada Lottie e é compelida a tentar encontrá-la. Neste momento, uma outra menina aparece para, aparentemente, ajudar Natalia a encontrar Lottie, esta nova personagem doravante será chamada de Natalia Sombria, após apresentar-se entrega para Natália Korda uma carta, que ela alega ter sido escrita por Lottie, dando pistas de onde ir para encontrar sua ursinha de pelúcia, porém o caminho até Lottie é nebuloso, ameaçador e cheio de monstros e a missão aqui é encontrar Lottie sem ser vista por nenhum inimigo.

Apesar de tratar-se do gênero *survivor horror*⁵, as personagens não sangram e não existe uma animação de morte da personagem, quando esta é encontrada por algum inimigo, ela apenas se agacha com as mãos na cabeça e chora, em seguida aparece na tela a mensagem: desmaiado; ao invés de: você morreu, como é de costume em jogos deste gênero. Compreende-se que isto ocorre por

⁴ Sequência em um jogo na qual a jogabilidade é interrompida para que haja avanço, promovendo seu desenvolvimento e introduzindo novas informações e/ou personagens e complementando a narrativa.

⁵ Horror de Sobrevivência, gênero em que o jogador é inserido em um cenário em que precisa sobreviver com poucos recursos.

trata-se de uma protagonista criança e daí a necessidade de censura em relação a elementos de violência extrema.

É importante destacar que, em termos de *gameplay*, a personagem Natalia sombria não pode ser vista pelos inimigos e é capaz de marcá-los de forma que fiquem destacados a uma certa distância funcionando como elemento de auxílio para que o jogador explore os cenários sem ser visto e facilitando a jogatina. Quanto à narrativa, esta função de Natália Sombria, ocorre para explicar habilidades e traços de personalidades inseridos em Natália na campanha principal do jogo. Esta explicação é válida dada a importância e a peculiaridade das regras dos *games*.

Existe um sistema de regras para que um *game*, funcione de modo fluido e levando em consideração que os *games* se passam em mundos fictícios, diferenciando-se assim dos jogos não eletrônicos, a influência mútua entre as regras e a simulação do jogo é uma das particularidades mais importantes dos *games*.

Durante os acontecimentos da DLC Natália Sombria interage com a Natália protagonista enquanto suas ações são de auxílio para a protagonista, suas falas são dedicadas a desencorajar a personagem principal tornando sua mente suscetível a dominação através da inserção de pensamentos negativos, o que contribui para o desfecho de Natália na campanha principal.

KAFKA NA LITERATURA E NA DLC: RELAÇÕES DE PROXIMIDADE E DISTANCIAMENTO

Partindo do entendimento da escola americana de literatura comparada, uma vez que esta aceita a relação da literatura e outras expressões de arte, assim, Nitrini (2010 p. 36) explica que um estudo comparado deve ser feito tendo em vista a unidade de toda criação e experiências literárias independentes de quaisquer fronteiras linguísticas.

Ainda trazendo uma perspectiva americana de estudos comparados Nitrini (2010) explica:

Não se encontram ao longo de sua vasta obra capítulos ou trechos voltados especificamente para a descrição explícita de uma metodologia da literatura comparada. No entanto, é possível entrever, por meio deles, uma proposta implícita de um modelo ideal de comparatista: procurar ler tudo o que for possível das literaturas e culturas disponíveis, nas línguas originais, para compor um quadro de referência; na pesquisa, apresentar as próprias hipóteses e metodologias; [...] (p.36)

Desse modo, o que se pretende nesta pesquisa é, levando em consideração a relação da literatura e outros sistemas semióticos, desenvolver um estudo comparatista entre a obra literária e o *game* supracitados, utilizando como método a composição de um quadro de referências, ressaltando, diálogos, referências, aproximações e distanciamentos entre ambos os suportes, compreendendo as liberdades e restrições de cada um para assim, direcionar a pesquisa aos estudos comparados.

Tendo um método comparativo definido, volta-se para a relação entre a literatura e outras artes. Segundo Tânia Franco Carvalho (2006), acerca dos estudos comparativos o meio realização é mais relevante que o fim, sendo assim, dedicar-se ao comparatismo é um ato lógico-formal do pensar diferencial seguindo um processo indutivo, enquanto mantém uma abordagem dedutiva. Assim, o trabalho do comparatista vai além do estudo das relações entre literaturas,

Ainda acerca deste assunto Carvalho (2006), argumenta:

As relações entre a literatura e as outras artes encontram no campo dos estudos semiológicos, nas relações que os sistemas sígnicos travam entre eles, novas possibilidades de compreensão para essas correspondências. Embora os comparativistas tradicionais não incluam no campo de atuação da literatura comparada a relação entre literatura e outras artes, situando-a no âmbito geral da história da cultura, os comparativistas americanos a incorporam às suas preocupações. (p 50)

Entre as possibilidades de estudos comparados à literatura envolve-se análise das relações entre a literatura e o cordel, teatro, cinema, *games*, artes visuais, música e dança através de um enfoque interdisciplinar ou intersemiótico, procurando destacar as correlações em detrimento das diferenças e levando em consideração que a literatura é um excelente suporte narrativo para cada uma dessas mídias.

Uma vez esclarecida esta questão volta-se para o cerne da pesquisa deste estudo: as relações entre *Kafka e a boneca viajante* e *Little Miss*. Para tanto faz-se necessário buscar uma reflexão sobre as relações kafkianas no jogo principal, que por sua vez refletem-se na DLC em análise neste texto, buscando compreender a razão pela qual Kafka é escolhido pelo roteirista Dai Satō como fonte primeira para a narrativa do game.

Sob a direção de Yasuhiro Ampo, escrito e roteirizado por Dai Satō, *Resident Evil: Revelations 2* é lançado em 2015; o jogo traz em seus quatro capítulos principais diversas referências a Franz Kafka e suas obras, além dos capítulos da campanha principal, o jogo conta com duas DLC's intituladas *Contemplação* e *Little Miss*, sendo esta última o objeto de comparação do presente capítulo.

Apesar de *Little Miss*, não ser baseada em uma obra de Kafka e sim num romance sobre o autor, é importante destacar a influência no trabalho dos roteiristas do jogo conforme fragmento da entrevista de Michiteru Okabe, produtor de *Revelations 2*, concedida ao site Resident Evil Database a seguir:

Estamos trabalhando com o mesmo roteirista que trabalhou no primeiro Revelations. Seu nome é Sato e, se não me engano, o tema de Kafka foi ideia dele. A versão jogável que mostramos na TGS já trazia uma referência do Kafka. (Resident Evil database 2015)

As potencialidades narrativas dos *games* surgem mais apuradas a cada lançamento, isso se reflete no crescente interesse em estudos acadêmicos referentes a linguagem, narrativa e estética. Desse modo quando o roteirista opta por inserir a obra kafkiana em

Revelations 2 e em suas DLC's compreende-se que o faz porque a atmosfera criada por Kafka em toda a sua obra atende as necessidades de composição narrativa do *game*.

Assim. Compreende-se que, a obra kafkiana funciona como um elemento de imersão do jogador, posto que, obviamente por tratar-se da inserção de elementos literários em mídia digital, faz-se necessárias adaptações a fim de atender as necessidades do *game*, entretanto, a temática kafkiana imbrica-se a atmosfera do jogo, de modo a preencher a narrativa do *game* de modo satisfatório.

A partir daqui inicia-se uma análise comparativa entre *game* e livro, buscando, desenvolver um quadro comparativo entre os suportes supracitados. Para tanto foram escolhidos três aspectos em comum entre o livro de Jordi Serra I Fabra e *game* da Capcom.

1. Nos primeiros minutos da DLC é possível ouvir risos e passos de crianças, além de vultos humanos movimentando-se embora a única personagem em cena seja Natália que ainda está despertando no cenário onírico do jogo. Além da *cutscene* inicial, um dos cenários do jogo é uma praça, ou parque, em referência ao parque Steglitz. Tem-se aí uma referência ao início do livro de Fabra, é possível observar estas referências abaixo.

Os passeios pelo parque Steglitz eram um bálsamo. Casais precoces, casais parados no tempo, casais que ainda não sabiam que eram casais, velhos e velhas com as mãos cheias de histórias e rugas cheias de passado procurando cantos de sol, soldados com galas de distinção, crianças de uniforme impecável, babás com meninos e meninas vestidos com espero [...] O parque Steglitz transpirava vida naquele início de verão. (2009 p.13)

Figura 01: Fonte: captura de tela



Ambas as obras trazem cenários semelhantes, entretanto, ocorre que a necessidade de cada suporte influencia na forma como esses cenários são apresentados ao público: enquanto a descrição do livro evoca uma atmosfera solar, de tranquilidade e relaxamento, o *game* traz uma paleta de cores mórbidas, que remetem ao desconforto, que é normal no gênero horror de sobrevivência.

2. Ainda sobre as relações de proximidade entre *game* e livro é de suma importância realizar uma análise entre as cartas da boneca Brígida enviadas a Elsi por intermédio de Kafka – o que ocorre no livro – e os cartões postais da ursinha de pelúcia Lottie, encontrados por Natália durante a *gameplay*. Para efeitos de análise no presente capítulo quatro cartões serão comparados a duas cartas. É necessário – para fins de análise – levar em consideração que os cartões postais do jogo oferecem informações mais sucintas enquanto as cartas trazem riqueza de detalhes, isto se dá por conta da necessidade de fluidez de informações no *game*, portanto, a decisão tomada para realizar a análise entre ambas foi utilizar quatro cartões postais e duas cartas, de modo a intercalar os cartões postais e fragmentos das cartas.

Tendo em vista a natureza comparativa deste trabalho e levando em consideração o ano de publicação dos objetos de estudo, o material literário será considerado como texto fonte, assim é possível observar que os cartões postais do jogo possuem uma relação com a obra adaptada, logo na saudação inicial, todos os cartões iniciam com “Querida Natália”, da mesma forma que as cartas têm seu início com “Querida Elsi”. Entretanto, a intenção da mensagem de ambas é oposta, enquanto o material adaptado contém uma mensagem de conforto e conduz Elsi até a superação da perda, os cartões postais possuem uma mensagem sombria, até violenta e buscam minar as esperanças de Natália gradativamente, conforme pode-se observar abaixo:

1º Cartão postal:

Querida Natália, por que você me deixou? Você não me ama mais? Estou sem ninguém agora... Estou tão triste que talvez morra de tanto chorar. (CAPCOM 2015)

Figura 02:



Fonte: Capcom

Querida Elsi,

Antes de mais nada, me desculpe por ter ido embora tão de repente, sem me despedir. Sinto muito e espero que não esteja zangada. Às vezes fazemos coisas sem perceber, ou reagimos inesperadamente diante do que nosso instinto nos diz, e magoamos quem não queremos. Como você e a mamãe também acontece assim, não é mesmo? É que as despedidas são tão tristes e eu não queria que você tentasse me convencer a ficar mais um pouco, temia que você não me deixasse ir, e eu precisava fazer isso. Espero que você compreenda. Eu te amo tanto, Elsi, tanto, que não suportaria vê-la chorar ou que você me visse chorar. [...] (FABRA 2009 p.48)

Os segundo e terceiro cartões postais indicam o caminho que Natália deve seguir em busca de Lottie, descrevendo um cenário tenebroso que evocam pavor e senso de urgência em Natália, enquanto que as cartas escritas para Elsi descrevem paisagens bonitas que incentivam a menina a pensar no bem-estar de Brígida e a sentir-se feliz pela felicidade de sua amiga.

2º cartão postal

Querida Natália, estou sem saída num túnel sob a aldeia. Não consigo sentir minhas pernas. Provavelmente estou morrendo. Por que você me odeia? (CAPCOM 2015)

Figura 03:



Fonte: Capcom

Figura 04:



Fonte: Capcom

3º cartão postal

Querida Natália. Estou perto do oceano agora. Vi muitos cadáveres, você deveria me esquecer, encontre um amigo novo. (CAPCOM 2015)

[...] Londres é uma cidade linda, para mim foi maravilhoso descobri-la. Agora mesmo escrevo do coração dela, Picadilly Circus, [...]. Você sabia que o céu de Paris é da cor dos seus olhos quando você sorri e que as nuvens são como os pêssegos que se formam no seu rosto? Pois é assim mesmo. Estou em Paris! Acredita? Nesta segunda etapa da minha viagem, eu resolvi navegar pelo Sena, ver o museu do Louvre, passear pelos Champs Élysées e subir na torre Eiffel. [...] (Fabra p. 49, 50)

4º Cartão postal

Querida Natália, acho que não consigo continuar... você encontrará o que resta de mim na praia à frente. (CAPCOM 2015)

Figura 05:



Fonte: Capcom

[...] Agora sei que vai ficar mais tranquila e, sabendo que estou bem, vai se alegrar por nós duas, Elsi, você deve saber que viver é seguir sempre em frente, aproveitar cada momento, cada oportunidade e cada necessidade. Você também vai fazer a mesma coisa daqui a alguns anos. As pessoas e as bonecas são feitas de sentimentos e emoções que preciso ir usando aos poucos. São nossa energia vital. Depois desses anos a seu lado, sou a boneca mais feliz que existe, cheia de energia. Quero que fique com tente, e muito, porque tudo que sou devo a você. Você cuidou de mim, me ensinou muitas coisas, me amou e me fez ser uma boa boneca. Agora que me preparo para iniciar uma nova vida, a partida foi triste por deixá-la, mas bonita porque graças a você sou livre para fazer isso. (FABRA 2015 P. 48)

Retomando a ideia de que comparar é também encontrar divergências. Os cenários descritos por Brígida e Lottie podem ser considerados extremos opostos: enquanto Brígida descreve cenário paradisíacos e maravilhas da humanidade, Lottie fala de cadáveres em uma praia e da sensação de estar morrendo aos poucos, descrições que nenhuma criança deveria ler. Com isto, nota-se que enquanto Elsi é compelida à superação de forma gradativa, Natália precisa continuar a buscar por Lottie, embora a cada cartão postal

isso pareça mais difícil, este fato se deve às necessidades de cada suporte: enquanto o leitor não precisa resolver as complicações que a obra literária traz, o jogador precisa resolver os enigmas para avançar na *gameplay* e assim resolver o problema proposto pelo jogo.

3. Natália sombria funciona no *game* como uma representação do Kafka personagem

Para que ambas as narrativas funcionem de forma fluida, é necessário que haja um elemento de condução das protagonistas durante a história, na obra de Jordi Sierra i Fabra, Franz Kafka busca, não apenas através de suas cartas, mas de suas palavras de conforto, possibilitar com que Elsi transcenda a ausência de Brígida. No *game* a personagem Natália Sombria durante o tempo em que conduz Natália Korda pelo cenário, auxiliando a personagem a ultrapassar os obstáculos, tenta, com suas palavras, manipular Natália Korda, para que, ao desistir de Lottie, considerada sua melhor amiga, sucumba à influência negativa de Natália sombria, tornando-se suscetível ao seu controle.

CARVALHAL (2006) argumenta que não levar em consideração as diferenças em estudos comparados não apenas restringe a natureza da comparação como também limita seu alcance. Assim, considera-se que comparar é distinguir, semelhanças e diferenças entre as obras em análise, desse modo, é possível notar que existe uma relação entre as funções desenvolvidas pelo Kafka personagem e a Natália Sombria, embora estas funções sejam semelhantes sob a perspectiva da narrativa, estas funções são essencialmente distintas.

Trazendo para comparação recortes do *game* e da obra adaptada para comprovar estas relações:

Fragmentos do livro

– Ela não vai voltar – interrompeu Elsi.

Franz Kafka escolheu as palavras com cuidado, e mais ainda o tom com que as pronunciou.

– Receio que não, porque ela parece estar muito contente...

– É – aceitou convencida.

– Por isso ela ficou tanto tempo com você. (P.49)

Continuava lutando entre o desrespeito e a tristeza, o conformismo e a rebeldia provocados por sentir-se vítima de tão injusta situação.

– Tome – entregou-lhe a carta.

Elsi a segurou nas mãos.

– Ela parece feliz – acabou aceitando.

– Muito.

– E contente.

– Por que não haveria de estar?

– Porque está sem mim...

– Você ouviu, não? O mais importante é que ela é feliz graças a você.

– Não entendo – reconheceu a menina.

– Na minha largas experiência como carteiro... – mais uma vez procurou as palavras adequadas para a situação. – Sabe, sei de bonecas que nunca fazem sua viagem. Têm medo. Ficam com suas meninas, mas não por amor a elas, ao contrário: ficam por medo. E o medo é um coisa ruim e perversa que limita a liberdade. Quem tem não vive, agoniza. Brígida teve em você a melhor professora, você a ensinou a não ter medo e a enfrentar a vida quando foi preciso. Por isso acho que deveria se sentir muito orgulhosas (p.51,52)

– Você tem irmãos ou irmãs mais velhas?

– Tenho.

– Algum se casou?

–Não.

– Ah, puxa.

– Mas minha prima Ute sim.

– E ela não deixou a casa dos pais?

– Deixou.

– Então, a Brígida fez a mesma coisa. Ela está na idade em que as bonecas precisam se emancipar – [...] Quero dizer que para todo mundo chega a hora de deixar a casa dos pais, para viajar, conhecer a vida, o mundo, talvez um futuro maravilhoso... (p. 52)

A preocupação de Franz Kafka em relação ao bem-estar de Elsi fica evidente nestes fragmentos retirados do livro, Kafka, busca por meio do diálogo convencer a menina que a ruptura entre ela e

Brígida é algo que naturalmente precisava acontecer e que ciclos têm início e fim, de mesma forma que ocorreu com Brígida, um dia Elsi também irá se emancipar e conhecer o mundo.

Falas retiradas do game: para melhor identificar as falas das personagens, de agora em diante será usada a sigla NS para referir-se a Natália sombria e NK para Natália Korda.

Fala 1:

NS: “ – Epa! Isso não é bom, talvez você só devesse deixá-la ir.

NK: – De jeito nenhum! Ela sempre esteve presente. Não a abandonarei.

Fala 2:

NK: – Lottie era quem sempre sabia o que fazer.

NS: – Mas eu estou aqui agora, pode confiar em mim.

Fala 3

NK: – Até Lottie chegar eu estava com muito medo.

NS: – Certo. Vamos continuar procurando, mas acho que você não precisa dela: você é mais forte que isso agora.

Fala 4

NS: – E se Lottie for a verdadeira razão de você estar só? E se ninguém quiser ficar perto de você porque é uma garota estúpida que ama ursinhos idiotas?

NK: – Eu sei que ela é só um ursinho de pelúcia! Mas ela é minha há tanto tempo que eu só... ela é a única coisa boa que restou na minha vida.

Fala 5

NS: – É tão escuro aqui.

NK: – E daí? Um pouco de escuridão não pode impedir você. Sabe Natália, você precisa de um amigo de verdade.

NS: – Eu tenho um, o Sr. Fischer, ele me deu a Lottie quando me resgatou em Terragria.

NS: – Mas ele se foi, e logo Lottie também vai. Sou tudo o que lhe resta.

NK: – Não! Eu os vi.... Ou estava dormindo?

Fala 6

NS: – Isso é tão cansativo, você devia desistir.

NK: – Não, eu não vou.

Fala 7

NK: – Você deve estar prestes a enlouquecer agora.

NS: – Estou bem. Eu não vou parar até achar a Lottie

Fala 8

NS: – Não há mais lugares para procurar. Pobre Lottie, você nunca a encontrou.

NK: – Ninguém te perguntou! Não a perderei como perdi meus pais.

NS: – Ela é tão importante assim para você? Você enlouqueceu Natália.

NK: – Não enlouqueci, só não quero mais ficar só. Não quero ser infeliz.

NS: – Posso mandar essa tristeza embora... se me deixar entrar, você só tem que confiar em mim.

NK: – Eu não conheço você, você não sou eu de jeito nenhum. Quero a Lottie!

NS: – Por que você não deixa as coisas mais fáceis. (CAPCOM 2015)

Natália Sombria, diferente de Kafka/personagem, busca gradativamente gerar e fomentar a desesperança na mente de Natália, primeiro surgindo como uma outra versão da própria Natália, na intenção de ganhar validação da menina. A partir daí a Sombria, de modo devagar, mas constante, tenta desestabilizar a protagonista inserindo a ideia de que buscar por Lottie é um gasto de energia desnecessário e ela, a Natália Sombria, é a única capaz de dar a Natália Korda a felicidade que ela tanto deseja.

Com isto, embora ambas as obras possuam uma relação comparativista, fica evidente que suas temáticas convergem e divergem de diversos pontos, fato que se dá, como dito anteriormente, pelas necessidades dos suportes de cada uma, o que torna o trabalho culturalmente rico e plausível e análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Diante do exposto constata-se a relevância dos estudos entre literatura e *games*, para a comunidade científica, levando-se em consideração que o comparativismo em literatura e *games* ainda é

relativamente recente. Assim, o presente texto cumpre com o intento de fomentar a pesquisa que relaciona literatura e videogame e gera uma análise comparatista entre o livro *Kafka e a boneca viajante* de Jordi Sierra i Frabra e a DLC *Little Miss*, do jogo *Resident Evil Revelations 2*. Ressaltando as semelhanças e diferenças entre as duas obras e evidenciando a relação de proximidade entre literatura e *videogame*.

Acerca dos resultados obtidos no decorrer da pesquisa é possível verificar que os *games*, por necessitar de uma estrutura narrativa em sua concepção, são uma mídia viável aos estudos comparados, o que corrobora com estudos futuros.

Em relação às obras aqui analisadas, foi possível constatar que as relações de proximidade e distanciamento entre ambas são plausíveis, uma vez que se identifica analogias e referências da obra de Jordi Sierra i fabra no *game* em análise o que compactua os estudos comparados da escola americana, assim sendo, espera-se que este trabalho sirva como meio de incentivo para que outros trabalhos nessa esfera sejam produzidos e divulgados, pois ainda há muito espaço para estudos deste tipo e é preciso que haja uma desconstrução do estigma que ainda permeia sobre os *games* e a respeito de seus apreciadores.

REFERÊNCIAS

ALVES. Monique. Entrevista Michiteru Okabe, produtor de Resident Evil: Revelations 2. Disponível em: https://www.residentevildatabase.com/page/98/?limitstart=288&option=com_jomtube&order=hits&view=videos. Acesso em: 19/04/2023

BUTTERLHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2006.

HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da adaptação*. Tradução André Cechinel. 2ª ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 1997.

RESIDENT EVIL:REVELATIONS 2. 2015. Playstation/Xbox. CAPCOM.

SANTAELLA, L. O paroxismo da auto-referencialidade nos games. In.: SANTAELLA, L.; FEITOZA, M. *Mapa do jogo: a diversidade cultural dos games*. São Paulo: Cengage Learning, 2009. p. 51-66.

FABRA, Jordi Sierra i. *Kafka e a boneca viajante*. 2. ed. Tradução de Rúbia Prates Goldoni; Ilustrações de Pep Montserrat. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VINTE PALAVRAS GIRANDO AO REDOR DO SOL:
 CONSIDERAÇÕES SOBRE GRACILIANO RAMOS E
 ALDEMIR MARTINS

Fábio José Santos de Oliveira¹

Falo somente com o que falo:
 com as mesmas vinte palavras
 girando ao redor do sol
 que as limpa do que não é faca.”

João Cabral de Melo Neto, “Graciliano Ramos:”, *Serial*

Quando publicou *Vidas secas* (1938), “o mais brasileiro dos [seus] livros, na opinião de Álvaro Lins (2000, p. 151), Graciliano Ramos (1892-1953) já tinha dado a público *Caetés* (1933), *S. Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936). A essa altura, portanto, o escritor apresentava um conjunto de obras bem discutido entre a intelectualidade e os artistas brasileiros. Mas *Vidas secas* é um livro com gênese, até certo ponto, distinta da dos demais. Como o próprio Graciliano Ramos reconhece em crônica de 1939, o romance de 1938 surge depois “algumas linhas sôbre [sic] a morte duma cachorra, um bicho que saiu inteligente demais [...]” (RAMOS, 1967, p. 207). Continua o autor na mesma crônica:

Dediquei em seguida várias páginas aos donos do animal. Essas coisas foram vendidas, em retalho, a jornais e revistas. E como José Olímpio [sic] me pedisse um livro para o comêço [sic] do ano passado, arranjei outras narrações, que tanto podem ser contos como capítulos de romance. Assim nasceram Fabiano, a mulher, os dois

¹ Professor adjunto da Universidade Federal de Sergipe (UFS), docente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB) e coordenador do Grupo de Pesquisa em Literatura e Visualidade (LiteVis – CNPq/UFS). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2932-4968>. Academia.edu: <https://ufs-br.academia.edu/Fabiodeoliveira>.

filhos e a cachorra Baleia, as últimas criaturas que pus em circulação (1967, p. 207).²

Esses dados sobre a composição do livro explicam, inclusive, o caráter algo fragmentário da obra, já que é composta por treze capítulos razoavelmente independentes, ainda que coesos e bem interligados. O drama da cachorra abre espaço para um enredo cujas personagens representam a gente simples dos rincões do Nordeste brasileiro; não raro retirantes, naquela época, de uma terra seca e ignorada pelos poderes públicos. O romance era, em tudo, o exemplo de uma “[...] literatura efetiva, mal vestida e de segunda classe, [que] mora no interior ou vegeta [...] no subúrbio e viaja a bonde [...]” (RAMOS, 1967, p. 104)³. Ou então: “Os escritores atuais foram estudar o subúrbio, a fábrica [sic], o engenho, a prisão da roça, o colégio do professor cambembe” (RAMOS, 1967, p. 94)⁴. Em outras palavras, a narrativa de *Vidas secas* ainda fazia eco ao clima de revisão literária proporcionado na década de 1930, cujos resultados visíveis foram a produção e a publicação de inúmeras obras, ditas regionalistas, com matéria social flagrante.

O sucesso de *Vidas secas*, quando de sua primeira edição, assegurou reedições constantes da obra. A nona edição, produzida pela Livraria Martins Editora, seria acrescida de ilustrações do artista Aldemir Martins (1922-2006), nordestino como Graciliano Ramos e, como este, testemunha ocular dos problemas sociais de sua época. Nisso, Martins acompanha movimento comum entre outros artistas brasileiros, algo visível desde a década de 1940:

Em relação ao tema, na análise das obras dos principais artistas focalizados no período ‘máximo’ (meados de 40 até meados dos anos 50), o homem é, de fato, o tema fundamental [dos] artistas. Assim, o

² Cf. “Alguns tipos sem importância”, crônica de agosto de 1939, acrescida posteriormente ao volume *Linhas tortas* (1962).

³ Cf. “Os donos da literatura”, crônica de setembro de 1937, também acrescida a *Linhas tortas*.

⁴ Cf. “O romance de Jorge Amado”, crônica de 17 de fevereiro de 1935, também acrescida a *Linhas tortas*.

homem como ser social e seu entorno são o assunto das obras (AMARAL, 1987, p. 175).

Por sinal, entre 1949 e 1951, Martins chega a participar de cursos realizados pelo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Nessa oportunidade, o artista teve aulas de história da arte com Pietro Maria Bardi (1900-1999) e de gravura com Poty Lazzarotto (1924-1998). É a partir disso que se torna frequente entre seus trabalhos o tema dos cangaceiros, rendeiras e paus-de-arara. A temática social soma-se à perspectiva da ilustração de jornais, revistas e livros, iniciada ainda no Ceará, na década de 1940. Além disso, essa perspectiva também se casa perfeitamente com o contexto artístico da época, visto que “a presença de artistas interessados em sua mais ampla participação social leva-nos também à ilustração de livros [...]” (AMARAL, 1987, p. 179). O *modus operandi* de Martins, portanto, não escapa à movimentação artística de sua época, à semelhança de Graciliano no que concerne à literatura.

Neste ensaio, temos o interesse de abordar essas quatro ilustrações que Alberto Martins produziu para *Vidas secas*, em 1963; imagens, ainda hoje, muito associadas visualmente à obra de Graciliano Ramos.

A primeira ilustração de Martins para *Vidas secas* que gostaríamos de tratar é aquela em que aparece o par Fabiano e a cachorra Baleia (cf. Fig. 1). Pela truxa às costas do vaqueiro, indicia-se na imagem um percurso migratório. Há dois capítulos no romance de Ramos que registram êxodos da família de Fabiano e poderiam, por isso, relacionar-se mais propriamente com o conteúdo da ilustração. São eles: o primeiro, intitulado “Mudança”, e o último, cujo título é “Fuga”. Como a cachorra Baleira também faz parte da ilustração e, no êxodo familiar final, ela já se encontra morta, vemos o conteúdo da imagem de Martins relacionada mais diretamente com o início de *Vidas secas*.

Figura 1: Aldemir Martins. Sem título (1963).⁵



Aliás, ao confrontarmos o texto verbal e a imagem visual, vamos nos dando conta de pequenas distinções entre os trabalhos artísticos em cotejo. Primeiramente, o capítulo “Mudança” retrata a migração de toda uma família de retirantes: “Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” (RAMOS, 2000, p. 9); a ilustração, por sua vez, concentra-se apenas em Fabiano e na cachorra Baleia. É evidente que o enfoque apenas nessas duas personagens corresponde a um simples recorte de Martins. É a família o enfoque do êxodo no romance, mas Martins prefere registrar, nesse momento, apenas o retirante Fabiano e sua cadela.

Na ilustração, Fabiano conserva um corpo ereto, pernas rijas e passos amplos; distintos, portanto, de quem, por “cansaço e fome”,

⁵ Cf. RAMOS, 2000, p. 31.

arrasta como pode a caminhada. No romance, só há um momento em que o vaqueiro é caracterizado de modo parecido ao registro da ilustração: “[Fabiano] marchava direito, a barriga para fora, as costas apumadas, olhando a serra distante” (RAMOS, 2000, p. 71). Estamos aqui no capítulo “Festa”, quando a família sai das brenhas onde mora e segue para participar de uma novena na cidade. Só que esse aprumo do corpo soa ao vaqueiro como desusado e constrangedor, porque “de ordinário [ele] olhava o chão, evitando as pedras, os tocos, os buracos e as cobras” (RAMOS, 2000, p. 71). É por isso que, pouco depois e não mais suportando a situação forçada, “[Fabiano retoma] a posição natural: [anda] cambaio, a cabeça inclinada” (RAMOS, 2000, p. 72).

De mais a mais, vemos ainda durante o êxodo do capítulo “Mudança” a seguinte descrição do vaqueiro: “[...] Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro” (RAMOS, 2000, p. 9). Sendo assim, além de um Fabiano mais firme na caminhada, Martins prefere também um retrato mais enxuto quanto aos penduricalhos do vaqueiro. Mas não é só isso, o retirante da imagem parece guardar um ar de satisfação alheio ao romance, e o afirmamos por causa da meia lua no rosto do vaqueiro, marcando no seu semblante um leve sorriso. Sem contar ainda o cigarro no canto da boca do vaqueiro, elemento frequentemente referido na narrativa de Graciliano, mas ausente no capítulo “Mudança”.

Já o espaço em que as figuras estão localizadas se resume a uma terra desértica cortada em sulcos (as linhas contínuas e/ou em pontos), preenchida apenas pelas rochas do primeiro plano. No romance, o espaço não é descrito apenas com areia e pedras, mas também com “juazeiros” e “catingas [se estendendo] de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas” (RAMOS, 2000, p. 9-10). Mesmo nos momentos em que o cenário é destacado somente por seus “caminhos cheios de espinho e seixos” (RAMOS, 2000, p. 10), o que encontramos no livro, em termos imagéticos, é bem mais do que os cascalhos de uma terra

esvaziada, considerando que também espinheiros costumam figurar no ambiente da narrativa literária.

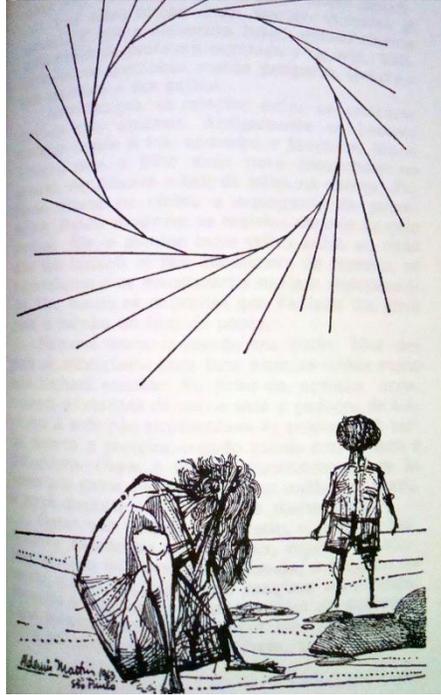
Na ilustração e quanto ao aproveitamento da folha em branco, boa parte do cenário é completada por duas dezenas de retas que se unem como raios e formam nisso o círculo central de um sol. E mais, essas mesmas retas se esticam até a linha do horizonte ou as bordas da página, projetando-se centrífugas e em ângulos agudos, o que traduz, com eficiência visual, um ambiente de seca. Se a figura de Fabiano se estende de baixo a alto (porque mais próxima da base da folha), a do sol se estira de alto a baixo. Há um equilíbrio visual a partir dessas duas figuras: Fabiano domina as margens esquerda e inferior, enquanto o sol domina as margens superior e direita da folha.

A figura de Baleia dialoga com a linha do horizonte, e o corpo dela, magro, esticado e de finos membros, aproxima-se visualmente do padrão esquelético e expressivo de Fabiano. Por sinal, a imagem de Baleia, nessa ilustração de Martins, corresponde a um determinado momento do primeiro capítulo: “[...] a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arqueada, as costelas à mostra, corria ofegando, a língua fora da boca” (RAMOS, 2000, p. 11). O registro escolhido por Martins foi exatamente esse: corpo em riste, boca aberta, língua esticada e à mostra. Mas esse dado aproximativo conta nova distinção: nesse momento, Fabiano leva sobre os ombros o menino mais velho e segue, como os demais membros da família, uma “viagem [...] mais lenta [e] arrastada” (RAMOS, 2000, p. 10). Este é um elemento a destacar-se, porque, mesmo aqui, os pontos de contato não são estritos, de modo que podemos avaliar a imagem de Martins como produto de um processo razoavelmente livre em termos de criação.

Outra das imagens de Martins que, aparentemente, tem como fonte mais provável os acontecimentos do capítulo “Mudança”, é a que retrata Sinha Vitória e um dos filhos (cf. Fig. 2). Na imagem, vemos um menino franzino em segundo plano e, no primeiro, uma mulher em farrapos, com traços fortes e até certo ponto semelhantes à da imagem anterior, mas com um destaque, ainda

maior, do campo expressivo. Como na outra ilustração, há alguns elementos a serem considerados aqui.

Figura 2: Aldemir Martins. Sem título (1963).⁶



O espaço é delimitado de forma parecida ao da ilustração anterior: em pontilhados ou linhas contínuas, o que, no conjunto, denota variações no terreno e a aridez de uma terra seca. Como antes, esse terreno é de uma secura isenta de qualquer vegetação. Na narrativa, esse vazio espacial corresponderia à “areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça” (RAMOS, 2000, p. 11), momento com o qual a imagem de Martins parece dialogar. A bem dizer, a ilustração divide-se em dois planos horizontais. A parte superior deles é dominada por um sol igual ao da primeira imagem: em retas de ângulos agudos que delimitam a circunferência central do astro, o qual, aliás, cobre praticamente

⁶ Cf. RAMOS, 2000, p. 57.

metade da ilustração. No plano inferior, marcam a cena a figura de sinha Vitória e, um pouco mais atrás, a de um dos meninos.

O rosto da criança na imagem é obscurecido, e dele mal se veem os olhos. Esse procedimento visual ecoa, a bem dizer, a ausência onomástica do romance referente aos meninos, visto que os filhos do casal são tratados apenas por “menino mais velho” e “menino mais novo”:

O vazio dos nomes passa então a fortificar a ideia da fragilidade dos garotos, mostrando-os tanto mais passivos, tanto mais sujeitos à submissão dos vários elementos que os destinam à obscuridade, num cenário de ofuscações que os mergulha na dureza concreta, solapando pensamentos, inclusive nomes (OLIVEIRA, 2019, p. 49).

E isso se intensifica se consideramos que até a cachorra é nomeada (Baleia)⁷, sendo ela própria “como uma pessoa da família, sabida como gente [...]” (RAMOS, 2000, p. 34). Se a ausência de nomes pode ser lida como um sinal do apagamento social dessas personagens; na ilustração, o apagamento é conotado, de alguma forma, pelo obscurecimento do rosto do menino.

Também a imagem de Sinha Vitória corresponde a esse vazio facial, mas, dessa feita, porque não vemos seu rosto: ela se encontra encolhida, curvada, quase em círculo. Sua figura se resume nos cabelos em desalinho, nos membros finos e esqueléticos como os do esposo na imagem anterior, no corpo arqueado e nas mãos para o alto denotando desespero. Tudo isso nos remete ao seguinte fragmento de *Vidas secas*: “Sinha Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam [...]” (RAMOS,

⁷Sobre o nome da cachorra Baleia, sobra ainda um detalhe, que não conta em nossa interpretação, mas que é útil referirmos: “Colhemos informações de que são usados nomes de peixes nos cachorros na zona do açúcar em Pernambuco, para evitar hidrofobia. Acreditam os trabalhadores que os cachorros tendo nomes de peixes não sentirão a versão [sic] à água, sintoma da doença [...]” (CAMPOS, 1977, p. 18). Renato Carneiro Campos complementa essa informação justamente com um fragmento sobre Baleia e o livro de Graciliano Ramos.

2000, p. 11). E é justamente esse trecho que nos possibilita relacionar a ilustração ao primeiro capítulo do livro. A imagem, no seu todo, denota um instante de fraqueza e agonia. Os braços finos e à semelhança de galhos, o corpo quase em farrapos, o sol que domina a folha e a cena, o menino cuja face é borrada e os membros são talos finos como os da mãe... A nosso ver, todo esse conjunto marca-se menos pelo realismo da leitura do trecho de Graciliano, que pela expressão que a fatura encerra no espaço e nas personagens.

Diferentemente das demais, a terceira ilustração (cf. Fig. 3) não diz respeito a uma ação concreta da narrativa. Ela reproduz, na verdade, determinadas maquinações de Fabiano; “[...] movimentos [seus] internos, isto é, [...] movimentos que se realizam [em sua] consciência”, parafraseando Auerbach (2009, p. 477). É a imaginação de Fabiano, movida por instâncias de raiva profunda, o que vemos ilustrado na imagem. E esta se relaciona mais propriamente com dois capítulos de *Vidas secas*: “Cadeia” e, principalmente, “O soldado amarelo”. No primeiro dos dois, o vaqueiro é ofendido pelo soldado, reage à ofensa, é punido por este e, por conta disso, murmura uma possível vingança contra o agressor: “Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criatura inofensivas. [...] Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo” (RAMOS, 2000, p. 36-38). No segundo dos dois capítulos, Fabiano se vê cara a cara com “o [mesmo] soldado amarelo que, um ano antes, o levara à cadeia, onde ele [Fabiano] agüentara [sic] uma surra e passara a noite” (RAMOS, 2000, p. 99). O encontro imprevisto e o isolamento de ambos nessa oportunidade fazem Fabiano cogitar sobre pôr ou não em prática seu desejo de vingança: “A ideia de ter sido insultado, preso, moído por uma criatura mofina era insuportável. Mirava-se naquela covardia, via-se mais lastimoso e miserável que o outro” (RAMOS, 2000, p. 105). Ou até pior: “[Fabiano] imaginou [o soldado amarelo] assim, caído, as pernas abertas, os bugalhos apavorados, um fio de sangue empastando-lhe os cabelos, formando um riacho entre os seixos da vereda [...]. Devia ter ferido naquela tarde o soldado amarelo, devia tê-lo cortado a facão”

(RAMOS, 2000, p. 107-111). E é exatamente esta última citação que dialoga mais detidamente com a imagem.

Figura 3: Aldemir Martins. Sem título (1963).⁸



Na ilustração, anula-se o ambiente. Toda a cena se concentra no ataque (possível) de Fabiano ao soldado. Braços em arco, punhal (ou facão) à mão e, à frente do vaqueiro, um corpo estendido por terra, ferido de morte e manchado de sangue. O traço segue lógica semelhante à das imagens anteriores, com a ressalva de que se aumenta aqui a expressão: o corpo atacado é quase uma massa informe, como se esta não só estivesse ensopada de sangue (a ampla mancha de tinta, central), mas também se desfizesse figurativamente. Mesmo os traços que delineiam a figura de Fabiano fogem-lhe do corpo: soltos, sob aparência de esboço, como em tracejo rápido e intenso. Um pouco disso víamos nas outras duas imagens, mas agora o procedimento se acentua. A nosso ver, essa pequena distinção se justificaria tanto por esta imagem representar a consciência em transe de Fabiano, quanto pela insinuação de assassinio assegurada pela cena.

⁸ Cf. RAMOS, 2000, p. 79.

Esse tom expressivo se evidencia ainda mais quando comparamos essas três ilustrações com aquela preparada por Santa Rosa (1909-1956)⁹ para a capa da primeira edição do romance, em 1938 (cf. Fig. 4). Nesta imagem, o assunto tratado advém do capítulo “O mundo coberto de penas”, que, coincidentemente ou não, era o título que Graciliano Ramos pretendia dar ao livro até às vésperas da impressão do livro: “E assim arrumei *Vidas secas*, que pensei chamar “O mundo coberto de penas”, título de um dos capítulos do livro” (apud BARBOSA, 1958, p. 71). O desenho de Santa Rosa é de uma atenção “realista”: traços precisos, valorização do volume e, de certo modo, cuidado com a perspectiva. Vigora na imagem um Fabiano de perfil, sentado no chão, de costas para a luz e tendo entre as mãos uma espingarda. Pelo livro, isso se explica:

Havia um bater doido de asas por cima da poça de água preta, a garrancheira do mulungu estava completamente invisível. [...] Fabiano sentou-se desanimado na ribanceira do bebedouro, carregou lentamente a espingarda com chumbo miúdo e não socou a bucha, para a carga espalhar-se e alcançar muito inimigos [...]. A cólera dele se voltava de novo contra as aves (RAMOS, 2000, p. 109-112).

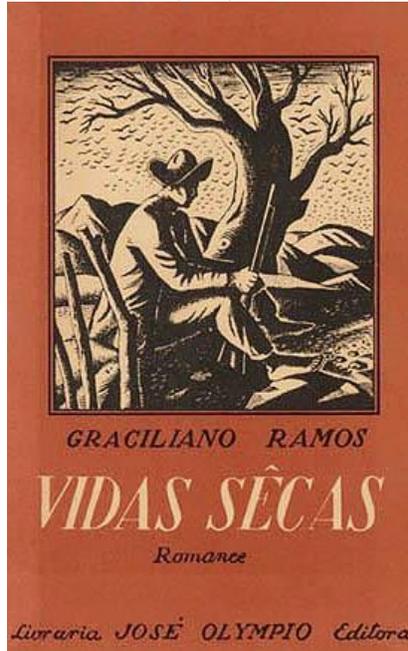
Também nesse capítulo há momentos de cólera, de hesitação e de alvoroço, mas essas perspectivas não transparecem na obra de Santa Rosa. Este, como Martins, interpreta pictoricamente a matéria narrativa. Vejamos que Santa Rosa insere na imagem aves que não preenchem “uma garrancheira de mulungu”, como é o caso no livro. As arribações de sua ilustração se aproximam em bando e numa projeção visual que parte do segundo ao primeiro plano, como numa infestação de aves. No romance, Fabiano ataca, ataca e ataca aves que parecem inextermíveis. Na imagem, elas ainda

⁹ Tomás Santa Rosa foi um pintor paraibano de grande importância no cenário artístico brasileiro da primeira metade do século XX. Esteve muito próximo de Candido Portinari, partilhando com este a temática social, além de certas perspectivas pictóricas, as quais, no caso de algumas obras, tornam muito próximas a obra de um e a de outro. Também foi ilustrador de livros, sendo, nesse ramo, um pioneiro no Brasil.

não se encontram no ambiente do vaqueiro: aproximam-se em grande número, projetando um domínio do espaço. Santa Rosa, assim, abdica de uma maior correspondência com a informação diegética, para dialogar com uma informação profunda do livro: a de que “[Fabiano e os seus] iam ser comidos pelas arribações” (RAMOS, 2000, p. 113). Sendo mais claros, as arribações beberiam o restante da água dos poços, o gado morreria em virtude da escassez de água e a estiagem iminente se tornaria, então, insuportável. Na ilustração, o voo das aves é, portanto, simbólico: representa a seca que vem inevitavelmente; enquanto Fabiano, sem forças e não tendo como reagir, permanece inerte ao lado de uma garrancheira. Como já insinuamos, Santa Rosa dispensa a éfrase de algum momento do livro, em prol de um prolongamento de informações que dialoga, de modo perspicaz, com a proposta simbólica do capítulo retratado.

Juntando as pontas, vemos que a fatura de Santa Rosa é distinta da de Martins, haja vista que, na imagem de 1938, o arranjo dos componentes segue um mesmo padrão em todo o conjunto: nenhuma figura se impõe em tamanho (como o sol se impõe em Martins), tampouco algum elemento se abstrai mais que outros (como no corpo esfaqueado de Martins). Não obstante, também vemos que ambos os artistas procuram ler o livro a ilustrar-se (no caso, *Vidas secas*), valorizando uma autonomia pessoal em termos de montagem e realização pictórica.

Figura 4: Capa de *Vidas Secas* (1938), com ilustração de Santa Rosa.



Temos consciência de que, para um leitor mais apressado e relutante, nossa leitura poderia soar excessiva, como se estivéssemos exigindo de Alberto Martins (e de Santa Rosa, por extensão) uma fidelidade narrativa na feitura das imagens. Essa perspectiva não passa por nossa análise em nenhum momento. Está claro que temos lido as imagens de Martins em cotejo cerrado com a narrativa de Graciliano Ramos, mas, se o fizemos, foi porque seguimos a promessa mesma do livro: serem as imagens ilustrações do romance de Graciliano. Seguindo as classificações de Leo Hoek (2006, p. 185) e Clauss Clüver (1997, p. 46), o livro não corresponderia apenas a um “discurso multimedial” (com enfoque no suporte), mas também a uma “relação transmedial” (com enfoque na passagem). Assim, diante de ambos os trabalhos artísticos (verbal e visual), é preciso lê-los numa visada diacrônica e sincrônica. Diacrônica, em se considerando a percurso de uma a

outra obra; sincrônica, em se considerando o convívio de ambas as artes no mesmo suporte, que é o livro.

As imagens de Martins mostram-se como uma leitura própria e artística do livro de Ramos. Não podemos ignorar que, “quanto mais o discurso secundário se aproxima do discurso primário, mais ele corre o risco de ser considerado uma simples tradução intersemiótica, e não uma transposição intersemiótica autônoma” (HOEK, 2006, p. 178).¹⁰ Nesse sentido, podemos afirmar que as ilustrações de 1963 procuram alcançar e manter essa autonomia. Portanto, a encomenda feita a Martins para ilustrar o livro de Graciliano não resulta no artista plástico em subordinação das imagens à matéria literária (e o mesmo, nesse caso, poderíamos afirmar quanto a Santa Rosa). Não podemos ignorar, inclusive e como vimos no início, que também Graciliano Ramos montou *Vidas secas* a partir de uma encomenda de José Olympio, sem prejuízo, contudo, ao trabalho finalizado. Nisso, vemos autores maduros em sua própria arte.

Para encerrarmos nossa discussão, gostaríamos de tratar sobre a última das ilustrações de Martins para *Vidas secas*, cujo tema é Baleia (cf. Fig. 5). Diferentemente das outras ilustrações, que abordam sempre duas personagens do livro, esta traz apenas a cachorra. Aqui, o registro da figura é um pouco menos expressivo que nas demais ilustrações, tendendo quase a uma preocupação realista (quase, repetimos, mas não de todo). Até o cenário de seca se atenua com o acréscimo, em primeiro plano, de uns garranchos e de uma plantinha. Não há, pelo que pudemos perceber, um trecho do livro com o qual a imagem asseguraria um registro efrástico. O mais próximo seria este: “Baleia, o ouvido atento, o traseiro em repouso e as pernas da frente erguidas, vigiava, aguardando a parte que lhe iria tocar [...]” (RAMOS, 2000, p. 14). Mas mesmo este não corresponde, com precisão, à leitura de Martins. O artista

¹⁰ Considere-se que, para Hoek, a “tradução” designa um processo de aparente fidedignidade entre o texto fonte e o texto secundário (derivado). Por sua vez, a “transposição” indicaria, sempre para ele, um processo de maior autonomia por parte do “tradutor”.

parece preferir dialogar com a simpatia pelo animal visível no livro, já que toda a cena é montada com diminuição da bruteza possível de ser abordada e, inclusive, com diminuição da aridez ambiente (*vide* as plantinhas do primeiro plano e certa estilização do sol, em se comparando com os registros anteriores). No romance, não faltam momentos negativos para a cachorra: a magrém devida à fome: “[...] Baleia mostrava as costelas através do pêlo escasso” (RAMOS, 2000, p. 59); os pontapés aqui ou ali, que a faziam se afastar “humilhada e com sentimentos revolucionários” (2000, p. 39); a doença que lhe atacara o pêlo em vários pontos e lhe deixara as costelas “num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas” (2000, p. 85); sua carcaça exposta, depois de morta, “fria, inteiriçada, com os olhos comidos pelos urubus” (2000, p. 109). No arranjo escolhido por Martins, nada disso aparece.

Figura 5: Aldemir Martins. Sem título (1963).¹¹



¹¹ Cf. RAMOS, 2000, p. 103.

Com a ilustração de Baleia, podemos observar que todas as quatro imagens de Martins representam cenas ao ar livre, e aqui conta o impacto do ambiente na caracterização e na trajetória das personagens.¹² Além disso, em três das quatro vigora a figura do sol, em duas quais ela, inclusive, sobressai-se. Essa recorrência do sol nas ilustrações de Martins para *Vidas secas* nos traz à lembrança uns versos feitos por João Cabral Melo Neto (1920-1999) em homenagem a Graciliano Ramos.¹³ Esses versos de Cabral não formam uma leitura teórica ou analítica que referendem, em termos acadêmicos, nossa comparação, mas, mesmo assim ou talvez por isso, manifestam uma síntese precisa e iluminadora quanto ao autor alagoano. E algo disso também vemos relacionável às ilustrações de Martins.

João Cabral divide o poema em quatro frentes, todas com um eu lírico representando a voz de Graciliano: 1) “Falo somente com que falo [...]” (MELO NETO, 1997, p. 302); 2) “Falo somente do que falo [...]” (1997, p. 303); 3) “Falo somente por quem falo [...]” (1997, p. 303); 4) “Falo somente para quem falo [...]” (1997, p. 303). As “vinte palavras/ girando ao redor do sol” (1997, p. 302) da primeira frente apontam justamente para a concisão característica a Graciliano Ramos:

Entre os escritores ditos regionalistas, Graciliano Ramos é um dos poucos a estabelecer com consistência uma reflexão detida sobre o poder da linguagem verbal e seu alcance. E essa perspectiva é encontrada mesmo em *Vidas secas*, um livro cuja temática poderia se fazer supor apenas de um debate dos sufocos sociais (OLIVEIRA, 2019, p. 185).

No poema de Cabral, é o sol o elemento que limpa o que é sobra de linguagem. Em Martins, o sol se constitui por apenas duas ou três dezenas de retas, o bastante para figurá-lo em cena e para

¹² Para aprofundamento da relação das personagens com o entorno, indicamos *As trilhas do torrão comum* (2019).

¹³ Cf. “Graciliano Ramos:”, em *Serial* (1959-1961).

demarcar um espaço limpo e agreste, o “seco e [...] suas paisagens/ Nordestes, debaixo de um sol/ [...] do mais quente vinagre/ [...] quando o sol é estridente,/ a contrapelo, imperioso” (1997, p. 303). Espaço de personagens em regime de carência (material e simbólica) e para quem “[...] só cabe cultivar/ o que é sinônimo da míngua” (1997, p. 303), do plantio ao vocabulário.

Não pretendemos afirmar que as analogias levantadas funcionem necessariamente para todas as outras produções de Martins, o que não seria verdade, uma vez que o artista tem uma obra multifacetada e, em alguns momentos, até diversa de um princípio de concisão ou de uma expressividade em negativo. Mas, retomando, esse sol que “limpa”, do “mais quente vinagre”, da “míngua” e da “estridência”, faz-nos pensar tanto em *Vidas secas* quanto nessas ilustrações de 1963, porque se refere àquilo que é estrutural na composição e não apenas conteudístico.

Por fim, reiteramos que os que se debruçam sobre uma obra literária com a intenção de ilustrá-la não encarnam o dever de decalcá-la em termos dos seus componentes descritivos e diegéticos. Esses artistas nutrem, entre a obra fonte e a obra a criar-se, um grau de escolha que lhes preserva autonomia artística, sem a qual poderiam anular-se criativamente. No caso de Aldemir Martins, a éfrase e a igualdade diegética não necessariamente se confirmam. Ele não só lê e expõe o assunto tratado originalmente por Graciliano Ramos, mas também se impõe diante da matéria e dela retira uma interpretação recriadora; quando menos, dialoga com aquilo que é mais profundo à narrativa de Ramos (o poder de concisão, a valorização da “aridez” e o debate humanístico no trato expressivo do tema). E não podemos esquecer a recorrência do sol nas ilustrações preparadas para *Vidas secas*, o mesmo sol que, para João Cabral Melo Neto, era um elemento corrente e inevitável também para Graciliano Ramos em suas características (e figurativas) vinte palavras girando-lhe ao redor.

REFERÊNCIAS

- ALDEMIR Martins: brasilidade à flor da pele. **Revista Arte**, Fortaleza/CE, n. 3, p. 26-30, jul., 2018.
- AMARAL, A. Aracy. **Arte para quê?** A preocupação social na arte brasileira 1930-1970. 2. Ed. São Paulo: Nobel, 1987.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. Vários tradutores. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Graciliano Ramos, aos cinquenta anos. *In*: BARBOSA, Francisco de Assis. **Achados do vento**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.
- CAMPOS, Renato Carneiro. **Ideologia dos poetas populares do Nordeste**. Prefácio Gilberto Freyre. 2. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco/FUNARTE, 1977.
- CLÜVER, Clauss. Estudos interartes: conceito, termos, objetivos. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, vol. 2, n. 2, p. 37-55, 1997.
- HOEK, Leo H. A transposição intersemiótica: por uma classificação pragmática. Tradução Márcia Arbex e Fernando Sabino. *In*: ARBEX, Márcia. **Poéticas do visível**: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários/ UFMG, 2006. p. 167-189.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. Aldemir Martins, 2021. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2273/aldemir-martins>>. Acesso em: 11 fev. 2023.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. Santa Rosa, 2022. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5506/santa-rosa>>. Acesso em: 11 fev. 2023.
- ESTÚDIO Aldemir Martins. Disponível em: <<http://www.estudioaldemirmartins.com/home/aldemir-martins-premios.html>>. Acesso em: 11 fev. 2023.
- LINS, Álvaro. Valores e misérias das vidas secas. *In*: RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 80. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000, p. 127-155.

MELO NETO, João Cabral de. **Serial e antes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

OLIVEIRA, Fábio de. **As trilhas do torrão comum**: um estudo comparado entre Graciliano Ramos e Candido Portinari. São Luís: EDUFMA, 2019.

RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins, 1967.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 80. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

AS RELAÇÕES ENTRE TEXTO E IMAGEM EM DUAS CRÔNICAS DE DOMÍCIO DA GAMA

Arley Beatriz Lopes Vieira¹
Franco Baptista Sandanello²

IMAGEM E ESCRITA

Arbex (2006, p. 18) menciona que nas sociedades orais há a coexistência de dois modos de comunicação: “a linguagem oral, que estrutura o grupo e rege suas trocas internas, e a visão, que permite ao grupo ter acesso ao mundo invisível por intermédio do simbólico”. Ou seja, há uma troca que viabiliza a inserção dos demais sentidos para a formação de uma completude interpretativa; porém, vale ressaltar que essa relação não culmina na eliminação de uma linguagem, as duas coexistem em um mesmo espaço artístico. Arbex (2006) ainda destaca que a cultura alfabética foi tomada pela imagem, e tanto a literatura quanto as artes visuais reintegraram as partes visuais e espaciais da escrita. Neste sentido, há uma mutação da imagem para a escrita que propicia a relação idêntica às duas nos dois fazeres artísticos.

A conexão entre a escrita e a imagem se faz de forma interacional, isso porque o que se observa está pautado no âmbito da superfície, do espaço, e, para transpor essa modalidade, é necessário haver um “fundo”; de forma metafórica, seriam os

¹ Mestranda em Letras do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal (PPGLB). E-mail: arleybeatriz@gmail.com

² Doutor e pós-doutor em Estudos Literários pela UNESP / Univ. Sorbonne Nouvelle. Professor adjunto da Academia da Força Aérea, membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa, e professor permanente de programas de pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos e da Universidade Federal do Maranhão. Contato: francofbs@fab.mil.br

espaços vazios que são preenchidos através da escrita, uma forma elementar que se apresenta e intercala os espaços “vazios” evidenciados através de uma presença; ou seja, é um “vazio pictural”, como menciona Arbex (2006), o qual adquire um valor semântico e assim constitui uma marca de inteligibilidade sobre a representação do espaço.

Da imagem à letra, ou inversamente, estes são os dois movimentos considerados por muitos artistas: a reivindicação e reintegração da iconicidade e da espacialidade da escrita são elementos recorrentes nas artes do século XX, porém, é possível ainda observar tais características em escritos do século XIX, abrangendo uma dinamicidade entre o escrito e o visual que não limita as possibilidades de atravessamento entre o legível e o visível. Arbex diz que (2006, p. 41-42, grifos do autor):

Quanto à sua natureza, três categorias de obras foram identificadas. Primeiro, as obras “criadas em fusão artísticas”: composições que integram em seu próprio processo de criação uma mistura de vários códigos artísticos: a ópera, o melodrama, os romances que reúnem textos e desenhos do autor, por exemplo. Em uma mesma obra, vários códigos se unem para formar um todo indissociável. Segundo, as obras que “criam uma fusão” e as “adaptações”: a partir de elementos parciais pré-existentes, um artista cria uma obra nova, que realiza ou não a fusão das artes. Supõe-se a anterioridade de um dos códigos. E, finalmente, as obras que incluem citações.

Ademais, entre os paralelos possíveis entre texto e imagem, não de depender, de fato, de sua situação de comunicação. Desse modo, abaixo segue uma tabela cuja classificação é feita de acordo com tais critérios de produção e recepção:

Figura 1: Tabela com classificação textual. Esta é uma classificação proposta por Hoek, ora revisitada por Arbex (2006, p. 44).

| Situação de comunicação | Relação texto-imagem | Tipologia | Exemplos |
|-------------------------|----------------------|---------------------|--|
| PRODUÇÃO | Primazia do texto | Obra multimedial | Ilustração, livro de artista |
| | | Obra transmedial | Filmes adaptados de romances, obras de arte a partir de temas literários |
| | Primazia da imagem | Obra multimedial | Título, legenda |
| | | Obra transmedial | História ou crítica de arte, salões, romance de artista (<i>kunsterroman</i>), <i>ekphrasis</i> , transposição de arte |
| RECEPÇÃO | Simultaneidade | Discurso misto | Cartazes, selos, publicidades, palavras na pintura |
| | | Discurso sincrético | Calligramas, tipografia, poesia visual |
| | Co-referência | | |

Para a análise dos textos em que ocorrem esses entrecruzamentos entre a escrita e o visual, faz-se necessário levar em consideração os estudos de Liliane Louvel, que propõe uma reflexão sobre os paralelos formados entre a literatura e a pintura, apresentando um afinamento descritivo que pode ser ligado às práticas intersemióticas. Para Louvel (2006), o pictural se expressa como a aparição de uma referência às artes visuais em um texto literário, que pode ser evidenciada de forma explícita, através de uma citação, e produzir um efeito de metapicturalidade textual.

Outra percepção da autora se pauta através de uma tentativa tipológica descritiva, nomeada como descrição pictural³; sua intenção é de criar uma categoria sobre o eixo que possibilita graduar uma escala tipológica, levando em consideração o maior

³ Para definir a descrição pictural, a autora utiliza do que Viola Winner (apud Louvel, 2006, p. 197, grifos da autora) propõe: “técnica que permite descrever as personagens, os lugares, as cenas, ou os detalhes das cenas, como se eles fossem quadros ou conteúdos de quadros, e que [permite] a utilização de obras de arte com fins temáticos e estéticos.”

ou menor grau de saturação pictural do texto. Essa relação foi evocada pela autora para classificar a descrição pictural por uma poética do “*iconotexto*”; isto é, a autora define “*iconotexto*” como a presença de uma imagem visual provocada pelo texto, não se interligando com a utilização obrigatória de uma imagem visual para a ilustração, enquanto ponto de partida.

Nessa perspectiva, a autora acaba por mostrar elementos que são fontes de equívocos ao se aproximar literatura e pintura, como buscar os modos de manifestação pictural fora do texto, algo que comprove que o artista teve a intenção de fazer uma obra mista; a aproximação baseada nos estilos, e/ou similaridades formais com as escolas de pinturas; a subjetividade da abordagem crítica; a solicitação da crítica de cenas privilegiadas de *topoi* da pintura, dentre outras formas. Contudo, a autora admite as correferências e define um conjunto de categorias que possibilita tal abordagem: afinal, as fronteiras entre as artes visuais e a literatura são fluidas/permeáveis, e capazes de estabelecer um processo múltiplo e híbrido, codificado em termos de *iconotexto*.

O ICONOTEXTO PROPOSTO POR LILIANE LOUVEL, E OS TIPOS DE AGRUPAMENTOS DA ESCRITA MENCIONADOS POR ARBEX

Liliane Louvel, em seu texto “A descrição “pictural”: por uma poética do *iconotexto*”, menciona que o estatuto dialógico do *iconotexto*, situado entre imagem e texto, permeia um pensamento analógico, que recorre às transposições de sentido de um receptáculo a outro. Nesse sentido, a descrição pictural, em seu sentido amplo de “imagem”, auxilia na oscilação do “vai-e-vem fecundo” entre a imagem e a linguagem. De acordo com a autora, o *iconotexto* estaria “desligado” na relação dicotômica estabelecida por Saussure (significado X significante), mas passaria a evoluir no centro dessa representação; ou seja, a representação seria estabelecida entre significante/significante/significado, pois haveria a passagem de um significante pictural a um outro significante linguístico, de natureza

diferente, assim estabelecendo o significado. Em resumo, o que se propõe é a identificação do que se está em jogo na inserção da imagem no texto. Assim, a autora explica:

“Como num quadro”: a utilização recorrente do pivô comparativo que explicita a relação de analogia constituiria a analogia pictural em uma ocorrência bastante particular de comparação, um “gênero” de comparação habitual aos poetas que praticam a inclusão textual do que se poderia chamar o “tropo pictural”, “figura de figura”. Este tropo repousaria sobre a analogia constitutiva do *ut pictura poesis*, “arqui-figura”; ele se distinguiria do texto explicitamente pela comparação, a *ekphrasis*, ou mais discretamente por um trabalho metafórico, metonímico ou sinedóquico, na hipotipose, e mesmo em uma oscilação recobrando possivelmente a oscilação metáforo-metonímica, a imagem no texto funcionando como metonímia (ou sinédoque) e/ou metáfora (LOUVEL, 2006, p. 193, grifos do autor).

Nessa constituição haveria um deslocamento de sentido, constituído a partir do deslocamento de uma palavra – i.e., uma arte sendo tomada por outra arte. É importante mencionar que a descrição será pictural quando houver a predominância dos marcadores picturais, i.e., uma imagem artística ou um artefato. Eles se constituirão como uma combinação, e não uma fusão total, despontando traços específicos de um no outro.

O iconotexto funcionará, pois, de um modo binário, enquanto uma variação do texto que pode exercer uma situação de acordo ou desacordo, ritmado pelas aparições das imagens, a ajudar o leitor na produção significativa para além do texto, através de códigos semiológicos. Para Liliane Louvel (2006, p. 195, grifos da autora), “tratar-se-á de observar os modos de funcionamento desta “translação”, de recuperar os traços de heterogeneidade causada pela presença do *medium* estranho no *medium* suporte, graças a marcadores textuais.” Nesse movimento de translação, toda a manipulação que o escritor quiser propor ao texto poderá ser permitida. Na obra fictícia, é impossível verificar qual translação aconteceu, ou em que medida ela é real ou não:

poder-se-á entretanto julgar o “*rendu*” do código pictural, a eficácia da passagem transmidiática. Permaneceremos, então, no âmbito da obra, em *seu* mundo. É na qualidade do efeito pictural que se avaliará a justeza da “*translação pictural*”, quando, por um jogo óptico textual, o “*olho do texto*” produzirá uma “*imagem real*”, que virá se alojar no olho do leitor (LOUVEL, 2006, p. 196).

Na obra ficcional há uma dificuldade em se caracterizar a fidelidade de determinada translação, pois não há como saber os meandros do real e do imaginário; por isso se pautará na eficácia da passagem transmidiática, e a qualidade estabelecida pelo jogo óptico textual. Um dos elementos facilitadores para o desenvolvimento pictural do texto está pautado na descrição, pois ela é uma “*pintura*” de objetos animados e inanimados, cuja limitação está no plano mental, o da imaginação, aliada à narrativa dos fatos.

É através da descrição que haverá tal interligação entre o imagético e o textual, de forma a ampliar as relações estéticas mediadas pela imaginação e pela palavra. Louvel (2006, p. 202) ainda menciona que é por meio da descrição que se testemunha a competência linguística do narrador: “*ela atesta seu desejo de rivalizar com o outro do texto, o visual, de se fazer igual ao plástico, dando uma pincelada com as palavras.*” É nela que há a polarização do saber, ajudando a ativar as memórias do leitor, e das habilidades de articulação do autor, pois requer o domínio da técnica linguística e a sensibilidade das impressões.

A descrição necessita de dispositivos específicos que configuram o efeito de *operações organizadas, motivadas*, a exercerem várias *funções*; é através dessas características que se embasa o iconotexto:

Quando a descrição apresentar qualidades picturais, será pelo desvio do “*tropo do quadro*” *in absentia*, do “*como o quadro*”. Assim, enquadramentos de janelas, de portas, grades de sacadas segmentarão o espaço, organizando o percurso do olhar segundo as modalidades estéticas (qualitativas) e não apenas didáticas em “*quadros*”, no momento em que o espaço representante parecerá

transparente, deixando ver o espaço representado. Substituto da moldura, ou melhor, espaço interior da moldura, à maneira da tela branca, a tela [*l'écran*] servirá para projetar o imaginário do sujeito que olha mas, também, inversamente, servirá para receber imagens, e eventualmente, para proteger o espectador (LOUVEL, 2006, p. 205).

A descrição pictural fornecerá matéria para o efeito de enquadramento, auxiliando a projeção do imaginário no percurso narrativo. Tal exploração textual também pode se mostrar através da grafia, das letras ou dos signos; as repetições de significantes ou a utilização de recursos como negrito e itálico podem sugerir um efeito visual com finalidade icônica, estética, paródica ou mesmo metaficcional:

Conclui-se que uma das marcas do descritivo, diretamente ligada à visão, será bastante solicitada na descrição pictural. Falamos da *focalização*. A *motivação* da descrição pictural e sua justificativa na intriga estão mais ligadas ao (poder-dever-saber) ver que na descrição em geral. Elas serão tributárias de um saber-fazer ou de um saber-dizer que são testemunhas de uma competência: a do artista ou a do espectador. É claro que os mecanismos habituais da narrativa estarão ligados ao surgimento de um objeto a descrever: a surpresa, quando a imagem sai bruscamente da sombra, ou quando o narrador a reencontra ao folhear uma revista ou durante uma caminhada [...] Por conseguinte, na maior parte do tempo, uma *organização* da descrição segundo o esquema clássico: recuperação e situação espacial da imagem em seu contexto: museu, quadro, revista [...] e momento de sideração quando o olhar “recebendo” a globalidade da obra, e submetido à primeira “impressão”, é “capturado”; depois do sujeito sente uma espécie de anestesia dos sentidos, de cegamento, de “estupefação” [...]. À recepção primeira em duas fases segue-se, normalmente, o desencadeamento de um querer-ver, seja como um apelo do olhar que vai quase “tocar” o objeto. O olhar então se “perde” na imagem, procedendo a uma operação de recorte da obra, de “detalhamento” [...] coloca-se inteiramente nesse ato: o mundo recua e morre à volta dele. De um efeito espacial que, de imediato, parecia oferecer a imagem à vista,

passa-se enfim a uma operação temporal, a uma leitura mais precisa. A terceira fase corresponde a uma operação de conotação, ao emprego dos códigos de interpretação: deciframento dos signos, dos símbolos, ativação do código hermenêutico pelo personagem ou/e o narrador (LOUVEL, 2006, p. 211-212, grifos da autora).

Estes marcadores de identificação produzem perspectiva, mostrando um jogo de focalização e indicando a sucessão dos fatos, a subjetividade, por meio da utilização dos advérbios, da gradação lexical⁴, do tempo, do espaço, existindo um “entrelaço” na narrativa que mescla (a percepção do) personagem ao pictural. Os jogos ópticos (forma e fundo) serão usados para transcrever a passagem de tempo, demarcando intensidade, “na medida em que se privilegiem o lugar em detrimento dos personagens que tentarão animá-lo ou o personagem atrás do qual o cenário se apagará” (LOUVEL, 2006, p. 216). Outro recurso utilizado será a abundância lexical para aproximar algo/coisa, por vezes havendo uma relação de excessos, ou mesmo o inverso, “como a opção pela elipse, pelo branco, pelo corte”, que ajudará na produção de significações invertidas pelo outro, na evocação de um jogo semântico que pode apelar à subjetividade do leitor.

Ainda outro aspecto importante a mencionar pauta-se nos agrupamentos da linguagem – divisão proposta por Arbex (2006) entre dois tipos de agrupamentos da imagem no texto, ora *in praesentia*, ora *in absentia*:

⁴ “o léxico da obra de arte organizará listas insistindo nas massas, cores, formas, luz e diferentes fontes de iluminação, nos efeitos de claro-escuro [...]” (LOUVEL, 2006, p. 214)

Figura 2 e 2.1: Tabela classificativa 2.

| Tipo de relação | Suporte | Relação texto-imagem | Exemplos |
|--|---|----------------------|---|
| Relação <i>in praesentia</i> Relação heteroplásmica | Superfície contínua (imagem e texto na mesma superfície) | Primazia da imagem | Pintura chinesa, quadrinhos, palavras na pintura |
| | | Primazia do texto | Iluminuras |
| | | Relação homogênea | Letras-imagens (Massin), <i>captulares</i> , letra-simulacro (pseudografia) |
| | Superfície dividida (imagem fora do texto) | | Ilustração |
| Relação <i>in absentia</i> Relação homoplásmica | Enunciado referencial | nomes | Nomes de pintores |
| | | | Títulos dos quadros |
| | Enunciado alusivo | descrições | Termos denominadores |
| | | | Notações descritivas |

Fonte: Arbex (2006, p. 53-54)

Para além do recorte efetivo da imagem no texto, *in praesentia*, que pressupõe a ocorrência concomitante de imagem e texto (em uma superfície única ou diversa), em seu desempenho *in absentia*, haverá a ausência material da imagem evocada pelo texto. Dentre enunciados referenciais e alusivos, as descrições serão os elementos primordiais enunciativos, cabendo ao leitor decifrar as relações, implícitas aos “termos denominadores” e às “notações descritivas”, cifradas no texto.

IMAGEM E TEXTO NA CRÔNICA “13 DE JANEIRO DE 1889” (À VOL D’OISEAU)

A crônica de Domício da Gama escrita no dia 15 de dezembro e publicada na *Gazeta de Notícias* a 13 de janeiro de 1889, na coluna que tem por título “De Paris”, tem como objeto central as ruas de Paris, nas quais o cronista vai tecendo descrições que entrelaçam o visual e o emocional. O texto ressalta contornos que poderiam ser transpostos de uma pintura. Nele, a própria escrita remete à

produção de uma tela, algo bastante presente no iconotexto (presença do visual evocada pelo texto, sem necessariamente fazer a menção/utilização de uma imagem visível para a ilustração).

A crônica se inicia com Domício falando sobre a chuva, e a névoa que ela deixou na cidade; apesar do tempo ensolarado, o frio persistia então em incomodar os parisienses. Diante disso, ele relaciona os enfoques visuais da noite, os lampiões acesos que refletiam no chão molhado (comparando-os a espelhos), a sonorização captada das calçadas, além da sensação de dor imposta pelo vento. O cronista relaciona o movimento da rua ao de um formigueiro, e observa desde o momento em que há maior fluxo de pessoas até as horas mais desertas. É interessante perceber que ele se vale, para tanto, do tempo cronológico: “Nas primeiras horas da noite há aí o movimento de um formigueiro. Mas à meia-noite *Paris-turbilhão* resume-se na saída dos teatros; o movimento é nos boulevards. E às duas horas aí mesmo é lúgubre” (GAMA, 2020, p. 35).

Apesar de haver certa efusão sensorial, o cronista se preocupa em passar ao leitor elementos pontualmente observados, o que acontece por meio da descrição sugestiva da praça da Concórdia, quando menciona a grande movimentação das pessoas saindo do teatro; em seguida, destaca a praça em seu grande esplendor de silêncio, exibindo através da relação dicotômica (cheio e vazio) as percepções daquele espaço, num rastro heterogêneo – verbal e gráfico:

A praça então, deserta e silenciosa, tem a aparência cheia de majestade e graça dos lugares que se imagina como seria na Iônia ou na Hélade - arredores de templos ou cidades monumentais, com as arquiteturas vagas no horizonte e perto colunatas, que o luar sereno e frio destaca na sombra das fachadas. A câmara dos deputados ao sul, os terraços das Tulherias a leste, o ministério da marinha e Madalena ao norte, favorecem a ilusão. No centro o *obelisco nostálgico* parece vagamente rosado, de encontro ao fundo azul-escuro do céu muito limpo, onde as estrelas cintilam. As duas belas fontes não jorram, caladas. A avenida dos Campos Elísios, com os seus rosários de lampiões unindo-se para os lados do Arco do Triunfo, parece abrir-se na sombra à passagem de alguma coisa obscuramente

solene. Do meio da ponte o anfiteatro luzente do Trocadéro de um lado, e do outro as linhas dos cais para o Louvre e o instituto, esfumados a leste, aumentam com os reflexos trementes na água negra o brilho da iluminação. A cidade é então como um palácio em festa, onde as luzes brilham mais nas salas vazias, após a partida dos últimos convidados. Há um adormecimento ou uma expectativa, conforme sejam cansados ou excitados os nervos do que contempla, pois que está sempre em nós mesmos a sugestão das coisas. Paris, deixa-se ver melhor assim, a horas mortas, no silêncio e na sombra, do que entre o tropel atarefado dos que andam lidando pela vida. Que nestes dias de frio nem a espécie *flaneur* alegre mais as ruas (GAMA, 2020, p. 35 -36).

Como ilustrado, o recorte da crônica de Gama aborda a grandiosidade monumental que há naquele ambiente, perpassando a relação de cores escuras nos contornos, e cores mais claras no centro; isso pode representar a relação histórica que transborda daquele lugar, em alegorias/estátuas, em disputas políticas e econômicas passadas, em fontes que representam simbolicamente as embarcações marítimas e fluviais. É possível perceber a predominância de cores escuras, que contornam os monumentos, deixando-os com certa aparência de relevo e mistério. Logo, é possível salientar que o espaço é um ponto de convergência da crônica, e, a partir dele, há a organização de experiências numa dinâmica linguística em que se destaca o elemento visual.

A partir do momento em que as ruas ficam vazias, e o cronista observa e descreve a praça, deixa-se de lado o tempo cronológico, em prol da fruição do pensamento: a percepção espacializada torna-se intimamente ligada a um fluxo temporal, que ressignifica o passado no do tempo presente da enunciação. O silêncio que emana do lugar torna-se o maior incentivador para o cronista: são espaços “vazios” que se complementam pela percepção do espectador. Para Arbex (2006, p. 25):

O espaço intercalar não é neutro, o “entre” não constitui, portanto, um vazio, mas se traduz em presença. O espaço entre as figuras, esse “vazio pictural” adquire valor semântico e constitui uma “marca de inteligibilidade”, a representação de um espaço.

Essa forma de expressão permite a condensação das possibilidades estruturais da escrita, fazendo associações entre seus elementos visuais e espaciais, sugerindo um movimento específico à leitura; essa relação é expressa através da reintegração da iconicidade e da espacialidade da escrita, como destacado por Arbex (2006, p. 29): “escrever e pintar tornam-se verbos que recobrem gestos e práticas de mesma natureza, indiferenciáveis, [... em que] a literatura reinveste e integra a parte visual e espacial da escrita; da mesma forma, a arte incorpora a escrita, ou seja, na fronteira do figurativo”. Portanto, são elementos que objetivam e constituem um percurso de travessia de traços através de uma estrutura mista, uma relação dinâmica.

IMAGEM E TEXTO NA CRÔNICA “28 DE JULHO” (À VOL D’OISEAU, BIS)

A crônica “28 de julho” é iniciada com recortes de uma carta vinda do outro lado do oceano, “pelo mar sem fim, duramente azul, serenamente mau”. Além de usar elementos visuais *in absentia* – é relevante destacar que essa perspectiva se apresenta tanto na presença de enunciado alusivo, na parte inicial da crônica, quanto no enunciado referencial, com a inserção da representação das pinturas, através dos títulos de cada obra –, há vislumbres imagéticos pontuais em trechos como “a faiscação do sol passam os vapores velozes, como galhadas secas boiando na corrente, visão evocativa de saudade, da nostalgia de outros horizontes” (GAMA, 2020, p. 80).

Inicialmente, a crônica é evidenciada como algo imerso no olhar subjetivo que aflora no cronista, beirando uma relação de translação pictural. São ressaltados os elementos da imensidão do mar, que se associa à alma humana, na transitoriedade, dos desejos,

choros e lamentações que perduram em suas águas. A própria sonorização, que é adjetivada como confusa, traz inspirações vãs: o branco da areia é visto como uma mortalha; e é interessante perceber que a repetição da palavra “desejo” pode sugerir um efeito visual do movimento das ondas do mar, que acaba se chocando com a areia, desfazendo os anseios humanos:

O mundo é pequenino, mas o mar é largo e a miséria do homem que depõe à beira dele todos os seus desejos chora na lamentação secular das suas vagas contra a penedia. Dir-se-ia que a zoadá confusa faz-se dos queixumes de tanta aspiração vã, a que a brancura das areias marinhas serve de mortalha. Desejos do infinito para as almas ambiciosas, desejos de repouso para os humildes, desejo de melhor para todos quebram-se tantas vezes de encontro a essa barreira!... (GAMA, 2020, p. 80, grifos do autor).

A cor remete à liberdade, mas também à solidão e aos anseios de repouso eterno, sentimentos que são demonstrados pelo voo das gaivotas embaladas pelas ondas do mar (as mesmas ondas, que antes desfaziam os anseios, agora são vistas em uma perspectiva de aconchego, mostrada através do enquadramento em distância e profundidade, por meio do voo das gaivotas). É interessante ver esse movimento de vai e vem no texto, que brinca com a relação entre imagem e texto; são correferências, oscilações, translações, que estão no âmbito da recepção:

Esses operadores de conversão de um *medium* em outro produzem efeitos de leitura específicos que se traduzem no texto pela indecisão da oscilação infinita que rege a relação entre texto e imagem, jamais totalmente estabilizada, mas sim movimento perpétuo entre ver e ler, donde a produção dessas ondas do visível que não param de perturbar a superfície do legível. As interferências assim provocadas pelo dinamismo inerente ao iconotexto produzem um vai-e-vem entre os dois *media* que se faz ler na temática estrutural do ‘ver de perto/ver de longe’, quando o desejo da imagem de entrar no texto se desdobra em desejo do sujeito de entrar na pintura, um pouco como Diderot. (LOUVEL, 2006, p. 48)

No texto há um paralelo que engole os desejos e a liberdade/sonho que está rondando esse “mar”, baseado na figura das gaivotas que voam em direção ao horizonte, de forma incansável, e vão sumindo no horizonte, restando apenas um ponto escuro. É relevante mencionar essa figuração das gaivotas organizadas uma atrás das outras, sumindo aos poucos, percebidas como metáforas de uma sucessão de sonhos. Ademais, o cronista descreve a cor do mar, anil, que atinge o verde, num jogo cromático que remete à esperança, transpondo-se tais considerações ao céu, que volta a ser sereno, positivo, benigno, e se configura na chegada à Paris. Neste pequeno trecho, é possível ver que ele se valerá das colorações em vários planos (de perto e de longe); o narrador vai descrevendo acontecimentos variados que se põem em termos de imagem e cor:

O meu sonho seria agora levantar-me no voo destas gaivotas que a onda embala e ir pousar na antena oscilante daquela barca, que lá na aresta viva do mar destaca-se como um ponto escuro esmorecendo, diminuindo, sumindo-se... Depois daquela, mais longe, há outra; depois outra, depois outra, perdidas na solidão do mar. Mas a gaivota do sonho tem o voo incansável. E, depois do anil do mar profundo, aparece por fim a água esverdeada que assinala a costa, como tingida da esperança da chegada, espalhando o céu benigno, o céu familiar da paisagem serena. Depois, a asa batendo rápida, frechando o espaço, por cima dos campos, por cima das cidades, o tiro direito à torre de misteriosos prestígios cuja bandeira estalando ao vento acena-nos de longe. E aí, beatamente, sentir Paris!... (GAMA, 2020, p. 80)

Nos três parágrafos iniciais, é possível notar uma efusão de figuras de linguagem estabelecidas através de flashes evocativos, determinados por meio do visual, do sonoro e do palpável (“vapores velozes”; “zoada confusas”; “cuja bandeira estalando ao vento acena-nos de longe”). Esses primeiros parágrafos foram retirados de uma carta, que veio “*de lá*” (GAMA, 2020, p. 80, grifos do autor), i.e., do Brasil:

Diz-me isto uma carta vinda *de lá*, da nossa costa desolada como uma terra de degredo para quem tem sonhos fora dela, e são tantos os que os têm! Há hoje na alma humana, apesar das acusações de materialismo e falta de ideal que lhe fazem, uma necessidade de expansão, uma ânsia de que bem se poderia chamar *elevação para os lados*. Em vez de misticismo é um sentimento mais prático, mais humano. (GAMA, 2020, p. 80-81, grifos do autor)

É lícito destacar que o cronista faz o uso dos dêiticos para designar o lugar e o tempo, bem como para enquadrar e focalizar o enunciado, utilizando como sinalizadores operacionais o advérbio, o pronome e o verbo, que sugerem o Brasil, como um ambiente de exílio para quem tem sonhos fora dele. A seguir, ressalta que os brasileiros que vivem em Paris aproveitam e apreciam as paisagens, fazendo “sociologia”:

É digna de ver-se a seriedade com que um brasileiro diverte-se, isto é, estuda o prazer, aproveitando a ocasião para divulgar-nos, propagar-nos, relacionando-nos. Já tenho tido a surpresa de ouvir de pessoas habilmente pouco conhecedoras de coisas políticas explicações pasmosas da queda do ministério João Alfredo. E hoje, quando no pó de arroz de certas fronteiras vejo o vinco que deixam as rugas meditativas, desconfio logo que por ali andou brasileiro político, partidário, patriota e ... sociólogo. Por isso, quando os encontro, saúdo-os com toda a altura do braço: são beneméritos (GAMA, 2020, p. 81, grifos do autor).

Desse modo, Domício apresenta no missivista um interlocutor compatriota (embora seu nome não mencione), logo preocupado não apenas com tal “sociologia”, mas também com a verdade na arte, a visitar consigo uma exposição das pinturas de Claude Monet e das esculturas de Rodin. A partir de então, o cronista passa a narrar a história de Monet, valendo-se de termos caros ao impressionismo literário, que escapam ao recorte aqui proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crônicas de Domício da Gama trazem descrições picturais com notável apelo visual, que propicia a relação de “significante/significante/significado” e resulta num fenômeno híbrido entre a palavra e a imagem – o iconotexto, zona transitória, marcada pelo entre-lugar, num conjunto de formas, luzes, posição, intensidade e coloração, que compreende a ideia de “translação pictural”.

As crônicas brevemente analisadas recobram a aplicabilidade e a abrangência desse conceito, pois, ainda uma vez, “é na qualidade do efeito pictural que se avaliará a justeza da “translação pictural”, quando, por um jogo óptico textual, o “olho do texto” produzirá uma “imagem real”, que virá se alojar no olho do leitor” (LOUVEL, 2006, p. 196).

Parafraseando Domício, “está sempre em nós mesmos a sugestão das coisas” (GAMA, 2020, p. 35 -36). Cabe aos recursos do texto direcionar tal projeto amplo e sempre revisitado de *fazer ver*.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Márcia. Poética do visível: uma breve introdução. In: _____ (org.). **Poéticas do Visível: ensaios sobre a escrita e a imagem**. Belo Horizonte: UFMG; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2006. p. 17-62.

ARRIGUCCI, Davi. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

GAMA, Domício da. 13 de janeiro de 1889. In: SANDANELLO, Franco Baptista (org). **De Paris: Domício da Gama**. São Paulo: Alameda, 2020. p. 35-39.

GAMA, Domício da. 28 de julho de 1889. In: SANDANELLO, Franco Baptista (org). **De Paris: Domício da Gama**. São Paulo: Alameda, 2020. p. 80-84.

LOUVEL, Liliane. A descrição “pictural”: por uma poética do iconotexto. In: ARBEX, Márcia (org.) **Poéticas do Visível: ensaios sobre a escrita e a imagem**. Belo Horizonte: UFMG; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2006. p. 191-220.

**O SUICÍDIO LITERÁRIO COMO LABORATÓRIO DE
OBSERVAÇÃO SOCIAL:
CONSTRUINDO AS BASES TEÓRICAS DE ANÁLISE DA
OBRA *CROCODILO* DE JAVIER CONTRERAS**

Wheriston Silva Neris¹

Mayara Aparecida Batista de Souza²

INTRODUÇÃO

Em uma de suas últimas obras, o sociólogo Norbert Elias (2001) tratou abertamente sobre o tema da morte e da *solidão dos moribundos*, ressaltando o quanto há de embaraço, medo e terror no tratamento do envelhecimento e da finitude contemporaneamente. Diferentemente dos séculos anteriores, o aumento substancial no grau de pacificação das sociedades teria desencadeado um grau de recalçamento da ideia da morte tamanho que provocou seu ocultamento na consciência humana, criando praticamente um tabu em torno do tema e sua expulsão das interações linguísticas cotidianas. O aumento geral da expectativa de vida, os desenvolvimentos técnicos no campo da medicina, os ganhos em previsibilidade, antecipação de riscos, e até mesmo o aumento do controle da fome, da violência e das epidemias teriam como que delineado, entre nós, uma nova forma de sensibilidade e de atitudes frente à morte, que se desdobra no plano tanto individual quanto coletivo.

Em nossa sociedade, a morte então pode ser esquecida, mantida à distância e até certo ponto adiada pela adoção de

¹Professor Associado de Ciências Humanas – Sociologia (CHBa/CCBa) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal (PPGLB); E-mail: wheriston.neris@ufma.br

² Mestranda em Letras do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal (PPGLB); E-mail: mayara.batista@discente.ufma.br

métodos para prolongamento da vida. Para Elias, no final de contas, não seria a própria morte, em si, mas a imagem antecipada da morte na consciência dos vivos que explicaria parte substancial do nosso terror, dos nossos medos e tabus com relação à finitude. E sentencia, ao final desse belo texto, que *a morte é um problema dos vivos*: “a morte não é terrível. Passa-se ao sono e o mundo desaparece – se tudo correr bem. Terrível pode ser a dor dos moribundos, terrível também a perda sofrida pelos vivos quando morre uma pessoa amada” (ELIAS, 2001, p. 76).

A apropriação do pensamento de Elias permite introduzir o leitor no bojo de discussões que estão base deste texto, quais sejam, a questão dos tabus contemporâneos sobre a morte e, particularmente, a respeito do autoaniquilamento em obras literárias hodiernas. Trata-se de um projeto de mestrado, ainda em curso, que intenta discutir a representação literária da dor sofrida pelos vivos quando morre uma pessoa amada que tirou a própria vida. Para tanto, selecionamos a obra *Crocodilo*, publicada em 2019, por Javier Arancibia Contreras, um dos mais importantes escritores da literatura brasileira contemporânea (SILVA; VALENTIM, 2021). Dividido em 08 (oito) partes, o livro narra os processos de luto e os rearranjos vividos por Ruy, um jornalista consagrado de setenta e três anos, que tenta lidar com a dor dilacerante da perda do seu único filho, *Pedro*. O problema está apresentado desde as primeiras linhas, desde o *Dia Zero*, nas palavras do próprio personagem: “*Hoje, meu filho Pedro pulou da janela do seu apartamento*” (CONTRERAS, 2019, p.9) Após a cremação, Ruy decide então empreender uma investigação sobre as razões do suicídio, mobilizando toda sua experiência enquanto jornalista policial para compreender as motivações do filho.

Neste texto, porém, não é tanto a obra supramencionada, em si, quanto a exploração de ângulos disciplinares variados sobre o suicídio que se encontra em pauta, o que permite levantar, desde já, uma série de desafios analíticos enfrentados no processo de construção do nosso próprio objeto de pesquisa. A começar pelo fato de que, embora a palavra suicídio tenha surgido no século XVII

(ALVAREZ, 1999), a experiência do autoaniquilamento ou da morte voluntária remete a épocas muito mais remotas, com significados igualmente variáveis no curso dos tempos (ANDRÉ et all, 2020). Por outro lado, embora o tema em pauta se encontre dispersa por uma multiplicidade de textos literários e produções artísticas ao longo da história (KOVÁCS, 2008), há toda uma série de obstáculos epistemológicos decorrentes da existência de um discurso moral genérico, nascido no seio da religião, que mais rotula o suicídio como crime moral do que efetivamente o discute (ALVAREZ, 1999; ANDRÉ; SOUZA, 2020). Curiosamente, não obstante, parece haver certo consenso internacional recente sobre a necessidade de refletir sobre esse grave problema de saúde pública, agravado ao longo da pandemia da Covid-19 (ROCHA et all, 2022), o que adquire todo sentido em um contexto histórico crítico como o brasileiro, que ostenta a oitava posição em número de suicídios no mundo (SILVA et all, 2018).

Ante a esse quadro dramático, partimos aqui do pressuposto de que a sensibilidade do trato literário, abordando situações e configurações variadas no bojo ficcional, poético e dramático, pode não apenas fornecer um *mosaico suicidológico* coletivo (ANDRÉ, 2018), como também uma alternativa para tratar de problemas graves que afetam a alma humana, sua subjetividade e a própria linguagem (ALVAREZ, 1999). Isto é, desde que estejamos em condições de reconhecer que textos literários podem oferecer oportunidades para ganhos terapêuticos, em reflexividade e conhecimento, e que a própria ciência possa ser iluminada pela literatura. Na perspectiva aqui assumida, a representação literária do suicídio constitui então um laboratório experimental para reflexão sobre modos de compreensão do social e dos seus problemas.

Porém, em se tratando do campo de estudos literários, parece correta a afirmação de William André (2018), para o qual “O estudo do suicídio na literatura é, em grande parte, um trabalho ainda por fazer”. Assim, em não havendo nenhuma teoria do suicídio na literatura propriamente, os jovens pesquisadores são convidados então a explorar alguns diálogos possíveis com as diversas teorias

disponíveis, transitando nas fronteiras entre história, sociologia, filosofia e psicologia, para citar apenas as áreas mais comumente visitadas (ANDRÉ, 2018). Tomando partido então dos nossos próprios percursos nas fronteiras das ciências humanas, a intenção objetiva desse texto consiste em explorar ângulos interdisciplinares de abordagem do suicídio que participam do processo de constituição de nossa própria perspectiva a respeito da morte voluntária em textos literários. O texto que segue tenta levantar algumas pistas e questões de fronteira entre ciências humanas (particularmente a História e a Sociologia) e os estudos literários já existentes, levantando, ao término, algumas questões que participam do próprio desenho de nosso objeto de pesquisa.

1. O SUICÍDIO EM PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

Com efeito, quando examinamos a produção historiográfica a respeito do tema da morte e do suicídio vê-se que a preocupação com a questão das transformações na forma de sentir também constituem matéria da ciência histórica. Porém, visto com maior detalhe, enquanto o tema da morte já conta com um número maior de obras, a morte voluntária distribui-se de maneira muito dispersa, seja na literatura internacional, seja no bojo das produções nacionais. Seja como for, como notou David Lederer (2006), nas últimas três décadas, emergiram gradualmente investigações claramente informadas por perspectivas interdisciplinares, combinando categorias sociológicas clássicas, com estudos religiosos, jurídicos e antropológicos, levantando pistas não apenas sobre os fatores microssociais que influenciam a autodestruição, como também as dimensões morais coletivas, as normas e valores culturais, senão propriamente políticos implicados. Além disso, não menos importantes tem sido as próprias pressões contemporâneas no âmbito público para ampliação da compreensão dos significados do suicídio no passado, com o que se poderia compreender parte significativas das alterações nas atitudes em relação à vida e a morte (HEALY, 2006).

Entre os trabalhos até agora compulsados nessa área, em português, o mais robusto e bem detalhado foi o artigo de Douglas Henrique de Souza (2022), intitulado, *História do Suicídio: um balanço historiográfico*. Por meio desse trabalho, pode-se realizar um breve mapeamento do debate sobre as questões, notadamente a partir das décadas de 1970 e 1980, quando passa a haver maior interesse por esse objeto de estudo. Além disso, o trabalho já dialoga com balanços historiográficos como o realizado por Rósín Healy (2006), *Historiographical reviews: suicide in early modern and modern europe*, estabelecendo conexões com a produção nacional.

Posição de destaque nessa reconstituição deve ser atribuída aos movimentos historiográficos da terceira geração da Escola dos Annales e particularmente dentro da chamada Nova História Cultural francesas, marcadas por forte aproximação com a Antropologia e a Linguística. Sem que tenhamos condições de reconstituir a pluralidade de novas searas de pesquisa abertas por meio desse diálogo, o que interessa destacar desse, conjunto, em primeiro lugar, é o livro *História da Morte Ocidente* de Philippe Ariès (2012), publicado originariamente em 1975, e que investiga o comportamento humano perante a morte na sociedade cristã ocidental. Trata-se de um instigante trabalho que recorreu a um variado corpus documental, englobando fontes literárias, litúrgicas, testamentárias e iconográficas. Nesse livro, Ariès investiga então as mutações na sensibilidade com relação à morte, o que lhe permitiu delinear na longa duração a existência de fases históricas distintas de nossa relação com a morte: a morte domada; a morte de si mesmo; a morte longa e próxima; a morte do outro e a morte invertida (ARIÈS, 2012). Porém, a obra não aborda a questão do suicídio diretamente.

Posteriormente, Ariès volta ao tema no livro *O homem perante a morte* onde retoma o exame milenar das atitudes com relação à morte, com o que consegue ressaltar ainda mais a novidade do surgimento contemporâneo de um tipo absolutamente novo de morte: a *morte invertida*, ou seja, aquela que expulsa a morte da condição de um fato cultural estruturante, para convertê-la em

ruptura, transgressão, violência e dor. Algo, sem dúvida, bastante convergente com a própria leitura de Norbert Elias, conforme tivemos a chance de comentar no início do artigo.

A morte agora está tão apagada de nossos costumes que é difícil para nós imaginá-la e entendê-la. A velha atitude em que a morte é ao mesmo tempo próxima, familiar e diminuída, insensível, é muito oposta à nossa onde causa tanto medo que não ousamos mais dizer seu nome. Portanto, quando chamamos essa morte familiar de morte domesticada, não queremos dizer que ela já foi selvagem e depois foi domesticada. Queremos dizer, ao contrário, que hoje ela se tornou selvagem, ao passo que não era antes. A primeira morte foi domada (ARIËS, 1985, p. 36, *tradução nossa*).

Outro exemplo de pesquisa serial desenvolvida a respeito das atitudes coletivas diante da morte é o livro de Michel Vovelle (1974), intitulado *Mourir autrefois: attitudes collectives devant la mort aux XVII et XVIII siècles*, em que o autor retoma o processo de ascensão de interpretações seculares sobre a morte, em franca dissonância com os padrões de interpretação sobrenatural e escatológicos da Igreja Católica, sob os influxos do Iluminismo e da Revolução Francesa (SOUZA, 2022). Em certa medida, esses trabalhos puderam contar com a inspiração de um texto pioneiro de Jean Claude Schmitt, publicado em 1976, que já diagnosticava a pobreza da abordagem do tema em âmbito historiográfico, ao passo em que já haveria um número considerável de títulos escritos depois de Émile Durkheim e Maurice Halbwachs, na França, e por diversos psiquiatras, psicólogos, etnólogos e folcloristas. Não muito tempo após, a tarefa foi assumida prioritariamente pelos historiadores culturais, entre os quais há primazia no campo de estudos sobre o suicídio, como já destacado.

Inspiradores, do ponto de vista teórico e metodológico, estes trabalhos impulsionaram a emergência de uma nova produção historiográfica que, baseada na renovação de fontes entre as esferas públicas e privadas, recuperam múltiplas abordagens sobre o fenômeno da morte voluntária. Pode-se lamentar, não obstante,

que parte significativa dessas obras recubram séculos passados ou que ainda não tenham sequer sido traduzidos para o português, o que certamente auxiliaria a meta de verificar as abordagens e estratégias metodológicas empregadas. Como visto no balanço de Douglas Souza (2022), parte da bibliografia mais essencial no campo historiográfico encontra-se em língua inglesa, entre os quais, caberia mencionar: Richard Cobb (1978); Olíve Anderson (1987); Michael McDonald e Terence R. Murphy (1987) e até mesmo produções coletivas como *Histories of suicide: international perspectives on self-destruction in the modern world* (WRIGHT; WEAVER, 2009),

Entre as poucas obras traduzidas, deve-se dar destaque ao excelente trabalho realizado pelo historiador francês Georges Minois, já conhecido pelos seus trabalhos a respeito da religião, riso e a velhice, que publicou uma história cultural do suicídio originalmente em francês (1995), com tradução recente para o português (MINOIS, 2018). De maneira geral, o autor concentra-se no início do período moderno, porém, com um excelente levantamento das atitudes perante o suicídio na Antiguidade e durante a Idade Média. Ao longo desse percurso, Minois argumenta convincentemente que o suicídio é um fenômeno social mutável a depender das dinâmicas históricas e até mesmo dos grupos sociais concernidos. Por exemplo, em relação à Antiguidade pagã, sugere que esta seria mais tolerante em relação ao suicídio do que o cristianismo primitivo medieval, que condenava todas as formas de automutilação, sobretudo por influência de Santo Agostinho e Tomás de Aquino, como também indicaram MacDonald e Murphy (1990). Porém, já no final do Renascimento, pelo menos em algumas regiões da Europa Ocidental e sobretudo entre as elites sociais e intelectuais, o suicídio pôde ser perscrutado em função de suas razões individuais e até mesmo ganhar algumas tonalidades heroicas e auto sacrificiais na pena de poetas, dramaturgos e pensadores. Outro exemplo ilustrativo, enquanto, em meados do século XVII, as autoridades reais e religiosas condenavam com dureza o suicídio, aplicando penas severas,

sobretudo entre as camadas mais pobres (era mais fácil dissimular as mortes voluntárias com eufemismos entre a aristocracia), o suicídio teria se tornado uma espécie de moda intelectual filosoficamente problematizada (MINOIS, 2018).

Do lado de cá do Atlântico, por outro lado, destacam-se alguns trabalhos importantes publicados em solo estadunidense como: Roger Lane (1979); Howard Kushner (1989); Louis Jr. Pérez (2005), Marc Hertzman (2019), reunindo, grosso modo, debates sobre as mortes voluntárias com recortes que privilegiam o período colonial e de independência dos Estados Unidos (SOUZA, 2022).

No Brasil, em particular, o campo de estudos que mais incorporou esse debate reúne os trabalhos sobre suicídios cometidos por cativos, inseridos na lógica escravocrata, sobretudo ao longo do século XIX e início do XX (SOUZA, 2022). Explorando “Relatórios do Presidente da Província, teses médicas, inquéritos policiais, autos judiciais e a imprensa” (SOUZA, 2022, p. 190) esses trabalhos examinaram a questão do suicídio moderno contraposto às particularidades do contexto histórico em pauta, com o que enriqueceram a própria compreensão dos desafios de compreensão do fenômeno, submetido, como o era, a variadas classificações. Em sua conclusão, Douglas Souza ressalta algumas características dessa produção historiográfica, sobretudo em função dos dados empíricos construtivos, tanto qualitativos como quantitativos, com o que a História pode auxiliar os pesquisadores a estabelecer comparações esclarecedoras em suas próprias pesquisas:

Tendo em vista os variados cenários que compõem esses trabalhos, vê-se que a compreensão do suicídio na História se efetiva, sobretudo, por dois tipos de fontes: os discursos médicos, religiosos, filosóficos, políticos, jurídicos, literários, portanto, emanados por lideranças intelectuais e detentores de poderes institucionais, fossem como produtoras de dados sobre o fenômeno ou responsáveis por interpretá-los, e, de outra parte, os registros pessoais deixados pelos suicidas, quer sejam, cartas, diários ou testemunhos de entes queridos, reproduzidos na imprensa ou nos inquéritos policiais, conjuntos documentais que possibilitam desvelar os infortúnios do

cotidiano na decisão de indivíduos, outrora anônimos, por tirar a própria vida. É desse modo, então, que os historiadores têm procurado recuperar as narrativas acerca das mortes voluntárias, revelando as participações de especialistas e autoridades públicas nos rumos tomados pelas discussões teóricas e as apropriações dessas ideias nas práticas socioculturais que se modificam de acordo com contextos específicos (SOUZA, 2022, p. 195).

Seja como for, vale aqui as considerações de Rosilin Healy (2006), para a qual, no âmbito da História, as hesitações não são tanto quanto ao caráter desagradável do assunto, quanto, talvez, na questão da fiabilidade das provas e o significado das conclusões ao abordar experiências que chegam a ser consideradas como imensamente individuais e particularmente dramáticas. Tudo isto que leva a considerar que, embora estejamos diante de um problema que pode ser concebido como universal, suas regularidades são como que colocadas em xeque em contextos históricos particulares, exigindo sensibilidade do pesquisador à contingência histórica. Além disso, essas pesquisas historiográficas ressaltam o imenso abismo entre as fontes e estatísticas mais ou menos oficiais, os suicídios documentados/comunicados e as dinâmicas reais do suicídio. Como se sabe, antes que chegássemos ao século XIX, regra geral, os cálculos estatísticos eram muito pouco fiáveis internacionalmente falando, questão essa que não deixou de ser notada pelo próprio Emile Durkheim (2002). Por fim, e não menos importante, parece haver uma certa tendência mais recente para exploração não tanto das estatísticas, com todos os problemas já mencionados, mas das atitudes com relação ao suicídio e, sobretudo, os significados que os próprios suicidas conferem ao ato (HEALY, 2006).

2. OLHARES SOCIOLÓGICOS SOBRE O SUICÍDIO

Como vimos, embora comportamentos e atitudes suicidas estejam presente desde a mais remota antiguidade até a atualidade,

a escassez de fontes e a baixa fiabilidade das estatísticas exigem que os pesquisadores explorem outras perspectivas sobre a morte voluntária e sua própria variabilidade no tempo histórico e de cultura para cultura. Neste tópico, por outro lado, voltaremos o olhar para a abordagem do suicídio de uma perspectiva sociológica. Felizmente, já podemos contar com alguns balanços recentes que podem servir de orientação para organização das reflexões sobre o tema, sobretudo alguns textos recentes de José Benevides Queiroz (2020; 2021). Além destes, deve-se destacar a coletânea recente de textos e praticamente pioneira no Brasil da edição de 2021 da Revista Pós-Ciências Sociais, reunindo uma série de pesquisa e reflexões sobre a morte voluntária (FILHO et al, 2021). Após acompanhar essa genealogia temática, voltaremos ao estudo pioneiro de Emile Durkheim tentando extrair dele algumas dimensões pertinentes para nossa própria análise.

Em certa medida, a reconstituição historiográfica realizada na sessão anterior já demarcava como foi se constituindo o suicídio enquanto um problema social, em torno do qual erigiram-se toda uma série de saberes médicos, psicológicos, bem como constitui-se em matéria de interesse de demógrafos e estatísticos. Na quase totalidade desses estudos e análises, os determinantes para o ato de uma pessoa tirar a própria vida ou eram associados a fatores biológicos ou a razões inteiramente individuais. Na contracorrente dessas abordagens já se encontrava um texto pequeno e pioneiro de Karl Marx, de 1846, que ressaltava o fato de o suicídio estar potencialmente correlacionado á moral vigente, às convenções, crenças religiosas e até mesmo crises financeiras, isto é, a fatores macrossociais (QUEIROZ, 2020).

Mas é somente com Emile Durkheim e a publicação do livro *O Suicídio* em 1897 que se molda efetivamente um objeto sociológico. Para tanto, em primeiro lugar, Durkheim teve que desenvolver uma estratégia de pesquisa original, a fim de chegar a resultados diferentes da crença comum de que o suicídio era um ato estritamente privado, individual, imprevisível e inexplicável. Não estranha, pois, que tenha se dedicado a demonstrar a

improcedência de diversos estudos que explicavam o suicídio como um fenômeno decorrente da hereditariedade, da raça, do clima ou puramente da imitação. Porém, como bem observou Cyril Lemieux (2015) Durkheim também evita substituir essa causalidade voluntarista simplesmente pela noção de taxa social de suicídios, como dado estatístico agregado, visto que, contra as ilusões eventuais do estatístico, essa taxa não pode evidenciar sozinha como cada indivíduo experimenta sua própria tendência ou imunidade ao suicídio. “Durkheim esforça-se assim em construir um novo objeto que não é nem o suicídio como ato individual nem a taxa de suicídios como dado estatístico agregado, mas antes, o suicídio como tendência coletiva interiorizada pelos indivíduos” (LEMIEUX, 2015, p. 42).

Com efeito, embora admitisse um papel limitado para a insanidade ou para o desejo obsessivo de morte, Durkheim concebia que havia motivos reais e coletivos para a maioria dos suicídios. Então, Durkheim formulou quatro tipologias para o suicídio: o *suicídio egoísta* que seria o tipo predominante nas sociedades modernas e derivariam da baixa integração à sociedade e os grupos sociais de pertencimento (ex.: crenças e (des)vinculações a confissões religiosas, homens solteiros, divorciados e viúvas); o *suicídio altruísta* em que o indivíduo estaria tomado pela obediência e força coercitiva da ambiência coletiva, a exemplo dos velhos guerreiros bárbaros ou das viúvas nas antigas sociedades hindus. O *suicídio fatalista* para o qual Durkheim reserva poucas observações, mas que descreveria uma extrema regulação social, de despotismo físico e moral em que o indivíduo não teria outra alternativa, o que se distingue frontalmente do *suicídio anômico* que estaria diretamente relacionado a um estado de desregulamentação social, períodos de crise econômicas e políticas e de transformações sociais intensas como revoluções radicais.

Assim, frente às modificações nas formas de solidariedade, à perda de centralidade das confissões religiosas e da própria família, caberia às corporações o papel de fazer cessar essa anomia por meio da criação de estratégias para a manutenção da coesão social,

introduzindo relações mais justas e despertando o interesse pelo bem comum e o bom funcionamento da sociedade.

[...] fazer cessar essa anomia, é encontrar os meios para fazer esses órgãos que ainda se chocam em movimentos discordantes concorrerem harmoniosamente, é introduzir em suas relações mais justiça, atenuando cada vez mais essas desigualdades externas que são a fonte do mal (DURKHEIM, 2008, p. 432).

Como observado por José Benevides Queiroz (2020), desde que foi publicado, esse livro constitui um referencial para diversas áreas, o que não significa dizer que algumas de suas principais teses não foram contestadas. Um dos estudos que revisou, em certa medida, alguns pressupostos e ideias basilares desse trabalho foi o estudo de um dos membros da própria escola Durkheimiana, Maurice Halbwachs na obra *as Causes de Suicide*, publicado originariamente em 1930. Trata-se de um estudo que não gozou da mesma notoriedade do trabalho de Durkheim, e tampouco figura entre as obras e conceitos principais de Halbwachs. Não obstante, até as revisões recentes, o trabalho de Halbwachs é reconhecido não apenas pelo rigor no tratamento das estatísticas, como também mais prudente em suas conclusões (PAUGAM, 20002; BAUDELLOT; STABLET, 2021). Objetivamente, em seu livro, o autor mostra as falhas e limites do *Suicídio* de Durkheim, chegando a conclusões distintas. A síntese das conclusões a que chega Halbwachs é expressa de maneira bastante objetiva por Queiroz (2020), como segue:

Dentre outros, podemos aqui destacar quatro aspectos. Primeiro, Halbwachs não retoma os conceitos estabelecidos por Durkheim que distinguem os tipos de suicídio. Segundo, diverso do que Durkheim preconizara, ele mostra que as taxas de suicídios dos países europeus apresentavam a tendência, não de permanecerem diferentes, mas de se assemelharem (Halbwachs, 2002: 67- 85). Terceiro, ele discorda da relação entre religião e suicídio estabelecida por Durkheim: como as crenças das pessoas são difíceis de serem isoladas de outros fatores

sociais, as taxas de suicídio entre elas não são constantes, tendem à diminuição e é necessário levar em consideração o meio social – se rural ou urbano –; assim, diferente do que se encontrava em *O Suicídio*, Halbwachs mostra que nem sempre os protestantes matavam-se mais que os católicos, pois no campo, estes últimos apresentavam o dobro da taxa de suicídio dos primeiros (Ibidem: 181-220). Por fim, ao contrário de Durkheim, que defendia que tanto a ruína quanto o boom econômico faziam crescer o suicídio, Halbwachs, baseado em um minucioso levantamento de dados sobre a Alemanha, que passou por uma profunda modificação econômica – com acelerada industrialização – a partir de 1870, chega à conclusão de que são as consequências das crises econômicas que favorecem a alta do número de suicídios

Sem dúvida, como também o nota Serge Paugam (2002), diferentemente de Durkheim o estudo de fatores extra sociais não é completamente desprezado, visto que o ato de pôr fim à própria vida tem um componente individual e psicológico inescapável. Para Christian Baudelot e Roger Stabilet (2021) além do próprio rigor com as estatísticas e cuidados metodológicos, aqui se encontraria, aliás, a principal distância entre Durkheim e Halbwachs, pois, para Durkheim os motivos submetidos invocados pelas vítimas para significar seu ato (perda de emprego, falências, miséria, luto, alcoolismo, doenças mentais, desgosto da vida) são convertidas em idiossincrasias pouco pertinentes frente às forças coletivas que teriam, estas sim, peso explicativo. “Diversamente, Maurice Halbwachs reabilita-os considerando que os motivos e as circunstâncias individuais “dependem da estrutura do corpo social” e que é necessário encará-los como causas do suicídio por si mesmas, maneira análogo às crenças e os costumes coletivos” (BAUDELLOT; ESTABLET, 2021, p. 583),

A tese da existência de uma convergência entre os países europeus associada à difusão de um mesmo estilo de vida urbano, ou seja, a passagem de sociedades ruralizadas para civilizações urbanas (Halbwachs argumentou que os suicídios acelerariam em

regiões rurais que seriam marcadas pelo progressivo despovoamento e onde as taxas tradicionais de suicídio eram anteriormente bem pequenas) também merece nota, tal seria o estímulo para pesquisas em contexto brasileiro. Seja como for, capítulo a capítulo Halbwachs foi então explorando as relações de efeito e causalidade entre o suicídio e a família, a religião, a riqueza, o rural, o urbano, enriquecendo e refinando a perspectiva sociológica. Trata-se de um importante e pioneira contribuição para ultrapassar algumas das subdivisões clássicas entre circunstâncias individuais e coletivas, entre indivíduo e sociedade (BAUDELLOT; ESTABLET, 2021), na medida em que Halbwachs tentou restituir a variedade de fatores interdependentes que pesam sobre o ato de tirar a própria vida, não excluindo os componentes subjetivos na análise.

Atualmente, como bem observou Healy (2006), sabemos que além da subjetividade do indivíduo que tirou a própria vida, deve-se atentar também para toda uma cadeia intersubjetiva que vai das pessoas envolvidas com o suicida - dos seus familiares e vizinhos até o legista e funcionários públicos responsáveis pelos registros - que influem por meio de seus pressupostos, interesses, capacidades, julgamentos, entre outros, para a classificação e registro da morte como suicídio.

Por outro lado, como também destacam Laurent Mucchielli e Marc Renneville (1998), talvez uma das principais contribuições de Halbwachs, ao revisitar o trabalho de Durkheim, tenha sido a de abrir novo espaço para as relações entre sociologia e psiquiatria, na proporção em que aquela passou a explorar também os motivos pessoais, as razões alegadas pelos indivíduos, que eram anteriormente expulsas da explicação para permanecerem alojadas nas penumbras de processos inconscientes que não constituiriam domínio dessa ciência social. Para outros autores, aliás, o próprio quadro apresentado por Durkheim acerca da história das ideias psiquiátricas sobre o suicídio no século XIX, na França, expressaria uma visão distorcida e seletiva de suas fontes e conclusões (BERRIOS; MOHANNA, 1990).

Mas talvez um dos aspectos mais instigantes da leitura de Maurice Halbwachs, certamente associado ao seu incômodo com as tipologias estabelecidas por Durkheim, derive de sua opção por lidar com apenas um modelo de suicídio, aquele do *homem desqualificado*, como enfatizou Serge Paugam (2002). Para Halbwachs, o suicídio ocorre mais frequentemente na sequência de um acontecimento que tem por efeito isolar o indivíduo de seu meio social, provocando nele sentimentos de inferioridade aos olhos do seu grupo e a si próprio. Trata-se aqui, no final de contas, de um indivíduo pouco integrado à sociedade e aos seus grupos de pertencimento em particular, que interiorizou o sentimento de não estar à altura de seu papel social ou virtual e da própria imagem que nutria de si mesmo e que participava de sua definição, de seu papel, de seu lugar social. Desclassificado e submetido a uma posição julgada humilhante, então, recairia sobre esse indivíduo um sentimento obscuro de opressão que pesaria sobre sua alma, obrigando-o a voltar sua atenção para o universo interior, fechar-se, afetando suas disposições de espírito e os motivos individuais que possam ter para desejar a morte (PAUGAM, 2002).

Ocorre que essa pujante discussão entra em colapso no contexto pós-1945, quando dá-se um arrefecimento da sociologia francesa e a própria perda de espaço da sociologia no campo acadêmico nacional (QUEIROZ, 2020). Foi preciso esperar então que a sociologia francesa, como de resto a europeia, fosse revitalizada a partir da década de 1970 para que novos estudos fossem realizados, entre os quais se destaca o trabalho de Anthony Giddens *The sociology of suicide* (1971), Durkheim et le Suicide de Christian Baudelot e Roger Establet (1984) e *Congedarsi dal mondo – il suicidio in Occidente e in Oriente* (2009) produzido por Marzio Barbagli (CARVALHO FILHO et al, 2021). Atualmente, são muitos os autores que estudam sobre o tema do suicídio na França, boa parte dos quais incitados pelas próprias demandas de explicação social para um tema tão na ordem do dia.

No Brasil, por outro lado, todos os balanços compulsados dão conta de tratar-se de um campo de pesquisas muito pouco

explorado. Ponto de passagem obrigatória, nesse sentido, é o trabalho de Roger Bastide, publicado originariamente nos *Cahiers Internationaux de Sociologie* na França, em 1952, e traduzido mais recentemente para o português em número recente da Revista Pós-Ciências Sociais (BASTIDE, 2018).

Curiosamente, desde as suas primeiras linhas, Roger Bastide (2018) intenta superar algumas das falsas oposições que permearam o debate sobre o tema do suicídio, gerando pseudoproblemas, como aquele da oposição entre indivíduo e sociedade. Estudando o tema do suicídio do negro brasileiro no estado de São Paulo e baseando em estatísticas que considerava mais seguras, Bastide busca então correlacionar as modificações de regime político, de trabalho e espaciais às estatísticas de suicídio. Por essa via, demonstra uma série de peculiaridades históricas e culturais, ao mesmo tempo em que distinções entre o contexto brasileiro e aquele estudado por Durkheim. Ao término do seu texto, Roger Bastide apresenta uma síntese de sua superação do chamado *dualismo primitivo* que caracterizaria as abordagens supramencionadas:

O brasileiro branco e nativo de outrora, que pertencia a um meio patriarcal, católico, rural, submisso ao controle de representações coletivas poderosas que condenam o suicídio – a ponto dos raros casos conhecidos à época colonial causarem verdadeiros escândalos –, pouco se matava, mesmo quando sua situação lhe compelia: o psíquico era entravado pelo social, o que o obrigava procurar uma outra solução, uma outra forma de suportar suas tensões. Porém, à medida que a urbanização, a miscigenação, a industrialização desenvolveram-se, a antiga mentalidade desapareceu, o controle do meio esgotou-se, o que permitiu o temperamento agir mais livremente. Para o homem de cor, temos o fenômeno inverso, ainda que da mesma natureza: enquanto o africano conservou sua mentalidade primitiva, o animismo ancestral, a ideia que as almas dos mortos retornam ao paraíso africano ou perseguem os vivos para se vingarem, representações que o impeliam ao suicídio. O psíquico era auxiliado pelo social. Contudo, à medida que o estatuto social do

homem de cor mudou, que um novo equilíbrio se estabelece numa sociedade em transição, o percentual de suicídio tende a corresponder ao seu percentual na população total. Isso significa que o fator psíquico vai então prevalecer sobre o fator social; permanece o fato de que o homem de cor mantém características próprias que ainda o separam, do ponto de vista do comportamento e, sobretudo, do ponto de vista de sua situação na escala social, do grupo branco. Consequentemente, mesmo aqui onde o psíquico parece dominar, o social desempenha igualmente seu papel. Enquanto o branco casado se mata mais, no caso do negro é o solteiro; enquanto nos brancos o suicídio masculino é superior, e muito, ao suicídio feminino, há igualdade entre os negros, com uma ligeira tendência do feminino ao máximo; a idade máxima do suicídio entre os brancos parece estabelecer-se entre 21 e 25 anos, e entre 16 e 20 anos para o homem de cor; se dividirmos o dia em 4 partes, de 0 às 6 horas, das 6 às 12 horas, das 12 às 18 horas e das 18 às 24 horas, notaremos que o branco se mata mais frequentemente na terceira parte do dia e o negro na última parte. Tudo isso é uma boa prova de que outras diferenças – de costumes, de hábitos, de comportamentos sociais – refletem-se até nos fatos individuais, e que um estudo do suicídio deve levá-los em conta em sua interpretação (BASTIDE, 2018, p. 286).

Em que pese esse exemplo pontual, a avaliação sobre a produção sociológica nas últimas décadas exige reconhecer que o suicídio constitui um campo de pesquisas praticamente inexplorado (SILVA et al, 2018; QUEIROZ, 2021). Sinteticamente, as duas principais pesquisas recentes baseiam-se em dados estatísticos produzidos pelo Ministério da Saúde (MS), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) ou instituições como o Centro de Valorização da Vida (CVV), criado em 1962 e com sedes distribuídas por todos os estados da federação. Trata-se de pesquisas úteis para levantar algumas dimensões importantes de análise, tais como, o grau de desigualdade social em contextos histórico espaciais delimitados, os efeitos de crises econômicas e políticas, as situações de instabilidade social (renda, desemprego, situações de rupturas de trajetórias), bem como os efeitos das

interações diretas ou à distância que poderiam provocar certo contágio ou imitação (interações de vizinhança, o papel da mídia local na divulgação de casos e até mesmo os efeitos produzidos por celebridades sobre as taxas de suicídio) (STACK, 2000).

Entre os trabalhos compulsados, um, particularmente, apresenta algumas questões interessantes para aqueles que, como nós, desejam discutir sobre textos ficcionais que abordam a questão da morte voluntária. Trata-se exatamente do estudo realizado por Steven Stack (2000) que refletiu sobre os possíveis impactos das histórias de suicídio (reais ou ficcionais) sobre as taxas reais de suicídio, com base em um vasto número de estudos compilados. Resumidamente, o estudo que o suicídio de celebridades políticas ou associadas ao entretenimento teriam potencial de produzir efeitos de imitação muito maiores que aqueles observados no universo ficcional (histórias na televisão), o que de certa maneira levanta a questão dos efeitos produzidos no próprio domínio das artes em geral sobre o tema do suicídio. Os argumentos do autor podem ser sintetizados na seguinte passagem:

Histórias de Suicídio Reais vs. Ficcionalis. Uma questão fundamental na literatura é se as pessoas se podem ou não identificar com vítimas fictícias ou de faz-de-conta. Ou será que as vítimas têm de ser pessoas reais? (Ver revisões em Phillips, Lesyna e Paight, 1992; Stack, 1990b.) Um trabalho que encontrou uma ligação entre suicídios em telenovelas e suicídio (Phillips, 1982) foi considerado defeituoso devido a erros de medição (por exemplo, erros nos códigos para os dias em que as histórias apareceram) (Kessler e Stipp, 1984). Foi efetuada uma série de quatro estudos sobre o efeito de quatro filmes de televisão no suicídio de adolescentes. Um estudo sobre os suicídios na cidade de Nova Iorque encontrou uma associação entre o suicídio fictício nestes filmes e as taxas de suicídio de adolescentes. Estes resultados não foram, em grande parte, reproduzidos numa série de estudos subsequentes noutras cidades, em estados inteiros e na nação como um todo (por exemplo, Phillips e Paight, 1987; ver análise em Stack, 1990b). Stack (1990e) descobriu que os filmes coincidiram com uma onda altamente publicitada de suicídios reais

de adolescentes em Nova Iorque, um facto que pode explicar uma associação espúria entre os filmes e o suicídio em Nova Iorque. Um estudo de uma série televisiva de seis partes da Alemanha Ocidental, "Death of a Student", encontrou, pelo contrário, uma ligação entre o filme e o suicídio de adolescentes (Schmidtke e Hafner, 1986). Outras investigações referem por vezes um efeito de imitação para histórias de ficção, mas são marcadas por algum debate (por exemplo, Holding, 1974; Williams et al., 1987; Sandler, Connell e Welsh, 1986; Ostroff et al., 1985; Platt, 1987). A hipótese é que os estudos baseados em histórias reais de suicídio serão mais susceptíveis de encontrar um efeito de imitação do que os baseados em histórias fictícias (STACK, 2000, p. 966, *tradução nossa*).

Seja como for, voltando ao caso brasileiro, como destaca José Benevides Queiroz (2021), parece clara a escassez de pesquisas e análises sociológicas sobre o fenómeno, como também a existência de lacunas nas fontes que permitam estabelecer correlações que não sejam simplificadoras. Dados sobre a escolaridade, faixas de renda, condições laborais, origens sociais, faixas etárias, composições das configurações familiares, divórcios, separações, situações de ruptura, entre outras, poderiam então ser utilmente empregados para teste de novas hipóteses. Igualmente, nas conclusões do texto *O Suicídio no Brasil Contemporâneo*, os autores ressaltam a importância do emprego de modelos estatísticos como estratégias eficientes para testar hipóteses como o efeito de variáveis de integração social ou a da contaminação pela contiguidade espacial, porém, ressaltando a importância de compreendermos melhor "o significado subjetivo do padrão comportamental identificado pelas análises quantitativas. De tal modo, seria possível fundamentar, com maior robustez, uma interpretação causal do fenómeno" (SILVA et al, 2018, p. 577)

3. O SUICÍDIO NA LITERATURA: ELEMENTOS DE UM DEBATE RECENTE

A novidade e desafio enfrentados pelo campo historiográfico e sociológico poderiam ser facilmente transportos para o universo dos estudos literários. Entre as obras que oferecem um quadro bastante preciso da exploração do tema do autoaniquilamento em textos literários no Brasil, destacaríamos as publicações recentes de William André (2018) e a publicação coletiva do livro *Literatura & Suicídio*, lançado em 2020 (ANDRÉ et al, 2020). Dessa avaliação programática dos estudos literários sobre o suicídio, podemos reter algumas características importantes que merecem ser esboçadas desde já.

A começar pelo fato de que embora questão associadas à morte atravessem a literatura como um todo, e constituam matéria de múltiplo interesse para diversas áreas científicas, trabalhos que abordem o tema do suicídio na literatura frontalmente ainda são relativamente raros no Brasil. Por outro lado, avaliando parte das pesquisas compulsadas, nota-se que uma das principais referências desse campo de estudos é a obra *O Deus Selvagem: um estudo sobre o Suicídio*, de autoria de Alfred Alvarez, cuja publicação original foi em 1971 (sua publicação em português foi realizada pela Companhia das letras somente em 1999).

Trata-se de uma obra que pretende, nas palavras do próprio autor, “olhar para o suicídio do ponto de vista da literatura, para ver como e porque ela afeta o imaginário de pessoas criativas” (ALVAREZ, 1999, p. 13). Para tanto, foi necessário que o autor recusasse tanto o discurso moralista religioso, quanto a aspereza das estatísticas para tentar apreender a dinâmica subjetiva que havia sido deixada na penumbra pelos números estudos de sociólogos, psiquiatras e estatísticos que ele conseguiu compilar na obra. Na prática, para o autor, a discussão do tema não permite a oferta de soluções, por que seque ele acredita que elas existam, “já que o suicídio significa coisas diferentes para pessoas diferentes em momentos diferentes” (Idem, 1999, p.13). Com modéstia, afirma que:

Em vez de oferecer respostas, tentei apenas contrapor dois preconceitos: o primeiro se manifesta naquele altivo tom religioso – embora hoje em dia esse tom costume ser adotado por pessoas sem conexão declarada com uma religião específica – que repudia horrorizado o suicídio como um crime moral ou uma doença que nem sequer merece discussão. O segundo é o da atual voga científica que, no próprio esforço de tratar o suicídio como um tópico digno de pesquisa séria, acaba lhe negando qualquer significação mais séria ao reduzir o desespero a estatísticas áridas (ALVAREZ, 1999, p. 13).

De fato, muito embora todos tenham alguma ideia própria a respeito do suicídio, ao nos confrontarmos com a temática, estratégias de sistematização da problemática, como desenhadas por William André constituem um excelente ponto de partida. Isto que permite maior liberdade na própria escola do objeto, visto que as preferências e motivação do pesquisador sempre estarão em pauta. É de se notar, por exemplo, que no epílogo da obra supramencionada, Alfred Alvarez (1999) reflita sobre a sua própria experiência como *suicida malsucedido*, com o que confessa parte fundamental do interesse pelo exercício de reflexão realizado. A síntese de seu itinerário de vida aparece então como uma espécie de sucessão de situações de ruptura, desencaixes e mal-entendidos, dando a entender que a obra pode ter chegado a desempenhar um papel de organizadora da experiência pessoal, ou seja, uma boa oportunidade e um bom indicador da reflexividade contínua do autor sobre sua própria vida. Voltaremos a essa questão das relações entre autor e tema nas considerações finais.

Para o momento, importa ressaltar, por outro lado, que diante do volume abissal de autores que poderiam ser selecionados, André William oferece úteis sugestões metodológicas de recorte, o que constitui atalho fundamental para jovens pesquisadores. A começar pela possibilidade de exploração das representações sobre o suicídio em manifestações literárias distintas, com o que se abre uma janela instigante para comparações entre os gêneros textuais, as escolhas estéticas empregadas na representação e seus efeitos sobre moldagem dos sentidos e das circunstâncias que levaram os

personagens ao autoaniquilamento. Soma-se a isso, os casos variados de autores que abordaram o suicídio em suas obras e que optaram pela morte voluntária na realidade (vale lembrar que na coletânea supramencionada os autores apresentam um quadro de escritores suicidas), com o que se iluminam “os possíveis entrelaçamentos entre o tratamento literário do assunto e o dado biográfico em obras de autores que cometeram suicídio” (ANDRÉ, 2018, p.07).

Outra sugestão instigante encontra-se justamente nos casos ficcionais de sujeitos que precisam lidar com o fato de que pessoas próprias cometeram suicídio, onde se enquadra, em certa medida, a obra *O Crocodilo*, mas não apenas. Da mesma forma, as aproximações e distanciamentos nos modos de interpretação literários e aqueles encontrados em diversos outros campos de saber, tais como a filosofia, sociologia e História, podem também dizer algo sobre os diálogos profícuos nos modos de interpretação do social. Uma última sugestão, que vale à pena considerar, diz respeito às próprias frequências e repartições na abordagem da morte voluntária, podendo ser tomadas a partir de escolas teóricas distintas, marcadores sociais da diferença e da desigualdade ou até mesmo por comparações intergrupos sociais ou categoriais, conforme se pode observar no trecho selecionado abaixo:

A composição de mapeamentos também se faz pertinente, e as possibilidades que se abrem para essa atividade são inesgotáveis. Por exemplo, compor um quadro mapeando a questão do suicídio em literaturas de autoria feminina (em recortes de tempo diversos), ou em manifestações da literatura pós-colonial, em gêneros literários específicos, autores e obras do Romantismo, obras que tratam de guerra, narrativas góticas, narrativas fantásticas, etc. Recuperando o tópico anterior, é igualmente importante observar a ocorrência da morte voluntária em personagens literários que são adolescentes, personagens femininas, homossexuais, não brancos, personagens que pertencem a uma elite intelectualizada, à classe média, que vivem em situação de extrema miséria, heróis e vilões (clássicos e modernos), protagonistas, coadjuvantes, e muitos outros. Ainda que,

à primeira vista, de cunho mais quantitativo e 'generalizante', estudos desse tipo ajudariam a trazer visibilidade para a notável expressividade com que o tema é tratado na literatura – apontando para a necessidade de se desenvolver mais pesquisas a respeito. Mais importante, viabilizariam um entendimento sistematizado sobre como orientações estéticas específicas abordam a questão, bem como de que forma, e com que frequência, estas retratam o suicídio em grupos sociais e culturas específicas (ANDRÉ, 2018, p. 10).

4. À GUIA DE CONCLUSÃO

As fontes quantitativas, apesar de darem acesso a dimensões objetivas importantes do fenômeno do suicídio são insuficientes, por si sós, para a compreensão do fenômeno, o que se pode constatar pelo exame das pesquisas tanto no campo historiográfico quanto no sociológico. Sem dúvida, ao compilarmos algumas das principais tendências observadas no campo de estudos sobre o suicídio nessa disciplinas, percebemos claramente a convergência para a exploração de uma perspectiva mais subjetiva, que pretende reintegrar as dimensões individuais, particulares e até mesmo idiossincráticas do ato de tirar a própria vida. Não há por que selecionar um outro modo de abordagem, visto que a principal tendência no âmbito das ciências sociais contemporaneamente é a tentativa de superar as oposições entre individual e coletivo, entre objetivo e subjetivo, entre estrutura e ação. Não deve estranhar, portanto, que um analista recente tenha identificado essa característica essencial das ciências sociais contemporâneas, representada pela consciência da historicidade e da contiguidade dos processos sociais, pela maior sensibilidade ao vivido, ao indivíduo, às suas capacidades táticas, estratégias e seus graus variados de reflexividade (ALVES, 2010).

No bojo desse processo, demarca-se um claro processo de revisão das relações entre a História, a Sociologia e Literatura, que contribui para superar alguns mal-entendidos muito estabelecidos nas relações entre áreas. Como se sabe, para adquirirem ares

científicos, a ciência história e a sociologia tiveram como principal meta a de diferenciar-se com relação aos saberes e modos de interpretação do universo literário e romanesco (BARRÈRE; MARTUCELLI, 2009). Mais recentemente, no entanto, os limites e fronteiras entre esses domínios foram questionados, desembocando em toda uma série de reajustes e redefinições conceituais e epistemológicas importantes, que não interessam imediatamente a esta reconstituição. Basta dizer, no entanto, que embora os textos científicos produzidos pelas duas áreas sejam reconhecidos hoje pelas suas propriedades narrativas e recorram sabidamente a tropos de linguagem conhecidos, textos literários e científicos submetem-se a exigências, potencialidades recursivas e intencionalidades que não permitiriam a simples confusão entre os gêneros (LAHIRE, 2005).

Reconhecer essas distinções, no entanto, não significa dizer que as interpretações produzidas pela literatura sejam desprovidas de interesses, como o ilustra o uso batante comum de experiências e citações literárias em textos científicos. Wolf Lepenies recordava, nesse sentido, que o próprio Durkheim fazia parte daquele grupo que não apenas conhecia obras literárias, como também as utilizava com finalidades sociológicas. Não surpreende, por conseguinte, que parte fundamental da sua classificação sobre o suicídio tenha sido claramente inspirada em exemplos literários retirados das obras de Goethe, Lamartine ou de Chateaubriand (LEPENIES, 1990).

E não é sem surpresa que nós mesmos, enquanto cientistas sociais, nos surpreendamos com o próprio esforço realizado pelo personagem Ruy da obra *Crocodilo* para entender as razões pelas quais o seu filho tirou a própria vida. Diríamos que estamos no mesmo barco da busca de sentido. Porém, diferentemente de nós, na qualidade de narrador, Javier Contreras pode explorar essa sucessão de movimentos interiores, de experiências íntimas, de pensamentos e crises internas do personagem, transitando entre as múltiplas cenas privadas e públicas, presentes e passadas (SILVA; VALENTIM, 2021). Com isso, o desespero, a dor, o luto e a busca de sentido da paternidade, a reinterpretção de si... vêm a tona,

permitindo não exatamente uma descrição fiel da realidade, mas uma oportunidade estimulante de reflexão sobre o tema. Seria justo, portanto, pensar a obra em pauta como um esforço experimental para reflexão sobre um tema atual, capaz de produzir também efeitos de conhecimento e inteligibilidade sobre a natureza contemporânea de nossas relações com o mundo. Estamos muito de acordo aqui com a ideia de que a contribuição axiológica de pesquisas como a que estamos desenhando possa ser até a de uma “terapia através da desmistificação dos verdadeiros motivos do suicídio” (MINOIS, 2018, p.131).

Porém, o que está em pauta aqui diretamente não é tanto o grau de fidedignidade do texto literário selecionado ou sua maior ou menos proximidade com experiências retiradas da realidade. O que nos interessa é verificar como o desenho dos conhecimentos e sentimentos implícitos e explícitos dos personagens recuperam um modo próprio de compreender o fenômeno do suicídio, captável no texto em si, como também nas múltiplas intervenções públicas de seu autor. Interessa, pois, conhecer as dinâmicas que e modalidades pelas quais o extraliterário se transfigura e literário e toma a forma literária. Quer dizer, desse ângulo, a representação literária do suicídio pode ser tomado como um laboratório de observação social (BARRÈRE; MARTUCCELLI, 2009) que suscita uma série de questões pertinentes para conceber a própria criação literária (LAHIRE, 2005).

A confrontação com as perspectivas teóricas delineadas suscita então uma série de questões desafiantes: Quais os esquemas de interpretação do mundo social implícitos e implícitos são colocados em ação pelo escritor ao explorar uma experiência tão dramática quanto o suicídio e seus efeitos? Quais os quadros cognitivos e culturais que são apropriados para conferir significação à obra e aos atos dos personagens? Que conhecimentos e experiências do social contribuíram para organizar a experiência literária em questão? Quais são as propriedades pertinentes das situações relatadas, os encadeamentos de ação, as circunstâncias e

efeitos de causalidade produzidos na obra em tela? Qual a trama do *Crocódilo* e sua teoria social implícita sobre o suicídio?

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, A. **O deus selvagem: um estudo do suicídio**. (S. Moreira, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999.
- ALVES, Paulo César. **A teoria sociológica contemporânea: da superdeterminação pela teoria à historicidade**. Sociedade e Estado [online]. 2010, v. 25, n. 1 [Acessado 17 Maio 2023], p. 15-31.
- ANDERSON, Olive. **Suicide in Victorian and Edwardian England**. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- ANDRÉ, Willian. Literatura e suicídio: alguns operadores de leitura. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 40, n. 2, p. e37413-e37413, 2018.
- ANDRÉ, Willian; AMARAL, L. L. O. (Org.) ; PINEZI, G. V. R. (Org.) . **Literatura & Suicídio**. 1. ed. Campo Mourão: Editora FECILCAM, 2020. v. 1. 407p
- ARIËS, Philippe, 1914-1984. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias** / Philippe Ariès; tradução Priscila Viana de Siqueira. - [Ed. especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- _____. *L'homme devant la mort*, t. I: Le temps des gisants, Paris, Seuil, coll. « histoire », 1985.
- BARRÈRE, Anne; MARTUCCELLI, Danilo, *Le roman comme laboratoire. De la connaissance littéraire à l'imagination sociologique*, Lille, Presses universitaires du septentrion, 2009.
- BASTIDE, R. Tradução: O suicídio do negro brasileiro. *Revista Pós Ciências Sociais*, 15(29), p.279-288, 2018.
- BAUDELLOT, C., ESTABLET, R. SUICÍDIO: mudança de regime. *Revista Pós Ciências Sociais*, 18(3), p.581-603, 2021.
- BERRIOS, G. E. & MOHANNA, M. **Durkheim and French psychiatric view a on suicide during the 19th century**. British Journal of Psychiatry, p. 156:1-9, 1990.

- Carvalho Filho, J. L. de, Queiroz, J. B., & Steiner, P. (2021). Ciências sociais e suicídio: revisitando os clássicos e estudos atuais. **Revista Pós Ciências Sociais**, 18(3), 417–430.
- COBB, Richard. **Death in Paris: the records of the Basse-Gedle de la Seine**. London: Oxford. DURKHEIM, Émile. (2000) O suicídio: estudo de Sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- CONTRERAS, Javier A. **Crocodilo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. Tradução Mônica Stahel. 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURKHEIM, Emile. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- FILHO, J. L. de Carvalho, Queiroz, J. B., & Steiner, P. Ciências sociais e suicídio: revisitando os clássicos e estudos atuais. **Revista Pós Ciências Sociais**, 18(3), p.417–430, 2021.
- HEALY, Rósín. **Historiographical reviews: suicide in early modern and modern europe**. The historical journal, 49, 3, 2006.
- HERTZMAN, Marc A. Diferenças fatais: suicídio, raça e trabalho forçado nas Américas. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, vol. 11, p. 1-38, 2019.
- Kovács, Maria Julia. **Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer**. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2008, v. 18, n. 41.
- KUSHNER, Howard. **Self-destruction in the promised land: a psychocultural biology of american suicide**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1989.
- LAHIRE, Bernard. **L'Esprit Sociologique**, Paris, La Découverte, 2005.
- LANE, Roger. **Violent death in the city: suicide, accident, and murder in Nineteenth Century Philadelphia**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- LEDERER, David. **Madness, Religion and the State in Early Modern Europe: A Bavarian Beacon**. Cambridge University Press, 2006.

LEMIEUX, Cyril. **“Problematizar”**. In: PAUGAM, Serge. A pesquisa sociológica. Petrópolis, Vozes, 2015.

LEPENIES, Wolf. **Trois cultures: entre science littérature l'avènement de la sociologie**. Paris, Editions de la MSH, 1990.

MACDONALD, Michael; MURPHY, Terence R. **Sleepless Souls: Suicide in Early Modern England**. New York: Oxford University Press, 1990.

MINOIS, Georges **História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária**. Traduzido por Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MUCCHIELLI, Laurent; RENNEVILLE Marc. **Les causes du suicide: pathologie individuelle ou sociale? Durkheim, Halbwachs et les psychiatres de leur temps (1830-1930)**. In: *Déviance et société*. 1998 - Vol. 22 - N°1. p. 3-36, 1998.

PAUGAM, S. (Org.) Prefácio. **Le suicide revisité: en quoi Halbwachs s'oppose à Durkheim**. In: HALBWACHS, *Le causes du suicide*. [1930]. Paris: PUF, 2002. (Coleção Lien Social)

PÉREZ JR., Louis A. **To die in Cuba: Suicide and society**. Chapel Hill, N.C.: The University of North Carolina Press, 2005.

QUEIROZ, José Benevides. Um olhar sociológico sobre o suicídio no Brasil. **Revista Pós-Ciências Sociais**, v. 18, p. 541-568, 2021.

QUEIROZ, José Benevides. **O Suicídio na Sociologia Brasileira**. Contemporânea (online), v. 10, p. 1453-1480, 2020.

ROCHA, Daniel de Macêdo et al. **Comportamento suicida durante a pandemia da COVID-19: aspectos clínicos e fatores associados**. *Acta Paulista de Enfermagem* [online]. 2022, v. 35.

SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da et al. **O suicídio no Brasil contemporâneo**. *Sociedade e Estado* [online]. 2018, v. 33, n. 2 [Acessado 8 Maio 2023], pp. 565-579.

SILVA, C. P.; VALENTIM, J. V. Uma metáfora do masculino: paternidade e luto em 'Crocodilo', de Javier A. Contreras. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, [S. l.], v. 40, p. 89-101, 2021.

SOUZA, Douglas Henrique de. História do suicídio: um balanço historiográfico. *Intellectus*, [S.l.], v. 21, n. 2, p. 181-199, dez. 2022. ISSN 1676-7640.

STACK, S. Media impacts on suicide: a quantitative review of 293 findings. *Social Science Quarterly*, v. 81, p. 957-71, 2000.

VOVELLE, Michel. **Mourir autrefois: attitudes collectives devant la mort aux XVII et XVIII siècles**. Paris: Gallimard-Julliard, 1974.

WRIGHT, David; WEAVER, John (org.) **Histories of suicide: international perspectives on self-destruction in the modern world**. Toronto: University of Toronto Press, 2009.

**CORDÃO DE OURO, ARSÊNICO E UMA ESCRAVA:
UMA LEITURA COMPARATIVISTA DE CONTOS
MARANHENSES**

Gardênia Sousa Silva Queiros¹
Cristiane Navarrete Tolomei²

1. INTRODUÇÃO

A condição da mulher, o seu corpo, seus comportamentos e expressões são objetos de estudo frequente nas diversas áreas do conhecimento, principalmente nos estudos literários. Na contemporaneidade, a situação feminina, apesar dos diversos avanços em relação ao reconhecimento de direitos pela lei, espaços de trabalho, reversão do perfil comumente associado a mulher, na prática ainda se nota uma condição de subalternidade e insegurança.

Ao retomar a situação da mulher nos séculos passados, é possível verificar a mesma condição de insegurança e subalternização a partir dos diversos documentos, relatos, periódicos, literaturas e estudos. Todavia, além da violação prática, as mulheres, especificamente as do século XIX, não possuíam “direitos” em lei. A mulher escravizada então era completamente desassistida e, portanto, violada a partir de sua própria consciência de inferioridade inculcada pelo processo colonial.

Através do projeto coletivo de pesquisa na iniciação científica “Inovações Literárias e Linguísticas e Questões Históricas do grupo ‘Novos Atenienses’ na Imprensa Periódica do Maranhão durante a Primeira República”, foi desenvolvido o plano “Inovações

¹ UFMA/CCBa, gardeniasqueiros@gmail.com

² UFMA/CCBa, cristianetolomei@gmail.com

Literárias e Linguísticas e Questões Históricas do grupo ‘Novos Atenienses’ nos periódicos Pacotilha, Diário do Maranhão e O Imparcial” (2019-2020), no qual foi possível catalogar inúmeros textos literários que colocam as mulheres como personagens de suas narrativas, ou expressam de forma indireta a ação da colonialidade no social mimético dos séculos XIX e XX.

Com o analisar dos textos encontrados e o presenciar de dois autores negros que quase sempre construíam suas tramas em contos com personagens negros, suscitou-se o questionamento: como Astolfo Marques (1876-1918) e Nascimento Moraes (1882-1958) denunciam as relações coloniais de poder sobre a mulher escravizada através de seus contos veiculados na imprensa maranhense no século XX? No intuito de presenciar a representação da mulher escravizada e sua subalternização.

Encontrados no periódico *Pacotilha*, um grande veiculador de informações de São Luís durante os séculos XIX e XX, os contos de Astolfo Marques e Nascimento Moraes denotam apropriação da temática escravocrata e, especialmente, em seus contos *O suplício da Ignacia*, publicado do dia 7 a 9 de julho de 1904, e *Cordão de ouro*, 25 e 26 de novembro de 1902, dos respectivos autores, colocam como protagonistas mulheres negras em situação de escravidão. Apesar da ficção ser pertinente ao propósito narrativo dos contos, é percebido como os autores utilizam do espaço literário para tencionar problemáticas reais que tem por espaço e tempo o Maranhão do século XIX, mas que contestam questões atuais a sua época e ao século XXI.

Dessa forma, este trabalho, objetiva, de forma geral, analisar a representação da mulher escravizada em contos de Astolfo Marques e Nascimento Moraes a partir de uma leitura comparativista das obras. Para isso, se verificará como as personagens femininas revelam a matriz colonial de poder (MCP) a partir da insubmissão, incriminação e punição; e as masculinas a partir da culpa e da impunidade; além de expor textos dos autores negros esquecidos pela crítica e suas contribuições para a visualização da vulnerabilidade da mulher negra no século XIX.

Para responder ao questionamento que motiva a produção deste trabalho, além da revisão dos contos no periódico *Pacotilha*, da leitura de referenciais sobre o feminismo decolonial, como bell hooks (2014) e Lugones (2014), buscou-se construir uma leitura de base comparativista, como propõe Carvalhal (2006, p. 88), “uma leitura que se vale do cotejo de textos para avaliar as diferenças existentes entre eles” assim como as semelhanças entre as obras *O suplicio da Ignacia* e *Cordão de oiro* para verificar a matriz colonial de poder. Esse conceito será abordado para avaliação da condição das personagens em relação ao sistema colonial, pois como afirma Mignolo (2017, p. 5) essa matriz é descrita pela inter-relação de quatro domínios, e neste trabalho se focará especialmente na autoridade, no gênero e sexualidade, assim como na subjetividade.

Assim, esta pesquisa se justifica por trazer à luz a análise de textos que não receberam a devida atenção dos estudiosos, principalmente em relação a temática aqui tratada, como também a sua importância se atesta por trazer um contraste entre duas narrativas de vozes esquecidas, com denúncias sociais acerca da situação feminina e fraturando a lógica colonial de responsabilizar mulheres subalternizadas para além do gênero, pela raça e classe, por culpas masculinas.

2. A SÁTIRA AO SOCIAL

Recorrer a textos literários para tecer críticas ao social não é uma estratégia recente. A imprensa maranhense do século XIX presencia alterações econômicas, políticas e culturais em intervalos curtos de tempo, e além de noticiar mudanças, os cronistas, poetas, romancistas, usavam das páginas de jornais para promover opiniões públicas sobre os acontecimentos. Muitas vezes a imprensa era dividida entre reacionários e concordantes ao sistema escravocrata, a república, entre outras situações, o que levava os autores a produzirem textos permeados de sátiras.

Astolfo Marques e Nascimento Moraes são reconhecidos pelos grêmios literários do início do século XX e em suas publicações

deixam entrever críticas a sociedade da época, num contexto ainda tão próximo das modificações que o Maranhão enfrentou no fim do século XIX. A historiadora Emília Viotti em seu livro *Abolição* (2010) afirma que “Apesar da indiferença da Câmara e do Senado, o número de pessoas interessados no problema do escravo crescia. A escravidão passou a ser tema literário[...]. Aqui e lá despontam críticas à escravidão” (COSTA, 2010, p. 40). Mesmo depois da Lei Áurea (1888), os autores maranhenses mencionados retomavam a questão da escravidão em suas produções, sendo Astolfo Marques o memorialista que buscava em suas composições manter a memória de seu povo acesa acerca do que outrora aconteceu no estado maranhense.

Acerca das narrativas construídas que voltavam ao período de escravidão, verifica-se no conto de Nascimento Moraes, *Cordão de ouro*, o envolvimento “amoroso” entre a escrava Domingas, muito querida por seus senhores, e o filho dos senhores, chamado Ricardo. Na narrativa em questão, o senhor moço conquista a escrava e depois de satisfazer seus desejos, a despreza por outra escrava mais jovem. Todavia, o casamento do jovem senhor se aproxima e sua mãe busca o cordão de ouro que ganhou para presentear a nora. Por fim, o cordão some e a busca por ele começa com veemência.

Na narrativa de Marques, acontece o enforcamento da escrava Ignácia em praça pública pelo envenenamento da família de seus senhores. A escrava era cozinheira da família e muito estimada pelos donos, mas um dia serve uma sopa que causa o mal em todos da casa e após investigações, os especialistas verificam que havia arsênico na sopa, sendo Ignácia culpada, presa e condenada logo na sequência.

Apesar das situações não receberem notas e explicações que clarificassem se as tramas aconteceram na realidade, percebe-se o intento dos autores ao aludirem a situações “simples” de uma sociedade escravocrata. Nos contos as famílias de senhores são apresentadas como superiores, classes inalcançáveis, detentoras de muito poder e estima social. Os escravos, por mais que colocados

em posição de estimados, são inferiores e devem respeitar os senhores acima de tudo, acordando com todas as decisões.

As protagonistas dos contos, Domingas e Ignácia, retratam o respeito com traços de revolta, mas uma revolta consciente de sua submissão. Pode-se referenciar essas representações como características da sociedade maranhense do período de servidão principalmente por serem autores que conviveram, na infância, com a escravidão, ou seja, apesar de narrativas fictícias, não se pode negar a realidade como uma fonte para a construção, pois os autores viveram no Maranhão escravocrata.

A segunda característica dessa espécie de originalidade é que ela implica uma submissão com relação à época e ao lugar nos quais vive o escritor. A “marca própria” está ligada indissolavelmente a uma consciência aguda de certos aspectos individuais de sua nacionalidade e de seu século (NITRINI, 2010, p. 140).

Nitrini acentua que existem traços no texto que estabelecem relação com a época em que foi escrito e o lugar de vivência do autor, o que torna pertinente afirmar que as narrativas exploradas neste trabalho podem carregar traços reais do Maranhão do século XIX, além de críticas ao Maranhão do século XX.

O conto de Marques é construído fora da linearidade narrativa, iniciando com a morte da escrava Ignácia e, na sequência, retomando o trajeto de fatos até chegar no momento da morte. Na primeira parte do conto, a voz narrativa constrói o cenário da praça e da forca, em seguida narra ao leitor que

Até inocentes criancinhas eram pela barbaria daqueles tempos obrigados a assistir a tão tristes e horripilantes scenas, mimoseando-as, depois, os seus pais com uma surra, seguida do indispensavel banho “de agua de sal”, para que essas inconscientes, com os

corpinhos chagados, “não aprendessem” o que viram (PACOTILHA, 1904, n.160, p. 2).³

A ambiguidade do “não aprendessem” mostra o jogo do narrador ao tornar implícito o que não era para as crianças aprenderem, ou cometer atrocidades com outras pessoas, ou cometer o crime pelo qual a escrava havia sido sentenciada. Dessa forma, o narrador de Marques faz uso das aspas para acentuar a expressão, dando foco a justificativa dos pais. Noutra parte, o narrador traz uma sátira ao sistema de justiça e sociedade da época.

Chegára a ocasião de desafrontar o crime pelo crime, e a Justiça, folgando immensamente por castigar a culpada, manda lêr em vóz alta a sentença pela qual era a escrava Ignacia condemnada a expiar a pena última, e manda executar essa sentença, sob os aplausos de uma sociedade que se acha crente de que ella cumpriu o seu devêr (PACOTILHA, 1904, n.160, p. 2).

Na adaptação feita por Matheus Gato para o livro *O Treze de Maio: e outras histórias do pós-Abolição* (2021), o conto tem retirada a palavra “ella” na última linha citada para evitar a ambiguidade de sentidos, sendo um concordante com a ideia de que a escrava cumpriu seu dever ao morrer daquela forma, e outro a sociedade cumpriu seu dever sentenciando a escrava. Em ambos os sentidos nota-se a crítica da voz narrativa ao atentar para a forma como a justiça acreditava solucionar o crime, realizando a afirmação de que era um “crime” pelo crime.

O narrador do conto de Marques finaliza sua sátira ao social com a afirmação de que “Estava feita a justiça. E os juízes, rectos, conspícuos e senhores duma provecção nunca desmentida, tinham tranquillidade a consciencia nunca immaculada...” (PACOTILHA, 1904, n.160, p. 2), transparecendo a ideia de que apesar de cometerem um

³ Todos os trechos retirados dos contos foram mantidos em sua integridade ao periódico. Por isso, não houveram alterações na forma como as palavras eram grafadas, assim como nas pontuações.

crime a vida, os homens responsáveis pelo ato não manchavam a consciência com a realização punitiva da escrava.

Diferente de Marques, que satiriza a justiça e a sociedade como um todo da época, Moraes atenta para discussões referentes ao abuso de poder dos senhores, principalmente em relação ao corpo da mulher escrava, quando afirma em seu conto que “Querendo levar a caboa empreza, sem barulho e sem alarme, como já houvera levado tantas, Ricardinho refreiu os ímpetos de raiva que o assaltavam e manso e manso foi se insinuando no animo da preta” (PACOTILHA, 1902, n. 280, p. 2). A voz narrativa do conto de Moraes reflete sobre as ações do jovem senhor, que havia se relacionado sexualmente com outras escravas sem provocar um escândalo, já que a escrava em questão tinha a estima de sua mãe “Ele não a podia violentar, como violentara muitas; só a geito. E era essa conclusão que o Ricardinho achava absurda, ilógica. Esperar a vontade de uma escrava, era ridículo!” (PACOTILHA, 1902, n. 280, p. 2).

A afirmação expressa pelo narrador norteia o leitor da situação em que Domingas estava, apesar de ser escrava e subalterna a Ricardo, confiava na estima da Sinhá. Assim, o narrador denuncia o crime do jovem senhor, que desejava violentar Domingas como violentou a tantas outras escravas, apontando ainda que o moço achava “absurdo, ilógico e ridículo” esperar a vontade de uma escrava, já que socialmente ele estava acima dela e também era seu senhor, logo Domingas era sua propriedade e sujeita a ele. Sobre a situação da mulher negra escravizada, Hooks afirma

As mulheres negras escravas que de boa vontade se submetiam aos avanços sexuais do dono e que recebessem presentes e pagamentos eram recompensadas pela sua aceitação da ordem social existente. As mulheres negras que resistiam à exploração sexual desafiavam diretamente o sistema; a sua recusa em submeterem-se passivamente à violação era a marginalização do direito dos donos dos escravos sobre si mesmas. Elas foram brutalmente punidas (HOOKS, 2014, p. 21).

A sátira à justiça e ao abuso de poder de senhores de escravos, evidencia a importância de narrativas como veículo de críticas sociais, principalmente a condição de seres escravizados. No caso dos contos estudados, a reversão do perfil feminino de ser imundo e bestializado, para um ser santificado, no caso de Ignácia após a morte, e afeiçoado em fé como Domingas, perpetua a crítica da voz narrativa referente a visão que se tinha acerca dessas mulheres no século XIX.

Assim, o uso da figura feminina negra e escravizada nas narrativas de ambos os autores, importa para discutir questões referentes a situação de poder sobre a qual o corpo feminino escravizado estava sujeito, além de discutir opressões que atingem também a mulher na atualidade. Considera-se, por fim, que os contos de Marques e Moraes, mais que representatividade, aludem ao rompimento com a colonialidade e suas instâncias de poder, o que de fato será explorado nas seções seguintes deste estudo, a partir da leitura comparativista dos contos.

3. INSUBMISSÃO, INCRIMINAÇÃO E PUNIÇÃO DA MULHER

A literatura produzida por Astolfo Marques e Nascimento Moraes muitas vezes tencionam problematizar situações vivenciadas pela população negra. No caso de Marques, com mais veemência, se observa um retrato intencional da situação do corpo negro escravizado, especialmente o feminino. Os contos dos autores maranhenses aqui explorados realizam abordagens distintas de representação da mulher negra escravizada no século XIX. Por isso, na perspectiva da comparação, nesta seção, se aproximará os textos a partir de três aspectos comuns a ambas as narrativas em relação a figura feminina: insubmissão, incriminação e punição.

Ressalta-se que dentro dos aspectos comuns existem construções distintas de situações: corpo negro sensual/objeto, a raiva do homem diante da insatisfação carnal, cenas da incriminação, a figura feminina com precursora do mal, e a punição. Sendo que os dois primeiros correspondem a categoria

insubmissão, os dois posteriores fazem parte da incriminação e a punição como situação final com contrastes em ambos os contos. Para explorar os aspectos e situações mencionados, de início serão apresentados trechos das narrativas retiradas diretamente do periódico e contextualizadas com as colocações de Lugones (2014) e Hooks (2014). Por ordem de publicação dos textos, a leitura comparativista iniciará com os trechos de contos de Moraes seguidos dos de Marques.

As dicotomias perpetuadas pelo colonialismo estabeleceram uma hierarquia de classe, gênero, raça, localidade, que deriva diversas opressões. Sobre o gênero, Quijano (2005, p. 129) ressalta que “o lugar das mulheres, muito em especial o das mulheres das raças inferiores, ficou estereotipado junto com o resto dos corpos, e quanto mais inferiores fossem suas raças, mais perto da natureza ou diretamente, como no caso das escravas negras, dentro da natureza”. Essa condição afirma que a mulher é suscetível a toda e qualquer ordem, devendo submissão a todos os que estão sobrepostos nessa lógica vertical.

O estereótipo construído acerca da mulher negra escravizada parte de sua condição objetificada, na qual a mulher escravizada não tem qualquer direito sobre si. Na narrativa de Moraes, Domingas carrega o estereótipo de mulher negra sensual, consistindo num objeto de exploração e despertar do desejo carnal dos homens de seu convívio, e não era abusada ou sujeitada por causa da proteção de sua senhora.

Preta nova e bonita, Domingas era quem fazia o reboiço da fazenda. Os pretos não a perdiam de vista; brazas de desejos queimavam-lhes, quando ella apparecia de saia curta e justa, mostrando bom pedaço de pernas, a formatura do resto a desenhar-se-lhe no vestido, e a exuberancia sensual dos seios a impor-se do cabeção aportado (PACOTILHA, 1902, n. 280, p. 2).

A beleza e sensualidade de Domingas, de início, recebia a atenção apenas dos demais escravizados, como propõe o trecho

acima. Da mesma forma, a narrativa de Marques mostra que Ignácia também tinha a atenção dos homens escravizados, destacando logo a presença de Fidélis.

A esses predicados reunia a mulata uma beleza fascinante que provocava o ciúme entre os seus parceiros, que lhe disputavam a amizade. Para um delles, o Fidélis, um prêto possante e de cara de poucos amigos, tivera ella um dia, pondo as mãos á cinta e fazendo resaltar bamboeantes os seus volumosos quadris (PACOTILHA, 1904, n. 160, p. 2).

Por mais que as narrativas se assemelhem no que tange a construção da sensualidade das personagens e o despertar do desejo, não se pode afirmar que as situações elencadas partem de uma intertextualidade, mas sim das influências comuns a concepção da figura feminina no século XIX. Como afirma Nitrini (2010, p. 138), são premissas comuns que partem do ar coletivo que os autores da mesma época respiram, ou seja, convenções literárias a partir do que se vive e observa.

Apesar da proteção de seus senhores, Domingas e Ignácia enfrentam momentos na narrativa que atestam a superioridade masculina, restando a mulher negra escravizada o local de subalterna tanto ao homem Branco, Ricardo, quanto ao homem negro escravizado, Fidélis. Mesmo reconhecendo seu local dentro da hierarquia colonial, Domingas subverte a lógica ao resistir aos desejos sexuais de Ricardo, o que levou o jovem a sentir raiva diante da insatisfação. “O branco descontentava-se com o namoro. Não acostumado com resistencias taes a sua vontade, desesperava-se, veno dia a dia formar-se e crescer aos seus olhos aquelle corpo [...]. A febre sensual tomou-lhe a alma. Domingas passou a ser sua preocupação, a sua idéa fixa” (PACOTILHA, 1902, n. 280, p. 2).

Com a insubmissão de Domingas a suas vontades, Ricardo passa a presenteá-la com diversos objetos, o que não acontece com Ignácia. A personagem do conto de Marques não aceita o namoro proposto

por Fidélis e o responde com descaso, questionando a aparência do negro. A raiva do homem surge da resposta de Ignácia.

O preto, enraivecido com a resposta que a Ignacia lhe déra, na presença dos seus parceiros, que o trotearam grandemente, jurou-lhe que lhe poria abaixo as tripas, se ella persistisse no inabalavel intuito de não accerder aos seus rogos, ameaçava esta que, todavia, não impediu que ella continuasse firme no seu proposito de resistencia (PACOTILHA, 1904, n. 160, p. 2).

A insubmissão da escravizada ainda aparece na sua resistência mesmo após ser ameaçada, o que fomenta a raiva de Fidélis. “A escrava negra viveu em constante consciência da sua vulnerabilidade sexual e em perpétuo receio que algum homem, branco ou negro, tivesse o direito sobre ela de lhe assaltar e vitimizar” (HOOKS, 2014, p. 19). Domingas e Ignácia, apesar dessa consciência, ousaram não se submeter aos desejos dos homens que lhes propuseram relacionamentos, no caso de Domingas, a insubmissão durou até ela conseguir o presente que mais queria, o cordão de ouro.

Dadas as severas condições da vida escrava, qualquer sugestão de que as mulheres negras escravizadas tinham escolha quanto ao parceiro sexual era ridícula. Dado que o homem branco podia violar as mulheres negras que não respondiam com boa vontade às suas exigências, a submissão passiva por parte das mulheres negras escravizadas não pode ser vista como cumplicidade. As mulheres que não respondiam com boa vontade à insinuação dos donos e dos capatazes eram brutalizadas e castigadas (HOOKS, 2014, p. 20).

Nota-se que Hooks (2014) apresenta uma visão sobre a resistência feminina em relação aos relacionamentos com os homens, concordando com a voz narrativa ao expressar o pensamento de Ricardo no conto de Moraes de que era ridículo esperar as vontades de Domingas, pois a própria situação de

escolha da mulher era ridícula para a sociedade da época, principalmente a escolha de parceiro sexual.

Devido a raiva provocada pelas personagens surgem as situações de incriminação da mulher. Domingas, depois de fazer Ricardo sentir raiva de suas resistências, propõe a troca de seu relacionamento por um cordão de ouro. O jovem senhor vê a situação como de simples resolução, pois guarda suas joias com as de sua mãe. A narrativa não mostra o personagem buscando a joia para entregá-la a Domingas, mas a escrava aparece com o cordão posteriormente, o que confirma o crime de Ricardo para com sua mãe. No dia de presentear a nora, não encontrando o cordão, a Sinhá deduz que Domingas se prostituiu com Ricardo.

Depois de muitas pesquisas não o pode achar; remechera a caixa de joias, onde com certeza ella havia de estar e ... nada. Indagou do marido e este não lhe soube dizer[...]. O filho declarou-lhe logo que nunca a vira, só a conhecia de nome[...]. Domingas se prostituira com o Ricardo; sim, não fora outro (PACOTILHA, 1902, n. 281, p. 2).

A mulher negra escravizada é, portanto, colocada como precursora do mal e do imoral a partir da conclusão que a Sinhá tem, pois, mesmo sabendo que Ricardo tinha poder sobre o corpo de qualquer escrava, por ser seu filho, quem se prostituiu é Domingas, apesar de Ricardo está prestes a se casar e Domingas não manter compromisso com ninguém a culpa recai sobre ela.

Muitas mulheres brancas viram as mulheres negras que eram objeto dos assaltos sexuais dos seus maridos com hostilidade e raiva. Tendo sido ensinadas pelos ensinamentos religiosos que as mulheres eram inerentemente tentações sexuais, as donas brancas frequentemente acreditavam que as mulheres negras escravizadas eram as culpadas e os seus maridos as vítimas inocentes [...]. As mulheres brancas consideraram as mulheres negras escravas responsáveis pela violação porque elas tinham sido socializadas no século XIX pela moralidade sexual em olhar as mulheres como tentações sexuais (HOOKS, 2014, p. 28).

Hooks confirma a colonialidade de poder que se institui sobre a mulher branca e, conseqüentemente, a culpa destinada a mulher escravizada, situação que se materializa na narrativa de Moraes entre a mãe, o filho e a escrava. No conto de Marques acontece o mesmo processo de incriminação da escrava, pois o senhor entrega arsênico para Fidélis colocar no galpão por causa de cupins, e mesmo diante das tentativas da escrava em se justificar, ela ainda é culpada.

Examinada a caçarola em que se cozinhára a sôpa, qual não foi a surpresa causada áquella familia, que tanto idolatrava a mulata[...]. Malvada! Miseravel! Assassina! Foram os gritos que caíram sobre a infeliz rapariga [...]. Fôste tu mesmo, malvada! Quem mais seria? Olha a bruxa a mostrar uma carinha de santa! Cínica! Infame! miseravel! Some-te desta casa, assassina! (PACOTILHA, 1904, n. 161, p. 2).

Após ser incriminada, a escrava recebe insultos que se inserem na afirmativa de Lugones (2014, p. 936-937) sobre a dicotomia hierárquica ser uma ferramenta usada para condenar a mulher colonizada, sendo julgada como bestial, especialmente no caso de Ignácia, sexual e pecaminosa, na situação de Domingas. Ou seja, a posição das mulheres escravizadas é de inferioridade, culpada e passível de punição, enquanto os senhores e os homens da narrativa superiores, impossíveis de receberem culpa ou punição.

A narrativa de Moraes constrói o aspecto punitivo como na intenção de realizar uma transformação na vida das personagens. Domingas precisa ser punida por manter um relacionamento com o senhor e por não querer devolver o cordão de ouro à Sinhá. Lugones ainda afirma que “o processo de colonização inventou os/as colonizados/as e investiu em sua plena redução a seres primitivos, menos que humanos, possuídos satanicamente, infantis, agressivamente sexuais, e que precisavam ser transformados” (LUGONES, 2014, p. 937). Portanto, Domingas na sua condição de colonizada, logicamente subalterna a sua senhora, seria punida por sua insubmissão ao pedido de devolução do cordão. A ordem da Sinhá foi: “Agarrem esta negra aqui! bradou sua sinha enraivecida.

Em dois tempos foi Domingas preza e amarrada e sumida d'ali. Era sempre assim, diziam as negras, que acabavam as amizades dos brancos" (PACOTILHA, 1902, n. 281, p. 2).

No final da narrativa, Domingas aparece velha e saindo da igreja, o narrador foca na figura que vem adiante da negra, uma jovem descalça com adornos semelhantes aos de Domingas quando mais jovem e o cordão de ouro que um dia lhe pertenceu. Assim, o narrador evidencia a subalternização de outra mulher aos senhores e conseqüentemente o poder utilizado para se relacionar com outra jovem, denunciando o crime do homem, pelo qual foi Domingas retirada da fazenda como culpada.

Em Marques, Ignácia, por mais que falasse sobre sua inocência, foi julgada e condenada como culpada. "O processo foi sumarissimo. Feito debaixo de tão irrefragaveis e esmagadoras provas, dentro de poucos dias era a Ignacia pronunciada e condemnada á pena capital, confirmando o Tribunal da Relação a sentença" (PACOTILHA, 1904, n. 161, p. 2). Sua punição foi a morte por enforcamento em praça pública, sobre os olhares de uma sociedade que acreditava ter punido o criminoso.

Ambas as situações demonstram a dominação da mulher pela matriz colonial de poder. Sua subalternização ao homem, branco ou negro, fica evidente diante das situações expostas a partir dos trechos dos textos e da análise empreendida. Todavia, apesar da apresentação da visão da sociedade da época, a voz narrativa oportuniza a denúncia da colonialidade de poder imposta a mulher, tanto pela figura da Sinhá de Domingas, que expressa o poder patriarcal ao ordenar que a escrava suma, assim como das figuras masculinas, como será notória a expressão dessa denúncia na seção seguinte.

4. CULPA E IMPUNIDADE DO HOMEM

Nos contos a voz narrativa revela comportamentos do social em relação a situação das mulheres escravizadas, o que é verificável principalmente a partir das ações dos senhores, de Ricardo e Fidélis,

assim como dos demais personagens. Todavia, além dessa construção que traz uma percepção do social, a voz narrativa contempla e expõe uma segunda versão da história, que em *Cordão de Ouro* não chega ao conhecimento da Sinhá, assim como a ameaça de Fidélis não é repassada aos senhores e a situação do verdadeiro culpado não aparece antes do seu leito de morte, mas nessa versão, que apenas o leitor recebe, existe a denúncia da culpa e da impunidade do homem. Portanto é pertinente acordar que “O texto escuta as ‘vozes’ da história e não mais as representa como uma unidade, mas como jogo de confrontações” (CARVALHAL, 2006, p. 48).

Iniciando com o conto de Moraes, o cordão de ouro era desejado por Domingas, que o recebe como presente por manter seu relacionamento com Ricardo. Quando chega o casamento do jovem senhor, sua mãe busca o cordão para presentear a nora, mas não o encontra.

Como elle, poucos no paiz; era uma joia valiosissima que devia passar de geração, em geração, como lembrança das grandezas da familia. Ella não o queria perder; mas por uma lei fatal, os homens da casa, sempre lançavam mão d'elle, para as suas perversidades. A principio fôra Paula, depois Domingas, e para o futuro quem seria?... (PACOTILHA, 1902, n. 281, p. 2)

O narrador deixa claro que a mulher sabia sobre os homens da família presentear as escravas com o cordão, ou seja, a Sinhá tinha conhecimento de que a culpa pelo cordão sumir não era de Domingas, mas sim de Ricardo, todavia, a situação colonial culpa a mulher escravizada, e essa condição aparece pela voz narrativa. Da mesma forma acontece com a narrativa de Marques, o arsênico foi entregue a Fidélis para dar fim em cupins, e depois das provas encontradas pela polícia a escrava foi culpada, apesar de dizer que não havia feito nada.

A insubmissão de Ignácia a Fidélis, ameaçou o lugar do escravo na hierarquia dos gêneros, e o negro passa de parceiro a responsável pela morte, por causa da raiva sentida diante do negar

da escrava ao relacionamento proposto. Sobre isso, Hooks afirma que “a violação das mulheres negras pelos homens negros escravizados é ainda mais uma indicação que, antes de assumir o papel de protetor, o homem negro imitava o comportamento do homem branco” (2014, p. 27). Após a morte de Ignácia, Fidélis revela ao padre e posteriormente aos seus senhores sobre o envenenamento da família ter sido obra dele, assim o caso de Ignácia retoma lugar de notícia na sociedade e há a reversão do perfil da mulher, tida como morta inocente, recebendo missas e chamada de santa.

Além de expressar a culpa do homem no curso da narrativa, o narrador do conto de Marques denuncia a sua impunidade, pois mesmo diante da confissão de Fidélis, os senhores o perdoam e ele ainda recebe a absolvição papal como é registrado no trecho a seguir.

O velho Mafra, banhado num pranto commovedôr, fez comunicar o facto ás autoridades, que corrêram a ouvir a confirmação da propria bôca do moribundo. E quando todos os membros da familia, que fôram á presença do expirante concedêr-lhe o perdão implorado, deixaram o quarto, onde já reinava fortemente o cheiro da morte, o padre Moreira tornou a achar-se junto do leito do Fidélis e lançou a absolvição á alma daquêlle homem, que ao expirar, comprimindo angustias lacerantes, se revelára aos olhos daquella familia e dos homens da lei o autôr dum crime hediondo, ignominiôso, pelo qual fôra injustamente supliciada uma mulher, cujas últimas palavras, antes de cair victima do baraço da justiça, foram: Morro innocente! (PACOTILHA, 1904, n. 162, p. 2)

No caso de Ignácia, após passar dias no cativeiro, sua sentença foi a morte diante de um olhar julgador de toda a sociedade e principalmente de seus senhores, assim como Domingas também não recebeu o perdão da Sinhá por não devolver o cordão e ter mantido um relacionamento com Ricardo. O jovem senhor casa e anos depois o cordão é repassado para outra mulher.

A' porta, converção homens que vêm sair as moças; mas de mistura com as bellas, sahem rapariga e velhas do povo. Entre estas, uma chamou attenção das circumstantes. Trajava saia de bôa seda e camisa de labyriethe fina; no alto da carrapinha penteada, enterrava-se um pente de tartaruga; não estava calçada, mas nos pulsos viam-se bonitas pulceiras; os dedos estavam cobertos de aneis e das orelhas pediam invejaveis rosetas. O que, porém, mais se admirava, era um grosso cordão de oiro que lhe dava duas voltas no pescoço e cahia fartamente sobre o peito magro e mesquinho (PACOTILHA, 1902, n. 281, p. 2)

Pela leitura, percebe-se que possivelmente a jovem não é uma das moças de fazenda por andar descalça, e todos os enfeites descritos assemelham-se aos de Domingas quando namorava Ricardo. O cordão de ouro em seu pescoço mostra a impunidade do homem branco que, detendo o poder, não possui restrições quanto aos seus relacionamentos, e mesmo ferindo a religião, não sofre intervenções sociais ou, até mesmo da esposa. Com isso, a voz narrativa denuncia a colonialidade de poder sobre a mulher, que por uma imposição advinda da lógica que coloca o homem/branco/cis/cristão como superior, não deve intervir nas relações e nos comportamentos do homem, muitas vezes até assimilando a posição patriarcal como a Sinhá faz na narrativa de Moraes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comparar obras literárias do século XX a partir de periódicos possibilitam um estudo de contato com a época narrada, principalmente ao tratar de narrativas dos autores maranhenses Astolfo Marques e Nascimento Moraes que viveram no Maranhão do século XIX onde a escravidão era efetiva. Observar as diversas vozes que permeiam o texto literário importou para visualizar a representação da mulher escravizada e sua subalternização a matriz colonial de poder, especialmente a suas instâncias autoridade, ao trazer a situação subalterna da mulher negra escravizada e punida pelos seus senhores sem direito a

justificativas. Além do gênero e da sexualidade, quando ocorre a rejeição da relação sexual que deriva a raiva do homem e a incriminação da mulher; e, por fim a subjetividade, que ocorre na remissão das protagonistas ao serem punidas ou sujeitadas a uma vida religiosa.

A partir da leitura comparativista foi possível perceber que os aspectos explorados continham semelhanças entre os contos, a saber a insubmissão é referida em ambas as obras, apesar de constar suas diferenças, sendo a personagem de Moraes, Domingas, insubmissa ao desejo de Ricardo e a ordem de sua senhora, enquanto que Ignácia, personagem de Marques, resiste aos intentos de relacionamento de Fidélis. Ademais, as personagens foram incriminadas e punidas por práticas dos homens que lhes desejaram. Enquanto Domingas foi culpada por relacionar-se com Ricardo após receber o cordão, Ignácia foi culpada por envenenar a família Mafra, que sabia do acesso de Fidélis ao arsênico.

Sobre os aspectos masculinos, apenas através da voz narrativa é possível verificar os verdadeiros culpados pelos crimes que geraram a punição das escravas, tornando nítido o pensamento social acerca da mulher escravizada, localizada na narrativa como a culpada, enquanto que a culpa do homem é denunciada pelo narrador numa margem do texto, pois os fatos sobre ambos os crimes não chegam aos personagens como se mostram ao leitor. Embora o ponto de vista da narrativa seja pessoal nos contos, existe a voz social expressa pelas falas dos senhores da família Mafra no conto de Marques e as vozes de Ricardo e dos senhores de Domingas em Moraes, que acabam reproduzindo ideias da sociedade escravocrata. Porém, a voz narrativa ocupa a posição de denunciador da injustiça, sendo uma voz que se compadece com a situação de Ignácia, ao contrário do narrador de Moraes que se mostra imparcial a situação dos personagens, não se identificando com as ações ou sentimentos, apenas denunciando as relações de poder entre a família e Domingas.

Os contos veiculados na imprensa maranhense do início de século XX, por mais que apresentem situações fictícias, utilizam uma linguagem literária simples, trazendo a fala dos personagens escravizados com recursos estilísticos que denotam a carência educacional do escravo no século XIX e a marcação, até mesmo linguística, da superioridade atribuída ao dono. Assim, entende-se que a análise revela a disposição de semelhanças e diferenças entre os contos comparados. Apesar de se assemelharem nos aspectos utilizados para a verificação da MCP, é possível notar que os narradores recorrem a artifícios diferentes para tecerem um posicionamento crítico diante da vulnerabilidade feminina e da impunidade masculina, além de sátiras ao pensamento colonial da sociedade contemporânea a narrativa. Dessa forma, a análise contribui para a exposição dos contos e visualização da ótica de narradores, construídos por homens, Marques e Moraes, sobre o homem (culpado) e a mulher colonizada (sem culpa), enquanto expõe a ótica social através das diversas vozes que permeiam o texto, colocando o homem (sem culpa) e a mulher colonizada (culpada).

REFERÊNCIAS

- bell hooks. **Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo**. Tradução livre para a Plataforma Gueto, 2014.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4.ed. ver. e ampliada, 6ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2006.
- COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. 9. ed. São Paulo: Unesp, 2010.
- GATO, Matheus (org.). **O Treze de Maio: e outras histórias do pós-Abolição**. São Paulo: Fósforo, 2021.
- LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 19 set. 2014. Tradução de Juliana Watson e Tatiana Nascimento. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 29 set. 2021.

MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade**, o lado mais escuro da modernidade. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: História, Teoria e Crítica. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2010.

PACOTILHA. São Luís, Ma, 1880-1938. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervodigital/pacotilha/168319>. Acesso em: 15 maio 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, pp. 117-142.

A LEITURA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Lucélia Almeida¹

Francisca Joziane de Matos Silva²

O professor Vincent Jouve apresenta uma obra de destaque intitulada "Por que estudar literatura?", cujo objetivo é refletir sobre a literatura como uma forma de arte e uma expressão da linguagem. O livro nos direciona ao campo do ensino, uma vez que, para leitores comuns e apreciadores das artes, nem sempre a relação com "ensino" é presente quando se estar envolto na vivência da leitura. Jouve, na obra, convida a examinar mais profundamente os benefícios e a importância do estudo da literatura.

Atualmente, coube aos ambientes formais de ensino a tarefa de "ensinar literatura", a escolha pelas obras que farão parte do acervo escolar é fruto da seleção de um grupo de especialistas; a aplicação dessa escolha, aos professores de língua portuguesa, em um curto tempo de aula dedicam um esforço de "ensinar e formar" sobre literatura, muitas vezes mais preocupados com análise linguística em suas formas de apresentação estrutural da língua, que a reflexão o objeto artístico em si; ou ainda, seguindo a orientações de manuais sobre o contexto e vida do autor.

Se por um lado, temos a preocupação sobre o ensino de literatura em ambientes formais, por outro, devemos ampliar e refletir sobre a permanência da leitura literária para além do enquadramento dessa leitura nesses ambientes. A formação literária não termina com a saída do indivíduo do seu período de formação na educação básica ou superior.

¹ Docente do Programa de Pós-graduação em Letras de Bacabal – PPGLB. E-mail: lucelia.almeida@ufma.br.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras de Bacabal – PPGLB. E-mail: jozianesilva1405@gmail.com.

Um fato recente da história mundial revelou que durante o período mais intenso da pandemia de COVID-19, em 2020, houve uma grande busca pelas artes. Inclui-se, de forma significativa, a leitura literária. No Brasil, pelas redes sociais se percebeu esse movimento, as universidades promoveram inúmeros eventos abertos, rodas de leituras, conversas *on-line* com escritores, bate-papos literários, transmissões via *Instagram*, foram algumas das iniciativas em que se pode observar uma certa efervescência literária. A busca por indicação de obras, todavia, revelou uma certa preocupação: a parva formação de leitores, que desconhecem aquilo que, em tese, faria parte de sua formação básica média.

A LEITURA LITERÁRIA

O questionamento proposto por Jouve em sua obra, no capítulo intitulado "É preciso ensinar literatura?", ressalta a importância do ensino da literatura, especialmente no contexto da formação do leitor. Em ambientes educativos, é essencial e necessário dedicar tempo ao ensino da literatura. Essa afirmação é fundamentada no fato de que a literatura está intrinsecamente ligada à história da cultura. Conforme afirmado por Bakhtin (2017), "a literatura é parte inseparável da cultura de uma época". Dessa forma, ao ensinar literatura, estamos proporcionando aos alunos uma compreensão mais profunda e abrangente da cultura e da sociedade em que estão inseridos.

Uma obra literária como uma parte inseparável da cultura apresenta, pela imaginação de seu criador, experiências e momentos diferentes, que poderá transportar o leitor, também pela imaginação, no tempo e espaços diferentes. Ao ler uma obra, nos assemelhamos a um viajante num túnel que pode nos projetar tanto para o passado de nosso próprio país ou de um país estrangeiro. Uma obra literária pode nos transportar para uma galáxia imaginária, que existe em paralelo à nossa realidade, ou até mesmo nos levar a viagens reveladas por diversas cidades ou ao interior de nossos próprios seres.

Ao defender a importância de uma obra, estamos inerentemente falando que a obra *necessita ser lida*, o que parece uma obviedade. Quando falamos de leitura literária nos ambientes de ensino, nos referimos aos estabelecimentos de educação formal, particulares ou públicos, em diferentes níveis. Assim, uma obra comunica, mostra, instiga. Pode ou não agradar, todavia, para isso, ela tem que ser consumida. Nas palavras de Jouve (p. 137, 2012):

o (simples) leitor percebe certo número de *informações* veiculadas pelo texto; o comentador identifica ou constrói *saberes* a partir dessas informações; o professor transforma esses saberes em *conhecimentos*. Um *saber* não se torna efetivamente *conhecimento*, a não ser que seja objeto de uma reapropriação pessoal que passa pela tomada de consciência. (grifos do autor, Jouve (p. 137, 2012))

Dessa maneira, o primeiro passo para a efetiva apreensão do mundo literário e, por conseguinte, de seus benefícios de apropriação e tomada de certa consciência, é a leitura das informações contidas numa obra, como, inicialmente, leitores comuns. É dessa atividade de leitores comuns que estamos nos afastando a cada dia e que precariza o nível basilar médio.

Retomamos a afirmação de Jouve (2012) quando diz que “um *saber* não se torna efetivamente *conhecimento*, a não ser que seja objeto de uma reapropriação pessoal que passa pela tomada de consciência” (p. 137), ora uma “reapropriação” dá-se primeiro pela apropriação inicial de algo, para somente, então haver uma “re”apropriação. Se o indivíduo não se apropria de leituras literárias, seja por orientação objetiva, no caso adquirido pelo “ensinar literatura”, seja por uma iniciativa subjetiva, em que a personalidade não está diretamente guiada por outrem, dificilmente esse indivíduo conseguirá ampliar a sua tomada de consciência, comumente falando, nada vem do nada.

O conteúdo da obra literária é uma parcela da cosmovisão de um autor, que será inicialmente apropriado por um leitor, do mesmo tempo do autor ou de outro após a obra publicada. Dessa

configuração de conteúdo-autor-leitor, podemos inferir uma relação intrínseca: é necessário alguém para produzir um determinado conteúdo, assim como é necessário alguém que consuma esse conteúdo.

O consumo da obra se dá por meio da leitura. Na literatura brasileira, é possível conhecer e saber o nome de alguns autores, que são frequentemente citados em manuais didáticos e em *posts* de citação de atribuição de autoria duvidosa que circulam nos meios midiáticos. No entanto, essa lista não constitui uma base sólida e confiável do que é considerada para o leitor literário. Saber os nomes dos grandes autores, como Machado de Assis, Clarice Lispector, Raquel de Queiroz, Lima Barreto, ou os contemporâneos Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Milton Hatoum, não é sinônimo de conhecimento literário.

Se retomarmos a pergunta sobre por que estudar literatura, levantada na obra de Jouve, os manuais, leis e orientações curriculares nos apresentarão uma lista de motivos e razões bem delimitados e justificados. Em todos eles, o foco centra-se no conhecimento do conteúdo das obras. Esse conhecimento só pode ser adquirido, em sua base, inicialmente por meio do consumo dessas obras por leitores comuns, para depois esse conhecimento ser “re”tomado.

LITERATURA, LINGUAGEM E VIDA SOCIAL

Mikhail Bakhtin, em seu livro "Estética da Criação Verbal" (2010), especificamente no capítulo intitulado "Gêneros do Discurso", promove uma discussão acerca dos estudos da linguagem e suas relações com a história, cultura e sociedade. Para ele, as relações protegidas entre a linguagem e a sociedade são indissociáveis. Nesse sentido, o autor discute três conceitos fundamentais: Língua, Enunciado e Gêneros do Discurso. Esses conceitos, para Bakhtin, estão intimamente ligados, a partir do momento em que ele menciona:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...) A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dois integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana (BAKHTIN, p.261, 2010).

Assim, os enunciados refletiriam como condições e orientações específicas de cada uma dessas esferas, pressupondo um ato de comunicação social, sendo uma unidade real do discurso. Sabendo-se ainda que cada esfera de uso da língua elabora suas formas-padrão "relativamente estáveis" de enunciados, que dialogam entre si e são denominados assim de gêneros do discurso. Nessa linha de pensamento, a utilização de uma língua ocorre sempre por meio de um determinado gênero, seja permeada pelas orações ou pelas palavras. Só nos comunicamos, escrevemos e falamos por meio deles, mesmo que não tenhamos noção disso.

Na noção proposta por Bakhtin (2010b), a linguagem se constitui como um fenômeno social, histórico e ideológico. Nesse interim, o autor define como gêneros do discurso justamente estas formas estáveis de enunciados citadas anteriormente, elaborados de acordo com condições específicas de cada campo que envolve a comunicação verbal. Esta conceituação remete-se a situação sócio-histórica de interação que envolve tempo, espaço, os participantes dessa situação comunicativa, a finalidade discursiva e o seu devido suporte midiológico, podendo concluir que cada esfera produz seus próprios gêneros.

O discurso, portanto, existiria em formas de enunciados, considerados unidades concretas e reais de comunicação discursiva. Essa comunicação não se restringe a "processos ativos de discurso do falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte" (BAKHTIN, 2010b p. 271). Na verdade, neste processo existe uma interatividade entre os sujeitos falantes, o interlocutor assume diante de um

enunciado uma ação chamada de responsiva, pois, ao compreender o significado do discurso, ele concorda ou discorda, podendo-o completá-lo. A enunciação, para Bakhtin, seria então o resultado da interação estabelecida entre o locutor e o interlocutor, tendo este, um papel importante na formação da enunciação, pois o locutor constrói seus atos enunciativos dependendo do seu interlocutor.

A enunciação pode ser caracterizada pela alternância nos atos de fala, em uma relação dialógica, e por meio desta, pois as palavras de um falante podem, de certa forma, ser atravessadas pelas palavras do outro. O dialogismo se estabelece como uma característica do funcionamento discursivo em que se encontra presente como reestruturações de várias vozes. O discurso é composto por vários discursos, determinando o que o autor chama de polifonia. Essa dimensão polifônica se dá pelas várias instâncias enunciadas presentes dentro de um único discurso e é construída histórica e socialmente.

A língua de acordo com Bakhtin, em seu uso concreto é de essência dialógica, e essa dialogia não se restringe apenas no diálogo face a face, pelo contrário, existe uma dialogização interna da palavra que se perpassa pela palavra do outro, significando dizer que qualquer pessoa no ato de fala, considera dizeres anteriores aos seus e que esses dizeres, portanto, estão presentes na sua. Mediante isso, Bakhtin considera que:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da **orientação natural de qualquer discurso vivo**. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, **o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar**, com ele, de uma interação **viva e tensa**. Apenas o **Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem**, ainda não desacreditando, somente este Adão podia realmente evitar por completo essa mútua-orientação do discurso alheio para o objeto. (BAKHTIN, 2010, p. 88).

A partir do mencionado na citação, pode-se concluir que é próprio da naturalidade do discurso ser interpelado e mediado

pela passagem das palavras do outro, e é a partir desse diálogo que se constrói a consciência individual do falante, sendo resultado de um diálogo inter-consciências. Os enunciados assim carecem de qualquer tipo de relação com o outro e por isso, as identificações dialógicas são significativas, pois identificam a voz social, localiza e estabelece possibilidade de tensões com outras vozes, inclusive aquelas que são internas. E através dessa dialogicidade apresentada pelos gêneros secundários mais complexos, que a obra literária pode ser esse gênero capaz de trazer à tona essas várias vozes estabelecidas na sociedade, de forma cultural e histórica.

A imbricação dos enunciados e a construção de uma vida social por eles, fazem parte, assim como Bakhtin, das reflexões de outro autor. Antonio Candido, em "Literatura e Sociedade" (2006), mais especificamente no debate fornecido pelos capítulos "Crítica e Sociologia" e "A literatura e a Vida Social", expõe abordagens sobre a contribuição das ciências sociais para o estudo literário, descortinando assim um estudo sobre as relações entre a obra e seu alojamento social. Leva em consideração duas posições que estão imbricadas nessas contribuições e que possibilitam a chave para a compreensão da obra literária. A primeira dessas duas posições é o fato de o valor e o significado da obra dependerem dela expressar ou não certo aspecto da realidade. Em posição oposta, chegou-se à conclusão de que a matéria de uma obra é secundária e que sua importância deriva das operações formais que estão em jogo.

Desse modo, segundo o autor, procurar-se-ia um ponto de vista objetivo, sem que fosse preciso desfigurar nem para um lado nem para o outro. E assim, Candido persistiu ao afirmar que hoje a integridade de uma obra não permite adotar nenhuma dessas maneiras dissociadas, pois trata-se de peculiaridades que tornam a obra um fato independente de quaisquer acomodações. Entenda-se a partir disso que só podemos entender-la fundindo o que se denomina texto e contexto em uma espécie de interpretação íntegra, combinando assim os dois momentos necessários para um processo interpretativo.

O autor destaca para que saibamos “ainda, que o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, por tanto, interno” (Candido, 2006, p. 14). Por isso, o que o autor busca evidenciar, é que nos estudos, se possa encarar a obra literária como um conjunto, séries de fatores sociais que agem sobre a formação da mesma. Tomando o fator social como um agente que não disponibiliza apenas as matérias, mas que atua diretamente na constituição do que há de essencial na obra, enquanto obra de arte, ou seja, sua estrutura. Devendo-se perceber a literatura como um todo que não pode ser indissociável, resultando em um tecido formado por características sociais distintas, mas que são complementares (cada coisa vive e atua sobre a outra).

De acordo com Candido (2006) ainda, um caráter sociológico de estudo deve-se partir de uma análise que nos leve a intimidade da obra, os fatores que atuam na organização interna, para que se possa constituir uma estrutura peculiar. Percebendo a obra em um nível sociológico mais complexo e profundo, não apontando apenas as dimensões sociais evidentes, como referência a lugares, usos, manifestação de grupos ou de classe, mas o que acontece depois disso, penetrando no assunto que ao identificar e compreender, revelam os significados.

Diante disso, propõe que seja estabelecida uma distinção de disciplinas, tratando a sociologia da literatura ou crítica sociológica como uma corrente crítica que busca compreender a produção literária como partícipe de um contexto maior, ou seja, o fenômeno literário é visto, a um só tempo como reflexo e como influência da sociedade em cujo seio é produzido. Nessa medida, seria correto afirmar que a sociologia da literatura se preocupa fortemente com a configuração dos contextos sociais, econômicos e políticos como determinantes das motivações e modos de realização literária, “pois esta não propõe a questão do valor da obra, e pode interessar-se, justamente, por tudo que é condicionamento.” (CANDIDO, 2006 p.14).

A literatura e a vida social, para o autor, estão interligadas, pois, a literatura passa a ser também um produto social, já que expressa condições de cada civilização em que se forma/constitui. O poeta e o escritor enquanto artistas transformam tudo que passa por eles, combinando a realidade que os mesmos absorvem com as próprias percepções, devolvendo ao mundo uma interpretação que lhes são próprias e subjetiva, estando longe de ser meramente um espelho refletor. Assim, deve-se pensar a respeito da influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte, bem como a influência que a própria obra exerce sobre o meio. A arte pode então, ser uma expressão da sociedade, já que descreve modos de vida e interesses de determinadas classes, não deixando de considerar o teor de seu aspecto social, ou seja, o quanto se interessa nos problemas sociais.

Dessa maneira, Candido (2006), toma autor, obra e público como três elementos principais que fundamentam e possibilitam a comunicação artística, analisa ainda como a sociedade define a posição e o papel do artista, como a obra depende de recursos técnicos para expor os valores propostos e, de que maneira se configuram os públicos. Sendo formada assim a tríade contextualista capaz de explicar os sentidos da relação sociedade-arte. A ligação entre sociedade e arte não ocorre de maneira tão simples, trata-se de um viés de mão dupla. Dessa posição social específica, surge o que o autor chama de arte coletiva, sendo uma arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parecem dissolver-se nele.

Dessas exposições sobre vida social e linguagem é que consideramos a leitura literária como relevante na formação de leitor. Candido alerta para uma função social muito forte da literatura, que garante a visibilidade de problemas sociais enfrentados por determinada sociedade. Esses problemas são representados pela obra de arte, assumindo, assim, um papel relevante na construção cultural da sociedade. É para o leitor que o autor constrói um conteúdo, não especificando se para um

especializado ou comum, apenas leitor. A especialização virá como consequência.

O escritor, nesse sentido, tem consciência de que o conteúdo de sua obra exerce uma função na sociedade de seu tempo e que a obra poderá contribuir para a resolução de problemas relacionados. Em *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, autoria de Antonio Candido, encontramos várias análises de obras de autores em momentos considerados marcos histórico-sociais e sua inserção no contexto social e histórico em que foram produzidos. Essa tentativa busca traduzir, por meio da literatura, o próprio Brasil.

Ao analisarmos as obras da escritora Conceição Evaristo, como "Olhos D'água", "Ponciá Vicêncio", "Becos da Memória" e "Insubmissas lágrimas de Mulheres", demonstramos em comum uma conscientização dos problemas sociais e existenciais refletidos em suas obras, que buscam ser expressos na configuração de seus textos. São contos e romances que visam retratar a realidade das pessoas negras. Historicamente, tanto autores negros quanto a representação de personagens negros não receberam amplo destaque na literatura. O sucesso das obras da escritora está relacionado também ao atual momento cultural vivido, no qual há uma forte demanda por posicionamento contra a discriminação racial no Brasil.

Se falamos sobre o sucesso de Conceição Evaristo entre os leitores, ainda estamos nos referindo principalmente aos leitores especializados, que estão ávidos por descobrir novas pesquisas e construir teses, monografias e dissertações a cada nova publicação literária da escritora. Isso é excelente, pois reafirma a qualidade do seu trabalho e sua consolidação no nível acadêmico. Com isso, não estamos criticando os leitores especializados, nem contradizendo nossa afirmação anterior sobre a falta de leitura por parte do leitor comum. Estamos apenas ressaltando que ainda existe um nicho específico que não ultrapassou outras classes da sociedade, e a leitura literária ainda não é suficiente para a grande maioria da

população. É essa maioria que carece ter amplo acesso à leitura literária no Brasil.

A consciência individual que a escritora traduz pela obra é o que Candido (2006) descreve como a relação entre o indivíduo e o grupo. Essa relação é dinâmica, quando o agente dar vida a uma expressão artística única e original. Além disso, é necessário que o público reconheça o artista como intérprete da sociedade, que expressa emoções, experiências ou vivências e cosmovisão do mundo social e historicamente situado. O que vemos é uma relação complexa. É da confluência entre o individual e o coletivo que apontamos para o segundo elemento: a configuração da obra.

O que uma obra comunica se materializa na relação que o autor tem com o seu tempo. Se ainda citamos Conceição Evaristo, verificamos em sua obra, *e.g.*, a temática feminina negra. Em “Olhos d’água” há uma pergunta recorrente “de que cor eram os olhos de minha mãe?”, podemos identificar uma forte presença da temática feminina negra, que reflete as experiências, as lutas e as vozes das mulheres negras. Ao buscar, pela memória, uma lembrança sobre a mãe, nos deparamos com uma personagem marcada pela fome e condições familiares muito precária: “sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido passando por uma breve adolescência” (EVARISTO, p. 16, 2014).

A maioria da população em situação de pobreza e precariedade no Brasil, obriga os jovens desde cedo a buscar formas de sustento para ajudar na renda da família. Muitas meninas são postas em trabalho doméstico em casa de famílias, o que abrevia outras aspirações. Para mulheres negras a situação é recorrente. Não há dificuldade em encontrar, seja no relato de quem contrata ou da contrata, um perfil preponderante da empregada doméstica: mulheres negras. Esse perfil é o da grande maioria da realidade brasileira, em todas as regiões. Dessa realidade da situação da mulher negra, vista e vivida por Conceição é que recorrente em sua obra.

Um exemplo de violência é situação de mulheres, negras, empregadas domésticas, que sofrem não apenas no ambiente interno de trabalho como externo. No conto “Maria” a personagem com mesmo nome está em retorno para casa, quando é envolvida numa situação de assalto. É agredida, linchada, é morta. Sem direito a proteção ou defesa. Essa identificação temática é o que comunica a obra de Conceição. Relações abusivas, marcadas pela falta de respeito, pela violência física e emocional e pelo silenciamento de suas vozes se transmudam em conteúdo, na forma de contos e romances.

A intenção artística do autor é fundamental para engendrar conhecimento sócio-histórico, estabelecendo uma relação entre a criação literária e a sociedade. No entanto, essa relação não pode ser plenamente estabelecida sem a presença de um outro elemento igualmente importante: o leitor. É o leitor, o público, que perpetuará e manterá viva a interação entre literatura e sociedade. Revisitando periodicamente os conteúdos construídos por um conjunto de autores conscientes de seus papéis, essa relação se fortalece ao longo do tempo, o que podemos inferir que a relação dialógica em autor-obra-leitor .

A dinâmica de uma relação dialógica leitor-obra-autor pode ser verificada em a escritora Carolina Maria de Jesus, que obteve grande destaque nacional em sua época por revelar seu dia-a-dia por meio de sua obra. Sua vivência cotidiana era marcada pela extrema pobreza, e seus relatos demonstravam situações de depressão, medo e choque em relação às aspirações de um indivíduo. A fome, a violência, o abandono e a vulnerabilidade de crianças e adultos são temas presentes em sua obra, que retratam a precariedade e a falta de condições necessárias para uma vida digna. Carolina Maria de Jesus conquistou sucesso por um breve período em seu tempo, mas hoje sua obra é revisitada com a mesma ênfase, especialmente quando se aborda as temáticas cotidianas da vida nas favelas.

Esses exemplos evidenciam como a recepção da obra de autores negros é moldada pelas influências sociais. Os leitores negros, ao se

identificarem com as experiências e as questões abordadas por esses escritores, encontram sensação e um espaço de representatividade. A interação entre a obra, o autor e o público cria um diálogo que transcende as páginas e estimula a reflexão sobre identidade, desigualdade e lutas por justiça social. Quando tratamos sobre a importância da leitura literária na formação do leitor nos referimos que, por se tratar de uma relação dialógica com a sociedade, a leitura literária traduz, muitas vezes, o incomunicável.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Gêneros do Discurso. In *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6º Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Questão de literatura e estética: a teoria do romance*. Hucitec, Janeiro: 2010c.

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro 2006.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

JOUBE, Vicent. *Por que estudar literatura?*. Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

ANDRÉ FELIPE RIBEIRO

Mestrando em Letras/PPGLB pela Universidade Federal do Maranhão. Prof. especialista em MBA/Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo. Possui especialização em Metodologia de Língua Inglesa e Docência do Ensino Superior. Atua como professor do quadro efetivo da cidade de Pedro do Rosário – MA e como monitor de Inglês pelo Núcleo de Cultura Linguística - NCL/UFMA.

ANTONIA KARINE DO NASCIMENTO ROSENDO

Tem graduação em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (2014) e 2ª Licenciatura em Pedagogia pela Unifacvest (2019). É especialista em Educação, Pobreza e Desigual, pela instituição Universidade Federal do Maranhão- UFMA, e em Literatura Contemporânea pela Faculdade São Luís. É especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e é discente do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (PPGLB/UFMA). Trabalhou como tutora presencial E-TEC UEMANET da Universidade Estadual do Maranhão professora do curso regular de Letras na mesma instituição. Trabalhou como Professora contratada na SEMED de Santo Antônio dos Lopes Atualmente é professora efetiva da secretaria municipal de educação de Presidente Dutra – MA.

ANTÔNIA LUZIANE SILVA DE CASTRO

Possui Licenciatura em Letras, habilitação Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atualmente, é discente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), pela Universidade Federal do Maranhão, atuando na linha de estudo Texto e Discurso. Durante a Licenciatura em Letras, foi bolsista do

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Possui experiência na área de Letras com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, texto, leitura, argumentação e análise do discurso.

ARLEY BEATRIZ LOPES VIEIRA

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão, campus Bacabal - MA. Participante do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudo Impressionismo Literário (NEIMP); Participante do Grupo de Pesquisa Literatura, Enunciação e Cultura (LECult); Pesquisadora dos textos produzidos por Domício da Gama em jornais do século XIX. Pós-graduada em Literatura e Ensino, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal - (PPGLB)

CLERIA LOURDES MOREIRA PEREIRA

Mestranda em Letras/PPGLB da Universidade Federal do Maranhão, possui especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas; Língua Portuguesa e Literaturas Portuguesa e Brasileira, atua como professora do quadro efetivo da rede pública estadual, no Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA.

CRISTIANE NAVARRETE TOLOMEI

Professora Adjunto III da Coordenação de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE /2001), com Mestrado em Letras (Teoria da Literatura) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE/2004) e Doutorado em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2010). Pós-Doutora em História Literária pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis/2013), sob a supervisão da Profa. Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa. Pós-

Doutora, com bolsa CNPQ-JR, em Estudos Comparatistas pela Universidade de São Paulo (2015 e 2017), sob a supervisão do Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior. Pós-Doutora, com bolsa FAPEMA, em Literatura Comparada na Universidade do Porto, sob a supervisão da Profa. Dra. Isabel Pires de Lima. Bolsista de Produtividade do CNPq - nível 2. Docente permanente dos Programas de Mestrado em Letras de Bacabal, linha de pesquisa 2: Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber; e do Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, na linha de pesquisa 1: Expressões e processos socioculturais. Integrante da equipe do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia n. 21/2018/CAPES - UFMA/UEMA/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa marginalia (Estudos Decoloniais) e vice-líder do Grupo de Estudos Raça, Gênero e Sexualidade (GERS/UFU), ambos registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Como experiência na captação de recursos, a docente já aprovou vários projetos de pesquisa pelo PIBIC-UFMA/CNPq/FAPEMA-UNIVERSAL-EVENTOS-PUBLICAÇÃO. Atua na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Estudos Decoloniais, Literatura e Imprensa, Literatura e História, Estudos Queirobianos.

DILSON CÉSAR DEVIDES

Doutor em Estudos Literários pelo IBILCE/UNESP. Atualmente é professor da Universidade Federal de Mato Grosso, campus do Araguaia. Atua também como docente e orientador nos cursos de pós-graduação stricto sensu de Letras (PPGLB/UFMA) e Estudos da Cultura Contemporânea (PPGECCO/UFMT). Vem desenvolvendo pesquisas sobre adaptação literária para novas mídias (internet, videogames) e sobre literatura espírita aplicada à biblioterapia.

EDNÓLIA DA SILVA FARIAS

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal (PPGLB), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Membro do Grupo de Pesquisa Literatura, Negritude e Diversidade

(GEPELIND). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão; Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela UFMA; Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual do Maranhão (2002). Tem desenvolvido estudos sobre negritude, maternidade e ensino de Sociologia em escolas públicas.

EVANY DA CONCEIÇÃO DO NASCIMENTO

Graduada em Letras – habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e respectivas literaturas (UEMA); Integrante do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND); Especialista em Literatura brasileira pela Faculdade de Educação São Luís. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal (PPGLB), da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: evannynd@gmail.com.

FÁBIO JOSÉ SANTOS DE OLIVEIRA

Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP) e Université Paris 8, é pós-doutor pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) e pós-doutor pela Sorbonne Université. Ele tem, publicados, alguns livros de contos, poesia e crítica literária. Atualmente, Fábio de Oliveira é professor adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe (campus Prof. Alberto Carvalho), é professor do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB/UFMA), na linha de “Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber”, e é professor do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFS), na linha “Literatura e Recepção”. Fábio de Oliveira coordena, também, o Grupo de Pesquisa em Literatura e Visualidade – LiteVis (CNPq/UFS), através do qual desenvolve pesquisas sobre a relação entre a Literatura e as artes do campo da visualidade.

FAGNER GOMES DO NASCIMENTO

Mestrando do programa de pós-graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, possui graduação em

Letras - Inglês e Português e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão (2014). Atualmente é professor de língua portuguesa e Inglesa da Prefeitura Municipal de Santa Inês (MA). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Discurso, Escrita e Formação - GPDEF. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: texto e discurso, análise do discurso e formação discursiva.

FRANCISCA JOZIANE DE MATOS SILVA

Graduada no curso de Licenciatura plena em Letras e suas respectivas literaturas, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestranda no PPGLB- Programa de Pós-Graduação em Letras, UFMA, Bacabal, na área de concentração Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber. Integrante do grupo de pesquisa e estudo, Literatura Enunciação e Cultura (LeCult), na Universidade Federal do Maranhão, campus Bacabal.

FRANCO BAPTISTA SANDANELLO

Doutor e pós-doutor em Estudos Literários pela UNESP, com estágios pós-doutorais na Université Sorbonne Nouvelle e na Université Lumière Lyon 2. Professor da Academia da Força Aérea; professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFSCar; professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da UFMA; e pesquisador colaborador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa. Possui trabalhos publicados em Portugal, França, Dinamarca, República Tcheca, Estados Unidos e Argentina. Suas obras mais recentes são a reedição d'*O Cromo*, de Horácio de Carvalho (Univ. Lisboa - Ed. UNESP, 2021), e a coletânea de crônicas inéditas de Domício da Gama, *De Paris* (Alameda, 2020).

GLÓRIA FRANCA

Professora Adjunta do Departamento de Letras, e do PPGLB Mestrado em Letras (Bacabal), da UFMA. Possui doutorado em cotutela de tese - Doutorado em Linguística, pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) - na UNICAMP, com bolsa FAPESP, e Doutorado em Ciências da Linguagem, pela École Doctorale Erasme, Laboratório Pléiade, da Université Paris 13 Sorbonne Paris Cité (Bolsa CAPES/PDSE). Mestrado em Ciências da Linguagem, Linguagem, pelo Institut de Linguistique et Phonétique Générales et Appliquées, ILPGA, pela Universidade Paris 3 - Sorbonne Nouvelle. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (2008). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Discursos, Interseccionalidades e Subjetivações (GEPEDIS/CNPq), com o projeto em curso "Discurso, cultura e silenciamentos: uma leitura interseccional/decolonial de processos de identificação" (2021-2023). Integra o grupo de pesquisas Mulheres em Discurso/ CNPq, coordenado pela prof^a. Dr^a. Monica Zoppi-Fontana e é membro associada do Laboratório Pléiade/ Paris 13. Desenvolve e orienta pesquisas no campo da Linguística, com enfoque na articulação entre Análise do Discurso (em sua vertente materialista) e Estudos interseccionais e epistemologia decolonial.

GARDÊNIA SOUSA SILVA QUEIRÓS

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras - Bacabal (UFMA/CCBa), vinculada a linha de pesquisa Literatura, Cultura e Fronteiras do saber (2022). Licenciada em Letras-Português pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA/CCBa). Integra o Grupo de Pesquisa Marginalia (Estudos Decoloniais). Fez parte do Grupo de Estudos e de Pesquisa Literatura, História e Imprensa de 2018-2020 (GEPELHI/UFMA). Foi membro do Centro de Documentação e de Pesquisa Maria Firmina dos Reis (CEMDOP/UFMA). Pesquisadora Voluntária (PIBIC-V/UFMA) em 2018; atuou como bolsista (PIBIC/UFMA/CNPq) de agosto de 2019 a julho de 2020; e bolsista (PIBIC/UFMA/FAPEMA) de agosto de 2020 a setembro de 2021.

HELLEN PESSOA DE SOUSA MIRANDA

Aluna de graduação em Letras de Bacabal, da Universidade Federal do Maranhão. Vem desenvolvendo pesquisa de Iniciação Científica (PVCEL2747-2021) acerca da expressão da posição de advérbios qualitativos e modalizadores terminados em *-mente*, com base em textos escritos nos séculos XVIII, XIX e XX.

HELOÍSA REIS CURVELO

Doutora, mestre e especialista em Linguística, Professora de Língua e literatura do Curso de Letras/Espanhol, Campus Dom Delgado/UFMA, Professora Programa de Pós-graduação em Letras/Mestrado acadêmico, Campus Bacabal/UFMA, Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Toponímia Maranhense: estudos sobre os topônimos do Maranhão orienta pesquisas em Iniciação Científica, atua no âmbito da Lexicologia, mas especificamente, com estudos direcionados à Toponomástica. É adepta das Metodologias Ativas de aprendizagem, dos princípios da Andragogia e de práticas pedagógicas que envolvem gamificação.

JAQUELINE DE SOUSA MACEDO

Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí (2013) e graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí (2007). Especialista em Literatura e Estudos Culturais pela Universidade Estadual do Piauí, Especialista em Educação a Distância pela Universidade Estadual do Piauí e Especialista em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente é professora pela Secretária de Educação do Maranhão (SEDUC-MA). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nas seguintes áreas: Produção Textual, Literatura e Sociedade, Libras, Alfabetização e Escrita de sinais

JAYNNE SILVA DE SOUSA BORGES

Mestranda em Letras do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal (PPGLB). Bolsista do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação da CAPES. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. Membro do grupo de pesquisa Ficção Científica e Gêneros Pós-modernos na Era Digital – FICÇA (CNPQ).

JOÃO VITOR CUNHA LOPES

Licenciado em Letras - Português pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bacharelado em Direito pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística do Maranhão (GPeS-MA/UFMA). Atualmente, é professor substituto na Universidade Estadual do Maranhão (Campus Lago da Pedra). Tem interesse na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística Variacionista, atuando nos seguintes temas: português maranhense; variação morfossintática; variação e mudança linguística.

JOSÉ ANTÔNIO VIEIRA

Doutor e Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Professor Adjunto e Diretor do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão/UEMA, Campus Pedreiras. Professor do Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado) do Centro de Ciências, Educação e Linguagem/CCEL, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, Campus Bacabal. Líder do Grupo de Pesquisa Discurso, Escrita e Formação/GPDEP/UEMA.

LUÍS HENRIQUE SERRA

Doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, graduou-se em Letras (línguas e literaturas inglesas e portuguesa) pela Universidade Federal do Maranhão. É líder do Grupo Estudos em Terminologia,

Texto e Discurso – GETTEX. É professor permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e da Coordenação do curso de Letras do Centro de Ciências de Bacabal da Universidade Federal do Maranhão. É coautor do dicionário crítico de Domingos Vieira Filho e organizador de coletâneas de estudos linguísticos. Suas áreas de atuação são: Terminologia; Estudos do Léxico; Estudos do Texto e do Discurso das ciências e das áreas técnicas; Ensino de Língua Materna e Estrangeira; Texto e Discurso.

LUCÉLIA DE SOUSA ALMEIDA

Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão UFMA, Centro de Ciências de Bacabal - CCBa/MA. Líder de Grupo de Pesquisa Literatura, Enunciação e Cultura - LECult e Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Cultura, (UNB). Professora permanente do Mestrado Acadêmico em Letras, UFMA, Campus Bacabal, orienta trabalhos na linha de Literatura Cultura e Fronteiras do saber. Possui Doutorado em Letras (2019) pela Universidade de Brasília - UNB, Mestre em Letras (2015) pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, possui pós-graduação em Informática em Educação (2008) pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, graduação em Letras/Português (2005) - Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Membro efetivo do Conselho Editorial Consultivo e Integrante da Comissão Editorial da Revista Hon no Mushi. Membro da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Tem experiência na área de Letras Literatura, Memória e Cultura; Literatura e Sociedade; Estudos de base teórica relacionadas com as concepções de Mikhail Bakhtin, na literatura e em outros discursos; Estudos sobre Riso e Literatura; Crônica Literária. Atualmente foi eleita para a Direção do Centro de Ciências de Bacabal, CCBa/UFMA (2022-2026).

MAYARA APARECIDA BATISTA DE SOUZA

Graduada em Ciências Humanas - Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Foi Integrante do Projeto de Extensão em Direitos Humanos e Educação (2018/2020). Participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-2017/2018), bem como foi bolsista no Programa Residência Pedagógica (2018/ 2019), financiados pela CAPES. Em suas pesquisas tem interesse nos seguintes temas: Literatura e Sociedade; Relações de identidade, gênero e raça; crítica e História Literária; Literatura Brasileira; Representações Sociais e Estudos culturais.

MONICA FONTENELLE CARNEIRO

Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com estágio pós-doutoral nessa mesma instituição. Especialista em Língua Inglesa e em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Materna e Estrangeira. Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLetras (Mestrado em Letras) - São Luís (Vice-coordenadora no biênio 2021-2023) e do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLetras (Mestrado em Letras) - Bacabal, além de professora colaboradora do PPGDIR - Programa de Pós-Graduação em Direito e Instituições do Sistema de Justiça (Mestrado em Direito), todos da UFMA. Professora do Departamento de Letras (UFMA), com experiência nas áreas de Letras e Linguística, tendo especial interesse em Linguística Cognitiva, Linguística Aplicada, Análise do Discurso, Psicolinguística, com foco nos estudos da Língua(gem), Figuratividade, Discurso, Ensino/Aprendizagem de Línguas e Formação de Professores. É membro da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguistas) e coordena a Comissão de Linguística e Cognição (2021 a 2023); da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) e coordena o GT Linguística e Cognição (2021-2023; e da ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil). Participou do Grupo de Trabalho

Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira - ELIAB, (ANPOLL), de 2019 a 2021. Pesquisadora associada dos Grupos de Pesquisa GELP-COLIN/UFC e GEPLA/UFC e líder do GELP-COLIN UFMA. Membro titular da Comissão Institucional de Ciências Humanas do PIBIC/PIBITI. Pesquisadora e líder de equipe brasileira, do Projeto Internacional de Pesquisa Bibliography of Metaphor and Metonymy (METBIB), coordenado pelas universidades espanholas de Córdoba e La Rioja, em parceria com a Editora John Benjamins (Amsterdã, Holanda), atuando como Editora Associada do projeto.

NAIARA SALES ARAÚJO

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Metropolitana de Londres; Professora dos programas de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão; Professora de Línguas e Literatura do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Líder do grupo de pesquisa Ficção Científica e Gêneros Pós-modernos na Era Digital – FICÇA (CNPQ). No momento, é professora Visitante do Departamento de Línguas e Literaturas Hispânicas da Universidade de Pittsburgh pelo Programa Leitorado do Ministério da Relações Exteriores do Brasil, onde atua como professora de Língua, Cultura e Literaturas Luso-Brasileiras.

PAULO DA SILVA LIMA

Possui Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), mestrado e doutorado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente, é professor adjunto IV da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacabal. É professor do Mestrado Acadêmico em Letras e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Além disso, é docente no Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Maranhão UFMA, Campus Bacabal, atuando na Linha de Pesquisa “Texto, Discurso e seus Múltiplos Objetos”. Atua como pesquisador na área de

Texto/Discurso e Ensino de Língua Portuguesa, com experiência na prática docente e em gêneros textuais.

WENDEL SILVA DOS SANTOS

Professor da Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB/UFMA) e do Curso de Graduação em Letras de Bacabal da Universidade Federal do Maranhão. Tem interesse em estudos de variação sociolinguística, especialmente aquelas que estão dispostas no nível morfossintático dos estudos linguísticos. Atualmente coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística (GEPeS/UFMA) e o Sociolinguística Histórica do Português Maranhense: análise de dados linguísticos a partir textos publicados entre os séculos XIX e XX”, código PVCEL2747-2021.

WHERISTON SILVA NERIS

Professor Adjunto de Sociologia do Campus III da Universidade Federal do Maranhão, possui Licenciatura em História pela Universidade Federal do Maranhão (DEHIS/UFMA), mestrado em Ciências Sociais - PPGCSO/UFMA e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (PPGS/UFS), com estada de doutoramento junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/CESSP) e à Ecole Normale Supérieure, Centre Maurice Halbwachs (Paris, 2013). Atualmente integra os seguintes programas de pós-graduação como docente permanente: Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFMA/Imperatriz) e o Programa de Pós-Graduação em Letras (UFMA/Bacabal). Seus estudos se concentram nos domínios da Sociologia Histórica do Catolicismo, Sociologia Política, Sociologia da Cultura, Elites e Grupos Dirigentes.

A presente coletânea é uma continuação de um projeto criado pelo colegiado do PPGLB que teve início em 2020, com a primeira publicação dessa coletânea, que visou reunir diferentes estudos linguísticos e literários em torno do título “Linguagem, discurso e cultura”. Desse modo, via publicação, a comunidade tem acesso às teorias, às metodologias e às práticas executadas no interior da universidade, especificamente do campus de Bacabal, no mestrado em Letras.

